As Profecias de Edgar Cayce

Dorothée Koecklin de Bizemont

Tradução: Amadeu António

AS PROFECIAS DE EDGAR CAYCE

PARA O FIM DO SÉCULO

DOROTHÉE KOECKLIN DE BIZEMONT, 1989

«*O escritor é um médium. O seu talento é a sua força vital. Se continuar a escrever tendo-a perdido, terá de fraudar, como os médiums esgotados, e acabará por se fazer apanhar. Se, até ao fim, cegar os seus contemporâneos, é no dia seguinte ao da sua morte que a posteridade descobrirá a velhacaria.*»

Paul Morand

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Quem foi Edgar Cayce?
O pensamento profético de Cayce
Um exemplo de leitura dada por Cayce
AS PROFECIAS GEOFÍSICAS
As catástrofes: nunca obrigatórias
A inclinação do eixo dos polos
Os três dias de trevas
Um novo esquema climático
A tempestade, as grandes intempéries e o Dilúvio
A terra treme, o solo afunda-se
O despertar dos vulcões de Auvergne
AS PROFECIAS GEOPOLÍTICAS
A crise económica e do fim do século
A fome no mundo inteiro
Epidemias e poluição
Os falsos profetas

Os extraterrestres: pombas?
A guerra civil
A guerra mundial?
Paris está a arder?
A destruição das grandes cidades
O Grande Monarca
A ERA DE AQUÁRIO
A Nova Ordem das Coisas
A Paz universal
A Religião universal
O Regresso de Cristo e de Maria
O Anticristo e o Armagedão
ANEXOS

INTRODUÇÃO

Quem foi Edgar Cayce?

Já o apresentei nos meus livros anteriores, aos quais o leitor poderá recorrer. Americano, natural do Kentucky, nascido em 1877 e falecido em 1945, a sua obra é considerável. Compõe-se essencialmente de 14 256 «leituras» mediúnicas, isto é, de consultas e análises dadas no decorrer de uma espécie de sono muito especial - uma forma de transe mediúnico. Durante essas sessões diárias, respondia às perguntas que lhe eram colocadas pelos seus doentes, os seus diversos consultantes [1] Chama-se «lectures» em inglês às consultas dadas por Cayce.. A maioria das « leituras » tem um caráter médico e psicológico (cerca de 8 000); as outras dizem respeito a questões históricas, científicas, esotéricas, arqueológicas, políticas, económicas, sociais... Podem ser consultadas na Fundação Cayce (A.R.E.), em Virginia Beach, na Virgínia (Estados Unidos).

Nem todas as leituras foram publicadas em inglês. Traduzi algumas para francês que ainda não tinham aparecido em nenhuma publicação, nem mesmo americana.

Atualmente, nos Estados Unidos, todos os escritores científicos e personalidades pertencentes ao movimento de pensamento dito da «Nova Era» conhecem Cayce e trabalharam nos seus arquivos. As investigações do Prof. Ian Stevenson sobre a reencarnação na Universidade de Charlottesville, os maravilhosos livros de Charles Berlitz, relatos como os de Shirley MacLaine, as previsões de Jeanne Dixon, as profecias de Arthur Ford, os livros de Jess Stearn, de Keith Sherwood sobre a cura, de William Fix sobre a arqueologia, de Jeffrey Goodman sobre a geologia citam-no e devem-lhe a sua inspiração [2] Ver de Jeffrey Goodman: «Psychic Archeology» e «We are the Earthquake Generation»..

Cayce foi um pioneiro incompreendido: no início do século, falou da energia atómica, de Plutão (ainda não descoberto), da televisão, das glândulas endócrinas (cuja importância era então subestimada), do raio laser, das auras, etc.

Só agora se começa a perceber que ele era não só um grande curador, mas também um grande profeta.

Na Europa, era até agora pouco conhecido. Não que nos seja «indispensável», na medida em que nós, europeus, temos um ensino muito rico, perfeitamente comparável, dado por vários grandes espíritos inspirados. Sem querer nem poder citá-los a todos, mencionarei o Mestre Philippe de Lyon, Allan Kardec, Marthe Robin, o Mestre Peter Deunov e o seu aluno Mikhaël O. Aïvanhov, Suzanne Max-Getting, as cartas de Pierre, Roland de Jouvenel, para França. Paracelso, Rudolf Steiner, Anna Katharina Emmerick, Karlfried Graf Dürckheim, para os países de língua alemã. O Grupo de Findhorn, Cyril Scott, Helena Petrovna

Blavatsky, fundadora da Sociedade Teosófica, as mensagens de Christopher Tristram, em Inglaterra, e todos os autores mais ou menos ligados à «Spiritualist Association» de Belgrave Square. Na Itália, uma multidão de pensadores e de místicos, tão numerosos que não posso citar toda a gente. Todas as personalidades que cito têm um ponto em comum: o seu trabalho para libertar o Homem e prepará-lo para a Nova Era.

Contudo, apesar desta riqueza inesgotável da Europa, empenhei-me em dar a conhecer Cayce, o americano, nos países de língua francesa. Trabalho nisso com todas as minhas forças há dez anos, porque considero que Cayce traz um esclarecimento muito interessante, uma síntese muito clara com a tradição esotérica e a ciência do século XX. A sua filosofia ilumina os outros ensinamentos. Hesito em usar a palavra «filosofia», porque soa a pedante.

Fiz doze anos de estudos universitários, e isso desgostou-me das grandes palavras eruditas que os nossos intelectuais usam. Isso dá-me o direito de escrever de uma forma familiar, para que as pessoas da rua, o leitor comum, o Sr. ou a Sra. Toda-a-Gente, me possam compreender. Fui jornalista durante demasiado tempo para não ter compreendido que a comunicação é como a circulação do sangue nas nossas veias: é vital! Não temos o direito de não transmitir o que recebemos. Recebi muito de Cayce e é com alegria que gostaria de o dar a conhecer no meu país.

O pensamento profético de Cayce

Acusaram Cayce de se ter enganado nas suas profecias. De ter dado datas precisas para certos acontecimentos: nessas datas, nada aconteceu... aparentemente. Quererá isto dizer que o Sr. Cayce é um mentiroso, um charlatão, que diz coisas sem sentido?

Quanto mais trabalho nas suas leituras, mais convencida estou de que isso seria fazer-lhe um mau julgamento. Estas profecias, li-as e reli-as. São perfeitamente «nostradâmicas», isto é, escritas numa linguagem que não tem nada de límpida! Há um sentido à primeira vista, ao nível dos óculos, quando se lê muito depressa. Depois, ao estudá-las, outro sentido surge pouco a pouco. Isto faz-me pensar nas leituras que Cayce tinha dado sobre o raio laser: tinha-o descrito minuciosamente, mas sem usar a palavra «laser». Durante anos, os seus próximos e os seus consultantes não entenderam nada. Não viam de todo - mas mesmo nada de todo! - aquilo de que o caro Edgar falava. E depois, no dia em que o laser se popularizou, em que o grande público compreendeu o seu princípio (a concentração da energia luminosa), ele foi redescoberto nas leituras de Cayce. Ele tinha explicado tudo... mas ninguém tinha entendido nada!

Nas profecias é a mesma coisa: compreende-se tão melhor à posteriori! Os consultantes de Cayce tinham quase todos um ponto em comum, bem humano: obcecados pelo seu pequeno problema pessoal, não viam mais longe do que o comprimento do seu nariz. Se Cayce lhes fala de outra coisa, isso mal os interessa: vê-se bem pelas suas perguntas, que incidem sobretudo nos seus negócios diários, financeiros e familiares do momento presente. Cayce, que não sobreviverá à guerra (morreu em janeiro de 1945), responde, certamente, aos seus interlocutores sobre a sua preocupação atual. Mas aproveita cada vez para abrir uma janela para o futuro (aquele que nos interessa a nós, hoje!). Assim, nas suas respostas, estão entrelaçados o presente, o futuro imediato e... o ultra-futuro. É mais fácil para nós agora fazer a triagem - e estamos cada vez menos tentados a dizer que Cayce se enganou!

Nestas profecias, dadas ao longo de toda a sua vida, ele faz uma análise que ultrapassa o habitual quadro económico, social

e político. Vê as coisas de muito mais alto. A sua grande ideia é, diz ele: «A RELAÇÃO DO HOMEM COM O SEU CRIADOR»; da qualidade desta relação dependem os acontecimentos terrestres.

Para Cayce, existem leis divinas, cósmicas, imutáveis: se o Homem as rejeita e se coloca em infração com essas leis, só pode provocar desastres (e aí, não facilita!).

Em segundo lugar, Cayce, como bom protestante americano, considera que essas leis cósmicas estão todas na Bíblia. Cita-a a toda a hora (um pouco demais, até, para europeus de tradição católica!). Mas, à diferença de muitos dos seus concidadãos, não considera que «fora da Bíblia não há salvação». Repete frequentemente que essas leis cósmicas foram igualmente dadas em todas as religiões, cada uma das quais é uma versão local da famosa religião universal (a do Deus Único, a «Lei do Um» na Atlântida e no Egito, à qual se voltará necessariamente). Esta lei afirma a unidade dos homens entre si e com os outros reinos da Criação. Para Cayce, tudo o que quebra esta «Lei do Um» provoca catástrofes.

Por fim, uma das facetas características do pensamento de Cayce é a integração da reencarnação na História, e até como o principal motor da História. As más ações de um grupo humano em relação a outro - e em relação ao meio ambiente - criam uma dívida cármica. Esta terá de ser liquidada cedo ou tarde - por vezes muito tarde, por vezes milénios mais tarde!

Há uma «programação cármica» no destino dos indivíduos como no dos povos, que é por vezes inevitável, como mostra esta história que colho emprestada a F. W.-R. Chettéoui [3] F. W.-R. Chettéoui : « La Réincarnation », Éd. Dangles, p. 189.. Trata-se do coronel de Rochas, grande precursor do estudo científico das vidas anteriores:

«*O coronel, que tinha descoberto o fenómeno da regressão da memória sob hipnose, quis tentar uma prova a contrario tentando escrutar o futuro.*

Por volta de 1910, o coronel estudava o fenómeno com a Sra. Lambert. Tinha conseguido levar este sujeito de elite, dia após dia, hora a hora, até 1917.

Às perguntas habituais sobre esse ano em que a tinha situado:

"Onde está? "

"O que faz? ", etc., o sujeito tinha respondido com uma breve exposição da sua existência do momento, que era, em suma, uma série de predições sobre o seu futuro.

–Ainda trabalha para mim? pergunta o coronel.

–Comigo? faz o sujeito espantado, mas eu não o conheço... Quem é o senhor?

–Ora essa! Sabe perfeitamente que sou o coronel de Rochas!

–Ah! não... Todo o mundo sabe perfeitamente que o Sr. de Rochas morreu há três anos.

Isso fez-me tal efeito, dizia o coronel ao contar a anedota a Lancelin, que acordei imediatamente o sujeito e abandonei a experiência.»

Efetivamente, o coronel de Rochas morreu em 1914... Ao menos ficou avisado: era o seu «programa» de duração de encarnação para essa vida!

Contudo, as mais negras predições, ou profecias, de Cayce enquadram-se numa filosofia otimista: segundo ele, um pequeno grupo de homens de boa vontade, que se unem para fazer triunfar localmente as leis divinas (mesmo parcialmente), são capazes de evitar à sua nação, à sua tribo, à sua cidade, as

catástrofes preditas. Tão forte é o poder da oração, junta à ação justa...

Assim, as calamidades anunciadas nunca são «obrigatórias ». O Mestre Philippe [4] Ver de Alfred Haehl: «Le Maître Philippe de Lyon», Éd. Derain. ensinava que toda a coisa material, todo o acontecimento que se realiza concretamente, existe primeiro nos planos invisíveis como um «protótipo», um «esquema diretor». O Mestre Philippe dizia um «cliché» - o que corresponde perfeitamente ao pensamento de Cayce, que repete que tudo está primeiro «na cabeça». Os videntes, portanto, segundo o Mestre Philippe, captam esses «clichés». Isso não quer dizer que estes se realizem obrigatoriamente: há projetos que não concretizam, porque a vontade humana, individual ou coletiva, se atravessa no caminho. Há um jogo da liberdade humana que os próprios grandes videntes não podem prever...

Um exemplo de leitura dada por Cayce: os arquivos do Akasha

Para familiarizar o leitor com os métodos de Cayce, eis um exemplo, a leitura 3976-16, que mostra como ele procedia. Estamos em 1936, nos Estados Unidos - em plena depressão económica. Um pequeno grupo de amigos de Cayce, que se intitula pomposamente «Comité de Investigação Económica», decidiu consultar o vidente sobre a forma como devem dirigir os seus negócios. Cayce tira os sapatos e a gravata, deita-se no seu sofá - a sua mulher Gertrude vigia o segundo em que ele vai mergulhar no sono. Nesse preciso instante, ela ataca:

Tendes diante de vós alguns membros do Comité de Investigação Económica, presentes nesta divisão. Gostariam, através deste canal de informação (Edgar Cayce adormecido), de ser periodicamente esclarecidos sobre a tendência geral da crise

económica que atravessamos e sobre as diversas correntes de pensamento e de ação, tanto aqui como no estrangeiro.

Queirais analisar mais particularmente as repercussões desta tendência geral na vida dos particulares do nosso país...

Edgar, com uma voz irreconhecível, responde:

«SIM, TEMOS SOB OS OLHOS O PEDIDO DAS PESSOAS PRESENTES QUE DESEJAM SER INFORMADAS SOBRE A CRISE.»

(Notar-se-á que diz «NOSSO», subentendendo que responde « com » alguém, invisível mas presente.)

«A ABORDAGEM DE UM TAL ASSUNTO, ATRAVÉS DESTE CANAL DE INFORMAÇÃO, DEVE COMEÇAR POR UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÓPRIA NATUREZA DESTA INFORMAÇÃO; E CADA UM DEVE PERGUNTAR-SE SOBRE A FORMA COMO ESTA O PODE AJUDAR PESSOALMENTE NA SUA VIDA DIÁRIA.»

Cayce emprega em todo o lado esta palavra «CANAL» (em inglês, «CHANNEL»). Considera que o vidente, como o curador, só tem uma coisa a fazer: purificar-se antes de se tornar um perfeito «canal» para deixar fluir as energias divinas. Graças a isso, poderá transmitir o conhecimento, e a saúde, àqueles que se ligam a este canal [5] Daí o nome de «channeling» dado nos EUA a estas técnicas mediúnicas e aos seus praticantes..

«UM TAL PEDIDO, PORTANTO, SÓ DEVERIA SER FEITO APÓS ATENTA REFLEXÃO. ISTO, NÃO APENAS POR CAUSA DO CARÁTER PARTICULAR DESTA INFORMAÇÃO, QUE PODERÁ SER TRANSMITIDA REGULARMENTE - MAS TAMBÉM PARA CADA REQUERENTE A TÍTULO PARTICULAR; PORQUE REPRESENTA UMA GRANDE OBRIGAÇÃO MORAL.»

Cayce sublinha a responsabilidade daqueles que sabem e não utilizam o seu saber [6] Conhecimento que se tem graças à consulta dos Arquivos do Akasha (a memória do Universo).:

«POIS, PARA AQUELE QUE SABE E NÃO AGE, O CONHECIMENTO TORNA-SE PECADO.»

Pecado capital... que, no entanto, não figura na lista clássica dos sete pecados capitais. (Haverá que pensar em completá-la!) O aviso dirige-se igualmente ao leitor deste livro:

«PORTANTO, NESTA PERSPETIVA, CADA UMA DAS PESSOAS AQUI PRESENTES DEVERÁ PESAR ATENTAMENTE AS SUAS MOTIVAÇÕES. PROCURA APENAS UMA INFORMAÇÃO SENSACIONALISTA, SEM TER REALMENTE REFLETIDO NO QUE UMA TAL INFORMAÇÃO LHE TRAZ A TÍTULO PESSOAL? PROCURA UTILIZAR EM SEU PROVEITO O QUE RECEBEM TODOS OS QUE PROCURAM SINCERAMENTE?»

Cayce, que conhece bem o seu mundo, interroga os seus questionadores sobre a pureza das suas motivações. Têm realmente a intenção de utilizar a clarividência de Cayce para o bem geral? Há que crer que alguns deveriam ter alimentado segundas intenções... por exemplo, utilizar - oh, em toda a inocência... - esses conhecimentos «psi» para engordar um pouco o seu mealheiro de dólares? Vender essas dicas à imprensa? Utilizá-las na Bolsa?

«POIS, SEGUNDO A ANTIGA TRADIÇÃO, AQUELES QUE SE COLOCAM NA CORRIDA DEVEM ESCOLHER: OU SERVIR OS PODEROSOS, OU SERVIR O BEM GERAL DA HUMANIDADE.»

A escolha põe-se a todos...

«AQUELES QUE VIERAM AQUI PROCURAR A INFORMAÇÃO DEVEM PRIMEIRO REFLETIR. DEPOIS, HÁ OUTRA QUESTÃO: COMO DEVERÁ ESTA INFORMAÇÃO SER DADA, DA FORMA MAIS ÚTIL AO INVESTIGADOR? A MAIS PORTADORA DE ESPERANÇA?»

Se há coisa de que tenho a certeza, é da qualidade dos meus leitores: são, na sua imensa maioria, investigadores. E exigentes!

Procuram sinceramente uma informação verdadeira (e as suas cartas estão aí para o provar). Para além dos seus interlocutores imediatos, Cayce dirige-se a nós. Nos tempos muito difíceis que se aproximam, ele deseja - eu desejo - que as informações dadas neste livro possam ser úteis aos nossos leitores. E não apenas aos nossos leitores, mas aos seus próximos - ou ao «seu próximo», como diz Cayce:

«UMA TAL INFORMAÇÃO DEVERÁ, POIS, SER DADA ÀQUELES QUE PROCURAM COM SINCERIDADE NO SENS DA ESTA ASSOCIAÇÃO - OU EM QUALQUER OUTRA QUE, COM OS SEUS PRÓPRIOS MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO, PERMANEÇA HONESTA.»

A associação em questão é a A.R.E., fundada pelo próprio Cayce. Mas ele nunca é sectário, nunca arma em guru aterrorizador. Aqueles que procuram no seio de outras associações honestas uma informação séria, diz ele, são igualmente dignos de a receber (seja qual for a sua etiqueta, a sua religião ou a sua raça):

«*MAS, AO TRANSMITIR, HAVERÁ QUE ADICIONAR SEMPRE UM AVISO: QUEM A UTILIZAR PARA O SEU PROVEITO EGOÍSTA CORRERÁ PARA A SUA RUÍNA.*»

O aviso dirige-se a todos nós, a si e a mim!

«*PASSEMOS ÀS PERGUNTAS.*»

Gostaria de explicar de onde vêm estas informações? De que fonte?

Dito de outro modo, Gertrude Cayce gostaria de fazer explicar ao marido de onde ele tira as suas «leituras»; e por que mecanismo pode responder com exatidão a todas estas perguntas que lhe são colocadas: medicina, psicologia, história, física, química, astronomia, astrologia, política, economia, arte...

uma biblioteca não bastaria! À pergunta da esposa: «De onde tira ele todos os seus conhecimentos?», ele vai descrever o que a Tradição ocidental chamava «o Livro da Vida», ou «a Memória do Universo», e os indianos: «o Akasha» (ver *L'Univers d'Edgar Cayce*, tomo I, para outras leituras sobre o assunto).

«*AS SITUAÇÕES, AS ATIVIDADES, OS PENSAMENTOS DOS HOMENS SOB TODOS OS CLIMAS SÃO REALIDADES OBJETIVAS, POIS O PENSAMENTO É UMA REALIDADE OBJETIVA. TUDO O QUE EXISTE IMPRIME-SE NA TELA DO TEMPO E DO ESPAÇO, E À MEDIDA QUE SE DESENROLAM OS ACONTECIMENTOS, SÃO NELA REGISTADOS.*»

É a definição dos «arquivos akáshicos», que conhecem e descrevem todos os místicos de sempre, todos os esoteristas e a própria Bíblia.

«*SÃO ESTES REGISTOS QUE PODEM SER LIDOS POR AQUELES QUE SÃO CAPAZES DE SE LIGAR A ELES. É COMO A RÁDIO, OU QUALQUER TRANSMISSÃO POR ONDAS: TUDO SE IMPRIME NAS ONDAS DA LUZ, NAS ONDAS QUE TRAVESSAM O ESPAÇO. E OS INSTRUMENTOS CONCEBIDOS PARA CAPTAR ESTAS ONDAS PODEM RETRANSMITIR O QUE É EMITIDO.*»

Dito de outro modo, Cayce considera, como todos os grandes videntes, que o nosso mundo não é senão a concretização dos esquemas criados no mundo invisível. O Mestre Philippe, como disse mais atrás, chamava-lhes «clichés»: tudo o que se realiza na Terra existiu primeiro no invisível e, depois, após materialização terrestre, deixa em retorno a sua marca «histórica» nos arquivos akáshicos.

Um dia, o Mestre Philippe fez reviver, diante dos olhos dos seus ouvintes, a batalha de Waterloo (que se tinha desenrolado quase um século antes):

«*Todos os que se encontravam nessa sessão não ouviram o redobrar dos tambores, os tiros de canhão e a fuzilaria? Recordam-se dos gritos, do ranger de dentes dos desgraçados feridos? Não sentiram o cheiro da pólvora queimada e viram o seu exército? Os clichés não morrem, vivem, modificam-se, são criados para vários indivíduos, vários povos e vários mundos. Se vos é dado vê-los e ouvi-los, é preciso pagar (...) O cliché de Waterloo existia há quarenta mil anos...*» (Le Maître Philippe de Lyon, sa vie, son œuvre, op. cit.)

...Waterloo, velha dívida cármica? A «planalto triste» teria visto desenrolar-se outrora uma batalha entre belgas e atlantes? Segundo Cayce, a reencarnação de grupo é a chave dos acontecimentos históricos... Mas voltemos a esta leitura, onde Cayce previne os seus ingénuos amigos:

«*PORTANTO, QUANDO PROCURAIS ESTAS INFORMAÇÕES, NÃO VOS DEIXEIS PERTURBAR. AS DIVERGÊNCIAS DE INTERPRETAÇÃO SOBRE AS CAUSAS DA SITUAÇÃO ECONÓMICA SÃO CRIADAS PELO PENSAMENTO E PELA ATIVIDADE DE UNS E DE OUTROS, COMO OS DIVERSOS PROGRAMAS QUE PODEM SER EMITIDOS SOBRE QUALQUER ASSUNTO.*»

Isto é, um acontecimento ou uma atividade, quaisquer que sejam, podem ser interpretados diferentemente por diferentes estações de rádio, que nos seus programas o apresentarão em função da sua linha de pensamento, sob ângulos muito diferentes.

Sobre a crise económica, que era a grande preocupação, o grande assunto de conversa de então, os amigos de Cayce receberam uma interpretação que tinha razões para surpreender... e que vamos ver neste livro:

«*O MUNDO EXTERIOR É APENAS UMA DAS ATIVIDADES DO MUNDO INVISÍVEL.*»

Dito de outro modo, a matéria, o mundo material, aquele que vemos pela janela, está inteiramente sob o controlo do mundo invisível de que é a projeção.

Sendo as leituras sempre pedidas por alguém, o grupo quer saber como ajudar Cayce a obter as melhores informações (tiradas do Akasha) fazendo as perguntas certas: eles perceberam que, quando as suas perguntas eram confusas, Cayce respondia de uma forma obscura - ou não respondia de todo! - pois ele dava o seu ensinamento unicamente sob a forma de diálogo (era também o princípio de Sócrates). Cayce adormecido podia responder a tudo. Restava contudo que lhe fizessem a pergunta certa!...

Gostaria de o ter interrogado sobre França, Bélgica, Suíça, Canadá - sobre grandes questões atuais: o petróleo, a poluição, as centrais nucleares, a sida... ou os OVNIs! Ninguém o tendo solicitado sobre isso, ele não falou disso tão longamente quanto eu teria desejado! A qualidade de um diálogo depende, como é evidente, de ambos os interlocutores: na rádio ou na televisão, dá-se uma melhor prestação quando se é entrevistado por um jornalista que conhece o seu ofício! É o sentido da pergunta seguinte, colocada por Gertrude:

Para estabelecer o melhor contacto possível (com o Akasha), qual é a melhor fórmula de sugestão a dar (a Cayce adormecido)?

«*ISSO DEPENDE DESTA FONTE (de informações), DA ESTAÇÃO (emissora), E DA NATUREZA DO QUE DEVE SER EXPLICADO (por Cayce).*»

E, como a preocupação dos seus interlocutores é obter informações económico-políticas, Cayce alarga a sua resposta: ele não é o único a poder ser considerado como uma «antena»; os dirigentes de um país também o são:

«*POIS ISSO PASSA-SE COMO JÁ VOS FOI DITO: A CONSCIÊNCIA COLETIVA DE TAL OU TAL ELEMENTO, DE TAL OU TAL PAÍS, OS DIRIGENTES DE UM PAÍS, ISTO É, O GRUPO MAIS INFLUENTE DE TAL OU TAL NAÇÃO, COMPORTAM-SE COMO UMA UNIDADE, E COMO UMA ESTAÇÃO DE RÁDIO. SÃO SIMPLESMENTE O CONTACTO DESTA NAÇÃO COM A CONSCIÊNCIA UNIVERSAL, E É IGUAL QUER SE TRATE DA AMÉRICA, DO CANADÁ, DA INGLATERRA, DA ITÁLIA, DE FRANÇA, DO JAPÃO, ETC.*»

Com que frequência deverão ser dadas estas leituras (sobre a economia e a política)?

«*SE ESTE GRUPO AS UTILIZAR COMO DEVE SER, A FREQUÊNCIA PODE SER MODIFICADA, CONSOANTE A NECESSIDADE SE FAÇA SENTIR.*»

E, para ter a certeza de que os seus ouvintes compreenderam bem o aviso importante que foi dado mais atrás, ele repete-o:

«*POIS PARA AQUELE QUE SABE E NÃO AGE CONCRETAMENTE, ESTA INFORMAÇÃO TORNA-SE UMA PEDRA DE TROPEÇO.*»

Solicita em seguida a reflexão dos seus ouvintes sobre o destino da América, de que vai falar muito (ver mais adiante):

«*QUE INTERPRETAÇÃO DADAIS, QUE LEITURA FAZEIS DOS ACONTECIMENTOS QUE LEVARAM ESTE PAÍS A SEPARAR-SE (da mãe pátria) [7] Separação ocorrida em 1776, após a Guerra da Independência. A América do Norte era até aí uma colónia inglesa., E O QUE É QUE LEVOU ESTE PAÍS A ENGAJAR-SE NOS NEGÓCIOS MUNDIAIS? O QUE O LEVOU A ISSO? E O QUE LEVOU OS CIDADÃOS A ASSOCIAREM-SE PARA AGIR?*» (Leitura 3976-16, 18 de abril de 1936)

AS PROFECIAS GEOFÍSICAS

1 AS CATÁSTROFES NUNCA SÃO OBRIGATÓRIAS

Os poderes do homem sobre a natureza

O público admite ainda relativamente que uma guerra seja evitável - se os responsáveis tiverem decidido evitá-la. Mas Cayce vai muito mais longe: considera que os sismos, as erupções vulcânicas, todos os cataclismos geológicos são igualmente evitáveis. Porquê? Porque, diz ele, é o Homem que os provoca. Não apenas pelas suas atividades estupidamente anti-ecológicas, mas também pelo seu pensamento negativo. Ele considera que os pensamentos emitem vibrações que reagem sobre a matéria. Se uma coletividade humana acumula os pensamentos negativos, vai resultar daí um conjunto de vibrações destruidoras que se repercutirão na Terra (à superfície e mesmo em profundidade). E isto porque:

«*HÁ EM CADA SER HUMANO FORÇAS PROFUNDAS QUE FAZEM ECO ÀS FORÇAS CRIADORAS DO MUNDO DA MATÉRIA.*» (Leitura 281-5)

O Homem está em ressonância com toda a Criação, que aliás resume em si mesmo, quimicamente e fisicamente. Está ligado aos elementos do mundo físico. Mas, em retorno, pode agir sobre estes, e muito mais fortemente do que se julga. Os índios da América do Norte tinham especialistas que faziam chover a pedido! Numerosos testemunhos atestam o poder de certos iniciados: xamãs da Sibéria, marabutos africanos e até os nossos feiticeiros gauleses, que «faziam a chuva e o bom tempo». (Ainda existem alguns, aliás!...) Entre nós, desde sempre, na marinha a vela, «assobiava-se ao vento»... E ele vinha:

«*Assobia, marujo, assobia brandamente Para chamar o vento. Mas assim que a brisa vier, Marujo, não assobies mais!*» (Canção tradicional citada pelo historiador Michel Herubel, em *Surcouf, titan des mers*, Perrin, 1989, Paris.)

Cayce não só está totalmente de acordo sobre o facto de isso ser possível, como acrescenta: vai mesmo ao ponto de dizer que temos uma influência sobre as manchas solares! Veja antes:

«*O SOL, A LUA, OS PLANETAS RECEBEM DE DEUS A SUA ORDEM DE MARCHA. DESLOCAM-SE SEGUNDO AS SUAS ORDENS, APENAS O HOMEM RECEBEU COMO DOM O LIVRE-ARBÍTRIO, E APENAS ELE PODE DESAFIAR O SEU DEUS. QUANTOS DE VÓS REFLETIRAM NISSO, DO FUNDO DO SEU CORAÇÃO? E RECONHECEM QUE A SUA DESOBEDIÊNCIA (às leis divinas) NA TERRA SE REPERCUTE NOS CORPOS CELESTES, PERTURBANDO A ORDENAÇÃO DIVINA DA SUA MARCHA? POIS VÓS, FILHOS E FILHAS DE DEUS, DESAFIAIS O DEUS VIVO (...) MAS QUANDO O HOMEM, COM OS SEUS PODERES DIVINOS, SE PÕE A PROVOCAR ESTA LUZ (solar) DESTINADA A MANIFESTAR NA SUA PROGRESSÃO A GLÓRIA, A BONDADE (...) E A PACIÊNCIA DO SENHOR - ENTÃO, PORQUÊ SURPREENDER-SE QUE A FACE DO SOL REFLETA ESTAS DESORDENS E ESTAS GUERRAS, QUE SÃO O PECADO DO HOMEM?*» (Leitura 5757-1)

Dito de outro modo, segundo Cayce, somos capazes de semear a confusão não só no nosso planeta, mas até no Sol:

«*POIS O QUE SÃO AS MANCHAS SOLARES? UMA CONSEQUÊNCIA NATURAL DAS DESORDENS DOS FILHOS DE DEUS NA TERRA, QUE SE REPERCUTEM NO SOL.*» (Mesma leitura) [8] É de recordar o papel desempenhado pelo Sol na teoria de Milankovitch sobre as glaciações.

Os científicos estabeleceram uma relação entre a frequência das manchas solares e... as guerras. Sabe-se que F. Tchisewsky,

sábio russo, tinha notado um recrudescimento das manchas solares durante a guerra de 1914-1918, e em particular no momento mais agudo das batalhas. O seu trabalho foi retomado, verificado e desenvolvido por diferentes sábios ocidentais mais recentemente. Percebeu-se que as manchas solares apareciam por ciclos, pareciam ter uma influência no crescimento das plantas - e portanto, em consequência, na vida animal e humana. Cayce vai ainda mais longe: visto que temos estes poderes, diz ele em substância, temo-los para o pior e portanto para o melhor. Temos logo o poder de impedir os cataclismos naturais. Como?

«*QUANTO MAIS SE TORNA CONSCIENTE NA SUA RELAÇÃO COM O UNIVERSO, MAIS RECONHECE AS INFLUÊNCIAS QUE AGEM SOBRE ELE, E MAIS SE TORNA CAPAZ DE AGIR DE FORMA ÚTIL. E ISTO NA MEDIDA EM QUE É CAPAZ DE CONFIAR NA FORÇA DIVINA QUE RESIDE NO SEU INTERIOR. MAS MAIOR TAMBÉM SERÁ A SUA RESPONSABILIDADE (...) ASSIM O SOL REFLETE OS DISTÚRBIOS QUE SE PRODUZEM EM SUA CASA; O MESMO ACONTECE COM OS SISMOS...*» (mesma leitura)

«*SIM, TEMOS SOB OS OLHOS - COMO ANTERIORMENTE - ESTES PROBLEMAS QUE PROVOCARAM AO MESMO TEMPO OS CATACLISMOS GEOLÓGICOS E AS GUERRAS: A DESCONFIANÇA, A INVEJA, O ÓDIO, QUE GRASSAM ATUALMENTE. TUDO ISTO ACONTECE PORQUE O HOMEM SE ESQUECEU DE DEUS...*» (Leitura 3976-28)

Cayce põe no mesmo saco todos os acontecimentos desagradáveis, quer sejam geológicos ou políticos... A meteorologia não escapa:

«*NO QUE DIZ RESPEITO ÀS CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS E AOS SEUS EFEITOS SOBRE AS DIFERENTES PARTES DO MUNDO,*

ELAS ESTÃO MUITO LIGADAS AOS NEGÓCIOS HUMANOS.»
(Leitura 195-32)

Alguns dos meus leitores recordar-se-ão da gigantesca intempérie que tinha deflagrado na noite da eleição do presidente Mitterrand, eleição que tinha desencadeado vivas paixões políticas. Coincidência? Não o creio. Era antes como se as tensões acumuladas tivessem encontrado a sua «somatização» no trovão e nos relâmpagos.

Se as calamidades sociopolíticas, como a guerra, são de toda a evidência provocadas por erros humanos (Cayce alargar-se-á muito sobre isso), os cataclismos geofísicos também o são. Começa-se agora a perceber isso. Por exemplo, científicos americanos puseram em evidência o recrudescimento dos sismos numa região onde se construiu toda uma série de barragens... Antes não havia barragens... mas sismos também não! Então? Como no Egito: na minha última viagem, todo o mundo se queixava da barragem do lago Nasser, que tinha modificado o clima e aumentado a frequência dos ventos de areia. Em sentido inverso, todos os que visitam regularmente Israel há quarenta anos puderam constatar que o clima se tinha tornado muito menos seco ao longo dos anos, desde que lá replantaram florestas!

A astrologia tem a sua palavra a dizer nos cataclismos geofísicos

A astrologia tem aliás a sua palavra a dizer sobre tudo (e aqueles que a ignoram arriscam-se a estar completamente fora do baralho nos anos vindouros!). Um dos ramos desta velha ciência chama-se a «astro-meteorologia». Tem por fim prever o tempo. E funciona: verifiquei-o! (Dito isto, faço agora as minhas previsões meteorológicas por radiestesia [9] Arte de detetar

radiações e energias através de pêndulo ou baqueta., vai ainda mais depressa!)

A astro-meteorologia é igualmente capaz de prever os cataclismos naturais. Isso não vem de hoje: como conta Plínio na sua *História Natural*, os babilónios tinham notado uma correlação entre os movimentos do planeta Marte e os sismos.

São Tomás de Aquino afirmava: «Os astros influenciam tudo o que está à superfície deste mundo sublunar»; é pois totalmente lógico que influenciem primeiro as reações físico-químicas no nosso planeta. Mas os homens podem modificar essa influência pelo seu livre-arbítrio.

Colocou-se a Cayce a seguinte pergunta:

Qual é a causa primeira dos sismos?

«*OS SISMOS SÃO CAUSADOS, NATURALMENTE, PELOS MOVIMENTOS TELÚRICOS, ISTO É, OS MOVIMENTOS INTERNOS (da crosta terrestre); HÁ TAMBÉM A INFLUÊNCIA DAS ENERGIAS DO COSMOS, ISTO É, A INFLUÊNCIA DOS PLANETAS E DAS ESTRELAS, E DAS RELAÇÕES INTERESTELARES. É ISSO QUE PROVOCA REAÇÕES NOS ELEMENTOS TERRESTRES (DOUTRO MODO, A TERRA, O AR, O FOGO E A ÁGUA), RENOVANDO AS COMBINAÇÕES ENTRE ESTES ELEMENTOS, O QUE SE TRADUZ POR UMA ATIVIDADE SÍSMICA [10] Isto corrobora as perspetivas da astrofísica contemporânea sobre a gravitação e o magnetismo.*» (Leitura 270-35, janeiro de 1934)

Cayce põe portanto claramente em causa a influência dos astres, sem deixar de recordar que não são as estrelas as « culpadas» - mas nós! Não cessa jamais de recordar que o fator humano é determinante:

«*QUANTO AOS SUBVERTIMENTOS FUTUROS, SÃO INDICADOS NÃO APENAS PELAS PROFECIAS, MAS TAMBÉM*

PELOS ASPETOS ASTROLÓGICOS. SÃO IGUALMENTE PREVISÍVEIS SEGUNDO A ATITUDE, OS OBJETIVOS DAS PESSOAS E DOS GRUPOS IMPORTANTES; SÃO ELES QUE PROVOCAM AS CRISES QUE DEFLAGRARÃO QUANDO OS TEMPOS ESTIVEREM MADUROS.» (Leitura 1602-5)

Pode-se pois pensar que há uma interação entre os homens, a Terra e os astres.

Os cientistas inteligentes começam a dar razão a Cayce. Por exemplo, os Profs. Gribbin e Plagemann, distintos universitários oriundos de Cambridge que colaboram com a N.A.S.A., publicaram em 1975 um livro, *L'Effet Jupiter*, no qual constatam que os astrólogos não têm razão a menos: alinhamentos planetários específicos parecem, por razões científicas muito sólidas, afetar os movimentos da Terra, indo mesmo, dizem eles, «até ao ponto de provocar sismos». E trazem como prova uma comparação estatística dos grandes terramotos conhecidos com as posições planetárias nas datas correspondentes.

Um estudo da N.A.S.A., conduzido por estes dois autores, apoia a tese de que as conjunções Júpiter-Neptuno corresponderiam a uma atividade sísmica acrescida.

Outros autores, como R. Tomascheck, de Munique, acusam antes Úrano. Num estudo publicado na revista *Nature*, em 1960, tinha notado que muitos dos grandes sismos se tinham produzido quando Úrano passava no meridiano (Meio-do-Céu em astrologia): «Num total de 134 sismos estudados, encontrou-se uma forte proporção de casos em que Úrano transitava o meridiano do local do epicentro.»

Em astrologia, Úrano rege tudo o que é rápido: o relâmpago, a corrente elétrica, a intuição, etc. E quando apresenta mau aspeto, tudo o que é brutal: as explosões, as catástrofes imprevistas, a revolução... tudo o que estoura num céu de

tempestade sem aviso prévio! Está na lógica astrológica que Úrano exerça uma influência sobre o magnetismo terrestre.

O inquietante é que entraremos em breve na «Era de Aquário» (noção astronómica que expliquei longamente em *L'Astrologie karmique* [11] Éd. du Rocher, Monaco, 1985.). Ora, os astrólogos associam Úrano e Aquário, sendo o planeta e o signo considerados como sendo da mesma natureza vibratória: mesmas características, mesmos efeitos. A entrada na «Era de Aquário» (quando o Sol se levantar neste signo, no equinócio da primavera, a 21 de março) arrisca-se a assinalar-se por acontecimentos brutais.

Acontecimentos inesperados... mas não para Cayce! O seu método é partir de um acontecimento imediato, no futuro próximo, para aí abrir perspetivas sobre o futuro mais longínquo. Começa pois por falar do futuro próximo.

«*COMO JÁ DISSEMOS, A INFLUÊNCIA DE JÚPITER E DE ÚRANO SOBRE OS ACONTECIMENTOS MUNDIAIS ESTARÁ NO SEU MÁXIMO EM VOLTA DE 15 DE OUTUBRO PRÓXIMO E ATÉ DIA 20.*»

Estava-se então em agosto de 1926, mas a predição vai muito para além disso:

«*PODE ESPERAR-SE, NESSA DATA, NÃO APENAS NO PLANO INDIVIDUAL, MAS COLETIVO, EM DIFERENTES PARTES DO MUNDO, CRISES DESTRUIDORAS. NOS NEGÓCIOS HUMANOS, MUITOS PROBLEMAS VANTO SURGIR, QUE PARECERIAM MUITO, MUITO ESTRANHOS ÀS PESSOAS DE AGORA. E ISTO TANTO EM MATÉRIA DE RELIGIÃO COMO DE POLÍTICA OU DE MORAL. TENTAR-SE-Á MUDAR TUDO, TOMAR OUTRAS ORIENTAÇÕES, PERCEBEM?*» (Leitura 195-32)

... Não, o pequeno grupo dos amigos de Cayce não percebia! As perguntas que não cessarão de fazer ao longo de todo o ano

são de uma candura desarmante. Se Cayce lhes tivesse falado da sida, da droga e dos extraterrestres, os pobrezinhos nunca mais se teriam recomposto! Cayce, não querendo alarmá-los, faz como Nostradamus e envolve as suas profecias num certo tom difuso e artístico.

Desta vez, continua com maior exatidão e jogando sempre nos dois planos, o futuro próximo e o futuro longínquo:

«*HAVERÁ VIOLENTOS FURACÕES, DOIS SISMOS, UM NA CALIFÓRNIA, OUTRO NO JAPÃO, SEGUIDOS DE TSUNAMIS, UM DOS QUAIS NO SUL DAS ILHAS VIZINHAS DO JAPÃO.*» (mesma leitura)

Para o futuro imediato, estas últimas predições revelaram-se muito exatas. Houve muitas tempestades nesse outono, sobretudo sobre o Atlântico. A 20 de outubro, um furacão como nunca se vira desabou sobre Cuba, devastando tudo à sua passagem. A 22 de outubro, a Califórnia foi sacudida por um sismo de magnitude 8; e a 19 e 20 do mesmo mês, o Japão tinha sido atingido por três sismos de média intensidade - mas seguidos dessas imensas vagas solitárias a que se dá o nome de «tsunamis». Estes, de que voltaremos a falar, são maremotos desencadeados pelas sacudidelas submarinas. Propagam-se de uma ponta à outra do Pacífico, afogando os ribeirinhos quando chegam às costas. Em suma, Cayce tinha visto totalmente certo com dois meses de antecedência.

Para o futuro longínquo, Japão e Califórnia são justamente os dois países do mundo mais ameaçados pelos sismos: Cayce dirá em outras leituras que eles arriscam mesmo desaparecer em grande parte.

O planeta Marte desempenharia um papel no desencadear dos sismos: quando estes se produzem, o planeta toma um

aspeto anormal: a sua cor vermelha é mais intensa, a sua marcha diferente.

Se acreditarmos em Cayce e nos científicos citados, há o risco de haver um mau momento a passar a 5 de maio de 2000. O céu desse dia apresenta-se assim: 6 planetas no signo do Touro: Sol, Lua, Mercúrio, Vénus, Júpiter, Saturno - liderados por Marte em conjunção, no início do signo seguinte, Gémeos. Dito de outro modo, um aglomerado planetário de 7 corpos celestes! Tudo deveria correr pelo melhor, visto que o Touro é um simpático animal dos campos, pacífico como tudo. Só que, pronto, não se deve contrariar o Touro, senão ele arrisca-se a zangar-se! E mesmo (é a tradição grega que o diz) a transformar-se em Minotauro (o monstro que se alimentava de jovens...). Ora, como no céu de 28 de abril de 1941, que veremos mais adiante, os planetas em Touro estarão, a 5 de maio de 2000, fortemente contrariados: receberão uma quadratura de Neptuno e do terrível Úrano situados nesse dia no signo de Aquário. Isso arrisca-se a fazer um «big bang» cujos efeitos não podemos deixar de sentir (se ainda cá estivermos!). Já não falta muito tempo, à hora em que escrevo estas linhas...

POSIÇÕES PLANETÁRIAS DE 5 DE MAIO DE 2000

O céu só nos cairá em cima da cabeça se nós quisermos

Era a única coisa que os gauleses temiam... que não eram assim tão loucos! Desde as fotos de Kirlian, tomou-se consciência do facto de os seres vivos emitirem uma radiação. Mas esta descoberta científica não ensina nada de muito novo aos iniciados, que aprenderam a ver sem aparelho Kirlian, quero dizer a olho nu [12] Como atestam as biografias de São Francisco de Assis, do Cura de Ars, etc., que viam a aura dos seus penitentes., e isto desde sempre. Todas as escolas dos mistérios ensinaram que a atividade mental do Homem emite ondas que

podem ser de uma potência extrema. Descobertas científicas feitas há muito tempo já mostraram que o pensamento e as emoções criam um campo eletromagnético percetível ao redor do corpo físico, que é visível sob a forma de luz colorida. Seria a explicação do «dedo verde». Certamente, todos os jardineiros utilizam as suas mãos para fazer crescer as suas plantas. Ora alguns põem lá não apenas a mão, mas a cabeça!

O pensamento positivo do jardineiro tem pois um efeito quase mágico no crescimento da sua roseira... Cayce sugere que o que funciona para a roseira funciona também para a Terra.

Em cada leitura, ou quase, ele tenta abrir-nos os olhos para a fantástica ferramenta que é o nosso pensamento. Implora-nos, em cada leitura igualmente, que tenhamos APENAS pensamentos positivos e otimistas. Os outros, os pensamentos negativos, têm um impacto terrível sobre os homens e também sobre o mundo da matéria. Milhares de pensamentos que vão no mesmo sentido criam um «egrégora», positivo ou negativo, que pode fazer mover uma montanha... Assim, pode considerar-se a oração como uma forma eficaz de pensamento positivo.

Eis uma leitura muito clara:

«*DESDE A VINDA DO FILHO DO HOMEM À TERRA, QUE SE FEZ O ADVOGADO DA HUMANIDADE JUNTO DO SEU PAI, HÁ UMA POTÊNCIA QUE PODE IMPEDIR A MAIORIA DAS CATÁSTROFES ANUNCIADAS DE SE PRODUZIREM. ESTAS CATÁSTROFES PODERIAM VIR COMO UMA RETRIBUIÇÃO (cármica) A FIM DE CUMPRIR A LEI DE EVOLUÇÃO, AO NÍVEL DAS RELAÇÕES ENTRE O MUNDO DA MATÉRIA E O PENSAMENTO HUMANO...*» (Leitura 1602-5)

Expliquei muito amplamente nos tomos I e II de *O Universo de Edgar Cayce* o princípio dos karmas coletivos tal como são definidos por Cayce. Não voltarei pois a isso, senão para recordar

que os karmas dolorosos não são absolutamente obrigatórios: a lei de evolução cármica («dente por dente, olho por olho») pode ser substituída pela «Lei da Graça». Se a pessoa (ou o grupo de pessoas) quisesse compreender a lição cármica, o acontecimento doloroso já não seria necessário. É o que diz Cayce na passagem acima. Mas continuemos a leitura:

«*AQUELES QUE, COMO A ENTIDADE (dito de outro modo a pessoa para quem é dada a leitura), PUDERAM ENTREVER COMO SE FAZ A POLÍTICA NACIONAL E INTERNACIONAL, E TOMARAM CONSCIÊNCIA DOS ESTRAGOS QUE ELA INFLIGE À NOSSA MÃE TERRA, PERGUNTAM-SE SOBRE AS PROFECIAS, EXISTEM GRUPOS OU INDIVÍDUOS QUE TIVERAM - E TERIAM AINDA - O PODER DE IMPEDIR AS CATÁSTROFES ANUNCIADAS, RESPEITANTES À NOSSA TERRA? MAIS UMA VEZ, A INTERPRETAÇÃO DOS SINAIS E DOS PRESÁGIOS É UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL. A CADA ENTIDADE É DADO O PRIVILÉGIO, E A POSSIBILIDADE, DE AGIR, ELA PODE INTERPRETAR AS PREDIÇÕES PARA AJUDAR OS SEUS IRMÃOS A ENCONTRAR A ESPERANÇA - E NÃO O MEDO; A PAZ - E NÃO O ÓDIO; UMA MENTALIDADE CONSTRUTIVA E NÃO DESTRUTIVA.*» (mesma leitura)

As profecias não são dadas para aterrorizar. Devem ser tomadas a sério - mas calmamente, e construtivamente, segundo o velho provérbio: «Um homem prevenido vale por dois» (um pouco macho, o provérbio: e por quantos vale uma mulher prevenida?) [13] «La femme avertie en vaut dix», segundo o título de uma obra de Suzanne Max-Getting..

Portanto, as profecias não são para desprezar nem para negligenciar. É o que as pessoas têm dificuldade em compreender. São apenas um estimulante, que apela a trabalhar sobre si mesmo. Mas o público prefere as catástrofes - como no Baixo Império: pão e circo! (Conte-se, por exemplo, o número de espetadores que se demoram quando há um acidente... Nem

sequer para chamar o S.A.M.U., nem para oferecer os seus serviços aos agentes! Não, apenas para ter a sua ração de hemoglobina.) Toda uma imprensa «sensacionalista» - o mercado da angústia - explora este instinto mórbido. Os seus leitores vão certamente encontrar o seu sustento nos anos vindouros: guerras e cataclismos não faltarão! Mas aqueles que se regozijam hoje com isso serão os que pagarão a fatura: tendo pactuado disfarçadamente com as forças de destruição, serão as suas primeiras vítimas. Enquanto aqueles que tiverem, pelo contrário, reagido com todas as suas forças, em pensamento e em ato, contra essas forças negras, em si mesmos e no exterior, serão também os que passarão no meio das tempestades. Sobreviverão... e reconstruirão, visto que transportavam em si uma mentalidade criadora. Isto, todos os videntes o dizem: não apenas Cayce, com certeza, mas os outros, Nostradamus para começar, e todos os que citarei nas páginas seguintes.

Eis o que dizem as mensagens recebidas em 1980, por David Spangler em Findhorn, na Escócia, em resposta à pergunta:

Que perigos vê para os anos 80?

«*Muita fascinação vã, especulação, gosto pelo drama, medo e desejo de distração explicam o interesse que tanta gente dedica às predições do futuro, e mais particularmente àquelas que dizem respeito a guerras e destruições. Pensam frequentemente que esses fenómenos acontecerão "lá longe", e não a si mesmos - ou então querem saber o que vai acontecer, a fim de se poderem pôr ao abrigo.*

Contudo, posso dizer com toda a certeza que não existe nenhum lugar no mundo onde quer que seja onde alguém possa estar ao abrigo. Os perigos e as provações não são "físicos". Para onde irão para se libertarem do grito interior da humanidade a reclamar ajuda e alívio? Para onde irão para se porem fora do

alcance das toxinas psíquicas do medo e do desespero? Em verdade, existe apenas um único lugar (...) que é o alinhamento com Deus e com o Espírito (...).

Se predisser a chegada de certos acontecimentos no futuro, a vossa atenção virar-se-á para eles. Mas não é possível predizer tudo, não vos posso elaborar um calendário diário ou mensal das catástrofes (...).

Preferimos que cultiveis uma consciência sensível ao vosso alinhamento interior com o Espírito, que vos dará o apaziguamento, a serenidade, o equilíbrio, a capacidade de enfrentar provações vindas de qualquer direção (...)

O Universo trabalha connosco e para nós. Não é o nosso inimigo. Concentrai-vos no que há de bom no Universo e podereis responder aos desafios do futuro (...) Vemo-vos arrastados por correntes de desespero e hipnotizados pelo perigo. Não diminuiremos o vosso sentido do que deveis fazer para melhorar o mundo. Mas aumentaremos a perceção da vossa segurança, da vossa proteção e da vossa unidade internas. Se não encontrardes a força e a alegria interiores, arriscai-vos a ver aparecer os vossos sonhos mais terríveis. A década que decorre atualmente colocar-vos-á à prova enquanto seres humanos, em todos os planos da vossa existência: físico, emocional, espiritual, económico, social e político. Contudo, no seio destes fenómenos, revelar-se-á um número crescente de pessoas que permanecerão intocadas, que serão fontes de proteção, de segurança (...) Estas pessoas serão aquelas que (...) proclamarão que resta esperança e que o futuro pode ser recriado à imagem do divino. A responsabilidade e a dificuldade que os discípulos da luz têm a enfrentar consistem em alinhar-se com este esforço criativo, comunicá-lo, desenvolvê-lo, partilhá-lo e demonstrá-lo (...)

Este Espírito Universal a que chamo Cristo derrama o seu Espírito ilimitado sobre todos os povos da Terra e sobre o nosso mundo tomado na sua unidade. Depende apenas de nós pôr este Espírito em execução, nos atos, nos pensamentos e nas relações (...)

Em última análise, todos os seres humanos são aliados no único combate contra o medo (...) Quando encontrardes as provações dos anos vindouros (...) recordai-vos da presença do Espírito. Estamos convosco enquanto cocriadores. Consideramos o Espírito que está em vós com respeito, amor e alegria, pois sabemos que é este Espírito que transformará o vosso mundo. » (Mensagens de « John » a David Spangler em 1979-1980, em *Lumière vers 1990*, Éd. Le Souffle d'Or, capítulo 3)

Recentes mensagens de Edgar Cayce

É certo que há também neste momento no plano astrológico, como dizia Cayce, configurações inquietantes.

Numa série de mensagens recebidas pelo médium Jacques Guyot, eis a que transmitiu Cayce recentemente:

«*AS ONDAS DA TERRA SÃO MUITO PESADAS ATUALMENTE, AS VIBRAÇÕES SÃO ESPANTOSAS. (...) HÁ MANIFESTAÇÕES MUITO BONITAS, MUITO BOAS ELEVAÇÕES, MAS HÁ SEMPRE ESSES HORRORES E ESSAS VIOLÊNCIAS, SOB PRETEXTO DE RELIGIÃO E DE ESPIRITUALIDADE, É ISSO QUE É TERRÍVEL. ENTÃO NÓS VIGIAMOS, E FAZEMOS COM QUE AS COISAS CORRAM O MELHOR POSSÍVEL, E SOBRETUDO QUE OS SERES SE ACALMEM. (...) AS VARIAÇÕES DA TERRA VÃO ACCELERAR-SE DE 1992 A 1998, E IMMENSAS MUDANÇAS VÃO OPERAR-SE.*» (Edgar Cayce a Christophe; in *Paroles de lumière*, Éd. F. Lanore, 1987, p. 93)

Noutra passagem, Christophe diz ainda:

«*Edgar Cayce anunciou acontecimentos muito dolorosos, muito importantes e muito graves para os anos que vão vir. Mas não fiqueis ansiosos, não fiqueis preocupados: se há uma coisa de que vos deveis despojar nesta vida presente, aqui mesmo e agora, neste instante, é o medo e a angústia, o medo do amanhã, o medo dos acontecimentos, o medo de passar falta, o medo da doença, o medo pelos uns e pelos outros.*» (Ibidem, p. 14)

Estas mensagens de Edgar Cayce foram colhidas por este médium que conheço bem e que muitas vezes mas transmitiu pessoalmente. É evidente que Cayce continuou a sua obra para lá da «morte», procurando por todos os meios ajudar-nos. Conheço vários outros médiums que receberam mensagens de Cayce [14] Ver de William H. Kautz e Melanie Branon: «Channeling », Éd. du Rocher, 1989. Alguns gritarão à impostura. Mas reparai no teor das mensagens: se são coerentes com o que Cayce dizia em vida, e se o médium é alguém profundamente honesto e competente, por que ter medo de as aceitar? Cayce, nas leituras, não cessava, de facto, de avisar os seus ouvintes contra o medo. Recomendava, como remédio para este, ... a oração (não é nada de novo, mas funciona!).

Cayce não pretendia de modo algum ser o único médium válido. Tinha encorajado quem o rodeava a recorrer a outros, aos quais chamava, tal como a si próprio se qualificava, «CANAIS» (de informação):

«*COMO MUITAS VEZES DISSEMOS, OS CANAIS, AS FONTES DE INFORMAÇÃO, SÃO ILIMITADOS. ESTAS PESSOAS FARÃO UM BOM TRABALHO DESDE QUE NÃO PROJETEM A SUA PERSONALIDADE INDIVIDUAL, O QUE SE TORNARIA UMA PEDRA DE TROPEÇO.*» (Leitura 254-53)

É evidentemente um dos grandes obstáculos a este trabalho tão pouco compreendido do médium: fazer abstração da sua personalidade, das suas emoções, ser o «canal» mais fiel possível. Mas não se pede a mesma coisa a um médico, a um psicólogo, a um juiz? Isso chama-se objetividade!

Contudo, nestes últimos meses, tornou-se difícil captar a voz de Cayce. Penso, pessoalmente, que ele está em vias de se reencarnar (escrevo em 1991) para trabalhar no regresso do Cristo Cósmico no fim do século - em conformidade com o que tinha dito.

Teremos mais sorte do que Abraão?

Uma história de que Cayce gosta muito, e que cita a todo o tempo, é a destruição de Sodoma e Gomorra (Génesis XVIII, 24). O Eterno anuncia a Abraão que vai destruir Sodoma por causa dos seus pecados. Abraão intercede dizendo: «Talvez haja cinquenta justos na cidade. Vais realmente eliminá-los com os pecadores? Não perdoarás à cidade em nome dos cinquenta justos que estão no seu seio?» O Eterno responde: «Se Eu encontrar cinquenta justos em Sodoma, perdoarei a toda a cidade por causa deles.» Abraão ganha coragem e sobe a fasquia: «E se não encontrasses senão quarenta e cinco justos?» «Que trinta justos?» «Que dez justos?» De cada vez, o Eterno responde: «Não a destruirei por causa desses justos.»

Infelizmente, a continuação do relato mostra que nem sequer havia «dez justos» na cidade, que será «atomizada» sob uma chuva de fogo. Esta história bíblica é para meditar; cada cidadão tem, pois, a possibilidade de ser um dos justos na cidade:

«*ASSIM, DA PARTE DAQUELES QUE ESTÃO NA ORIGEM DA CRISE (Cayce fala em 1933, ano em que a América se debate em enormes problemas económicos), QUE SÃO RESPONSÁVEIS POR*

ELA, HÁ COBIÇA E EGOÍSMO. EIS O QUE MARCA A NOSSA VIDA NACIONAL, EIS O QUE AS PESSOAS TÊM NA CABEÇA. NÃO PENSEIS DE MODO ALGUM: "SIM, É BEM VERDADE PARA O VIZINHO." MAS SE É VERDADE PARA O JIM, PARA O TOM, PARA O SR. TODA-A-GENTE NA SUA VIDA DIÁRIA, É VERDADE PARA AQUELES QUE FORAM COLOCADOS EM POSTOS DE RESPONSABILIDADE. É VERDADE PARA OS RICOS; SIM, ESSES SÃO OS OPRESSORES... MAS OLHAI LÁ PARA DENTRO DO VOSSO PRÓPRIO CORAÇÃO: NÃO FIZESTES COMO ELES? FOI NO ENTANTO ESCRITO: "E MESMO QUE NÃO HOUVESSE SENÃO DEZ JUSTOS, POR CAUSA DESSES A CIDADE PODERIA SER POUPADA."» (Leitura 3976-14)

Aquando de uma pergunta colocada a Cayce sobre o futuro da Europa, em 1932, que se pressentia negro por causa da ascensão do nazismo, ele respondeu que isso dependia:

«*DAS ORAÇÕES E DAS SÚPLICAS DAQUELES QUE PODEM REZAR COMO (...) ABRAÃO (pedindo ao Eterno): "E SE HOUVESSE CINQUENTA FIÉIS, SERIA POUPADA? E SE HOUVESSE DEZ, SERIA POUPADA? " ASSIM, O ESPERANÇA DA EUROPA REPOUSA EM VÓS, HOJE, NO VOSSO LAR. NÃO NAS MESMAS CIRCUNSTÂNCIAS, MAS DE UMA MANEIRA ANÁLOGA AO QUE SE PASSOU COM LÓ E COM AS PESSOAS DE SODOMA E GOMORRA.*» (Leitura 3976-8)

É encorajador ver que Cayce considera que Abraão é um pouco toda a gente, você, eu... qualquer pessoa de boa vontade!

Nas suas aulas de catecismo das manhãs de domingo, Cayce (no estado acordado!) comentava as grandes figuras bíblicas. Recorria à sua intuição e ao seu conhecimento muito profundo da Bíblia, que relia inteiramente todos os anos, para dar uma análise percuciente do personagem de Abraão.

Este patriarca, dizia ele, estava longe de ser um santinho... Por exemplo, uma história que não é em sua honra, onde se

revela cobarde e mentiroso, é aquela em que faz passar a sua mulher por sua irmã junto do Faraó, o que origina um desastre (Génesis XII, 13). Nós, que também não somos perfeitos, podemos no entanto imitar Abraão na sua confiança na bondade de Deus, com uma hipótese de sucesso!

Há oito anos, animava grupos de oração e de cura, no bairro da Bastilha, em Paris. Chego de manhã ao local de encontro: catástrofe! Preparava-se uma manifestação no boulevard Beaumarchais. Um altifalante difundia slogans e canções, mesmo debaixo das janelas da sala onde decorria a nossa reunião. Estava abatida. Disse a Cayce: «No entanto, tinha-te perguntado que dia escolher. Foste tu que me daste a data de hoje. Como queres que rezemos neste barulho? Com estes slogans gritados debaixo das nossas janelas? Os berros de centenas de manifestantes?»

Mas era demasiado tarde para avisar os meus participantes, dos quais alguns vinham da província. Desesperada, comecei a explicar-lhes como se podem integrar os ruídos de modo a não os ouvir mais. Durante a hora de meditação, ouvi uma voz clara dizer-me: «Foi de propósito que te fiz escolher este dia, precisamente. Era preciso que as emoções violentamente negativas da rua fossem compensadas pela oração serena de um pequeno grupo de pessoas de boa vontade.»

Após as três horas de silêncio, ocupadas pela meditação, a oração e a cura, falámos para contar o que tínhamos sentido. Tendo pedido aos participantes para aceitarem as minhas desculpas por estas condições de trabalho impossíveis, qual não foi a minha surpresa ao ouvir responder-me: «O barulho? Os slogans? A música? ... Oh, era muito pouca coisa, não nos incomodou.» - «Como, com todos estes decibéis que sacudiam as vidraças, não ouviram nada?» - «Não, ou quase nada», foi a resposta dos meus dezassete participantes. Fiquei pasmada.

Então contei-lhes o meu diálogo com Cayce e a sua resposta. Metade dos participantes, pelo menos, declarou que tinha ouvido interiormente a mesma frase. Todos me disseram que tinham rezado para que os problemas expostos pelos manifestantes fossem resolvidos do melhor modo. Todos disseram que estavam profundamente felizes por terem podido ajudar, pela sua oração, a apaziguar os ódios sociais. E para mim, que lição!

Não gostaria de terminar este capítulo sem adicionar uma história muito, muito bonita. Trata-se de um testemunho publicado num boletim paroquial, nos Estados Unidos - e que me veio parar aos olhos quando lá estava, no início dos anos 80. Era uma modesta dona de casa americana que contava o que lhe tinha acontecido alguns meses antes. Morava na Califórnia, numa pequena cidade chamada «Coalinga», no interior de São Francisco, e que tirava o seu nome de uma mina de carvão («coal»). Uma cidade de menos de trinta mil almas, se as minhas recordações estão exatas. A senhora participava regularmente num grupo de oração, cuja prática a tinha tornado atenta à «voz interior» que se manifesta a nós. Uma noite, no momento de se deitar, ouviu uma voz forte que lhe disse: «Nada disso. Levanta-te e vai rezar pelas ruas da cidade.» Tornando-se a voz cada vez mais premente, decidiu voltar a vestir-se e a sair. (Não sem mérito: pois nas ruas americanas não se «anda» - e sobretudo não de noite, e sobretudo não uma mulher sozinha: quantas vezes fui parada assim pela polícia, que me perguntava «por que motivo» andava a pé. Por causa da insegurança, isso não se faz de todo na América - mesmo numa cidade de província como Virginia Beach: pega-se no carro para fazer vinte metros, ou então «corre-se», de auscultadores com rock de fundo... Mas «andar a pé», nada disso!)

Voltemos à nossa dona de casa californiana. Ao sair de sua casa, a voz - muito diretiva - disse-lhe: «Vais apanhar esta rua, depois aquela a seguir, etc., e vais rezar por cada casa, à direita e à esquerda.» O que ela fez bravamente! A voz fê-la correr assim toda a noite, segundo um itinerário preciso. Ao alvorecer, ouviu dizer-lhe: «Está bem, podes voltar para casa e ir para a cama.» A senhora não estava ainda na cama... quando um sismo sacudiu a casa. E na Califórnia isso pode ser terrível (o sismo de São Francisco em 1906 fez «apenas» 700 mortos, porque a cidade era muito pouco povoada nessa época!). Como sempre nestes casos, a cidade inteira encontra-se lá fora em pijama, todas as classes sociais misturadas. Quando as sacudidelas e os estrondos cessaram, avaliaram-se os estragos: não havia um morto. Nem um! Muitas casas tinham desabado, mas sem matar quem quer que fosse: o milagre! Na semana que se seguiu, a senhora reencontrou o seu grupo de oração. E aí, surpresa: duas outras pessoas contaram que também elas tinham trotado toda a noite sob as ordens da «voz». Assim, trinta mil vidas humanas tinham sido protegidas pela oração de três pessoas... Reconfortante, não?

Penso muitas vezes nesta história ao andar pelas ruas de Paris, a cidade mais bonita do mundo, para mim - e a mais ameaçada: tantas profecias anunciaram a sua destruição! Mas, se formos muitos a rezar pela nossa cidade, talvez consigamos salvá-la, totalmente ou em parte?

A 23 de junho de 1940, sessenta e quatro pessoas estavam reunidas em Virginia Beach para o nono congresso anual da A.R.E. Era o início da Segunda Guerra Mundial; e, perante a agressividade hitleriana, a América perguntava-se se não ia, ela também, por sua vez, ser invadida. Pediu-se uma leitura a Cayce sobre o assunto. Eis a sua resposta:

«*SE AS SESSENTA E QUATRO PESSOAS AQUI REUNIDAS SE PUSEREM EM ORAÇÃO, E VIVEREM EM CONCORDÂNCIA COM ESTA ORAÇÃO, PODEM EVITAR À AMÉRICA SER INVADIDA - SE É ISSO QUE QUEREIS!*» (Leitura 3976-25)

A América não foi invadida... mas sei que as sessenta e quatro pessoas tomaram muito a sério o que Cayce dissera. Ainda se falava disso em Virginia Beach, quarenta e cinco anos depois...

A Fim dos Tempos

O conjunto das profecias que vou citar neste livro (as de Cayce e dos outros videntes) diz respeito a um período a que a Tradição Profética chama a Fim dos Tempos, ou os Grandes Acontecimentos.

Temos atrás de nós, na Europa, pelo menos quinze séculos de profecias locais - que dizem quase todas a mesma coisa. O movimento profético continua (por exemplo com Marthe Robin, que consultei muito frequentemente) na nossa época. Temos igualmente, com certeza, a Bíblia e ainda, para quem gostar de exotismo, as tradições sagradas indianas (do Leste e do Oeste), árabes, tibetanas, chinesas, etc. Todas estas tradições se cruzam e apontam para uma «viragem» na história da Terra. Trata-se de uma época de charneira em que grandes subvertimentos virão modificar as condições de existência do Homem. Mas atenção, a «Fim dos Tempos» não é o fim do Mundo, precisam muitos videntes.

Eis, segundo Éric Muraise, grande especialista na matéria [15] Éric Muraise: «Histoire et prophéties», Éd. Albin Michel., como a Idade Média católica via a «Fim dos Tempos», em função dos sinais precursores:

1 - Libertação de Satanás 2 - Perseguição dos Cristãos 3 - Ataques contra a Igreja 4 - Aparição de falsos profetas 5 - Amplificação das guerras e dos rumores de guerra 6 - Amplificação dos sismos e das epidemias 7 - Pregagão mundial dos Evangelhos 8 - Reunião e «conversão» de Israel 9 - Tempo fugaz de paz universal 10 - Defeção no seio da Igreja 11 - Abominação e desolação no santuário, com o Anticristo 12 - Início da Apostasia geral.

Embora os termos empregados nos pareçam muito «ultrapassados» (era assim que se expressavam os meios tradicionalistas no século XIX), os videntes modernos, católicos ou não, dizem em substância a mesma coisa - mas com outras palavras. Esta classificação medieval da «Fim dos Tempos» repousava no livro de Daniel, em certas passagens do Antigo e do Novo Testamento - e nas visões dos místicos.

Em Amesterdão, a «Senhora de todos os povos [16] A Igreja Católica reconheceu oficialmente estas aparições de Amesterdão.» dizia recentemente: «Muitas coisas advirão neste século, de que sereis ainda testemunhas... Eis que vêm grandes acontecimentos. Vós, jovens, sereis as testemunhas de grandes mudanças» (31 de maio de 1955). Anteriormente, tinha precisado: «Grandes acontecimentos à escala do mundo preparam-se (...) Saber-se-á que Eu sou a Senhora de todos os povos quando grandes potências se desmoronarem e quando conflitos políticos e económicos deflagrarem. Pensa nos falsos profetas. Observa os meteoros. Haverá desastres da Natureza» (20 de março de 1953). «Antes que venha o ano 2000, muitas coisas mudarão.»

Nestas «grandes mudanças» que Cayce anuncia ele também, como um eco longínquo das aparições de Amesterdão, haverá sempre uma proteção para aqueles que creem em Deus:

«*OS TEMPOS ESTÃO PRÓXIMOS EM QUE CHEGAM ESTAS MUDANÇAS QUE ACOMPANHARÃO A NOVA ORDEM DAS COISAS.*» (Leitura 3976-18)

Note-se bem esta expressão que Cayce emprega várias vezes, «A NOVA ORDEM DAS COISAS», parafraseando a divisa oficial dos Estados Unidos, em latim: «Novus Ordo Seclorum». O que se pode traduzir por «a Nova Ordem dos Tempos». O presidente Bush, nos seus discursos sobre a crise do golfo Pérsico, refere-se a ela constantemente. Voltaremos a falar disso no fim deste livro.

Enquanto se espera:

«*A QUE VOS AGARRAREIS? APENAS A ELE, QUE PODE PROTEGER O QUE LHE CONFIASTES.*» (Leitura 3976-25)

Todos os profetas que dão uma data apontam para o fim do século XX. Cayce também. Voltaremos a falar disso um pouco mais à frente. Aconteça o que acontecer, nunca se deverá esquecer que Deus é bom:

«*QUAL É A VONTADE DO PAI? QUE NENHUMA ALMA PERAÇA!*» (Leitura 3976-23)

2 A INCLINAÇÃO DO EIXO DOS POLOS

Os polos perdem o norte...

«*Daqui a cinquenta anos, e alguns anos, a inversão dos polos trará o quente em vez do frio, e inversamente*, dizia o Mestre Philippe de Lyon, no início deste século. *O calor da nossa Terra modifica-se: o sul arrefece. É assim continuamente; os polos e as zonas da Terra mudam; os mares e as terras substituem-se. As terras áridas do Sara tornar-se-ão férteis.*»

Quem, nessa época, o tinha tomado a sério?

É no entanto espantoso que estes dois homens de uma envergadura excecional, Philippe de Lyon [17] Mestre Philippe faleceu em 1905; Edgar Cayce em 1945. e Edgar Cayce, ambos curadores e profetas, que não se conheciam, tenham anunciado o mesmo acontecimento.

Cayce fala em várias leituras da inclinação do eixo dos polos em americano:

«THE TURNING OF THE AXIS», OU BEM «THE SHIFTING OF THE POLES».

O fenómeno, diz Cayce, já se produziu no decorrer da pré-história, em particular há cerca de 50 000 anos (leitura 5249-1); foi isso que tinha provocado a congelação súbita dos grandes animais que hoje se reencontram nas tundras geladas da Sibéria.

Noutra leitura, diz:

«*COM OS GRANDES SUBVERTIMENTOS QUE SE PRODUZIRAM AQUANDO DOS CATACLISMOS NA ATLÂNTIDA, (...) E COM A INCLINAÇÃO DO EIXO DOS POLOS, AS RAÇAS BRANCA E AMARELA EMIGRARAM...*» (Leitura 364-13, novembro de 1932)

Outra leitura, ainda, que afirma que a Terra já tinha «perdido o norte»:

«*A SUPERFÍCIE DO QUE É AGORA CHAMADO A TERRA MUDOU MUITO, PRIMEIRO, O MAIOR PEDAÇO DO QUE É AGORA CONHECIDO COMO A PARTE MERIDIONAL DA AMÉRICA DO SUL, BEM COMO O ÁRTICO, ISTO É, AS ZONAS POLARES SEPTENTRIONAIS (COM O QUE É AGORA A SIBÉRIA, E A BAÍA DE HUDSON), ERAN ANTES REGIÕES TROPICAIS NA ÉPOCA.*» (Leitura 364-4)

Os interlocutores de Cayce, não muito prendados em geografia, não estão muito certos de ter compreendido. Tudo isto é verdadeiramente muito novo para eles. E depois Cayce fala

de uma misteriosa «Atlântida [18] Platão situa o afundamento final da Atlântida cerca de 9000 anos antes da sua época.» cujo nome volta perpetuamente nas leituras. Os seus amigos insistindo neste ponto, ele recorda-lhes, nessa ocasião, a inclinação dos polos que destruiu esse continente:

A Atlântida era um único grande continente, ou antes um arquipélago com grandes ilhas?

«*POR QUE NÃO RELI DES O QUE VOS FOI DITO? POR QUE VOS CONFUNDIS NAS VOSSAS PERGUNTAS? COMO JÁ INDICÁMOS, A ATLÂNTIDA PODIA SER CONSIDERADA COMO UM GRANDE CONTINENTE, ATÉ À PRIMEIRA DAS ERUPÇÕES VULCÂNICAS. ESTA PROVOCOU UMA CASCADE DE SUBVERTIMENTOS, QUE PUSERAM A TERRA NA SUA ATUAL POSIÇÃO, NO SEU MOVIMENTO DE ROTAÇÃO; ISTO É, NO SEU DESLOCAMENTO EM RELAÇÃO AO SOL NO ESPAÇO, E EM RELAÇÃO A ARCTURUS E ÀS PLÊIADES.*» (Leitura 364-6, fevereiro de 1932)

Senhor Cayce, descreva a Terra na época em que o Homem nela apareceu.

«*NO PRINCÍPIO DO MUNDO, HAVIA O CÁUCASO [19] Região montanhosa situada entre o Mar Negro e o Mar Cáspico. E OS CÁRPATOS, ISTO É, O JARDIM DO ÉDEN, NESTE PAÍS OCUPADO AGORA QUASE EM TODA A PARTE PELO DESERTO, A MONTANHA, UM RELEVO ACIDENTADO. AS REGIÕES NÓRDICAS ERAN ENTÃO AS REGIÕES MERIDIONAIS; ISTO É, AS ZONAS POLARES ESTAVAM COLOCADAS DE TAL FORMA QUE OCUPAVAM A MAIORIA DAS REGIÕES TROPICAIS E SEMITROPICAIS ATUAIS. DAÍ A DIFICULDADE, HOJE, DE DESCREVER O QUE MUDOU. O NILO DESAGUAVA NO ATLÂNTICO. O QUE É AGORA O SARA ERA UM PAÍS INABITADO, MAS MUITO FÉRTIL (...). OS ANDES E A COSTA PACÍFICA DA AMÉRICA DO SUL*

PERTENCIAM ENTÃO À EXTREMIDADE OCIDENTAL DA LEMÚRIA. OS MONTES URAIS E O GRANDE NORTE SIBERIANO ERAN UM PAÍS TROPICAL, O DESERTO DA MONGÓLIA ERA A SUA ZONA FÉRTIL, ISTO PERMITE-VOS FAZER UMA PEQUENA IDEIA DO MAPA DA TERRA NESSE TEMPO!» (Leitura 364-13)

Eis por que motivo, diz Cayce, a repartição das terras e dos mares:

«*...MUDOU À MEDIDA DAS CONDIÇÕES CRIADAS PELAS POSIÇÕES SUCESSIVAS DA TERRA EM RELAÇÃO ÀS OUTRAS ESFERAS CELESTES DO NOSSO SISTEMA SOLAR.*» (Leitura 5748-2)

E para quando seria?

Portanto, a inclinação dos polos já se produziu, é um fenómeno natural que já existiu, diz Cayce, e veremos mais adiante que a ciência lhe dá cada vez mais razão.

E não só os polos já se permitiram valsar... como vão recomeçar! Será o grande acontecimento dos anos 2000, afirma Cayce na leitura 826-8, de agosto de 1936. Eis outra leitura que, com o tempo, se torna cada vez mais clara:

Senhor Cayce, quais são as suas previsões sobre os principais acontecimentos dos próximos cinquenta anos, no que vai afetar as atividades da raça humana?

«*PODER-SE-Á DAR MAIS PORMENORES APÓS A GRANDE CATÁSTROFE QUE VAI DESABAR SOBRE O MUNDO A PARTIR DE 36. ESTA TOMARÁ A FORMA DO COLAPSO DE NUMEROSAS GRANDES POTÊNCIAS ATUAIS, QUE CONTAM NA POLÍTICA MUNDIAL (...) ENTÃO, COM ESTE DESMORONAMENTO DOS ANOS 36 CHEGARÃO MUDANÇAS QUE MODIFICARÃO O MAPA DO MUNDO.*»

Cayce entende com isto não apenas o mapa político, mas, como se vai ver, o mapa geográfico - pois vê muito, muito mais

longe do que os anos 36 e a Segunda Guerra Mundial. À pergunta:

A Itália reencontrará no futuro um governo mais liberal?

Começa por responder com uma previsão imediata:

«*ANTES UMA FORMA DE GOVERNO DE CARÁTER MAIS MONÁRQUICO DO QUE LIBERAL (...).*»

A pergunta é colocada em fevereiro de 1932. A Itália terá um rei até 13 de junho de 1946, data em que Humberto II abdicará.

Em seguida, Cayce prossegue com uma profecia a muito mais longo prazo:

«*A ITÁLIA NÃO SERÁ DESTRUÍDA, COMO VEMOS, ANTES DOS CATACLISMOS QUE VIRÃO DA INCLINAÇÃO DA PRÓPRIA TERRA NO ESPAÇO; COM AS CONSEQUÊNCIAS QUE ESTE NOVO EQUILÍBRIO TERRESTRE TERÁ SOBRE AS DIFERENTES PARTES DO PAÍS - E DO RESTO DO MUNDO - QUE SERÃO AFETADAS PELO FENÓMENO.*» (Leitura 3976-10, fevereiro de 1932)

De que tipo será o subvertimento geológico de 1936 e que superfície afetará? pergunta outro consultante (que não compreendeu bem e pensa que a inclinação dos polos vai ter lugar em 1936):

«*GUERRAS - MOVIMENTOS TELÚRICOS NAS PROFUNDEZAS DA TERRA. A INCLINAÇÃO DESTA PELA MUDANÇA DE POSIÇÃO DO SEU EIXO RELATIVAMENTE À ESTRELA POLAR.*» (Leitura 5748-6, julho de 1932)

Cayce, nesta leitura, sugere que a inclinação do eixo dos polos é um fenómeno que leva muito tempo a preparar-se. Em 1936, portanto vários anos antes de isso se produzir visivelmente, os movimentos internos vão começar a trabalhar a

crosta terrestre. O que deve produzir-se para o fim do século já está em marcha: é o sentido da leitura.

No que diz respeito à crise mundial, seria possível que os subvertimentos geológicos da região mediterrânica travassem a campanha da Itália contra a Etiópia?

(Que ideia estranha!)

«*NÃO NESTE MOMENTO PRECISO. UMA PARTE DISSO PODERIA ACONTECER, MAS NÃO JUSTAMENTE AGORA.*» (Leitura 416-7, 7 de outubro de 1935)

Vê-se como é difícil para Cayce responder a estas perguntas, que são uma verdadeira confusão! Os seus interlocutores misturam tudo. Efetivamente, a Itália renunciou mesmo à Etiópia - mas não precisou, para isso, de ser atingida no seu solo por uma catástrofe geológica. A sabedoria coletiva deste velho povo civilizado bastou.

Quanto aos subvertimentos prometidos à nossa querida «Mare Nostrum», arriscam-se, efetivamente, a afetar a Itália [20] É o que pensa o vulcanólogo Haroun Tazieff. — que não terá sem dúvida mais nada a ver com a Etiópia nessa altura (em todo o caso, não uma guerra de conquista). Cayce tenta limpar um pouco esta misturada de ideias, respondendo à seguinte pergunta:

E quando é que isso se arrisca a acontecer?

«*OS TEMPOS, OS LUGARES, AS ESTAÇÕES - TUDO ISSO FAZ PARTE DE UM VASTO CONJUNTO, DE QUE OS SÁBIOS E OS PROFETAS DO TEMPO ANTIGO DIZIAM, INSPIRADOS PELO SENHOR: "O DIA E A HORA, QUEM O SABE? NINGUÉM, EXCETO AS FORÇAS CRIADORAS [21] Mateus XXIV, 36.."*» (mesma leitura)

A frase é clara: nenhuma profecia está absolutamente garantida! É uma resposta àqueles que acusaram Cayce de ter

dado datas «falsas» - datas nas quais nada foi assinalado. Visto que ninguém sabe «NEM O DIA NEM A HORA», não há motivo para lhe censurar isso! Por exemplo, falou de mudanças geológicas que deviam ter lugar em 1936, no Alabama, e que não foram aparentes (leitura 311-10). Mas como tinha dito que estas eram «PROGRESSIVAS», puderam produzir-se no interior da crosta terrestre, sem que se tivesse tido os meios de as detetar. Estas mudanças, no pensamento de Cayce, seriam sinais precursores, pois a leitura termina com uma evocação ameaçadora:

«*...ESTAS MUDANÇAS TRAERÃO, COMO VERIFICAMOS, A SUBMERSÃO DE CERTAS ZONAS COM AS INUNDAÇÕES DEVIDAS AO MAREMOTO QUE SE SEGUIRÁ.*» (Leitura 311-10, 1932)

Se os interlocutores de Cayce parecem não ter qualquer noção de geologia, os geólogos identificaram, de facto, certas zonas de «subsidência», onde o solo se afunda pouco a pouco (alguns centímetros cada ano: é o caso de Veneza, da Holanda, etc.). Haveria um fenómeno semelhante no Alabama, que ainda não se tenha medido? Ou talvez efetivamente não se tenha passado nada, visto que na mesma leitura Cayce evoca o poder do pensamento criador. E também, como dizia o Cristo à vidente Marie-Julie Jahenny:

«*Fica-se desiludido porque muito do que Eu tinha ordenado que se anunciasse para convidar os homens a converterem-se ainda não aconteceu. Julgar-se-á poder ultrajar almas eleitas porque, por causa delas, Eu terei diferido um pouco o terrível acontecimento. Se na Minha bondade, e por causa das expiações que Me são oferecidas, Eu difiro o desastre, Eu não o elimino. Isso não depende do julgamento dos homens ignorantes.*»
(Mensagem de 1938 [22] Citações extraídas da obra do Pe. Pierre Roberdel: «Marie-Julie Jahenny, la stigmatisée de la Fraudais», Éd. Resiac.)

A inclinação do eixo dos polos é anunciada na Bíblia - que nunca se lê o suficiente:

«Os fundamentos da Terra serão abalados, (...) A Terra tremerá, vacilará, A Terra cambaleará como um bêbado.» (Isaías, XXIV, 19)

Portanto, diz Cayce, a inclinação dos polos prepara-se atualmente em profundidade - e até, diz a leitura 826-8, será o grande acontecimento dos anos 2000. Outras leituras (3976-15, 1602-3, 5748-5) avançam a data de 1998 como o ano da grande viragem ligada também ao regresso do Messias, de que voltaremos a falar mais à frente. Está perfeitamente em concordância com o que dizia o Mestre Philippe em 1902:

«*Ver-se-á o ano 2000, mas haverá grandes mudanças (...). De 4 000 em 4 000 anos, ou de 5 000 em 5 000 anos, cataclismos espantosos subvertem a Terra. Tudo é devastado, nada mais existe. É o momento em que Deus faz a colheita (...); façamos esforços sem cessar para que nesse momento estejamos entre os bons, pois este século não passará sem que tudo isto aconteça.*»

Quando o Mestre Philippe dizia «este século», não era uma expressão simbólica como nos Evangelhos. O Mestre Philippe falava um francês muito simples, muito próximo do camponês das montanhas de Lyon que era. Quando dizia «este século», trata-se mesmo dos anos que começam por «19»! Assim fala igualmente Marie-Julie Jahenny:

«*Uma terrível punição (...), por causa do cegueira do povo e do arrefecimento da confiança Naquele que opera todos os dons, no céu e na terra. (...) Não digo um malogro, mas uma mistura inexplicável de toda a espécie de desolações (...) nos anos que terminarão o século.*» (Op. cit., p. 228)

Os outros grandes videntes dão datas que rodam todas em volta de 1998. O reverendo Arthur Ford, nas mensagens que dá

(após a sua morte) a Ruth Montgomery, diz que a inclinação dos polos já está em ação, e que devemos contar com ela, que é um trabalho de limpeza própria da Terra. Haverá que lidar com isso!

As muitíssimo numerosas profecias que temos em língua francesa, e na Europa, raramente empregam a expressão «inclinação dos polos», expressão compreendida apenas pelos intelectuais - enquanto os videntes se exprimem na maioria do tempo numa linguagem popular. A pequena Jeanne-d'Arc Faragé no Líbano [23] Jean-Claude Antakli: «Les Apparitions de la Vierge au Liban», Éd. du Parvis, Suíça., que se exprime em língua árabe, dá mensagens da Virgem, uma das quais diz:

«*O globo terrestre será subvertido proximamente.*» (8 de setembro de 1987)

A vidente afirma saber a data, que divulgará quando for hora de o fazer. Como a maioria dos videntes são crianças, ou pessoas sem cultura universitária, contentam-se antes em descrever as consequências concretas deste fenómeno: maremotos, sismos, ventos violentos, incêndios, fome - e os famosos três dias de trevas. Estes só se explicam por uma inclinação da Terra (se ela se imobilizar, o Sol não «gira» mais!). Antes de analisar em pormenor cada uma destas rubricas, vamos ver o que pensam disso os geólogos.

Científicos dão razão a Cayce

A inclinação do eixo dos polos? Alguns dir-vos-ão «está a brincar? É coisa do Tintim!»... mas na realidade é uma velha história, e que interessa há muito tempo aos sábios.

Os geólogos puseram em evidência o que chamam «a migração dos polos magnéticos», no decorrer das eras. Descobriu-se, por exemplo, que nas coladas de lava que saem dos vulcões, as partículas ferromagnéticas se orientam - durante o arrefecimento da colada de lava - segundo o campo magnético

terrestre. Indicam o norte magnético do momento da erupção. Percebeu-se ao estudar coladas antigas que o norte magnético viajou muito! O mesmo fenómeno pôde ser estudado nas louças de barro pré-históricas, que ficaram no lugar onde tinham sido cozidas (fornos de oleiro, etc.). Pôde observar-se que as partículas metálicas contidas na argila se orientaram durante a cozedura e o arrefecimento para o norte magnético da época, que, em muitos casos, estava muito longe do atual. Assim, tem-se a prova científica do deslocamento do polo norte magnético. Será por isso a prova de que o polo norte geográfico também se deslocou?

A Terra é um gigantesco íman que, como todos os ímanes, tem um polo negativo (o norte magnético) e um polo positivo (o sul magnético). As bússolas indicam o polo norte magnético - e não o polo norte geográfico, que não está muito longe. Certos sábios tinham primeiro pensado que estas diferentes localizações do norte magnético eram apenas devidas a modificações do campo magnético da Terra - sem para isso invocar uma catástrofe geográfica. Mas outros sábios, e entre os mais eminentes, não são desta opinião.

Cuvier, pai da paleontologia, tinha uma visão «catastrofista» das grandes mudanças geológicas. Considerava que a Terra tinha sido sacudida por remoinhos violentos. Louis Agassiz, outro célebre geólogo, pai da teoria das glaciações, pensava o mesmo. Para ele, as glaciações tinham-se produzido subitamente, como o provam esses gigantescos cemitérios de animais que se encontram no Alasca, no Canadá, na Sibéria: foram congelados tão rapidamente que não tiveram tempo de morrer de morte «natural» e de se decompor... Alguns foram congelados na hora durante a sua digestão; reencontra-se ainda no seu esófago, intacto, o dente-de-leão que estavam a pastar!

A estes dois sábios opunha-se a massa daqueles que pensavam que, pelo contrário, se tinha muito tempo; que as montanhas tinham levado milhões de anos a apontar para as nuvens, ainda outros milhares de anos a ser aplanadas pelas torrentes. Em suma, tudo isso ia tão devagar que não havia motivo para alarme. Quando fazia os meus estudos de geologia na Sorbona, era isso que me ensinavam: nada de pânico na tectónica! O meu professor de geologia levava-nos em excursão pelas verdes campanhas e dizia ao motorista do autocarro: «Senhor, vai parar-nos no limite do Triásico.» Sismos de gargalhadas sacudiam os estudantes. O motorista, com uma voz de sinclinal elevado, perguntava: «Onde é que devo parar?» - «No limite do Jurássico inferior», respondia, imperturbável, o Prof. Birot. - «O racista inferior, que vem a ser isso? murmura o motorista, nada dentro do assunto. Tem de me dizer onde vai estar a placa de sinalização», acrescentava o infeliz, desencadeando uma nova erupção de hilaridade.

É verdade que é preciso ser muito perverso para ver o «Mar de Giza», debaixo das patas das vacas da Île-de-France... Na doçura verde destas pequenas vales tranquilos que não sugerem senão a paz, como imaginar o dilúvio de fogo, de lavas, de fumo e de pedras que deve ter acompanhado a erupção das Alpes? Quem as viu no dia em que decidiram sair do seu buraco azul, a que os geólogos chamam: «o geossinclinal alpino»?

Em suma, na minha estudiosa juventude, o riso perdido era o único cataclismo autorizado. Pisava-se o solo de Paris com o sentimento de profunda segurança que dá uma longa história de estabilidade geológica: quem é que alguma vez viu um sismo nas margens do Sena? Desconhecido para o batalhão. Diz-se que isso existe em outros países, muito longe... Eis por que motivo, penso, os nossos eminentes sábios repugnavam as teorias «catastrofistas». Estava-se aí quando apareceu um desmancha-

prazeres neste céu sereno. Immanuel Velikovsky, autor de *Mondes en collision*, ousava pretender, em 1950, que a Terra tinha tido uma história das mais desportivas: colisões com outros corpos celestes, cambalhotas apocalípticas entre dois quasares... em suma, feridas e galos! E sem doçura! Velikovsky tinha conduzido uma investigação histórica muito aprofundada, que mostrava que a memória dos povos antigos guardava a recordação de uma inclinação da Terra. Por exemplo, Pomponius Mela, autor latino, escrevia que: «Os egípcios já viram a rota das estrelas mudar quatro vezes de direção, e o sol já se deitou duas vezes na parte do céu onde hoje se levanta.»

Heródoto relata a mesma coisa, aliás - e Velikovsky cita textos chineses, indianos, maias, sumérios, etc. Como é evidente, o mundo da ciência gritou que era preciso queimar este herético. Mas não era o único: Hugh Auchincloss Brown, geólogo do início do século, considerava que o gelo que se acumulava periodicamente num dos polos criava um desequilíbrio que fazia inclinar a Terra. Esta não é redonda: há um bojo no equador, que, segundo Brown, manteria o equilíbrio. Mas, se o gelo pesar mais, lá vai ele, inclina-se! Daí, dizia ele, a mudança brusca de clima e esses pobres mamutes congelados com a sua ração entre os dentes!

Houve também Wegener, com a sua teoria da «deriva dos continentes». Wegener, desprezado, rejeitado... volta à superfície. Ele também acreditava que a Terra tinha inclinado de uma forma brutal, provocando vastas inundações. Ora, recentemente, observações mais precisas mostraram que o eixo da Terra não era tão estável como se tinha julgado. Constatou-se que o polo norte geográfico estava sujeito a diferentes tipos de oscilações ainda mal conhecidas.

Por outro lado, os Drs. Watkins e Goodel, da Universidade da Flórida, publicaram em 1967 um estudo onde previam uma

relação estreita entre as mudanças na fauna (que são devidas aos climas) e as mudanças no eixo dos polos magnéticos.

De tal modo que no fundo a inclinação súbita do eixo dos polos é a única explicação racional que daria conta de tudo o que os sábios constatam, sem poder explicá-lo: as mudanças de clima, as glaciações, a deriva dos continentes e a tectónica de placas, a erupção das cadeias alpinas, as erupções vulcânicas, os sismos, os maremotos, tudo!

De qualquer forma, inquietar-se não serve de nada - como diz este versículo bíblico sobre a «Fim dos Mundos», que Cayce cita:

«*ELE [24] O Cristo nos Evangelhos (por exemplo Mateus XXIV, 35).* TINHA DITO: "OS MUNDOS PASSARÃO. MAS A MINHA PALAVRA NÃO PASSARÁ."» (Leitura 3976-14)

3 OS TRÊS DIAS DE TREVAS

O Sol escurecerá...

Vários videntes europeus «viram-no». Ora, Velikovsky, na sua tese sobre a inversão do eixo dos polos, considera que são precisos vários dias para a Terra inclinar e, na sua nova posição, retomar o seu movimento de rotação sobre si mesma (é este movimento que produz o dia e a noite). Neste intervalo - antes que a Terra se ponha de novo a girar -, os terráqueos verão o Sol e outros corpos celestes como «fixos» acima do horizonte.

Sendo o movimento do Sol «aparente» (não é ele que se mexe, somos nós!), se a Terra ficar um momento fixa, é o Sol que parecerá, aos nossos olhos, parar! Isto... para uma metade do planeta, visto que ele nunca ilumina senão um hemisfério de cada vez. A outra metade estará então mergulhada na noite, que durará o tempo de que a Terra precisa para retomar a sua rotação sobre si mesma. Velikovsky não inventa: apoia-se numa

ampla recolha de textos antigos orientais e ocidentais (bíblicos, maias, mexicanos, gregos, latinos, etc.). Todos estes textos falam de uma catástrofe acompanhada de vários «dias» de Sol fixo no horizonte ou, pelo contrário, de uma longa noite muito provadora, durando várias vezes vinte e quatro horas.

E o que diz Cayce sobre isso? Na leitura profética 3976-15 (que traduzi parcialmente no tomo I de *L'Univers d'Edgar Cayce*), pode ler-se, a propósito das futuras mudanças geológicas:

«*UM SINAL DE QUE ESTAS DEVEM CHEGAR EM BREVE É, COMO DISSERAM OS ANTIGOS, QUANDO O SOL ESCURECER [25] Mateus XXIV, 29:» «O Sol escurecerá e a Lua não dará mais a sua claridade...».*

Dou o texto em inglês, para que os meus leitores vejam que não inventei nada:

«AS THE SUN WILL BE DARKENED.»

Eis pois mencionados - muito alusivamente - os famosos três dias de trevas, nos quais os interlocutores de Cayce estão muito longe de pensar. Querem apenas saber um pouco mais sobre os anos obscuros do Cristo entre os doze e os trinta e três anos, visto que os Evangelhos - canónicos - não falam disso. Ora a tradição esotérica, tal como Cayce, diz que o Cristo foi iniciado na Grande Pirâmide. Os clássicos da egiptologia esotérica (como *Le Pharaon Ailé*, de Joan Grant) descrevem uma iniciação no Egito antigo: o futuro iniciado é encerrado três dias e três noites no túmulo. É a duração clássica do tempo de prova, que lhe deve permitir aceder ao estatuto de mestre. Os interlocutores de Cayce, pondo em paralelo os «três dias e três noites» dados pelos Evangelhos, em que o Cristo ficou no túmulo (entre a Sexta-feira Santa e a Páscoa), perguntam então a Cayce se esta indicação do Novo Testamento não seria uma recordação velada dessa iniciação do Cristo no Egito. A resposta de Cayce é

afirmativa, mas alarga a comparação. Para ele, este lapso de tempo corresponde a uma parte da iniciação necessária:

«*PASSAGEM ATRAVÉS DA QUAL TODA A ALMA DEVE PASSAR (...) NO DECORRER DAS SUAS ENCARNAÇÕES NA TERRA.*» (Leitura 2067-7 [26] Esta leitura é consagrada ao sentido do número três na simbólica esotérica e bíblica.)

E eis que adiciona uma pequena frase inofensiva, em que mal tinha reparado aquando da minha primeira tradução:

«*TAL COMO O MUNDO.*»

O Mundo, a nossa Terra, é considerado como uma «entidade» em si mesma. No decorrer dos diferentes períodos da sua história - comparáveis às encarnações humanas! -, a Terra deve passar por iniciações, pois ela também deve evoluir! Deve purificar-se, e portanto enfrentar estes três dias de combate interior, de trabalho profundo, sob a forma de três dias e três noites «no túmulo», isto é, sem luz.

Os nossos videntes europeus, ao falarem destes três dias sem luz, comparam-nos a um túmulo. Marie-Julie Jahenny faz dizer ao Cristo:

«*Vou destruir tudo na Terra. Ela ficará deitada num caixão de onde, após a ter purificado no seu sangue, Eu a ressuscitarei gloriosa, como Eu próprio saí do túmulo. A desolação será tão grande e o castigo tão terrível que vários secarão de pavor e se julgarão no fim do mundo. Haverá três dias de trevas físicas. Durante três noites e dois dias, haverá uma noite contínua.*» (Op. cit.)

A pobre Marie-Julie, humilde camponesa, quase analfabeta e que só falava francês, não podia ter lido Cayce! (Esta leitura não estava traduzida para francês em vida da estigmatizada de Nantes.)

Dito isto, Cayce mal se alarga sobre os três dias de trevas e não dá pormenores - ao contrário dos videntes europeus. É bastante lógico: se a noite cai sobre a nossa Europa, e, digamos, sobre o Médio Oriente e o Oriente, uma parte dos Estados Unidos (ou a totalidade) vai encontrar-se, pelo contrário, sob o «Sol fixo» do hemisfério iluminado. Os videntes americanos não têm, pois, necessidade de reassegurar os seus concidadãos sobre as trevas. O «Sol fixo» é seguramente menos provador do que a «noite fixa»... mas as cabriolas dos nossos luminares familiares no céu terão no entanto motivo para inquietar - seja qual for a margem do Atlântico de onde se observe o espetáculo! É por isso que Cayce previne:

«*NÃO TENHAIS MEDO. MANTEI A CONFIANÇA (...) MESMO QUE O CÉU NOS CAIA EM CIMA, MESMO QUE A TERRA DEVA SER MUDADA, MESMO QUE OS CÉUS PASSEM, AS PROMESSAS QUE ELE FEZ SÃO CERTAS E PERMANECERÃO VÁLIDAS (...) ESTAS MUDANÇAS NA TERRA VÃO CHEGAR, POIS UM TEMPO, DOIS TEMPOS E METADE DE UM TEMPO VÃO CUMPRIR-SE, E NÓS VAMOS ENTRAR NO PERÍODO DOS REAJUSTAMENTOS. MAS NÃO DISSE ELE QUE OS JUSTOS HERDARÃO A TERRA?*» (Leitura 294-185, 30 de junho de 1936)

Esta leitura muito especial tinha sido pedida por Cayce para si próprio, no seguimento do sonho que tinha tido (ver tomo I, *L'Univers d'Edgar Cayce*, p. 448 [27] Cayce fez este sonho numa viagem de comboio.). Nesse sonho, Cayce via «*O MAR A COBRIR TODO O OESTE DO NOSSO PAÍS*», os Estados Unidos; e a cidade do Nebrasca, onde se via a morar, estava «*NA COSTA*» (do Pacífico? não se sabe). Sonho bastante inquietante - se se considerar o mapa da América. Aterrorizado por ver metade do seu país desaparecer sob as ondas, Cayce preparou uma leitura de perguntas sobre o significado do seu sonho. Dito de outro modo, será que é realmente isso que vai acontecer? A resposta

que saiu da sua boca quando adormeceu dizia que não era preciso ter medo, aconteça o que acontecer - mas sem dar pormenores sobre o detalhe das catástrofes futuras.

Um tempo, dois tempos e metade de um tempo

A leitura que acabámos de ler emprega uma misteriosa expressão bíblica, que se encontra nas seguintes passagens:

«*A Mulher, a mãe do filho varão, recebeu as duas asas da Grande Águia para voar para o deserto até ao refúgio onde, longe da serpente, ela deve ser alimentada um tempo, dois tempos e metade de um tempo.*» (Apocalipse, XII, 14)

que retomava a fórmula do profeta Daniel (VII, 25-XII, 7):

«*Ele atestou, pelo Eterno vivo, que por um tempo, dois tempos e metade de um tempo, todas estas coisas se consumariam.*»

(Trata-se de profecias sobre a «Fim dos Tempos».) E também:

«*Os Santos serão entregues nas suas mãos (da Besta) por um tempo, dois tempos e metade de um tempo.*»

Os diferentes comentadores da Bíblia tentaram explicar esta estranha contabilidade - nunca de forma perfeitamente convincente. Contudo, Raoul Auclair, retomando «a tradição esotérica do número 7 (...), considera que 7 milénios representam um ciclo completo de evolução humana, e correspondem à palavra do Espírito: um tempo, dois tempos e metade de um tempo. Pois estes três tempos e meio fazem 2 000, 4 000 e 1 000 anos, para totalizarem 7 000 anos». (In Éric Muraise, *Voyance et Prophétisme*, p. 92, Éd. F. Lanore)

Todo o problema é que não se sabe muito bem a partir de quando se deveria começar a contar... embora a maioria dos

videntes considere que o fim da conta chega nos anos 2000! Reencontra-se a fórmula na profecia de La Salette (19 de setembro de 1848):

«*Chamo os Apóstolos dos últimos tempos, os fiéis discípulos de Jesus Cristo, que viveram (...) na pobreza, na humildade, no desprezo e no silêncio (...), na União com Deus (...). Combatei, filhos da luz, vós, o pequeno número que aí vedes (claro); pois eis o tempo dos tempos, o fim dos fins.*»

A profecia de La Salette, reconhecida oficialmente pela Igreja, o que é raríssimo, foi muito discutida. Para mim, soa a «verdadeiro», apesar do seu estilo de São Sulpício do século XIX (indispensável na época: Allan Kardec escreve neste mesmo estilo!). Como o leitor poderá verificar recorrendo aos anexos no fim do livro, a profecia já começou amplamente a realizar-se...

Os videntes europeus dão muitos pormenores...

Mas voltemos à nossa vidente de Nantes, Marie-Julie Jahenny:

«*Quando, numa fria noite de inverno, o trovão roncar a ponto de fazer tremeluzir as montanhas, então fechai muito depressa portas e janelas (...) Queimai velas benta, recitai o terço. Perseverai três dias e duas noites. Na noite seguinte, o terror acalmar-se-á. Após o horror desta longa obscuridade, com o dia a nascer, o Sol aparecerá.*» (Mensagem dada um pouco antes de 1938. Op. cit.)

«*Apenas velas de cera benta poderão dar luz durante esta horrível obscuridade. (...) Os relâmpagos penetrarão nas vossas moradas, mas não apagarão a luz das velas bentas. Nem o vento, nem a tempestade, nem os sismos as poderão apagar.*» (Op. cit.)

Coloquei-me longamente questões sobre a qualidade intrínseca das «velas bentas». Bentas por quem, como, quando? Encontram-se ainda padres que aceitem abençoar uma vela? Havia outrora na Igreja Católica uma festa especialmente consagrada a esse uso, era a Candelária (2 de fevereiro). Mas quem é que vai ainda fazer abençoar uma vela nesse dia? E depois tudo isto é muito bonito para os católicos. Os outros devem perecer porque não tiveram velas bentas? Nisso não creio de todo. Marie-Julie Jahenny, vivendo num país totalmente católico, utiliza a sua tradição litúrgica (um pouco como Cayce que, dirigindo-se a ouvintes protestantes americanos, utiliza a linguagem bíblica que eles conhecem). Na maioria das religiões, acendem-se velas cuja chama simboliza, seja a presença divina, seja a fé ardente de quem reza. Na tradição céltica, ela atrai os espíritos do fogo, que são os servos do Altíssimo e assistem, ou inspiram, quem reza. Por outro lado, em período de perturbações - tempestade, guerra civil ou invasão -, a primeira das calamidades é evidentemente a falha de eletricidade!

Acender uma vela é então profundamente reconfortante. Quanto a essa questão de abençoar as velas, parece-me que a coisa importante é o pensamento de amor, a oração com que as podemos envolver - seja qual for a religião. Todos os rituais de tradição são válidos, se forem utilizados numa atitude de oração sincera e com uma intenção justa. Paz às almas de boa vontade, apesar de tudo!

Sempre pensei que as velas seriam mais eficazes... se fossem de verdadeira cera de abelha, à antiga! Cheira tão bem! E, como se verá mais adiante, existe na Tradição uma relação entre a presença divina e os bons odores - relação que Cayce sublinhou [28] Ver tomo II de «O Universo de Edgar Cayce».

Outras mensagens precisam a Marie-Julie que as trevas não se estenderão por toda a França; na Bretanha, ver-se-á um pouco mais claro:

«*Este canto de terra, onde a claridade não se apagará, onde o firmamento sombrio e negro não deixará de modo algum pairar, sobre as vossas cabeças, as suas nuvens afirmativas. Tereis, pois, este canto de céu que conservará a sua beleza e a sua claridade. Mas, um pouco mais longe, não vereis senão trevas; o dia será sem luz.*» (*Le Ciel en Colloque avec Marie-Julie Jahenny*, p. 112)

«*O mais penoso para vós, o mais doloroso, será quando, do firmamento, o Sol tiver caído num lugar sem luz; quando as estrelas começarem a agrupar-se, uma multidão juntas.*» (Ibidem)

Um «agrupamento de estrelas» é (em astrologia e astronomia) uma conjunção. Tratar-se-á da grande conjunção de 5 de maio de 2000 (ver capítulo anterior)? Ou de uma ilusão de ótica devida à mudança de posição da Terra?

«*No princípio deste sinal, pensareis seriamente no escurecimento do Sol. A ira do Meu Filho (é a Virgem que fala à vidente) falará, com tanto brilho, no seu trovão que, mesmo neste reino, as vossas moradas desabarão (...) Tudo tremerá, exceto o móvel onde arder a vela de cera. Agrupar-vos-eis ao redor, com o crucifixo e a Minha imagem benta. Eis o que afastará de vós esse pavor que, durante estes dias, será causa de muitas mortes (...)*

Aqueles que Me tiverem servido bem e invocado, que guardarem na sua morada a Minha imagem benta, Eu guardarei sem dano tudo o que lhes pertence. Durante três dias, protegerei os seus animais famintos, guardá-los-ei, pois será impossível entreabrir uma única porta. A fome dos animais será saciada por

Mim, sem nenhuma comida. O calor do céu será tão abrasador que será insuportável, mesmo nas vossas moradas fechadas. Todo o céu estará em fogo, mas os relâmpagos não penetrarão nas casas onde houver luz (das velas). Não vos assusteis.» (*Les Prophéties de la Fraudais*, p. 234)

A célebre Anna-Maria Taïgi, simples mãe de família romana do início do século XIX, dizia igualmente:

«*Trevas pestilentas, povoadas de visões pavorosas, envolverão a Terra durante três dias (...) O ar será então empestado pelos demónios, que aparecerão sob toda a espécie de formas horrorosas. As velas bentas preservarão da morte, bem como a oração da Virgem.*» (In Michel de Savigny: *La Perspective des Grands Événements*, p. 245)

Mais recentemente, Mamma Rosa, a vidente de San Damiano em Itália:

«*Sede fortes, Meus filhos, pois quando vier esse dia de trevas, tereis a luz. Os outros chorarão, aqueles que não quiseram escutar o Meu apelo! Quando vier esse dia de trevas, tereis o reconforto e eles estarão na angústia!*» (Mensagem da Virgem em San Damiano em Itália, 19 de janeiro de 1968)

A vidente dizia que tinha visto esses dias de trevas, em que:

«*Tudo era tão obscuro... tão obscuro, de uma obscuridade impossível de dizer.*» E transmitia as palavras de Nossa Senhora;

«*Quando sentirdes grandes abalos, quando virdes essas grandes trevas, levantai os olhos ao céu e, de mãos estendidas, pedi piedade e misericórdia. Recitai o "Salve Regina", recitai o "Credo".*» (Mensagem de 26 de maio de 1967)

«*Quando estiverdes nas trevas, na obscuridade, uma obscuridade que já não compreendereis, chamai-Me, chamai-*

Me!» (8 de setembro de 1967, in *Présence de la Très Sainte Vierge à San Damiano*, Nouvelles Éditions Latines, Paris)

Mamma Rosa, que eu vi, era ela também uma mulher muito simples. Seguramente não copiou estas mensagens de Cayce (desconhecido na Europa nessa data) nem aliás de quem quer que fosse, estou intimamente convencida disso! Dito isto, a oração, que aconselham todos estes videntes, é um belo esforço, mas não basta:

«*GUARDAI-VOS BEM DE REZAR NUMA DIREÇÃO E DE AGIR NOUTRA. SEDE LÓGICOS - E PERSEVERANTES.*» (Leitura 3976-20)

Outra mensagem, muito discutida, é *L'Évangile* dado em Arès, em 1974, a um padre ortodoxo francês (Arès fica na bacia de Arcachon). É um texto extraordinário, transportado por um sopro potente:

«*Com um gesto, Pararei o astro debaixo dos vossos pés, Já não haverá dia nem noite*» (página 134).

«*Assim, pararei os dias e as noites Suspenderei os invernos e os verões, O curso dos Meus rios parará Para que já não se despejem Nas falhas da Terra Que rejeitarão os espectros*» (página 150).

(*La Révélation d'Arès*, Maison de la Révélation, 33740 Arès.)

Infelizmente este texto percutente é enfraquecido por uma exegese clerical que faz apreciar, em contraste, os videntes sem pretensões intelectuais...

Enquanto astróloga, fiquei impressionada pela primeira linha acima: de noite, onde é que passou o Sol? «Debaixo dos vossos pés», nos « antípodas » (é isso que a palavra quer dizer!)? Ele ilumina o outro hemisfério enquanto nós dormimos. Se ele parar lá em baixo, a noite vai prolongar-se... Em astrologia, é o Sol no «Fundo-do-Céu», expressão muito bonita para indicar a posição

do Sol à meia-noite (em astronomia, é o «nadir»). Quanto à perturbação dos cursos de água, isso faz parte de um conjunto de fenómenos geológicos que acompanharão as trevas: tempestades, furacões, sismos, maremotos, canículas pavorosas, etc., aos quais se adicionarão aparições aterrorizadoras. Estamos aviados! E todos os videntes são unânimes, seja qual for a época ou a nacionalidade. Há unanimidade!

A descrição dos fenómenos físicos evoca um trabalho da Terra, de que o «desaparecimento» do Sol é apenas a consequência. Este trabalho da Terra é mesmo o que prevê Cayce. Mas, à diferença de muitos outros videntes, dá uma chave que permite reagrupar o conjunto dos fenómenos previstos em redor de uma explicação racional: a inclinação dos polos. Veremos mais adiante, e com mais pormenor, as consequências.

Mais recentemente, em 1981, a vidente espanhola do Escorial, Maria Amparo, estigmatizada como Marie-Julie Jahenny, dizia:

«*Virá sobre a terra uma obscuridade intensa que durará três dias e três noites. Nada será visível. O ar tornando-se pestilento e nocivo prejudicará, embora não exclusivamente, os inimigos da religião. Durante estes três dias de trevas, a luz artificial será impossível. Apenas as velas bentas arderão durante estes três dias. Os fiéis deverão permanecer nas suas casas a rezar o Terço e a pedir a Deus misericórdia.*» (In *Le Repentir mondial*, Éd. Résiac, 1987)

A vidente do Escorial ignorava, quando deu esta mensagem, a existência de outras profecias análogas, entre as quais a de La Salette, no entanto conhecida. Não se pode acusar os videntes de «combinarem entre si»; muitos, em Fátima, em La Salette, em Garabandal, são crianças de famílias pobres, sem instrução, cujo universo parece limitado à sua aldeia. Era também o caso de

Marie-Julie Jahenny. Em geral, ignoram as profecias anteriores a eles ou dadas em outros países.

Por fim, há videntes adultos, mais informados, como Anna-Maria Taïgi, Arthur Ford, o Mestre Philippe, Marthe Robin, Jeanne Ramonet (a vidente de Kérizinen) ou o Padre Pio, que estão noutro caso: a sua vida, dando um testemunho de seriedade e de fé vivida, poderia ser considerada como um garante da sua honestidade intelectual. Quanto a Cayce, está em ambos os casos ao mesmo tempo: a dignidade da sua vida exclui que se suspeite dele de charlatanismo - e não se pode também acusá-lo de ter plagiado os nossos videntes; homem simples e sem instrução, nunca tendo saído do seu país, ignorava as profecias do mundo católico europeu (o único vidente da Europa que conhecia era o seu contemporâneo Rudolf Steiner, na Suíça. Não encontrei nenhuma menção, nas leituras de Cayce ou na sua correspondência, dos videntes que cito).

A Bíblia também...

Termino este rápido sobrevoo de algumas profecias com citações da própria Bíblia. Para começar, eis aquela que Cayce retomou na leitura 3976-15:

«*Pois haverá então uma grande aflição, como não houve desde o princípio do mundo até esse dia (...) Logo após, o Sol escurecerá, a Lua perderá o seu brilho, as estrelas cairão do céu e as potências dos céus serão abaladas.*» (Evangelho de Mateus, XXIV, 15-29)

Que o Sol deva escurecer e até desaparecer provisoriamente, já o vimos. Que a Lua perca o seu brilho, poder-se-á explicá-lo pela densidade das nuvens tóxicas (devidas, seja à poluição, seja à guerra atómica ou química, seja a fenómenos meteorológicos ainda inexplicados)? Todas as profecias fazem uma distinção entre o Sol e a Lua; esta tem uma marcha muito

rápida no céu, está-nos ligada diretamente; visto que é o nosso satélite, seguirá ela a Terra nas suas loucas errâncias?

Quanto às estrelas «que caem do céu», há para mim duas explicações possíveis: seja uma colisão com outro corpo celeste, hipótese prevista por Velikovsky; seja, inclinando a Terra no seu eixo, a mudança de perspetiva ótica na nossa visão do céu. Se a Terra sair da sua órbita habitual (ver leituras de Cayce mais atrás), veremos as estrelas sob outro ângulo: mudarão aparentemente de lugar à medida dos deslocamentos da nossa esfera de observação. Quanto às potências dos céus «que serão abaladas», não via de todo, outrora, o que podia significar este versículo. Com as chaves dadas por Cayce, parece-me mais claro hoje. Dir-se-ia antes: «os mecanismos celestes serão desregulados». Pois, na visão cayceana do Cosmos, tudo se segura e a Terra é solidária com os outros planetas. Parece lógico que o nosso calhau não possa ir por aí fora sem perturbar este gigantesco campo magnético que é o nosso sistema solar... A Terra, recetáculo da negatividade dos homens, ter-se-á tornado o desmancha-prazeres do Espaço?

Pode ler-se igualmente no Evangelho de Lucas (XXI, 25):

«*Haverá sinais no Sol, na Lua e nas estrelas.*» E XXI, 11: «*Haverá fenómenos pavorosos no céu.*» Alguns videntes falam da aparição de um segundo sol no céu [29] Ver, de Guy Tarade: «La Lémurie», Éd. Robert Laffont, p. 110..

Para outros, seria apenas um grande asteroide. A vidente de Garabandal, a pequena Conchita, falava do « Aviso » que viria, e cuja natureza não devia revelar, exceto que se chamava por um nome que começava por « A » (« Astro » em espanhol - isto é, «astre» / «astro»?). Mas isso precederia a aparição de «um novo céu e de uma nova Terra», diz o Apocalipse (XXI).

Com certeza, este último versículo foi interpretado «no plano simbólico» por teólogos retorcidos, hábeis em fazer falar um texto no sentido que menos os incomoda! Pode também tomar-se num sentido concreto, real: «um novo céu», não seria um céu onde se verão novas constelações? Aquelas que conhecemos atualmente formam «figuras» no céu: o Leão, o Escorpião, o Cão Maior, o Navio Argo, etc. Na realidade, as diferentes estrelas de uma mesma constelação podem estar muito afastadas umas das outras. Elas só são vizinhas vistas da Terra, por um efeito de ótica. Se a Terra se deslocar no Espaço fora da sua órbita, essas mesmas estrelas serão vistas numa perspetiva totalmente diferente. Regrupar-se-ão formando figuras novas. Cayce dizia-o na leitura 5748-6, a Ursa Menor muda pouco a pouco de contornos. O nosso valente Carro, modelo pré-histórico, ganhará com isso um perfil de corrida? A «Fórmula 1» celeste? Se a Ursa Menor muda de aspeto, evidentemente a Maior também, e todas as nossas constelações, zodiacais ou não. Já não as reconheceremos. Vai ser preciso rebatizá-las... Que trabalho para os astrónomos astrólogos do século XXI!

Que o meu leitor não vá julgar que dou aqui todas as profecias existentes. É impossível. Há bem vinte anos que trabalho nisto, e descubro sempre novas! Muitas não foram publicadas e ficaram desconhecidas. A maioria dos videntes vai fazer tiragens confidenciais, em obscuros impressores-editores. Os videntes são raramente pessoas do mundo das letras, do jornalismo ou da edição. É por isso que têm em geral a maior dificuldade em dar-se a conhecer (o próprio Cayce...). O circuito clássico, até uma data muito recente, era o seguinte: o vidente, cheio de angústia, confiava-se a um confessor. Que fazia entregar o manuscrito ou as notas. Que transmitia estes ao bispado... Que enterrava o assunto! Raros eram os bispos bem

dispostos, que ordenavam um inquérito benevolente e autorizavam a publicação das profecias. A perseguição dos videntes foi sempre a regra absoluta. Mesmo Cayce! (É precisamente por isso que Nostradamus, o mais inteligente, o mais instruído de todos, se tinha dado ao trabalho de cifrar as suas visões.)

[27] *Cayce fez este sonho numa viagem de comboio.*

[28] *Ver tomo II de «O Universo de Edgar Cayce».*

[29] *Ver, de Guy Tarade: «La Lémurie», aqui traduzido.*

Não deveríamos pensar que as profecias só existem no mundo ocidental, ou na tradição católica: de todo! Dou aqui, é verdade, muitos trechos de profecias feitas por videntes europeus e católicos. Mas é no fundo para responder ao espanto sincero dos meus amigos de Virginia Beach, quando lhes dizia que as profecias de Cayce tinham o seu equivalente entre nós, e que tínhamos «at home» alguns profetas notáveis... Houve-os no mundo inteiro - e atualmente ainda. Por exemplo, no Médio Oriente, certos videntes árabes [30] (cristãos e muçulmanos) são avisados dos acontecimentos futuros. Viram-se ali aparições, como as do Cairo [31], por exemplo, em Zeitoun em 1968, das quais mais de cem mil pessoas podem testemunhar. (Vi as alucinantes fotos!...)

Em todas as grandes religiões do mundo, há videntes e profecias. E, como é evidente, profetas que não pertencem a nenhuma dessas religiões. Na verdade, todos os grupos espirituais reunidos em torno de um iniciador de qualidade beneficiam de uma informação profética sobre os acontecimentos vindouros [32]. Eu próprio, por exemplo, conheci de perto o ensino profético de Marthe Robin, em Châteauneuf-de-Galaure. Ela descrevia os «Grandes Acontecimentos» que surgiriam alguns anos após a sua morte

(ela morreu em 1981). Mas as suas profecias não foram publicadas. Era apenas um ensino verbal, perfeitamente coerente com Cayce, o Mestre Philippe, Nostradamus, Arthur Ford, La Salette, Fátima, ou Marie-Julie...

Todas estas profecias são «autênticas»? Não há verdadeiramente necessidade de andar às caturradas por causa disso. Não há senão que interrogar-se, honestamente, sobre o conteúdo. Se se parece com tudo o que já conhecemos de sério (a começar por Cayce), porquê recusar? Há coisas que nos tocam direto ao coração: sabe-se que são verdadeiras, sem precisar de ninguém para no-lo dizer: «Todo o homem, mesmo aquele que nunca recebeu a Minha Palavra (...) mesmo aquele que Me rejeitou antes de Me conhecer, sabe Quem Eu sou e quando Lhe falo» afirmava o Cristo em Ares (op. cit.). E Cayce:

«EIS QUE ENTRAMOS NUM PERÍODO EM QUE CADA UM DEVERÁ INTERROGAR-SE SOBRE A SUA RELAÇÃO COM DEUS.» (Leitura 3976-14)

Eis porque, atualmente, as mensagens se multiplicam!

Recordemos, para terminar este capítulo, as declarações da Virgem em Kérizinen a 18 de fevereiro de 1961 [33]:

«As profecias sempre existiram na Igreja de Deus. O Antigo e o Novo Testamentos contêm muitas e elas são de fé. O espírito profético é inerente à Igreja católica; assim, não crer nos profetas e nas aparições em geral, mesmo modernas, é recusar a Deus o direito de falar e de se manifestar (...)

Deus, pelos Seus enviados, não tinha anunciado o Dilúvio, o incêndio de Sodoma, o cativeiro de Babilónia, bem como a ruína de Jerusalém (...)?

Certamente, as profecias de desgraça são sempre condicionais. Não são mais do que ameaças paternais da parte de Deus para vos forçar a voltar a Ele (...).

Que, sobretudo, padres e bispos, lembrando-se de que são as sentinelas do povo de Deus, façam um dever de consciência de mostrar a tempestade da Justiça divina. Ela rebentará certamente, cedo ou tarde, sobre as nações ímpias. Porque as nações, não tendo eternidade, devem ser punidas cá em baixo, visivelmente.

Apesar dos grandes avisos do século passado, estará o povo mais submetido a Deus, mais religioso e melhor? Infelizmente! Não (...)

Não hesiteis pois: concedei aos avisos celestes todo o respeito devido a uma mensagem divina.»

Pois:

«ALGUNS COMPREENDERAM BEM QUE IRÃO SURGIR CRISE DE OUTRA ORDEM; QUE MUITAS PURIFICAÇÕES SERÃO NECESSÁRIAS, A TODOS OS NÍVEIS.» (Leitura 3976-18)

O Espírito sopram onde quer, rindo-se perdidamente das etiquetas em «ismo», como diz Cayce. Seja qual for a religião do vidente que dá a mensagem:

«O HOMEM DEVERÁ APRENDER - SE QUER ENFIM CONHECER A PAZ PROMETIDA POR DEUS - QUE ESTE AMA TODOS OS QUE O AMAM, SEJA QUAL FOR A SUA ETIQUETA OU A SUA PERTENCE A ESTA OU ÀQUELA RELIGIÃO EM "ISMO".» (mesma leitura)

4

UM NOVO ESQUEMA CLIMÁTICO...

Por que razão temos estações?

Se a Terra deve em breve bascular no Espaço, como diz Cayce (assim como um número crescente de geofísicos modernos), as estações vão mudar. As estações dependem da posição do nosso planeta perante o Sol. É porque ela está ligeiramente inclinada na sua órbita (entre 22 e 24 graus) que há estações. Se o eixo de rotação da Terra (isto é, o eixo dos polos) estivesse em ângulo reto com a Eclíptica, não haveria estações. O Sol enviaria todo o ano os seus raios sob o mesmo ângulo, logo com a mesma intensidade.

A repartição do quente e do frio (e até aos polos onde se tem seis meses de noite) e a desigualdade da duração dos dias e das noites dependem desta posição «em vieses» da Terra na sua órbita. No momento atual, esta posição é relativamente estável (ainda que o eixo dos polos não seja absolutamente fixo, e que se tenham notado diferentes variações neste mecanismo). Enquanto a Terra mantiver a mesma inclinação na sua órbita, temos as mesmas estações. É o que nos permite esperar em toda a serenidade o regresso das andorinhas. Quando vejo a neve acumular-se nas minhas janelas no inverno, digo para mim que é precisa muita fé para crer ainda que a primavera voltará! Até agora, voltou sempre...

Mas Cayce deixa entender que isso não vai durar! A Terra vai mudar de posição no Espaço - e não se sabe como ela se vai reencontrar, logo como as nossas estações vão ser de novo repartidas. Na famosa leitura 3976-15 [34], Cayce dá uma indicação:

«ENTÃO CHEGARÁ A INVERSÃO DO EIXO DOS POLOS, QUE TERÁ COMO CONSEQUÊNCIA QUE OS PAÍSES DE CLIMA FRIO E SEMITROPICAL SE TORNARÃO TROPICAIS.» (Leitura 3976-15, janeiro de 1934)

O peso dos gelos

Como veem, Cayce não tem medo de nada! Preparem o vosso guarda-roupa... Ele continua, um pouco mais à frente:

«ÁGUAS LIVRES APARECERÃO NO NORTE DA Gronelândia.» (mesma leitura)

Quando li esta leitura no Simpósio de Shawinigan [35], era preciso ouvir os gritos de alegria! Por muito habituados que estejam aos seus «hectares de neve», os canadianos acham por vezes que o inverno é bastante longo... Viram onde estava o «norte da Gronelândia» no mapa? Mais a norte, não se faz: é a porta ao lado do polo! Este encontra-se no meio de um oceano misterioso, que nunca se vê, porque está coberto por uma tampa: a «calota glaciar», que flutua sobre as águas negras do oceano Glacial Ártico. Na boa estação, ela derrete nas bordas, e os pedaços que dela se desprendem são os sinistros icebergues, de triste memória. O banquisa prolonga-se sobre a Gronelândia por um gigantesco glaciar, o «inlandsis». Há provas de que em certas épocas ele não era tão extenso: deixava aparecer «terra verde», pois tal é a tradução da palavra Gronelândia. É também o que se pode ver nos famosos mapas antigos (de Piri Reis, de Orontus Finnaeus, e de muitos outros) analisados pelo Prof. Hapgood. Portanto, o gelo vai e vem, ele já derreteu - e derreterá ainda. É o sentido da frase de Cayce.

Para que apareçam «ÁGUAS LIVRES», onde há atualmente uma crosta de gelo de várias centenas de metros de espessura, é preciso que a banquisa tenha derretido e que os polos tenham basculado. Cayce nunca procurou dissimular que os basculamentos da Terra se acompanham sempre de perturbações climáticas! Ele fala disso quando conta a história da Atlântida, em particular na leitura 5249-1 (ver mais acima), onde explica a destruição instantânea dos grandes animais pré-históricos por um basculamento dos polos, 50 000 anos antes da nossa era:

«O GELO, A NATUREZA, DEUS MUDARAM O EIXO DOS POLOS, E OS ANIMAIS FORAM DESTRUÍDOS [36].»

Cayce atribui portanto, se li bem, o basculamento dos polos ao gelo... Não é poesia pura, é uma teoria científica (que Cayce acordado ignorava, o coitado!) que volta a ganhar favor. O primeiro que dela tinha falado era Wegener, o pai da «deriva dos continentes [37]» - que tinham muito criticado no seu tempo. Mais tarde, o geólogo Hugh Auchincloss Brown e o sábio iugoslavo Milutin Milankovitch retomaram a teoria (melhorando-a, como se faz sempre!). Milankovitch até lhe deixou o seu nome. Segundo esta teoria, portanto, se o clima arrefecer, o gelo acumula-se num dos polos. O peso do gelo pode tornar-se tão enorme que arrisca desestabilizar a Terra, trazendo o seguinte cenário: desestabilização progressiva dos climas - basculamento da Terra no espaço (acompanhado de gigantescos sismos) - restabilização da Terra noutra posição perante o Sol - e renovação completa da distribuição dos climas... como diz Cayce! Mas se Paris já não estiver a 48° 50' de latitude Norte, para onde vamos? (E eu, como astrólogo, como é que vou montá-las, as minhas cartas do céu?) Será que nos vamos reencontrar de cabeça para baixo? O Mestre Philippe dizia, a 28 de março de 1897:

«Num século, um cataclismo produzir-se-á, na sequência do qual (...) a Terra terá girado, e nós estaremos para os lados do polo Sul.»

Tenho uma imensa admiração pelo Mestre Philippe de Lião de quem falei mais acima e creio nas suas profecias! O reverendo Arthur Ford, por seu lado, via o novo eixo dos polos espetar o nosso planeta da América do Sul ao Pacífico Norte — mas sem pormenores.

«O efeito de estufa» e as suas consequências desastrosas

Está a passar-se atualmente um fenómeno muito, muito inquietante. Os sábios constatam que o tempo está a mudar. Em maio de 1974, o Congresso internacional de climatologia, que se realizava em Bona e reunia especialistas do mundo inteiro, declarou em conclusão dos seus trabalhos: «Novos esquemas climáticos estão a aparecer. Esta mudança de clima representa uma ameaça para o mundo (...) e faz temer colheitas desastrosas num futuro próximo.»

Vê-se o que se passa no Sahel, onde a seca já fez vários milhões de mortos... Efetivamente, se mais água for armazenada no polo Norte sob a forma de gelo, é menos essa água que cairá sob a forma de chuva nas regiões quentes. O lençol freático em certos países (isto é, o horizonte das águas subterrâneas) está em baixa. Alguns geólogos estimam que existe uma correlação entre a baixa do nível das águas subterrâneas e a frequência dos sismos. A água suavizaria as tensões e serviria de lubrificante...

É certo - e numerosos cientistas o constataram - que o Homem tem culpa no desequilíbrio dos climas: destrói as selvas equatoriais e tropicais e as florestas do Grande Norte para delas fazer papel, produtos químicos, etc. Destrói as savanas, as urzes, os matagais, as charnecas, para aí construir cidades, autoestradas e parques de estacionamento. O betão é uma lepra que mata a Terra. Na Europa, o que vemos já é dramático, mas como o espaço é restrito, logo caro, presta-se atenção. Nos Estados Unidos, o betão toma proporções tais que se fala da «selva de betão» («concrete jungle»). É inimaginável quando não se viu: a sumptuosa natureza americana, que encantava Chateaubriand, é uma pele de lixa que encolhe de ano para ano. Em breve, não será mais do que uma recordação...

O efeito de estufa: os gases rejeitados para a atmosfera pelas fábricas e pelos tubos de escape dos veículos criam uma

espécie de «teto» que bloqueia a radiação normal do calor terrestre. O ozono desaparece.

Além da destruição da Natureza, o homem polui a atmosfera. As nossas florestas estão a morrer. O óxido de carbono, e os outros poluentes rejeitados para o ar, criam o que se chama «o efeito de estufa». Vê-se isso muito bem nas zonas industriais, onde a atmosfera é opaca e a temperatura mais elevada do que na campanha circundante: é que a radiação terrestre está por assim dizer «encravada» perto da superfície do solo, a muito baixa altitude. Esta «estufa quente» encerra-nos numa nuvem de resíduos tóxicos (responsáveis em grande parte pelas doenças da civilização). Destrói também o ozono, gás indispensável às trocas bioquímicas no planeta; o que contribui certamente para desequilibrar os mecanismos climáticos, baseados na troca dos elementos; como diz muito bem Cayce, na leitura que dei mais acima (leitura 270-35) sobre as causas dos sismos, que atuam:

«SOBRE OS ELEMENTOS TERRESTRES, DITO DE OUTRO MODO A TERRA, O AR, O FOGO E A ÁGUA.»

Ora, o clima não é senão uma combinação destes quatro elementos tradicionais, que se associam para dar o vento, a chuva, a neve, o raio, etc. A perturbação das trocas na atmosfera é o contragolpe do aquecimento artificial dos países industriais. Eis uma leitura de Cayce muito clara a este respeito:

Será que a teoria de Herbert Janvrin Browne, segundo a qual o tempo pode ser previsto com vários anos de antecedência medindo a radiação solar e a sua ação sobre as correntes marinhas, está correta?

«SE AS DIFERENTES IMPLICAÇÕES DESTA TEORIA FOSSEM APRESENTADAS AQUI, VER-SE-IA QUE ELA NÃO ESTÁ CORRETA. PORQUE EIS O QUE SE PODE ESTABELECER, EM TEORIA: TUDO O

QUE É EMITIDO REGRESSA AO SEU PONTO DE PARTIDA. O MESMO ACONTECE COM O QUENTE OU O FRIO, QUE SÃO EMITIDOS PELA RADIAÇÃO TERRESTRE SOBRE AS DIFERENTES PARTES DO GLOBO. É ESTA RADIAÇÃO QUE, INTERFERINDO COM A REFLEXÃO DA ATMOSFERA TERRESTRE, MODIFICA AS CORRENTES MARINHAS; E AS ÁGUAS TRANSPORTAM COM ELAS ESSE QUENTE OU ESSE FRIO, DE CERTA FORMA, ATÉ ÀS DIFERENTES MARGENS.» (Leitura 195-29, dada em 1926)

E eis como modificamos os nossos climas, modificando a radiação emitida pela Terra. Corremos para a catástrofe, mas o nosso «establishment» não quer saber. A Virgem em La Salette tinha dito: «As estações serão mudadas» (em 1848) - mas ninguém tinha compreendido. É Cayce quem no-lo explica! O basculamento dos polos, que teremos provocado, trará portanto, além dos três dias de trevas, fenómenos meteorológicos tão incómodos quanto esquisitos: violentas tempestades, ventos de uma força incrível, inundações gigantescas, erupções vulcânicas, sismos, maremotos... e todo o sinistro cortejo da fome e da doença. Tudo está anunciado misturado para o «Fim dos Tempos», chamado «Ragnarôk» (isto é, «Crepúsculo dos Deuses») pelas «Eddas», antigas tradições escandinavas. Eis como estas o descrevem [38]:

«Então Ganglari disse: "Que há a dizer do Ragnarôk? Nunca ouvi falar dele até agora."

Har disse: "Há muitas coisas, e grandes, a dizer sobre ele. Primeiro, que chegará um inverno, que se chama fimbulvetr (o terrível inverno). Então torvelinhos de neve cairão de todos os lados do vento. Haverá frio negro e ventos mordazes, e o Sol não brilhará. Haverá três invernos seguidos, e nenhum verão entretanto. Mas primeiro virão os outros três invernos onde haverá grandes batalhas no mundo inteiro (...) Depois ver-se-á algo de extremamente notável: o lobo engolirá o Sol, e os

homens descobrirão que isso lhes traz grande prejuízo. O outro lobo engolirá a Lua, e isso também será de grande detrimento. As estrelas desaparecerão do céu. É preciso também mencionar que o solo e todas as montanhas tremerão com força, que as árvores serão arrancadas pela raiz, que os montes se desmoronarão, e que todas as correntes, todas as amarras se romperão e serão arrancadas. O mar transbordará sobre a terra..."»

Como se vê, as Eddas preveem também a Terceira Guerra mundial (que veremos mais adiante) e que precederá o basculamento dos polos!

Eis, para terminar, um trecho das mensagens que Max-Getting ditava à sua mulher Suzanne - após a sua morte -, e que são muito interessantes porque contêm profecias de caráter científico:

«Atualmente, a vida no Espaço transforma-se: a atmosfera está desregulada por causa da grande perturbação trazida às ondas, por todas as aplicações modernas da eletricidade. As transmissões por ondas sem fios tomam uma quantidade enorme da energia natural que se encontra no Espaço, e os aviões deslocam as correntes fluídicas.» (Suzanne Max-Getting, Les Missionnaires de l'astral, Éd. Leymarie, p. 98)

A mensagem data de 1929: que diria ele agora!

5

A TEMPESTADE, OS GRANDES TEMPORAIS E O DILÚVIO

A minha avó, de origem italiana e até genovesa (dos Bixio), tinha embalado a minha infância com os célebres versos de Dante Alighieri:

«Ahi, serva Italia,

Di dolore ostello

Nave senza nocchier

Ingran tempesta...» [39]

Pensava sempre nessa «gran tempesta» - porque Dante era um iniciado, e a Divina Comédia uma recolha de profecias. Pensava nisso ainda quando os meus filhos dançavam ao som de uma samba: «Ai, ai, ai, Senhor meteorologia...», evocando esse deus dos ventos que sopram nos mapas marítimos. Os Antigos estavam certos de que havia um deus dos ventos que «respondia» pelo nome de Éolo. Sob as suas ordens sopravam os ventos locais, senhores de menor importância, como o Aquilão, Bóreas, os Zéfiros...

Os videntes de Findhorn [40] contaram como tinham identificado o que chamaram um «Deva», dito de outro modo um anjo (sob a etiqueta indiana, fica «na moda»!). Afirmaram que há de facto um anjo que comanda a meteorologia, assistido por anjos secundários que se ocupam de cada vento em particular. É exatamente o que diziam as velhas lendas dos marinheiros gregos e celtas. Ora esses espíritos da Natureza, esses anjos do «Tempo-que-faz», nós zangámo-los. E gravemente. Como diz Max-Getting, na mensagem que citei mais acima, perturbamos o seu trabalho... E agora corremos o risco de colher a tempestade!

Uma meteorologia descorçoada... Os videntes europeus falam muito disso: «Um trovão assustador anunciará a hora da Sua ira (trata-se da Divina Justiça)... Vi tudo isso com os olhos abertos. A Terra estrondava com um ruído formidável de trovão. E os animais: corços, lebres e pássaros fugiam à pressa. Depois, qual imenso véu ou nuvem, veio uma noite de uma escuridão profunda (...) (Trata-se dos famosos três dias de trevas, de que acabamos de falar.) Trevas assustadoras envolverão a Terra.

Soube que devia escrever o que assim tinha vivido.» (Maria Graf, vidente suíça de Appenzell, em 1953, v. bibliografia) «No meio destas trevas, haverá uma terrível tempestade: as árvores mais profundamente enraizadas serão abaladas. Ao sair destes três dias, não encontrarão senão cadáveres (...) A Bretanha terá também os seus três dias de luto, mas a tempestade aí será menos forte do que noutros lados» (Les Prophéties de la Fraudais, op. cit., p. 242) diz Marie-Julie Jahenny, a estigmatizada de Blain, perto de Nantes, que dá estes pormenores. As Escrituras seriam igualmente pessimistas sobre a meteorologia: «Que aqueles que estiverem na Judeia fujam para as montanhas, que aqueles que estiverem no interior das cidades se afastem delas, e que aqueles que estiverem nos campos não entrem neles!» (Evangelho de Lucas, XXI, 2) Tinha lido muitas vezes esta passagem sem compreender bem por que razão se deveria fugir para as montanhas. Foi ao ler as mensagens do reverendo Arthur Ford (em vida um grande médium, que, desde a sua morte em 1971, se manifesta à jornalista americana Ruth Montgomery [41]), que comecei a compreender. Ford diz em substância que a Terra será percorrida por ventos muito violentos, de uma força inaudita, que arrancarão tudo à sua passagem.

Estima que só serão poupados aqueles que se puderem refugiar... «nas montanhas» (como diz o Evangelho de Lucas) ou pelo menos numa região de colinas (visto que estas cortam o vento) e, de qualquer modo, em grutas e cavernas. Uma sorte para nós, que temos, na Europa Ocidental, montanhas e colinas por todo o lado! Grutas também, aliás, desde os trogloditas em tufo do Vale do Loire, até às cavernas da Dordonha. Será para escapar a este género de cataclismo que os nossos antepassados ocuparam as grutas de Eyzies? Poder-se-ia pensá-lo segundo certas leituras de Cayce. Por exemplo, a data que ele dá para um basculamento dos polos por volta de 50 000 antes da nossa era

(leitura 262-39) corresponde bem às datações pelo carbono 14 de certos restos pré-históricos, animais e humanos, da Dordonha ou dos Pirinéus.

Mas nas vastas extensões planas das duas Américas - e em particular nas Grandes Planícies nos Estados Unidos -, nada trava o galope dos furacões. As cidades americanas são tanto mais vulneráveis quanto construíram alegremente muitos arranha-céus. Estes oferecem uma resistência ao vento, que os destruirá num ápice... E nós que tivemos a tolice de os imitar! (Copiamos todas as loucuras da América, mas não, infelizmente, as suas qualidades!) Sempre que passo ao largo da torre Maine-Montparnasse, sinto um mal-estar. Ouço Cayce dizer-me que ela está «doomed», isto é, condenada. Por que razão o basculamento do eixo dos polos deve perturbar os ventos? É porque a circulação geral dos fluídos, dos líquidos e dos gases, à superfície da Terra, é normalmente desviada segundo a «força de Coriolis». Esta faz circular as grandes correntes marinhas, e aéreas, no sentido dos ponteiros do relógio, no hemisfério Norte, e em sentido inverso no hemisfério Sul (em termos gerais). O fluxo e refluxo da maré, os ventos circulam assim nela. Ora a «força de Coriolis» nasce do movimento de rotação da Terra sobre o seu eixo. Imagine que este movimento hesita, para, recomeça noutro sentido...

Vê a grande confusão? Os mares vão sair da sua bacia! Maremotos e inundações não podem senão seguir-se, sem contar com a confusão na circulação atmosférica. É exatamente o que anunciam os videntes. Na atual distribuição dos climas, fomos favorecidos: a Europa ignora os terríveis «hurricanes» do Atlântico tropical, e os seus congéneres «typhoons» dos mares da China. Na mesma equipa, os «blizzards» do Ártico não são nada maus também: nada os trava nas imensidades planas da banquisa; nem os «quarenta rugidores», que, quando querem

ser simpáticos, se chamam também «os Grandes Frescos de Oeste» (em redor do polo Sul). Estabelecidos pela graça de Deus nas latitudes médias, escapamos a todos estes terrores. Mas se a Terra der a volta, precisaremos de muita flexibilidade para nos adaptarmos a ela...

Os grandes temporais e os estragos do trovão. Os videntes franceses sempre insistiram particularmente nos temporais: «Os estrondos do trovão abalarão a Terra. Relâmpagos sinistros sulcarão as nuvens, numa estação em que nunca se produzem.» (Marie-Julie Jahenny, op. cit., p. 239) Estes temporais, que devem acompanhar o tempo do basculamento da Terra, terão sido provocados por uma egrégora de pensamentos negativos: «Por esta falta de união e de caridade (...) ser-se-á responsável pelo enorme trovão que grundirá ao longe, com um ruído espantoso.» (Ibidem, p. 234, 1879) «Meus filhos, (...) no momento em que estrondear o trovão, fugi de debaixo e retirai-vos para as vossas moradas; os estalidos deste trovão serão tão diferentes dos do passado que todos os Meus filhos (...) reconhecerão neles uma voz de justiça e de ira, tal que muitos serão tomados de espanto.» (Ibidem, p. 269, 5 de agosto de 1880)

Mas, como sempre, Marie-Julie vê o oeste da França relativamente protegido, e pessoas que escaparão aos temporais: «Na Bretanha, (...) os relâmpagos serão fracos, os estrondos de trovão ligeiros.» (Ibidem, 1881) «O trovão e os relâmpagos farão grandes estragos.» (Mamma Rosa em San Damiano, op. cit.) «Haverá trovões que abalarão as cidades.» (La Salette, ver anexo) A religiosa trapista de Notre-Dame-des-Gardes em Angers, que profetizava no início do século XIX, dizia: «Vi o céu tornar-se uma noite profunda... Esta obscuridade foi acompanhada por um trovão, ou antes parece-me que o trovão vinha ao mesmo tempo das quatro partes da Terra.

O céu tornou-se todo em fogo. Fazia-se então um ruído tão terrível que parecia trazer a ruína inteira do mundo.» Marie des Terreaux, vidente lionesa, que viveu de 1773 a 1843, descreve acontecimentos terríveis. Nas suas profecias sobre Lião, nota-se esta frase: «No momento em que Deus começou a exercer a sua justiça, ouvi um estrondo de trovão tão espantoso que a Terra foi por ele abalada.» Quanto a Jeanne-Louise Ramonet, a vidente de Kérizinen (que ainda vive, e que eu vi), dizia em 1948: «Sobre os pecadores enraizados nas suas impenitências, Deus fará subitamente cair o Seu trovão.»

Como se vê, as profecias europeias estão essencialmente de acordo com Cayce - a saber, que é o próprio Homem que, pelo seu mau comportamento, atrai sobre si as catástrofes. A mensagem de La Salette diz isso também: «Ai dos habitantes da Terra! Haverá (...) trovões que abalarão cidades (...) A água e o fogo purificarão a Terra e consumirão as obras do orgulho do Homem, e tudo será renovado: Deus será servido e glorificado.» Nenhuma destas profecias considera contudo que seja necessário desde já morrer de medo. Estão de acordo com Cayce, que a única proteção possível é rezar e trabalhar sobre si próprio para se melhorar:

«MAS NÃO TENHAIS MEDO DO QUE PODE DESTRUIR O CORPO. LOUVAI ANTES A DEUS, E DAI-LHE GLÓRIA, PORQUE ELE PODE SALVAR AO MESMO TEMPO O CORPO E A ALMA. E DAR-VOS A ALEGRIA PARA SEMPRE. EIS COMO DEVEIS REZAR: "SENHOR, EIS-ME AQUI! USA-ME DA FORMA QUE ESTIMES A MELHOR. QUE EU SEJA SEMPRE O QUE TU ME DESTINASTE A SER: UMA LUZ QUE BRILHA NAS TREVAS DAQUELES QUE PERDERAM A ESPERANÇA."» (Leitura 3976-26)

As grandes inundações Estas terríveis tempestades, e estes grandes temporais, devem ser acompanhados por chuvas «diluvianas», logo por inundações. Eis uma citação de

Nostradamus, que, aqui, não precisa de ser «traduzida»: «Os contínuos trovões, granizos, tempestades, e chuvas impetuosas, farão, por torrentes, descobrir antiquíssimas sepulturas e tesouros (...) A grande inundação das torrentes descobrirá ainda coisas graves e admiráveis.» (Nostradamus, Almanach de 1563, in Histoire et Légende du Grand Monarque, Éric Muraise, p. 74, livro de Poche) A citação é tirada de um contexto do «Fim dos Tempos»: trata-se dos acontecimentos que marcarão a época da vinda do «Grande Monarca», de quem falaremos mais adiante. Este deve chegar depois - ou durante - os cataclismos, e pôr fim aos combates da Terceira Guerra mundial. Para esta mesma época, uma quadra das Centúrias evoca: «Para os lados da Aquitânia, por insulanos britânicos Por si próprios grandes invasões Chuvas e geadas farão terroirs iníquos» (II. 1) que dá dois acontecimentos contemporâneos na Aquitânia: ao mesmo tempo uma invasão, vinda da Inglaterra (?) e, de forma clara, o devastar do terroir pelas chuvas e pelas geadas. Noutro lado, Nostradamus diz ainda: «Perder-se por água Nîmes.» (Centúrias, IX, 9) À hora em que escrevia estas linhas (4 de outubro de 1988), a televisão mostrava-nos a cidade de Nîmes completamente inundada sob chuvas diluvianas.

Havia numerosos mortos, e os sobreviventes esperavam os socorristas no telhado das casas, enquanto o gado morto flutuava ao sabor da água... Madeleine Posât, simples rapariga dos campos, cujas revelações foram escritas em 1869, dava como um dos sinais que anunciam o tempo dos «Grandes Acontecimentos»: «as intempéries e as inundações». A Sra. de Meylian, superiora da Imaculada Conceição em Roma, tinha igualmente comunicado uma profecia sobre este período dos «Grandes Acontecimentos» que seria caraterizado por: «inundações e temporais».

A vidente da Fraudais, Marie-Julie, dava ainda uma mensagem convergindo totalmente com Nostradamus (que ela ignorava), em 1882: «Meus filhos, dentro em pouco, nos Alpes (...). Estas terras vão perder-se pela inundação das chuvas do céu (...) As colheitas estarão crescidas já a dois pés do solo; serão arrancadas pela inundação que durará 27 dias, sem diminuir aparentemente. Os animais perecerão com as pessoas, que serão arrastadas no meio destes transbordamentos.» (Les Prophéties de la Fraudais, p. 235) Em suma, um mini-dilúvio (tendo o Dilúvio bíblico durado «quarenta dias e quarenta noites»: Génesis, VII, 4).

O regresso do Dilúvio [42]... Cayce, numa leitura profética, evoca o Dilúvio: «NÃO CREIAIS QUE NÃO POSSAM MAIS ACONTECER ACONTECIMENTOS COMO AQUELES QUE TÃO BEM FORAM CONTADOS [43]: ALGUNS DIAS ANTES DO DILÚVIO, AS PESSOAS ESTAVAM CASADAS, CONTINUAVAM A CASAR-SE; HAVIA OS AGITADOS; HAVIA OS SANTOS. E, NESTES DIAS QUE PRECEDEM O QUE ARRISCA ACONTECER, PODERIA MUITO BEM SER EXACTAMENTE IGUAL...» (Leitura 3976-17) Dito de outro modo, as pessoas estão exatamente tão inconscientes como na época do Dilúvio, e nós estamos exatamente tão ameaçados. A esta frase de Cayce, dita em 1937, faz eco muito curiosamente uma mensagem de Cristo em Dozulé, a 4 de julho de 1975, transcrita pela vidente Madeleine Aumont: «Compreendei bem isto: nos dias que precederam o Dilúvio, as pessoas não desconfiavam de nada, até à chegada do Dilúvio que as levou a todas. Mas, hoje, estais avisados. Viveis o tempo em que vos dizia: "Haverá sobre esta Terra perturbações (...)"

Mantende-vos prontos, porque a grande tribulação está próxima. Digo-vos, esta jovem geração não passará antes que isso aconteça.» Parece altamente improvável que a vidente tenha lido esta leitura de Cayce (que acaba de ser traduzida em

francês, por mim) e cujo texto inglês era até aí impossível de encontrar em França! A vidente, mãe de família de cinco filhos, mulher de um operário no fundo da Normandia, não pode ser suspeita de ter ido a Virginia Beach ler Cayce no texto, para o plagiar em seguida... Sou portanto tentada a admitir a sua boa fé à vista desta aproximação com a leitura 3976-17!

Cayce fala aliás, não apenas de um Dilúvio, mas de vários. Exatamente como os sacerdotes de Sais no Egito diziam a Platão: «Vós, atenienses, sois crianças (...) Não vos lembrais senão de um único dilúvio, ao passo que houve muitos.» (Crítias) Tira-se das leituras a impressão de que, de cada vez que a Terra dá uma volta, isso faz em algum lado um Dilúvio (Cayce emprega a própria palavra: «Dilúvio»; em inglês «the FLOOD»). Evocando a montanha do Cáucaso de onde virá uma tribo que se estabelecerá no Egito ao mesmo tempo que os últimos Atlantes, evoca: «ARARAT, ONDE O DILÚVIO MAIS TARDE TROUXE ESTES POVOS (...) APÓS ESTA DESTRUIÇÃO» (da Atlântida, no contexto). (Leitura 294-147 [44]) Cayce sugere que o Dilúvio bíblico foi contemporâneo ao mesmo tempo do afundamento da Atlântida, de um basculamento dos polos, do estabelecimento dos Caucasianos e dos Atlantes no Egito... e da construção da Grande Pirâmide. Esta, segundo os historiadores árabes, teria sido construída por Surid, «faraó de antes do Dilúvio», para preservar os conhecimentos do seu tempo [45].

Há uma data em Cayce: «ISSO PASSAVA-SE, COMO JÁ INDICÁMOS, 10 500 ANOS ANTES DA ENTRADA DO PRÍNCIPE DA PAZ NO PAÍS ONDE DEVIA ESTUDAR PARA SE TORNAR UM INICIADO, NO LUGAR (...) QUE HEPT-SUPHT TINHA CONSAGRADO PARA ESSA CERIMÓNIA DE INAUGURAÇÃO.» (Leitura 378-16) No contexto, trata-se pois, da época em que o Atlante Hept-Supht partia a garrafa de Champanhe sobre um novo edifício (destinado a navegar durante muito tempo!): a Grande Pirâmide.

Este trecho é tirado de uma leitura muito longa, muito detalhada, onde é descrita pormenorizadamente essa grande cerimónia, e o aspeto que tinha então a Pirâmide de «Quéops» (ou de «Surid»!).

Em suma, há 12 500 anos, em termos gerais! É interessante notar que Platão dá sensivelmente as mesmas datas para o colapso da Atlântida. Quanto aos oceanógrafos (que não se atrevem ainda a falar desta oficialmente), estimam que a plataforma submarina das Bahamas, das Bermudas, a das Antilhas, e a plataforma continental atlântica foram submersas há... 12 000 anos! Por cruzamento de dados - visto que Cayce liga o basculamento da Terra ao Dilúvio -, pode esperar-se algo de semelhante, por volta do fim deste século. Tudo isto está escrito, previsto, arquivado, no «complexo de Gizé» (não apenas as pirâmides conhecidas... mas os edifícios subterrâneos, ainda não conhecidos!):

«ONDE SE DEPOSITARAM OS ARQUIVOS DA TERRA, DESDE A CONSTRUÇÃO DA TERRA, ATÉ À MUDANÇA VINDOURA. OS VELHOS ARQUIVOS DE GIZÉ PARTEM DA VIAGEM NOS PIRINÉUS, E VÃO ATÉ 1998.» (Leitura 378-14)

A viagem nos Pirinéus, falei dela longamente num capítulo do tomo II de L'Univers d'Edgar Cayce. É a viagem dos refugiados atlantes, que começaram por fazer uma etapa nos nossos Pirinéus, antes de se instalarem definitivamente no Egito. A este propósito, um confronto espantoso: Cayce dá o nome da cidade egípcia onde estava estabelecido o templo da Beleza, e chama a essa cidade «LUZ» (leitura 294-151). Exatamente como a nossa Saint-Jean-de-Luz! Nos NOSSOS Pirinéus: os nomes de lugares são a memória da nossa história atlante e celta! Portanto, estes arquivos misteriosos, ainda por descobrir, que contêm ao mesmo tempo a história do mundo e as profecias, vão até 1998. Será o ano das grandes surpresas...

Como afirmam numerosos videntes! Cayce dá «1998» claramente em leituras diversas, e sempre insistindo na importância desta data. Recordemos a Segunda Epístola de São Pedro (II, 5 e III, 6): «Porque se quer ignorar que (...) o mundo de outrora pereceu pela água. Mas os céus e a Terra atuais, a mesma palavra divina reservou-os para o fogo, em vista da ruína dos ímpios (...) Porque se Deus não poupou o antigo mundo, preservando contudo oito pessoas entre as quais Noé, homem de justiça, enquanto trazia o Dilúvio sobre um mundo de ímpios, é porque o Senhor sabe livrar da provação os homens de bem.»

A Arca de Noé «revisited»!... Trouxeram um dia, a Virginia Beach, um rapazinho extraordinário. Muito bonito, muito sério para os seus onze anos. Cayce tinha-lhe dado uma leitura outrora, quando ele não tinha senão quatro anos. O seu tio, que o tinha trazido, contou que o seu sobrinho espantava a sua família prevendo os temporais - muito tempo antes da meteorologia. Na extraordinária leitura que Cayce fez para este rapazinho muito especial, disse-lhe que ele tinha sido outrora... Noé! Sim! (E porque não?) Cayce deixou entender que o patriarca não era uma perfeição, e aconselhou os pais a educarem o seu filho na mais absoluta sobriedade [46]. Após ter declarado que «NENHUMA ENTIDADE (...) DEU MAIOR DEMONSTRAÇÃO PRÁTICA DA AÇÃO DAS FORÇAS ESPIRITUAIS SOBRE A TERRA» Cayce fala das: «CARACTERÍSTICAS INFORMAIS» da criança, e das «MANIFESTAÇÕES INSÓLITAS QUE A SUA PRESENÇA PROVOCARÁ NO MEIO DAS PESSOAS: ELAS VIRÃO VÊ-LO PARA LHE PEDIR A SUA BÊNÇÃO, OU, COMO RECORDAÇÃO, OBJETOS QUE ELE TENHA TOCADO OU ABENÇOADO»! A leitura termina com uma oração a recitar todos os dias - a de Noé na Arca.

Se tivermos de enfrentar um novo género de Dilúvio, poderemos recitá-la também: «PAI DEUS! NO TEU AMOR, NA

TUA BONDADE, DS-NOS A OPORTUNIDADE DE VER COMO MANIFESTAVAS O TEU AMOR ENTRE OS HOMENS; FAZ-NOS A GRAÇA DE APRECIAR ESTA SORTE. E POSSA CADA UM DE NÓS, DIA APÓS DIA, GUARDAR A SUA CONFIANÇA EM TI, TU QUE PROMETESTE ESTAR SEMPRE CONNOSCO, MESMO ATÉ AO FIM DO MUNDO.» (Leitura 2547-1) Não é ainda o fim do mundo que vamos ver, é somente o «Fim dos Tempos». O que já não é nada mau! Enquanto se espera, pode visitar-se a Arca de Noé... Publicou-se um livro maravilhoso [47] (como todos os de Charles Berlitz), que faz o ponto da situação sobre as pesquisas para reencontrar a Arca de Noé. Parece bem que há «qualquer coisa» nas encostas do monte Ararat. Todas as descrições concordam: seria um gigantesco caixote de madeira, quase fossilizado. Avista-se quando o glaciar derrete... uma vez em cada dez ou vinte anos! Um regimento inteiro de russos, em 1916, os pilotos americanos da base aérea de Adana na Turquia, em 1960, etc., viram-no. Mais um industrial francês [48], de Bordéus. Coincidências estranhas...

6 A TERRA TREME, O MAR LEVANTA-SE, O SOLO AFUNDA-SE...

A Terra treme... Passei dois anos em Marrocos (país muito atlante [49]!) que acabava de ser violentamente traumatizado pelo sismo de Agadir em 1960. Estava em Kenitra, quando uma noite, num meio-sono, ouço um estrondo debaixo da minha cama. Digo para mim, julgando-me ainda em Paris, na Place de la Madeleine: «Olha? o metro!» E acordo o meu marido: «Ouves o metro?» - «Mas tu estás a sonhar, diz-me ele. É um sismo! Depressa, lá para fora!» E apossando-se do bebé Gilles, acabado de nascer, empurra-me para fora. Era mesmo um grande sismo. Todas as comunidades da cidade, Árabes, Berberes, Franceses, Americanos, esquecendo por uma vez as suas zangas, fraternizavam em pijama nas ruas...

Felizmente, dessa vez, não houve nenhum morto (ao contrário do sismo de Agadir, que fez 12 000!). Mas aqueles que sabem a que se parece o estrondo monstruoso de um sismo não o podem nunca mais esquecer. Seria preciso contudo prepararmo-nos para o ouvir ainda, se se crer em Cayce, porque: «A TERRA DESLOCAR-SE-Á! (...) E ISSO, EM MUITOS LUGARES.» (Leitura 3976-15, 1934)

A começar pela Califórnia, zona de alto risco:

«NUM PRIMEIRO MOMENTO, VER-SE-Á PRODUZIR-SE UMA MUDANÇA NO ASPETO FÍSICO DA COSTA OESTE DA AMÉRICA.» (mesma leitura)

Em 1932, um consulente inquieto tinha perguntado a Cayce:

Irá haver mudanças físicas na superfície da Terra no Alabama?

«NÃO POR ENQUANTO», tinha respondido Cayce.

Mas quando começarão as mudanças?

«TRINTA E SEIS A TRINTA E OITO!»

E que parte do Estado será afetada?

«O NOROESTE, E O EXTREMO SUDOESTE.» (Leitura 311-9, agosto de 1932)

Mais tarde, o mesmo consulente, sempre inquieto, vai, em novembro de 1932, interrogar de novo Cayce. Ouvirá como resposta que as mudanças vão ser graduais. E, com efeito, nada se viu - a olho nu! - produzir-se entre 36 e 38. Cayce falava do que se preparava nas profundezas da Terra. Em 1933, tendo Cayce evocado catástrofes para o ano 36, outro ansioso pôs a questão:

Será que as perturbações geológicas de 1936 atingirão São Francisco, como em 1906?

A resposta de Cayce foi:

«ERA (subentendido em 1906) UM MINI-CATACLISMO EM COMPARAÇÃO COM O QUE ISSO SERÁ EM 36!» (Leitura 270-30, 1933)

Esta leitura embaraçou muito os fiéis de Cayce, porque ainda não se viu na Califórnia o desastre total anunciado (embora, aquando do sismo de 1989, a imprensa local tenha dito claramente que toda a gente esperava pior ainda!). O terremoto de 1906 (8,3 na escala de Richter [50], 700 mortos e 500 milhões de dólares de prejuízos) tinha marcado a sua época.

Mas em 1936, nada se tinha produzido. Várias hipóteses: ou se trata do ano 2036 (visto que Cayce não indicou o milénio) - e será preciso, nesse caso, esperar por essa data para verificar a profecia! Ou ainda havia bem um cataclismo previsto, que foi afastado pela oração, ou/e por medidas ecologicamente inteligentes (o que não é assim tão diferente: estas últimas inspiram-se num respeito pela Natureza, que é uma disposição de espírito espiritual). É possível...

É muito difícil de admitir para Terrestres materialistas como nós! (Ver as leituras de Cayce que dei no início deste livro.) A muito grande mística e vidente Marthe Robin tinha avisado as pessoas do seu círculo, nos anos 1950-1960, de que algo de grave se preparava. Tínhamos mesmo feito provisões! E depois, nada se produziu. Os seus próximos asseguraram-me de que ela tinha, pela oração, obtido que a catástrofe ameaçadora fosse adiada e Jean Guitton até o escreveu na biografia que lhe dedicou. Porque não?

A história de Jonas, na Bíblia, conta uma história de profecia «bem-sucedida»: isto é, de uma catástrofe evitada, porque se tomaram as mensagens do vidente a sério! A história de Abraão é um exemplo do contrário (cf. supra). Os cataclismos podem ser

afastados definitivamente, ou apenas remetidos para mais tarde. Babilónia acabou apesar de tudo por ser destruída, apesar de Jonas! Os californianos, esses, ganharam tempo... mas não a garantia de que a Terra não tremerá mais na sua terra! Muito pelo contrário, videntes e geólogos são unânimes em prever o pior.

Os geólogos dão explicações «racionais» às profecias dos videntes: a costa oeste dos Estados Unidos é uma zona instável, que faz parte da célebre «cintura de fogo do Pacífico»; estas margens montanhosas, com sismos, erupções vulcânicas e maremotos, dão um espetáculo permanente... Estão ao contacto de «placas tectónicas», que rangem deslocando-se umas em relação às outras. Na leitura seguinte, depois de Cayce ter expresso o seu pessimismo total sobre São Francisco e Los Angeles [51] e aconselhado o consulente a mudar de casa, este pergunta:

Devo encarar a Califórnia, ou antes Virginia Beach, senão qual é o lugar que Deus já me preparou para que nele viva?

«COMO JÁ DISSEMOS. É ANTES O SENHOR QUE DEVE FAZER A ESCOLHA. VIRGINIA BEACH. OU A SUA REGIÃO, É O LUGAR QUE OFERECE MAIS SEGURANÇA PARA SE INSTALAR MAS COMO O TRABALHO DA ENTIDADE DEVERIA TER UM IMPACTO NA MAIORIA DAS REGIÕES, DA COSTA LESTE À COSTA OESTE, ELA DEVERIA EMPREGAR-SE EM PERSUADIR AS PESSOAS (...) QUE É PRECISO, NAS SUAS ATIVIDADES, TRABALHAR MAIS APOIANDO-SE NA POTÊNCIA DO FILHO DE DEUS NAS COM BEM-ESTAR HUMANAS, FAÇA-O. NÃO COMO UM PADRE PREGADOR, NEM COMO UM PÁSSARO DE MAU AGOIRO, MAS COMO SE DARIA UM CONSELHO DE AMIGO.» (Leitura 1152-11, 13 de agosto de 1941)

Os interlocutores de Cayce, não estando muito instruídos em geologia, tiveram muita dificuldade em compreender que uma mudança nas entranhas da Terra leva vários anos a preparar-se, antes que isso se veja de forma evidente. Cayce tinha dado datas em que começariam as tensões telúricas que deveriam desembocar, um dia, nos cataclismos:

«NO QUE DIZ RESPEITO À GEOGRAFIA DO MUNDO - E À DESTE PAÍS (os Estados Unidos) - EIS QUE SE COLOCAM EM PRÁTICA MUDANÇAS PROGRESSIVAS.» (mesma leitura)

Enfim, para aqueles que estão verdadeiramente desgostosos por não terem visto em 1936 o grande alvoroço anunciado, há uma última explicação possível: a secretária de Cayce, bonita, jovem, e gentilmente apaixonada pelo seu patrão (que era encantador!), tinha por vezes a cabeça no ar. Pode ter anotado, por inadvertência, outra data (pois tomava tudo em esteno, não sendo os gravadores ainda empregados nessa época).

Em 1936, alguém porá a questão muito claramente:

São Francisco está ameaçado de uma catástrofe, género sismo, este ano?

«NÃO ENCONTRAMOS QUE ESTE DISTRITO EM PARTICULAR, ESTE ANO, TENHA DE SOFRER GRANDES DANOS MATERIAIS COMO OUTRORA. SE CERTA ZONAS DO PAÍS FOREM ATINGIDAS, SERÁ MUITO MAIS A LESTE DE SÃO FRANCISCO, E AO SUL, ONDE NUNCA HOUVE, ATÉ AGORA, GRANDE ATIVIDADE SÍSMICA.» (Leitura 270-35, janeiro de 1936)

A profecia era inteiramente justa: nenhuma catástrofe abalou a Califórnia, nesse ano. Houve sismos relativamente ligeiros, que atingiram com efeito o sudeste de São Francisco, como tinha dito Cayce. Os cataclismos são para a geração seguinte... Eis uma série de outras perguntas, postas a propósito destas famosas perturbações geológicas («UPHEAVALS»), que se

vão produzir, e que serão, diz Cayce, a consequência de uma atividade telúrica nas profundezas da crosta terrestre:

Quando é que isso vai começar?

«ALGUNS DESTES PROCESSOS JÁ COMEÇARAM, OUTROS SÃO APENAS TEMPORÁRIOS. DIRÍAMOS QUE ISSO JÁ COMEÇOU...»

Iram produzir-se perturbações geológicas na América do Norte? E se sim, quais serão as regiões atingidas, e como?

«EM TODO O PAÍS. VAMOS ENCONTRAR PERTURBAÇÕES GEOLÓGICAS. HAVERÁ MUITAS, MAIS OU MENOS GRANDES. A MAIS RADICAL DESTAS PERTURBAÇÕES, NA AMÉRICA, ATINGIRÁ A FACHADA NORTE-ATLÂNTICA. ATENÇÃO A NOVA IORQUE, AO CONNECTICUT, E AO RESTO.»

E isso será quando?

«NA NOSSA ÉPOCA. QUANTO A DIZER QUANDO...» (Leitura 311-8, abril de 1932)

As terras que desapareceram e as que vão desaparecer...

A palavra «UPHEAVAL», que Cayce emprega, tem como primeiro sentido «erguimento», e como segundo sentido «perturbação». Na verdade, por causa da «isostasia», isto é, do equilíbrio das massas emersas à superfície da Terra, parece que a uma emergência corresponde sempre em algum lado uma subsidência. Dito de outro modo, se um continente afundar no fundo dos oceanos, outro vai emergir para compensar, e vice-versa. É uma teoria clássica em geologia, de que se não provou ainda que era falsa.

Estas modificações geológicas acompanham-se sempre de tremores de terra - e de fenómenos vulcânicos que parecem estar-lhes ligados. Após um sismo notam-se modificações ao

nível do solo: as falhas moveram-se, fendas cavaram-se, certas zonas ergueram-se, etc. Isto observa-se em pequeno, mas pode observar-se em grande, à escala de todo um país. Os geólogos pensam que o «surgimento» das cadeias de montanhas se acompanhou sempre de sismos.

Do lado dos afundamentos, Cayce é pessimista sobre Nova Iorque:

Estará a minha empresa em segurança onde está presentemente, e até à expiração do contrato de arrendamento (em janeiro de 1943)?

«COMO JÁ INDICÁMOS. NESSE MOMENTO (o fim do contrato), MUDE-SE PARA OUTRO LADO NO CONTINENTE, MAS NÃO PARA A ILHA DE MANHATTAN!» (Leitura 412-13, janeiro de 1942)

É em previsão de um risco de bombardeamento, ou de uma catástrofe sísmica, que devo tomar esta decisão? pergunta um pouco mais tarde o mesmo consulente, que, visivelmente, não tem vontade de deixar Manhattan.

«NÃO ATUALMENTE.» (Leitura 412-15, setembro de 1942)

Efetivamente, Nova Iorque não foi bombardeada durante a Segunda Guerra mundial, e não se afundou ainda! Cayce, em 1941, via esse afundamento para a geração seguinte (leitura 1152-11). Via igualmente o mar invadir o sul da Geórgia, as Carolinas, bem como certos campos de batalha da Segunda Guerra mundial, que seriam substituídos por:

«...BAÍAS, POR PAÍSES SOBRE OS QUAIS A NOVA ORDEM DO MUNDO CONTINUARÁ O COMÉRCIO INTERNACIONAL.» (mesma leitura)

Sempre esta expressão que volta como um leitmotiv: «A NOVA ORDEM DO MUNDO»! Cayce põe em paralelo os grandes

cataclismos dos tempos pré-históricos e aqueles que corremos o risco de viver na nossa geração. Para ele, a causa é a mesma: a maldade dos homens:

«ENTÃO APARECEU (na Atlântida) - PELA PRIMEIRA VEZ - O EMPREGO DESTAS FORÇAS DE DESTRUIÇÃO QUE PODIAM SER MANIPULADAS, E DISTRIBUÍDAS NO EXTERIOR, GRAÇAS À ENERGIA ELÉTRICA.»

(Traduzo assim a palavra «POWER» que designa atualmente em americano a energia elétrica, pois Cayce, mais à frente na leitura, fala da eletricidade na civilização atlante.)

«O HOMEM (atlante) NÃO CESSAVA DE DESPREZAR (...) AS LEIS DESTINADAS AOS FILHOS DE DEUS. FEZ USO DESTAS FORÇAS DE DESTRUIÇÃO (...) QUE, COM AS RECURSOS NATURAIS DOS GASES E A ENERGIA ELÉTRICA, PROVOCARAM NA NATUREZA E NA PAISAGEM NATURAL A PRIMEIRA DAS ERUPÇÕES VULCÂNICAS SURGIDAS DAS PROFUNDEZAS DA TERRA; ESTA ESTAVA ENTÃO A ARREFECER LENTAMENTE. E FOI ASSIM QUE UMA PORÇÃO DO CONTINENTE, PRÓXIMA DO MAR DOS SARGAÇOS, SE AFUNDOU NO ABISMO.» (Leitura 364-4, 16 de fevereiro de 1932)

Dito de outro modo, enquanto não tínhamos o átomo, nem o gás natural, nem a eletricidade, não éramos demasiado perigosos. Agora que reencontramos a tecnologia atlante, tornámo-nos francamente malfazejos...

Mais uma leitura, que data a submersão final da Atlântida [52]:

«NESSA ÉPOCA TARDIA, DEZ MIL E SETECENTOS ANOS ANTES DA VENDA DO PRÍNCIPE DA PAZ, ENQUANTO, DE NOVO, SE "TENTAVA O DIABO" TIRANDO DO RESERVATÓRIO NATURAL DE ENERGIAS DA NATUREZA (...) FORÇAS QUE DEVASTARAM AS MONTANHAS. DEPOIS OS VALES, DEPOIS O PRÓPRIO MAR,

PROVOCANDO A DESINTEGRAÇÃO IMEDIATA DAS TERRAS.» (Leitura 364-4, 1932)

Outro trecho da mesma leitura acusa o homem de ter provocado a mudança da posição da Terra no Espaço:

«ASSIM, QUANDO VEIO A PRIMEIRA PERTURBAÇÃO DESTA REGIÃO, OS POVOS (atlantes) DA PRIMEIRA ÉPOCA UTILIZARAM O QUE TINHAM FABRICADO, PARA DESESTABILIZAR A TERRA, ESTA ESTAVA ENTÃO NUMA POSIÇÃO PRÓXIMA DAQUELA QUE OCUPA HOJE - MESMA SITUAÇÃO PARA O TRÓPICO DE CAPRICÓRNIO, OU O EQUADOR, OU OS POLOS. FOI ENTÃO QUE ESSA PARTE DO MUNDO, O CONTINENTE DO PACÍFICO SUL, DITO LEMÚRIA, COMEÇOU A DESAPARECER, ANTES MESMO DA ATLÂNTIDA.» (mesma leitura)

O engolimento da Lemúria, diz Cayce noutro lado, teve lugar por volta de - 200 000 antes de Jesus Cristo. Nem a Lemúria nem a Atlântida desapareceram de forma «natural».

A Atlântida, mais próxima no tempo, mais próxima de nós geograficamente e humanamente:

«ERA ENTÃO UM ÚNICO CONTINENTE MASSIVO, ANTES DA CATÁSTROFE. FRACTIONOU-SE EM ILHAS, ANTES GRANDES ILHAS, COM CANAIS, DESFILADEIROS, GOLFOS, BAÍAS, CORRENTES...» (Leitura 364-6, 1932)

As terras que reaparecerão...

Os atóis de coral de Bimini são:

«TUDO O QUE RESTA HOJE, ACIMA DAS VAGAS, DOS CUMES DO QUE FOI OUTRORA UM GRANDE CONTINENTE. E, DESTE, A CIVILIZAÇÃO ATUAL DA NOSSA HISTÓRIA TIROU OS MEIOS PARA

SE TORNAR ELA PRÓPRIA UMA CIVILIZAÇÃO.» (Leitura 996-1, 14 de agosto de 1926)

A ilha principal chamava-se Poséidia e tinha por capital Alta. Desta, diz Cayce:

«TERRA FIRME APARECERÁ.» (Leitura 3976-15, 1934)

(«DRY LAND», diz ele no texto, literalmente «TERRENO SECO». Dito de outro modo, poder-se-á construir em cima. Promotores de todos os países... pensai nisso!)

Cayce tinha anunciado que Poséidia seria, de todas as ilhas atlantes, a primeira a reaparecer. Tinha dado como data: 68 e 69 (sempre sem precisar o milénio). Os fãs de Edgar Cayce ficaram desapontados por não verem nada despontar acima das vagas do oceano. Mas era, de facto, uma profecia arqueológica - como sublinha Charles Berlitz em O Triângulo das Bermudas. Porque, 1968, é justamente o ano em que se começou a descobrir essas «estruturas» misteriosas, imersas a fraca profundidade, nas águas claras de Bimini. «Estruturas» que não se reduzem apenas à «muralha de Bimini» [53], mas sugerem a presença de toda uma cidade. Não se exumaram ainda, longe disso, muralhas. Estas poderiam estar enterradas sob o vasa: os ervais submarinos desenham-lhe os contornos (totalmente geométricos: quadrados, retângulos, etc., demasiado regulares para serem formações naturais).

É possível que a Atlântida reapareça, não apenas lá longe - mas ainda mais perto de nós, ao largo da Irlanda, da Inglaterra, da Bretanha. A minha amiga, Yvane Guichaoua, bretã e médium de profissão, diz-me que «vê» a praia de Douarnenez erguer-se, e estender-se muito longe, bem além do espaço entre-marés atual na maré baixa - a perder de vista, como se o Finisterra se fosse prolongar bem além da ilha de Ouessant.

«SIM, EM BREVE VIRÁ O TEMPO DAS GRANDES MUDANÇAS; E EM TRÊS LUGARES DIFERENTES, EXUMAR-SE-ÃO OS ARQUIVOS (atlantes) (...) O TEMPLO DA ATLÂNTIDA SURGIRÁ DE NOVO. É ENTÃO QUE SE PORÁ À MOSTRA O TEMPLO, OU ANTES A SALA DOS ARQUIVOS NO EGITO, BEM COMO OS ARQUIVOS, QUE TINHAM SIDO ESCONDIDOS NO CORAÇÃO DO PAÍS ATLANTE: PODERÃO AÍ SER REENCONTRADOS (...) ESTES ARQUIVOS FORMAM UM TODO.» (Leitura 5750-1, 12 de novembro de 1933)

A propósito da redescoberta desta sala dos Arquivos em Gizé, Cayce diz ainda:

«NO QUE DIZ RESPEITO AOS ARQUIVOS (GEO)FÍSICOS, SERÁ NECESSÁRIO ESPERAR QUE SE CUMPRA O TEMPO DA DESINTEGRAÇÃO DAS OBRAS DEVIDAS AO EGOÍSMO DO MUNDO. PORQUE LEMBRAI-VOS DE QUE ESTES ARQUIVOS FORAM REUNIDOS NA PERSPETIVA DAS MUDANÇAS MUNDIAIS.» (Leitura 2329-3)

Traduzi por «desintegração» a palavra «BREAKING UP» que Cayce emprega para designar tanto a deslocação das terras emersas (quando fala de cataclismo) como o colapso político das nações. Aqui, o contexto é tal que se pode compreender ambos ao mesmo tempo.

«NO CORAÇÃO DO PAÍS ATLANTE», diz Cayce, portanto, o erguimento dos fundos marinhos vai continuar (é provavelmente a lenta emergência destes que permitiu notar a «muralha de Bimini», que nunca se tinha visto antes). Aliás, os fundos do Atlântico são, em permanência, uma surpresa, mesmo para os oceanógrafos informados. Os escolhos, os baixios inscritos nos mapas «desaparecem», alguns anos mais tarde: já não se encontram no lugar preciso indicado. Em contrapartida, novos aparecem, que ninguém no mesmo lugar tinha jamais assinalado... Mesmo nas zonas arqui-frequentadas, isso acontece

constantemente. Sim, isto mexe muito... A uma «entidade» de vinte e sete anos, que o interrogava em 1944, Cayce respondeu:

«PERTURBAÇÕES GEOLÓGICAS ACONTECERÃO EM VIDA DA ENTIDADE.» (Leitura 3648-1, janeiro de 1944)

A uma mulher de cinquenta e um anos, em 1943, tinha já dito:

«OUTRORA, A ENTIDADE ESTAVA NA ATLÂNTIDA, QUANDO SOBREVINDAM OS PRIMEIRAS CATACLISMOS E AS DESTRUIÇÕES, QUE DEVASTARAM ESSE PAÍS - DESTRUIÇÕES COMO AS VERÁ A PRÓXIMA GERAÇÃO, EM OUTROS PAÍSES.» (Leitura 3209-2, 31 de dezembro de 1943)

Não é só na Atlântida que novas terras emergirão. Um dia, aparecerá:

«UMA TERRA NA ANTÁRCTIDA, ALÉM DA TERRA DO FOGO; E ABRIR-SE-Á UM ESTREITO NO QUAL SE ENGOLFARÃO AS ÁGUAS.» (Leitura 3976-15, 1934)

Certas zonas, graças a Deus, quase não mexerão:

Visto a insegurança das condições atuais, fiz bem em me reinstalar em Norfolk?

«É UM EXCELENTE LUGAR, E UM LUGAR SEGURO, QUANDO OS CONTRATEMPOS FOREM CHEGAR - EMBORA O LUGAR ARRISQUE ESTAR NO EIXO DAS ZONAS QUE SE VÃO ERGUER - ENQUANTO MUITAS OUTRAS REGIÕES, EM ALTITUDE, VÃO AFUNDAR-SE. EXCELENTE CANTO ONDE SE AGARRAR!» (Leitura 2746-2, 11 de dezembro de 1943)

Norfolk é contíguo a Virginia Beach, da qual Cayce diz:

«DE TODAS AS ESTAÇÕES BALNEARES DA COSTA LESTE, VIRGINIA BEACH TORNAR-SE-Á A PRIMEIRA, E É A QUE DURARÁ

MAIS TEMPO (...) AQUI, O FUTURO É BOM.» (Leitura 5541-2, julho de 1932)

E a Europa?

O que subentende que outras estâncias deslizarão para o fundo do mar - como certas partes do Canadá: Cayce precisa que o leste e o sul deste grande país serão zonas de segurança, ao passo que não garante de todo a mesma tranquilidade ao oeste (leitura 1152-11 [54])!

Façamos agora uma pequena excursão pelos videntes europeus. Não dão a mesma geografia que Cayce - o que é normal, visto que se concentram na Europa, da qual Cayce pouco falou, exceto para prever:

«SUBSIDÊNCIAS, OU, PELO CONTRÁRIO, EMERGÊNCIAS DE TERRAS NO OUTRO EXTREMO DO MUNDO, ISTO É NA MEDITERRÂNEA, NA ZONA DO ETNA.» (Leitura 311-8, abril de 1932 [55])

«(e) A PARTE SUPERIOR DA EUROPA ACHAR-SE-Á MUDADA NUM ABRIR E FECHAR DE OLHOS.» (Leitura 3976-15, janeiro de 1934 [56])

Sem delimitar exatamente as zonas atingidas.

A profecia de La Salette anunciava: «Marseille será engolida!» (...)

«Várias grandes cidades serão engolidas pelos tremores de terra», dizia Mélanie Calvet, a vidente.

E Nostradamus:

«Choro Nice, Mónaco, Pisa, Génova,

Savona, Sena, Cápua, Modena, Malta,

Acima sangue e espada por prendas

Fim tremer terra, água desgraçada nossa» (Centúrias, X, 60)

E ainda:

«Desde Mónaco até perto de Sicília

Toda a praia ficará desolada

Não haverá arrabalde, cidade, nem vila

Que por bárbaros, seja pilhada ou violada.» (Ibidem, II, 4)

«Fréjus, Antibes, cidades ao redor de Nice

Serão devastadas fortemente por mar e por terra.» (Ibidem, III, 82)

Não tenho a menor pretensão de interpretar Nostradamus. Outros o fizeram muito bem, não me ponho a repetir. Mas há passagens que não precisam de ser traduzidas, que são muito claras, mesmo para os não especialistas. Os nomes das cidades, aqui, são inequívocos: «Nice», é Nice; «Mannego» ou «Monach», é Mónaco; «Pise», «Sienne», «Capoue», «Modène», «Malte», a «Sicile», é idem. «Saonne», é Savona. «Freins», Fréjus, e «Antibol», Antibes (origem grega do nome: Antipolis). Dito de outro modo, todo o litoral mediterrânico, desde Fréjus até à Sicília, e mesmo Malta...

O fim das cidades, a quadra é clara, chega por um tremor de terra, seguido da subida das águas. Porque os sismos, se forem violentos, desencadeiam vagas solitárias, ditas «tsunamis», que varrem tudo à sua passagem. Nostradamus vê «Toda a praia desolada». Vê também - e é absolutamente clássico num tremor de terra - a pilhagem. Num período de paz, a polícia pode controlar... mais ou menos, segundo o país. Em tempo de guerra, ou de fome, é uma nuvem de gafanhotos que cai sobre as casas vazias dos seus habitantes:

«Os gafanhotos, terra e mar, vento propício Depois mortos dobrados, pilhados, sem lei de guerra» diz a mesma quadra (III, 82).

As margens do Mediterrâneo correm o risco de apanhar um golpe.

Mas os sismos serão generalizados, dizem Les Prophéties de la Fraudais:

«O Universo erguer-se-á inteiro, antes que tenha regressado a paz à Terra que treme.» (Op. cit., p. 192)

«Sabe que o tempo está próximo em que a Terra não vai mais ter paz, em que o meu povo se verá sem teto.» (Ibidem, p. 194)

O Evangelho de Lucas (XXI, 11) anunciava também: «grandes tremores de terra», para o Fim dos Tempos.

Vários videntes (Mme de Meylian, o padre Nectou, Olivarius...) viram «os elementos erguidos» - expressão do século XIX, que faz eco da palavra «UPHEAVAL», utilizada tão frequentemente por Cayce.

Para a Europa, o conjunto dos videntes dá as seguintes previsões:

−Uma remodelação importante das margens da Mancha, do mar do Norte e do Báltico (Le Havre despareceria, o mar chegaria até Londres, a Dinamarca seria cortada do continente; a Escandinávia, a Inglaterra e a Irlanda seriam sacudidas por sismos violentos, que lhes mudariam os contornos).

−Uma zona de calma geológica correspondente à França, à Bélgica, à Alemanha, à Itália do Norte, à Suíça (parece que apesar dos sismos, estes países não desaparecerão). Ao sul, a Grécia e a Turquia, a Itália correm o risco de ser muito sacudidas.

−Em contrapartida, a Austrália não mexe. (Será para atrair o público para esse lugar de refúgio que é saído o filme Crocodile Dundee?) A Rússia veria as suas costas inundadas, a Índia igualmente.

Quando se lê o conjunto das profecias respeitantes à França, o acento é posto antes nas catástrofes humanas (guerra civil, invasão, fome...) e isto em todos os videntes. Isto não exclui, claro, os tremores de terra e as inundações - de que teremos igualmente a nossa quota-parte -, mas ninguém nos prevê o engolimento de regiões inteiras, como é o caso na América.

Tsunamis monstruosos...

Maremotos estão previstos - gigantescas vagas, que devem chegar às costas, e partir como tinham vindo. Será preciso apenas ter o faro de não se encontrar lá no mau momento. O reverendo Arthur Ford, nas suas mensagens, diz que, quando o basculamento do eixo dos polos provocar os maremotos (em 1998, diz ele), será preciso afastar-se momentaneamente das costas. Diz mesmo que os extraterrestres tomarão a seu cargo aqueles que se tiverem podido pôr em fuga a tempo [57]! (Ele diz isso, não é obrigado a crer... mas vamos ver tantas coisas espantosas que vale mais preparar-se para tudo!)

Diferentes videntes na Bretanha confirmaram-me que viam o maremoto subir até cem metros de altitude, em certos lugares - não em todo o lado; veem vagas mais altas localizadas em certos setores.

«A justiça de Deus vem também sobre o solo francês (...) Contentar-me-ei, diz o Senhor, de engolir todos os bordos do reino - que se erguerá a uma altura de 25 a 35 metros.» (Prophéties de la Fraudais, 18 de maio de 1881)

«Os estremecimentos e tremores de terra multiplicar-se-ão, dia e noite, sem cessar, durante quarenta e três dias. O mar

agitar-se-á e nunca em todos os séculos as suas vagas e as suas ondas terão tomado uma forma semelhante.» (Op. cit.)

«O mar erguerá vagas mugidoras que se espalharão pelo continente.» (Op. cit.)

Bénita Aguirre, a vidente de Esquioga, era uma menina quando beneficiou de aparições mariais, de 1931 a 1933. Exclamava:

«É ali San Sebastián? Que poucas habitações restam! O mar leva tudo!»

Os «tsunamis», de que falei, frequentes no Pacífico, são raríssimos na Europa. Aquando do tremor de terra de Lisboa, em 1755, uma grande parte dos sessenta mil mortos foi vítima do tsunami que desferrou rugindo sobre a cidade: as pessoas, que não esperavam esta gigantesca vaga de fundo, não tinham tido tempo de fugir.

E por que razão não se dá crédito ao Evangelho de Lucas, que, nos acontecimentos que precedem o regresso de Cristo, vê:

«Na Terra, as nações angustiadas pelo estrondo do mar e das ondas» (XXI, 25)?

Quanto à Suíça, como é evidente, não aparece na lista das vítimas de maremotos! Mas os lagos podem ser perturbados: não seria a primeira vez que uma montanha cai no Léman! (O Tauredunum, na época romana, tinha-se desmoronado no Valais, fazendo subir o nível do lago afogando toda uma série de belas vivendas!) Pessoalmente, estou certa de que as margens do Léman não serão nada calmas. (Como Nostradamus deixa entender.) Mas os videntes atuais, na Suíça, concordam antes numa ameaça de invasão do que em cataclismos físicos. Perto de Piacenza, em Itália, Mamma Rosa tinha transmitido as súplicas de Nossa Senhora em San Damiano:

«Desde há tanto tempo, Venho a esta Terra para vos salvar! O meu coração está despedaçado por tanta indiferença! Se não viestes aqui para tomar força, coragem, fé, para resistir às lutas, às tribulações (...) à guerra, aos tremores de terra, (...) que será de vós?» (9 de junho de 1967)

«Que a vossa fé aumente cada vez mais, meus filhos, porque os momentos aproximam-se, terríveis. Vedes em muitas partes do mundo muitos abalos, tantas desordens, tremores de terra. Rezai, rezai com fé, para que o Pai Eterno tenha piedade; a fim de que Ele afaste os castigos!» (1.º de setembro de 1967)

«Acorda, meu filho, acorda o mais depressa possível! Quando sentires estes abalos, não haverá mais tempo nem de fazer nem de dizer: cairás por terra e não te levantarás mais.» (a um padre, a 18 de fevereiro de 1966)

«Sede fortes! Quando fordes atormentados e afligidos, tomai nas mãos o Rosário, e recitai-o! É a arma mais poderosa.»

Repetido sob diversas formas, em quase todas as aparições:

«O Pai Eterno quer fazer justiça. Há na Terra demasiados sacrilégios, demasiados pecados, demasiadas ofensas (...) Haverá desordens, tremores de terra (...) haverá tempestades de mar (...) Muitas cidades ruirão, desaparecerão, afundar-se-ão.»

E a 16 de dezembro de 1966, a «Mamã Celeste» dizia a Mamma Rosa:

«Apenas depende de vós, meus filhos, não receber o castigo.»

Como?

«Oração, Sacrifício, obras de caridade.»

(Em Présence de la Très Sainte Vierge à San Damiano, Nouvelles Éd. Latines, Paris, 1968)

Dir-se-ia ouvir Cayce:

«E APENAS AQUELES QUE TIVEREM POSTO O SEU IDEAL NELE, E O TIVEREM APLICADO NA SUA RELAÇÃO COM OUTREM, PODEM CONTAR ESCAPAR À IRA DO SENHOR.» (Leitura 3976-18, junho de 1938)

7

O DESPERTAR DOS VULCÕES DE AVERNHA

Não há nada mais hipócrita do que um vulcão que faz de conta que dorme...

A 18 de maio de 1980, a América aprendeu com estupor que um vulcão se tinha despertado no seu território nacional. No espaço de alguns segundos, o monte Santa Helena tinha explodido, devastando 2 400 km2 de florestas, em Washington e no Oregon - não tão longe da Califórnia -, matando todos os seres vivos a 25 km em redor. Felizmente, sendo a região pouco povoada, o número de mortos foi pouco importante. Até aí, o único vulcão doméstico que se tinha manifestado na muito curta história dos Estados Unidos era o pico Lassen na Califórnia, que tinha tossicado de 1914 a 1921. Tinham-no catalogado nos grandes objetos adormecidos, como o seu colega o monte Santa Helena.

Temos, em França, uma coleção bastante bonita de vulcões; corremos o risco de ver um belo dia um deles despertar. O célebre vulcanólogo Haroun Tazieff tem a certeza disso. Afinal de contas, o último vulcão de Avernha só se apagou por volta do ano mil. Certos autores da Alta Idade Média, e da época galo-romana, como Ausónio, contam ter visto fumos e mesmo chamas nos cumes do Maciço Central. Um estudo levado a cabo sobre os nomes de lugares mostrou que eles guardam memória

das erupções: o Puy de Mont-chaud, o Puy de Montcineyre (monte das Cinzas), o Vallée de Chaudefour, o Trou d'Enfer, o Puy Violent, etc. Todos estes nomes evocam chamas, cinzas e nuvens ardentes, bastante recentes para terem deixado uma recordação na toponímia.

Temos igualmente, entre o Rino e a Floresta Negra, o Kaiserstuhl, um verdadeiro vulcão, que se prolonga além do Rino, sob a planície de Alsácia. Ao nosso redor, a Itália é particularmente favorecida: quase todos os vulcões ativos da Europa encontram-se reunidos no seu solo: o Etna e o Vesúvio (mencionados por Cayce), o Stromboli e o Vulcano. Sem contar os lagos redondos da campanha romana, que ocupam antigas crateras: Albano, Nemi, Bolsena, Vico, Bracciano, Trasimeno, etc. A campanha romana cheira a odores de enxofre! Eis vulcões que talvez tenhamos sido demasiado rápidos a classificar na categoria «repouso eterno», dando-lhes a absolvição...

Os gregos, esses, herdaram um assassino: Santorini. Em 1400 antes de Jesus Cristo, tinha destruído completamente a civilização minoica. A última vez que se ouviu falar dele, foi em... 1956. Se Cayce não fala dele - é porque, simplesmente, não havia nenhum grego entre os seus consulentes, que tivesse pensado em interrogá-lo sobre isso!

Quanto aos espanhóis, têm Alborán: um encantador vulcão emergindo em linha reta do Mediterrâneo, tão fresco e tão pontiagudo que bem se desconfia que não dorme há muito muito tempo. Aliás, o Mediterrâneo está cheio de vulcões submarinos apagados ou ativos. Não os vemos à superfície, mas estamos certos de que fervilham. (Ainda assim, os sicilianos puderam ver surgir em 1831, em pleno mar, uma nova ilha, que batizaram: «ilha Jolia». Disputava-se para saber a quem pertenceria, quando, cinco meses mais tarde, a recém-nascida

desapareceu: era feita de cinzas vulcânicas, material frágil que opôs pouca resistência ao mar. Pena!)

Para fazer a volta aos países francófonos, se a Bélgica e a Suíça foram privadas de vulcões pelas fadas no dia da distribuição, o Quebec, esse, não foi esquecido: os montes Monteregianos são magníficas chaminés vulcânicas. De uma idade tão respeitável que não há nada de mau a esperar delas (provavelmente é por isso que Cayce acha a região «SEGURA» nos tempos vindouros?). Em contrapartida, o oeste do Canadá pertence à «cintura de Fogo do Pacífico», e aí, será o suspense... Mais valerá estar noutro lado, no dia do despertar! Cayce fala também do vulcão da Martinica, a montanha Pelée (a que chama «PELÉE» simplesmente!) e cuja «ATIVIDADE ACRESCIDA» anunciará sismos e inundações no oeste dos Estados Unidos (leitura 270-35, 21 de janeiro de 1936); ele diz que:

«HAVERÁ ERGUIMENTOS NA ANTÁRCTIDA E NO ÁRTICO, O QUE TRARÁ ERUPÇÕES VULCÂNICAS NAS REGIÕES TÓRRIDAS.» (Leitura 3976-15 [58])

Eis o que está de acordo com as previsões de numerosos videntes. Vulcões apagados vão despertar. Outros, que são perigosos, vão entrar numa fase de atividade acrescida (Vesúvio, montanha Pelée, Etna...). Por fim, alguns, que tinham uma atividade regular, e não perigosa, como os vulcões do Havai, vão talvez, de uma forma que se ignora, tornar-se assassinos. (O tipo de atividade de um vulcão - e o seu perigo - depende do grau de acidez da lava. As lavas fluídas de vulcões como o bom Kilauea no Havai escorrem sem violência e sem explosão; enquanto as lavas muito viscosas, como as da montanha Pelée, tapam o buraco da cratera, de onde não podem sair senão explodindo. Mas os vulcões podem mudar de natureza, passar de um tipo para outro...)

O caso perturbador de Sodoma e Gomorra

Os geólogos creem que Sodoma e Gomorra foram destruídas por uma erupção vulcânica. A descrição da chuva de fogo e o colapso das cidades no fundo de um abismo que se enche de água (Génesis, XIX, 23) correspondem bem ao quadro de uma erupção clássica. Em toda a região, encontram-se lavas, cinzas, bombas de pedra-pomes... testemunho de uma atividade vulcânica que não seria assim tão antiga. A cidade de Safed, a alguns quilómetros dali, está empoleirada num vulcão apagado. De qualquer modo, o mar Morto ocupa uma fossa de afundamento que prolonga o mar Vermelho e o «Rift» africano, orlado de vulcões ativos (por ex., o lago de lava do Erta Ale, no qual trabalhou Haroun Tazieff). Ora as referências a Sodoma e Gomorra são frequentes em Cayce:

«A ESPERANÇA (...) REPOUSA SOBRE VÓS, HOJE, NO VOSSO LAR. NÃO NAS MESMAS CIRCUNSTÂNCIAS, MAS DE UMA MANEIRA ANÁLOGA À HISTÓRIA DE LÓ E DAS PESSOAS DE SODOMA E GOMORRA» diz ele, na leitura 3976-8, que citei no início deste livro. Cito-a ainda, porque vale a pena determo-nos um pouco nela. Conheço bem Cayce, e notei frequentemente que ele não deixa nada ao acaso: as palavras que escolhe, as referências, as comparações têm um significado profundo. A leitura em questão faz parte de toda uma série de textos proféticos em que Cayce levanta o véu do futuro. Em princípio, trata-se sobretudo dos acontecimentos políticos, económicos e sociais futuros - porque é isso que interessa prioritariamente aos seus interlocutores. Mas as leituras estão salpicadas de alusões aos cataclismos geológicos que os ameaçam também.

Eis como a minha Bíblia descreve a erupção vulcânica que devastou as cidades do mar Morto:

«No momento em que o Sol se levantava (...) Javé fez chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo, vindo do céu, e Ele subverteu essas cidades, bem como toda a planície, com todos os seus habitantes e toda a vegetação (...). Levantado cedo, Abraão veio ao lugar onde se tinha mantido diante de Javé. Lançou o seu olhar sobre Sodoma, sobre Gomorra, sobre toda a planície, e viu o fumo subir do país como o fumo de uma fornalha.»

O Evangelho de Lucas retoma a história, para anunciar uma reedição do mesmo tipo de catástrofe:

«Acontecerá exatamente como no país de Ló (sobrinho de Abraão, sobrevivente de Sodoma e Gomorra): comia-se, bebia-se, comprava-se, vendia-se, plantava-se, construía-se; mas no dia em que Ló saiu de Sodoma, Deus fez cair do céu uma chuva de fogo e de enxofre, que os fez perecer a todos. Do mesmo modo acontecerá no Dia em que o Filho do Homem se deve revelar.» (Lucas, XVII, 27-29)

Dito de outro modo, este «Fim dos Tempos», que verá regressar Cristo, como diz Cayce, deve ser acompanhado de um terrível vulcanismo. «O fogo do céu» é um tema que volta muito frequentemente nas profecias da Europa. Éric Muraise, muito bom especialista do profetismo, tinha visto nele antes o fogo atómico, no decurso de uma guerra. Na minha opinião, isso depende dos lugares... Aqui, os vulcões, ali, as bombas! Por exemplo, quando Marie des Terreaux, no século XIX, em Lião vê:

«Paris destruída como Sodoma e Gomorra»

talvez empregue esta comparação porque, no século XIX, a expressão «bomba atómica» não existia? A modesta vidente não tinha a nossa riqueza de vocabulário no horror! A ausência de vulcões, na região parisiense, faria atribuir antes o incêndio a um bombardeamento (atómico ou não). O que a profetisa parece ter

querido, é comparar Paris às duas cidades malditas, por causa da decadência dos seus costumes. No capítulo dedicado às profecias sobre Paris, darei outras referências a Sodoma e Gomorra.

O misterioso «fogo do céu»

Outro vidente, o camponês Watrin, conta:

«Subitamente, com um estrondo terrível, uma torrente de chamas e de fogo precipitou-se para o centro da cidade. Juro diante de Deus e sobre o Santo Evangelho que um monstruoso furacão de fogo se precipitou como o raio para aniquilar os bairros do centro.» (Ele fala de Paris.) (In Histoire et Légende du Grand Monarque, op. cit., p. 102)

Nostradamus, pelo seu lado:

«Cinco e quarenta arderá

Fogo aproximar-se da grande cidade nova

Instante quando chama esparsa arderá.» (Centúrias, VI, 97)

Esta vez, não sei se é Paris. Em primeiro lugar, a nossa capital não é «nova», é pelo contrário uma cidade muito antiga; e em segundo lugar, Paris não está a «cinco e quarenta graus» de latitude Norte [59]. A esta latitude, há Montreal (45° 30'), que é, com efeito, uma grande cidade nova. Bordéus (44° 50') e Lião (45° 46') não são novas também... a menos que se trate de um jogo de palavras sobre uma cidade que se chamasse (ou da qual um arrabalde se chamasse) algo como «Villeneuve»... O que não salva Paris por isso!

«Paris será queimada»

anunciava a Virgem em La Salette, que dizia também:

«A água e o fogo darão ao globo da Terra movimentos convulsivos.» O que não se compreende muito bem. Tremores

de terra associados a erupções vulcânicas? A profecia continua, empregando a misteriosa expressão:

«O fogo do céu cairá e consumirá três cidades.» (De França?)

A mensagem de Fátima, a 13 de outubro de 1917, dizia ainda:

«Fogo e fumo cairão então do céu, e as águas dos oceanos transformar-se-ão em vapor, cuspindo a sua espuma para o céu, e tudo o que está de pé se subverterá.»

É exatamente o que se passou aquando da explosão do Krakatoa! Aqui, «o fogo do céu», vulcânico ou atómico, segue-se a:

«a grande guerra que sobrevirá na segunda metade do século vinte.»

É portanto antes uma perspetiva atómica, porque mais acima a Virgem tinha dito:

«Satanás conseguirá semear a confusão no espírito dos grandes sábios que inventam armas com as quais se pode destruir a metade da humanidade em alguns minutos.»

Dito isto, a bomba atómica não exclui o despertar dos vulcões. Tudo se conecta, visto que é justamente a maldade dos homens que, por um lado, inventa armas atrozes, por outro lado, perturba os mecanismos geológicos, como foi o caso na Atlântida... Nas profecias dos videntes europeus, tudo está misturado, e parece dever ser contemporâneo: a guerra, os vulcões, o fogo dos homens e o da Terra... Tudo deve passar-se ao mesmo tempo, num intervalo bastante curto (talvez dez anos). Em 1897, uma vidente francesa, Marie Martel, em Tilly, no Calvados, tinha predito que em França, «muito mais tarde»:

«Dois vulcões explodiriam.» (Ela já tinha predito a explosão da montanha Pelée, na Martinica, em 1902. Éric Muraise, op. cit., p. 259.)

Em San Damiano, Mamma Rosa transmitia igualmente um aviso da Virgem:

«O céu e a Terra desencadear-se-ão se se não rezar; o mundo inteiro será incendiado.» (Op. cit.)

A vidente do Líbano, Jeanne-d'Arc Faragé, de quem falei mais acima, dizia, a 4 de fevereiro de 1987:

«O mundo será afogado num mar de fogo, e também os pecadores. O mar transbordará, as montanhas desmoronar-se-ão sobre as vossas cabeças. Haverá tremores de terra, doenças. Os vulcões explodirão.» (Op. cit.)

Max-Getting, que transmitiu após a sua morte mensagens muito interessantes à sua mulher sobre a evolução tecnológica da nossa época, ditava-lhe em 1929:

«O desenvolvimento científico brutal torna a humanidade trepidante. Aumentando de forma contínua, esta atividade faz irradiar exteriormente a eletricidade que encerra cada corpo, e estas correntes múltiplas chegarão a provocar uma conflagração geral» (S. Max-Getting, Les Missionnaires de l'Astral, op. cit., p. 166)

Aqueles que, atualmente, estudam a poluição elétrica começam a compreender de que falava Max-Getting [60]. A Segunda Epístola de São Pedro faz-lhe aliás eco:

«Aguardando o Dia do Senhor, em que os céus inflamados se dissolverão, e em que os elementos abrasados se fundirão; mas são novos céus e uma nova terra que esperamos segundo a Sua promessa, onde a justiça habitará.» (III, 12)

Segundo os videntes, não parece tratar-se do fim do mundo, que estaria ainda longe, mas dessa «Fim dos Tempos», em que deve regressar Cristo («O Dia do Senhor») para tudo renovar.

Quando choverem cinzas, sangue, ou sapos...

Em certas profecias, encontra-se a menção de uma chuva negra que poderia muito bem ser vulcânica - chuva de cinzas, por exemplo:

«Cairá deste negro firmamento uma chuva de odor infeto (...) de um negro assustador.» (Les Prophéties de la Fraudais, p. 270)

Notei, em diferentes videntes, algo de esquisito - «a chuva de sangue». Nostradamus já falava disso, e claramente: «Chuva sangue», diz ele em vários lugares.

Ora, encontra-se a mesma expressão em outros videntes. Será um fenómeno a ligar aos vulcões? Mas dou aqui estes textos misteriosos. Em primeiro lugar, o Apocalipse:

«As minhas testemunhas (...) têm também poder sobre as águas, de as converter em sangue, e de poder ferir a Terra com mil flagelos.» (XI, 6)

O padre Souffrant, pároco de Maumusson, dizia em 1815:

«Desgraças vão acontecer. O sangue correrá em torrentes no Norte e no Sul. O Oeste será poupado, por causa da sua fé. Mas o sangue correrá tanto no Norte e no Sul que o vejo correr como a chuva, num dia de grande tempestade; e vejo os cavalos com sangue até às cilhas.»

«O sangue corria como a chuva cai bem forte»

dizia a trapista de Notre-Dame-des-Gardes em Angers (início do século XIX) (in Histoire et Légende du Grand Monarque, op. cit., p. 99). Em certas erupções vulcânicas, viram-se chuvas de

cinzas rosas, ou vermelhas, segundo a natureza das rochas... Será a confusão possível com sangue?

«Ribeiros de sangue correrão nas diversas partes da França»

acrescentava o padre Voclin, pároco de Saint-Jacques d'Amiens, em 1838.

«O Sena correrá ondas avermelhadas até ao mar.»

Pode crer-se - e é horrível - que se trata de massacres devidos à guerra (civil e... outra, como veremos mais adiante). Mas não há apenas a guerra: os videntes evocam também um fenómeno natural (ou sobrenatural?) pelo menos, «meteorológico», se assim se pode dizer (ou «geológico»?). Eis o que diz a profecia da trapista:

«Vi o céu tornar-se uma noite profunda. Esta obscuridade foi acompanhada por um trovão, ou antes parece-me que o trovão vinha ao mesmo tempo das quatro partes da Terra. O céu tornou-se todo em fogo. Fazia-se então um ruído tão terrível que parecia trazer a ruína inteira do mundo. Avistei então uma grande nuvem vermelha, cor de sangue de boi.»

Esta descrição assemelha-se totalmente ao que contaram os sobreviventes da explosão do Krakatoa, em 1883, que foi estimada igual em potência a vinte e seis vezes a da mais forte bomba H! O vulcão, alto de 813 metros, volatilizou-se na explosão. No seu lugar, encontrou-se um abismo sob o mar de 300 metros de fundo. A onda de choque foi percecionada no mundo inteiro - e, em Paris, dez horas depois, onde se pôde ver a nuvem de poeira. O volume dos materiais ejetados foi estimado em várias dezenas de quilómetros cúbicos, e o abalo foi estimado em 9,7 na escala de Richter.

Ele provocou um tsunami de 35 metros de altura, que afogou dezenas de milhares de pessoas, sem contar todos

aqueles que tinham sido soterrados sob as lavas e as cinzas, ou morreram de fome [61]. Vê-se, por este exemplo, que uma erupção vulcânica pode assemelhar-se a uma bomba atómica - incluindo a «grande nuvem vermelha» de partículas incandescentes. Mas é Marie-Julie quem dará a maior quantidade de pormenores - e aí, vê-se que a «chuva de sangue» descrita é outra coisa que não o resultado de uma batalha:

«Cairá sobre a terra uma chuva de sangue que fará secar as vossas colheitas; e a terra, nesse ano, não produzirá nada. Meus filhos, continua o Senhor, sairá desta nuvem uma chuva muito extraordinária, que jamais o mundo viu ainda (...). Será uma chuva vermelha, que ficará coalhada sobre a terra, durante sete semanas. A própria terra será coalhada por esta chuva, que dará um sopro envenenado, um odor que ninguém poderá suportar. O meu povo ficará encerrado durante sete semanas. Será difícil sair, de tal modo a terra fará medo.» (Les Prophéties de la Fraudais, p. 240 e 242)

«Nuvens vermelhas como o sangue percorrerão o céu.» (Ibidem, p. 239)

«O firmamento estará coberto de sangue.» (Ibidem, p. 242)

«No momento em que os atentados e os crimes se cometem, chove uma chuva de sangue vermelho. Sobre os telhados das moradas, ela fica colada como uma pintura. Em terra, não pode ser bebida. Cai com uma rapidez assustadora.» (Ibidem, p. 241, dada em 1880)

Confesso que não consigo muito bem fazer uma ideia do que poderia ser esta «chuva de sangue». Contudo, não é novo. Era a primeira das «pragas do Egito»! A menos má, visto que não tinha impressionado assim tanto o Faraó (Êxodo, VII, 14 a 26)!

Eis a descrição na Bíblia:

«Javé disse então a Moisés: "O Faraó é teimoso! Recusou deixar partir o meu povo. Vai ter com ele amanhã de manhã, à hora em que ele se dirige para a beira da água, e espera-o na margem do Rio (...) Falar-lhe-ás assim: (...) Com a vara que tenho na mão, vou ferir a água do rio, e ela converter-se-á em sangue; os peixes do Rio morrerão, e o Rio tornará ser-se tão malcheiroso que os Egípcios se esforçarão em vão por beber a sua água."»

Assim fez Moisés e, diz a Bíblia:

«Os Egípcios cavaram nos arredores do Rio, em busca de água potável, porque já não podiam beber a água do Rio.»

O Faraó, ele, o egoísta, «regressou ao seu palácio, sem atribuir importância ao que tinha acontecido».

Neste episódio bíblico, não há nem vulcão mencionado, nem massacre. Trata-se, diz o texto, apenas de um truque de magia, visto que «os magos do Egito, pelos seus feitiços, fizeram outro tanto». Eram fortes, nesse tempo!... Seria preciso explicar racionalmente as «chuvas de sangue» integrando este elemento irracional (como dizem as pessoas) que é a magia negra? Praticada a esta escala, numa civilização que se quer «cartesiana» como a nossa, será isso possível?

Cayce diz que os Atlantes do último período eram não só tecnologicamente muito avançados, mas ainda peritos em práticas ocultas... E diz que esses mesmos Atlantes são aqueles que, reencarnados, povoam o Ocidente hoje, em particular a América. Pode o cientista atomista ser também o feiticeiro negro? Parece bem que sim...

Terminemos o capítulo das chuvas insólitas por esta, anunciada em La Salette: «Haverá chuvas de um granizo pavoroso de animais.»

Devolvo a palavra a Cayce, para uma palavra de esperança:

«NÃO PENSEIS QUE EVITAREIS A TEMPESTADE. MAS AQUELES QUE POSEM TOTALMENTE A SUA CONFIANÇA NO SENHOR NÃO ESTARÃO EM PERDIÇÃO. ENCONTRARÃO MEIOS DE SAIR DELA, CONDIÇÕES, CIRCUNSTÂNCIAS DIVERSAS E VARIADAS, QUE LHES DARÃO A OPORTUNIDADE DE DIZER UM GRANDE OBRIGADO!» (Leitura 1467-18, 10 de abril de 1944)

E é uma das últimas mensagens de Cayce vivo! Morrerá a 3 de janeiro de 1945, após vários meses de hospitalização.

AS PROFECIAS GEOPOLÍTICAS

1

A CRISE ECONÓMICA E FINANCEIRA DO FIM DO SÉCULO

A «quinta-feira negra» de outubro de 1929

Um muito sério economista e perito financeiro americano, o Dr. Ravi Batra, acaba de publicar um livro-choque, intitulado: A Grande Depressão de 1990. Demonstra aí que atualmente estamos ameaçados por uma catástrofe económica comparável àquela que tinha atingido a América de 1929 a 1940. Estima que a história económica e financeira se repete; e portanto que devemos esperar uma monstruosa depressão nos anos vindouros [62].

Recordamo-nos do desastroso colapso da Bolsa de Nova Iorque, a 24 de outubro de 1929, a famosa «quinta-feira negra», que provocou nos três anos seguintes 85 000 falências de empresas, o desemprego de 12 milhões de pessoas, e uma vaga de miséria e de suicídios como nunca se tinha visto ainda nos Estados Unidos. Eis o seu eco nas perguntas angustiadas que foram postas a Cayce nessa época:

Gertrude Cayce: Tem diante de si as entidades (943) e (2119), presentes nesta sala, com o que têm em mente: gostariam de informações sobre esta crise financeira e política, a mais intrincada que o mundo jamais atravessou. Por favor, poderia dar, de forma detalhada, um plano político e financeiro razoável, aplicável, para trazer de volta a paz à terra e a boa vontade para os homens? (...)

«HÁ AÍ DENTRO MUITAS AFIRMAÇÕES GRATUITAS, E PERGUNTAS QUE ULTRAPASSAM AS CAPACIDADES DOS INDIVÍDUOS QUE VIERAM INFORMAR-SE. ESTÁ LONGE DE SER VERDADE QUE A CONJUNTURA PRESENTE SEJA A MAIS GRAVE DA CIVILIZAÇÃO ATUAL. O MOMENTO MAIS SOMBRIO JÁ PASSOU: ERA O OUTONO DE 29.» (Leitura 3976-10, 8 de fevereiro de 1932)

Para os americanos dessa época, foi o horror; e contudo, Cayce considera que se viu pior «NA CIVILIZAÇÃO ATUAL»; e que... talvez, o pior de tudo não tenha ainda chegado!

Há algo de patético na atitude dos interlocutores de Cayce, completamente «DESNORTEADOS», como ele diz, pela catástrofe. Efetivamente, na época, ninguém tinha compreendido por que razão a Bolsa se tinha afundado... nem sequer os peritos financeiros (alguns dos quais se encontravam entre os amigos de Cayce, vindos pedir-lhe esta leitura). O colapso da Bolsa de Nova Iorque tinha subitamente ruído todos os acionistas das sociedades que aí estavam cotadas. Imediatamente, as pessoas entraram em pânico, precipitaram-se aos guichês dos bancos para retirar o seu dinheiro líquido.

Os bancos não puderam fazer face a essa procura inesperada, e o Banco Federal foi incapaz de vir em seu socorro. A falência em cadeia dos bancos levou ao desaparecimento de uma multidão de empresas. Milhões de pobres pessoas viram-se

sem um tostão e sem emprego. Viu-se a fila à porta das padarias... Que se tinha passado nesse dia, 24 de outubro de 1929? Cayce responde:

«A FINANÇA MUNDIAL ACHOU-SE CONCENTRADA NAS MÃOS DE DOIS, OU ANTES TRÊS INDIVÍDUOS. DOIS, QUE REPRESENTAVAM O LADO DO BEM, UM, O LADO DAS FORÇAS DA SOMBRA [63] ISTO É AS FORÇAS NEGRAS.» (mesma leitura)

É verdadeiramente extraordinário pensar que a «FINANÇA MUNDIAL» se tenha achado concentrada nas mãos de três indivíduos. E que um só tenha podido ser o detonador da catástrofe! O drama é essa concentração do poder nas mãos de alguns pouco escrupulosos, que jogam a vida de milhões de pobres pessoas.

Cayce, dirigindo-se à América:

«AMALGAMASTES AS RIQUEZAS DA TERRA, E DASTE-AS A GUARDAR A MALANDROS. QUAL FOI O RESULTADO, NA VOSSA VIDA QUOTIDIANA? VISTES-VOS COM AS MÃOS VAZIAS!» (Leitura 3976-25, 23 de junho de 1940)

A situação atual é a mesma - agravada pela eletrónica. A informática permite uma comunicação muito mais rápida entre os diferentes centros bolsistas; as ordens de compra e de venda são dadas muito mais depressa do que outrora. A fortuna do mundo é manipulada ainda hoje por um punhado de especialistas, que constroem fortunas colossais em alguns meses:

«especulando por conta dos bancos, dos brokers, por vezes por si próprios, em Wall Street ou na Stock Exchange de Londres, pendurados no seu telefone e com os olhos cravados no seu computador...» (Le Nouvel Observateur, 27 de novembro de 1987)

Nos Estados Unidos, chamam-lhes os «Golden Boys» [64], porque são jovens, recém-saídos da universidade, e folheados a ouro. A expressão é antes admirativa, e traduz o respeito americano devido ao sucesso financeiro. Mas, sob o seu aspeto «clean», o seu trajo cuidado e os seus gadgets de luxo, serão moralmente diferentes dos especuladores de 1929?

Nesse mesmo número, Alvin Toffler, célebre jurista americano, fala:

«do comportamento selvagem dos mercados financeiros mundiais e do seu divórcio crescente com a atividade real, que não pode ser compreendido com a ajuda dos termos económicos ou financeiros convencionais».

E Jacques Le Goff, perito francês, sempre no Le Nouvel Observateur de 27 de novembro de 1987:

«Na Bolsa, o essencial consiste numa manipulação do dinheiro, relativamente desligada dos fenómenos económicos.»

Dito de outro modo, os vícios do nosso sistema financeiro não melhoraram. Bem pelo contrário. Contudo esta gigantesca crise, que poderia ter trazido o fim de um país, acabou por ser superada.

Como os Estados Unidos saíram da crise de 1929

A febre de especular não tinha ganho toda a gente. Havia ainda na América pessoas razoáveis, capazes de repensar a crise numa perspetiva de fé e de generosidade, como tinha recomendado Cayce:

«E QUANDO PELO CONTRÁRIO PUSESTES A VOSSA CONFIANÇA NO VOSSO CRIADOR, AQUELE QUE FEZ O CÉU E A TERRA, TIVESTES A PAZ, A HARMONIA, E NÃO CARECESTES DE NADA, DIA APÓS DIA.» (Leitura 3976-25)

«ONDE OS OBJETIVOS SE ALINHAM PELOS PRINCÍPIOS DO PRÍNCIPE DA PAZ: "EU SOU O GUARDIÃO DO MEU IRMÃO, E FAREI O QUE É JUSTO", TER-SE-Á A SEGURANÇA FINANCEIRA E SOCIAL.» (Leitura 3976-17)

Um homem lúcido, o economista John Maynard Keynes, aconselhou o governo a gastar largamente para criar empregos (em vez de taxar ainda mais pesadamente uma economia moribunda). O governo seria recompensado, dizia ele, pela sua generosidade: os novos empregos absorveriam pouco a pouco o desemprego, e o relançamento da economia aproveitaria mais tarde tanto aos contribuintes como ao fisco. A guerra sobreveio, obrigando o governo americano a uma injeção financeira massiva na economia: foi preciso construir barcos, material de guerra, equipar, transportar e alimentar exércitos, e mesmo, um pouco mais tarde, ajudar os aliados europeus a reconstruir o seu território devastado.

Cayce encorajará fortemente os Estados Unidos a isso:

Mrs Cayce: Será possível manter um nível de vida conveniente entre nós, se ajudarmos ao reerguimento económico de outras partes do mundo?

«NÃO SÓ ISSO DEVE SER POSSÍVEL, COMO AINDA É PRECISO FAZÊ-LO, SE QUEREM UMA PAZ DURADOURA.» (Leitura 3976-28, 20 de junho de 1943)

Desta vez, Cayce foi ouvido: a 5 de junho de 1947, o general George Marshall persuadiu o presidente Truman de que era preciso ajudar a Europa a reerguer-se economicamente. Foi o famoso «Plano Marshall», segundo o qual os Americanos enviaram para a Europa 13 182 milhões de dólares - dos quais 2 753 para a França! Dádiva que permitiu a reconstrução do nosso continente devastado pela guerra. Uma página que honra a nação americana - essa! Era a América que admirava, com razão,

a geração dos meus pais. Esta generosidade foi recompensada: a crise reabsorveu-se, e os Estados Unidos entraram numa era de prosperidade.

«PORQUE ELE DISSE: "AQUELE QUE TEM DUAS TÚNICAS DÊ UMA", (...) SÃO ESSES OS PRINCÍPIOS DE BASE SOBRE OS QUAIS SE DEVERIA CONSTRUIR A ORDEM MUNDIAL, AS RELAÇÕES ECONÓMICAS E SOCIAIS MUNDIAIS.» (Leitura 3976-27, 19 de junho de 1942)

Mrs Cayce: O que poderia fazer o nosso país para dar hipóteses iguais, no plano comercial, às outras nações, no período que se seguirá imediatamente à guerra?

«FAZ-SE JÁ DEMAIS, EM CERTO SETORES! É JUSTAMENTE SOBRE ISSO QUE NUMEROSOS DESENTENDIMENTOS VÃO SURGIR. NÃO OBSTANTE, PARA COMEÇAR, DEVER-SE-IA ESTABELECER, EM TODOS OS PAÍSES, BASES DE DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO, QUE OS PROTEGERIAM CONTRA O QUE SE CHAMA AGRESSÕES E AJUDARIAM ESSES PAÍSES, QUE FORAM DEVASTADOS PELA GUERRA, A SAIR DAS CRISES DE QUE SOFREM. É PRECISO A ALIMENTAÇÃO, O VESTUÁRIO E TUDO AQUILO DE QUE O HOMEM TEM MEDO DE CARECER, NA SUA CONDIÇÃO HUMANA.» (Leitura 3976-28, 20 de junho de 1943)

Cayce sublinha a palavra «AGRESSÕES» para nos convidar a refletir, dito de outro modo, nem todas as agressões são militares. Há agressões económicas e políticas que são tão graves. Por exemplo, tinha recomendado medidas financeiras para evitar a especulação:

«É PRECISO EM PRIMEIRA LUGAR REGRESSAR A NORMAS PADRONIZADAS, NO PLANO FINANCEIRO, QUE PERMITIRÃO JULGAR SADIAMENTE.» (Leitura 3976-10, 8 de fevereiro de 1932)

Aquando desta crise de 1929-1939, os países europeus foram menos atingidos. A França, por exemplo, foi relativamente poupada: era ainda, na época, uma nação fortemente rural - e o camponês, ele que come as cenouras do seu jardim, arrisca menos morrer de fome do que o operário, que depende de uma empresa. A Inglaterra, apoiando-se nos recursos da Commonwealth, conseguiu, ela também, amortecer o choque. As economias dos diferentes países eram menos dependentes umas das outras do que hoje, e as Bolsas das grandes capitais igualmente. Fenómeno que Cayce tinha notado - porque esta interdependência é uma etapa para a unidade mundial que virá um dia:

«EXISTE HOJE UMA CONJUNTURA DE CRISE, COM CERTAS CONSEQUÊNCIAS, QUE SE PODEM CONSIDERAR COMO FATORES DE UNIDADE, NO MARASMO FINANCEIRO E POLÍTICO QUE SÉVI NA TERRA.» (mesma leitura)

Hoje, se Wall Street apanha um resfriado, Camberra, Londres e Paris espirram. Todos os países do Ocidente e do terceiro mundo são solidários, em matéria financeira. Viu-se bem recentemente, a 19 de outubro de 1987, onde todas as grandes bolsas mundiais se afundaram, com poucas horas de diferença. Milhares de milhões esvanecidos em fumo!

No século XIX reinava uma mentalidade triunfalista. As pessoas criam no Progresso («que se não trava»!). O meu tio Maurice Koechlin tinha desenhado os planos da torre Eiffel, querendo criar «uma torre para glória da civilização industrial»! Do mesmo modo, em matéria económica e financeira, acreditava-se que o capitalismo era a solução ideal, porque, segundo se dizia, encontraria em si mesmo com que superar todas as crises!...

Como se fabrica uma «grande depressão»?

Os economistas distinguem a «recessão» da «depressão». Na primeira, a economia está doente: desemprego, inflação, endividamento do Estado, etc. Mas na segunda, a doença chega a uma crise que pode ser mortal: a depressão, se não for superada, pode trazer o desaparecimento de toda uma nação. O que é que provocou a depressão de 1929?

Hugh Lynn Cayce [65]: Dará desta vez o que poderá ajudar cada uma das pessoas presentes a compreender as razões, o porquê da situação económica que atravessamos atualmente, enquanto indivíduos.

«SIM, TEMOS SOB OS OLHOS A SITUAÇÃO ECONÓMICA TAL COMO SE APRESENTA À HORA ATUAL, NESTE PAÍS (EUA) VAMOS PORTANTO DAR DELA UMA ANÁLISE, QUE POSSA SER ÚTIL ÀQUELES QUE PROCURAM TANTO SITUAR-SE A SI MESMOS COMO CONHECER AS CAUSAS DA CRISE GERAL QUE SÉVI HOJE. É EVIDENTE QUE ESTA CRISE FOI ANALISADA MUITO DIVERSEMOS, TANTO POR AQUELES QUE PROCURAM TIRAR DELA UM ENSINAMENTO VÁLIDO PARA A SUA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA COMO POR AQUELES QUE PROCURAM, E QUE PROCURARAM, COMO TRAZER UMA AJUDA INTELIGENTE E COMPREENSIVA A OUTREM (...).» (Leitura 3976-14, 5 de novembro de 1933)

Os economistas eram, com efeito, de opinião diferente. Uns acusavam o governo americano de ter tomado medidas fiscais e monetárias estúpidas (agravando os impostos, por exemplo, o que trava os investimentos, e portanto o número de empregos). Outros acusavam esse mesmo governo de ter assistido ao crash sem nada fazer. Como é evidente, toda a gente acusou os especuladores, que tinham perdido o dinheiro dos outros.

O Dr. Ravi Batra, no livro de que falei no início deste capítulo, esse, acusa a desigualdade dos rendimentos. Em 1929, 1% da população americana possuía mais de um terço da riqueza

do país. Apoiando-se no grande economista Keynes, Batra estima que é o desequilíbrio entre um punhado de muito ricos e uma massa de pobres, não aproveitando da prosperidade nacional, que provocou a catástrofe. Porquê? Porque os muito ricos empurram para loucas especulações. Pelo contrário, os pequenos aforradores, muito mais prudentes, procuram «os valores de pai de família», e representam um elemento moderador. Ora, nos anos que precederam a crise, o governo federal americano fez exatamente o que não devia fazer: aliviou os impostos sobre os ricos! O que agravou o fosso com os pobres. Relacionando os comentários proféticos de Cayce sobre a crise de 1929 a 1939, fiquei espantada por ele não dar explicações técnicas desmontando os mecanismos económicos e bolsistas. É porque não há senão uma explicação: o egoísmo social. A sua análise global corresponde bem à de um especialista como o Dr. Batra.

Afinal, é o egoísmo de um pequeno número que provocou a catástrofe... Mas, como se tem os dirigentes que se merece, aqueles que em lugar alto tomam as decisões são o reflexo da moralidade de todo um povo. Cayce insiste portanto na responsabilidade moral de cada um dos seus ouvintes:

Irá o ano de 1939, ou o ano de 1940, trazer-nos o início de uma nova crise económica?

«... A RESPOSTA É NÃO, A MENOS QUE AS MOTIVAÇÕES EGOÍSTAS, OS OBJETIVOS EGOÍSTAS NÃO DOMINEM ESSAS MEDIDAS CONTRA A CRISE. SE ISSO ACONTECER, E SE O ARTESÃO SE UNIR AO SALARIADO CONTRA O CAPITAL, ENTÃO AÍ, ARRISCA-SE A REENCONTRAR-SE NUMA SITUAÇÃO DESESPERADA. E VÓS, QUE FAREIS PARA LHE REMEDIAR?» (Leitura 3976-17, 25 de outubro de 1937)

Para Cayce, como veremos mais adiante, a próxima depressão arrisca levar em linha reta à guerra civil. Mas se cada cidadão nisso trabalhar, pode esperar-se ter dirigentes um pouco mais esclarecidos:

«TUDO DEPENDE DAS ESCOLHAS, SE ELAS FOREM CONSTRUTIVAS; TUDO DEPENDE DAS MEDIDAS QUE FOREM TOMADAS, DAS LEIS QUE VÃO AGORA SER POSTAS EM VIGOR PARA LUTAR CONTRA A CRISE.» (mesma leitura)

Poderia prever em pormenor as próximas tendências, no plano dos negócios e a estabilidade dos preços, nos anos vindouros, 1938, 1939 e 1940?

«ISSO AINDA, COMO ACABAMOS DE INDICAR, DEPENDERÁ DAS MOTIVAÇÕES PROFUNDAS DAS PESSOAS NO PODER, ISTO É AQUELAS QUE ESTÃO EM POSIÇÃO DE DOMINAR AS ESCOLHAS POLÍTICAS PROPOSTAS AO POVO.» (mesma leitura)

Afinal, tudo é uma questão política, isto é, de escolha. Mas toda a questão é escolher os dirigentes conscientes das suas responsabilidades. Os outros - os dirigidos - devem rezar pelos dirigentes que escolheram para si [66]:

«VÓS, ENQUANTO INDIVÍDUOS, E ENQUANTO GRUPO, ENQUANTO ASSOCIAÇÃO, FAZEI ALGO POR ESTES PROBLEMAS. NÃO SE TRATA, PARA VÓS, DE DIRIGIR, DE COMANDAR EM POSTOS IMPORTANTES - PORQUE NINGUÉM ESTÁ NO LUGAR ONDE ESTÁ, SE NÃO FOR PELA GRAÇA DE DEUS.» (Leitura 3976-27)

Cayce insiste no dever de rezar para pedir, «PELA GRAÇA DE DEUS», que os responsáveis estejam à altura.

«E APÓS O QUE ACABA DE VIVER ESTE PAÍS NO PLANO NACIONAL, CADA ALMA DEVERÁ PERGUNTAR-SE COMO APLICAR ESTE MANDAMENTO DIVINO QUE FOI DADO. ESTE PRIVILÉGIO

QUE TEM TODO O SER VIVO: TESTEMUNHAR A LEI DE AMOR, DE QUE TODA A ALMA TEM O DIREITO DE BENEFICIAR. PORQUE, POR CAUSA DO ESQUECIMENTO DESTE PRIMEIRA MANDAMENTO, A HUMANIDADE ARRISCA-SE A FICAR REDUZIDA AO PIOR.» (Leitura 3976-14, 5 de novembro de 1933)

Quando Cayce pensa no pior, é a superdepressão económica + a guerra civil + os cataclismos de que falamos mais acima. E isto:

«NA MEDIDA EM QUE SE ESQUECEU O SEGUNDO MANDAMENTO, QUE É IGUAL AO PRIMEIRO: "AMARÁS O TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO."

ASSIM, ESTA CRISE AFETA A MAIOR PARTE DA NOSSA NAÇÃO, E DO MUNDO. EIS O RESULTADO OBTIDO POR AQUELES QUE SEMEIAM A DIVISÃO, O ÓDIO, A MALÍCIA, O EGOÍSMO (...)

TODA A LEI ESPIRITUAL REPOSA AÍ. E, PARA VÓS, PODER-SE-IA ADAPTÁ-LA ASSIM: TODA A ATIVIDADE HUMANA TEM A SUA ORIGEM E A SUA FINALIDADE NO ESPÍRITO DESTE MANDAMENTO. ELA DEVE SER FUNDADA NO ESPÍRITO DE VERDADE, SENÃO FRACASSA.»

Mesmo a Bolsa deve ser «moral», senão é o crash... Para Cayce, nem a política nem a alta finança podem estar acima das leis morais:

«CADA UM DE VÓS DEVERIA INTERROGAR-SE: "QUE DEVO FAZER, EU?", E NÃO PENSAR QUE É O PROBLEMA DO OUTRO DIRECTOR, DO OUTRO QUADRO, DO OUTRO INDIVÍDUO. MAS CADA UM DEVERIA PERGUNTAR-SE: "O QUE É QUE, EU, DEVO FAZER PARA MELHORAR A CRISE ECONÓMICA QUE ATRAVESSAMOS?"» (Leitura 3976-14)

«TUDO DEVE COMEÇAR NO CORAÇÃO E NA CABEÇA DE CADA CIDADÃO.» (Leitura 3976-28)

(... Como dizia Montesquieu em O Espírito das Leis!)

Em última análise, a crise económica não fez vítimas «inocentes». As vítimas tinham consentido, pouco ou muito, neste estado de coisas doentio, repousando no egoísmo social, no materialismo, na corrida ao dinheiro primando sobre tudo o resto...

Qual é a causa desta grande depressão, e quando se pode esperar, nos Estados Unidos, o regresso a condições normais?

perguntou-se a Cayce, a 15 de janeiro de 1932.

«... QUANDO O MAIOR NÚMERO VIR QUE UM CERTO IDEAL SE TORNOU DE NOVO A REGRA GERAL. ENTÃO AÍ, PODER-SE-Á ESPERAR UMA MELHORIA. NÃO UMA MELHORIA NO SENTIDO EM QUE OS HOMENS A ENTENDEM, SOMANDO OS DÓLARES E OS CÊNTIMOS, NÃO. MAS A SATISFAÇÃO GERAL E A COMPREENSÃO, UMA SENDO O FRUTO DA OUTRA.» (Leitura 3976-8)

Dito de outro modo, seria preciso visar em primeiro lugar o bem-estar geral, num espírito de compreensão. Não sobrecarregar as pessoas com impostos, sobretudo os pobres. À hora atual, os países comunistas fornecem uma magnífica demonstração a contrario do princípio que dá Cayce acima: as suas economias arrastam-se no marasmo, veem-se aí longas filas à porta de lojas de alimentação a meio gastas. Porquê? Porque são países onde as pessoas não estão nem contentes, nem felizes, nem satisfeitas; como prova: as dezenas de milhões delas que fugiram para o Oeste desde 1945... E isso continua!

Contudo, muitos peritos ocidentais, dos quais o famoso John Kenneth Galbraith, e o Dr. Ravi Batra, que citei mais acima, estimam que os Estados Unidos recriaram, nos anos 80, as condições doentias dos anos 20: a riqueza está de novo perigosamente concentrada nas mãos de um pequeno número

de egoístas; a agricultura bate a asa (é também o caso entre nós) e as grandes indústrias tradicionais esgotam-se (metalurgia, têxtil, automóvel, estaleiros navais...).

«Todas as grandes fortunas ruirão»

A frase é de Marie-Julie Jahenny (op. cit., p. 97) e ela não é a única. Marie Lataste, outra vidente francesa, estimava que os «Grandes Acontecimentos» se acompanhariam de uma depressão económica. É também, mais recentemente, a opinião da vidente libanesa de quem falei mais acima:

«A carestia de vida generalizar-se-á no mundo. Haverá na Terra uma fome até aí desconhecida... Tudo isto ameaça e vós permaneceis inconscientes.» (Jeanne-d'Arc Faragé, 1987, op. cit.)

Que diz Cayce sobre isso? Não é muito encorajador. Os seus avisos repetidos e insistentes deixam entender que com efeito estamos ameaçados:

«VÓS, POVO AMERICANO, QUE ADOTASTES OFICIALMENTE O CRISTIANISMO - AO PONTO DE GRAVAR NA VOSSA MOEDA "IN GOD WE TRUST [67]", NÃO DEVEREIS POR A VOSSA CONFIANÇA NA POTÊNCIA HUMA, NEM NA POLÍTICA E NA ECONOMIA, PORQUE, NESSES DOIS DOMÍNIOS, IRÁ HAVER MUDANÇA.» (Leitura 3976-25, 23 de junho de 1940)

A mudança que ele prevê é para mais tarde (após a Segunda Guerra mundial!). Mesmo quando as coisas aparentemente não vão demasiado mal, faríamos melhor em desconfiar:

«PORQUE HÁ ESSAS INFLUÊNCIAS SORRATEIRAS, QUE PODEM TRANSFORMAR UMA SITUAÇÃO VANTAJOSA EM FRACASSO. MAS, EM TODO O LADO ONDE O EGOÍSMO É A MOTIVAÇÃO DOMINANTE, PODEM ESPERAR-SE PERTURBAÇÕES E COMBATES» (Leitura 3976-17)

diz Cayce em outubro de 1937, quando, contudo, a situação económica começa a endireitar-se - mas é ainda frágil.

E depois, há as crises futuras a evitar. É por isso que:

«VIVEI CADA DIA, CADA HORA, APLICANDO ESTES PRINCÍPIOS ESPIRITUAIS NA VOSSA PRÓPRIA VIDA, COM AQUELES QUE ENCONTRAIS QUOTIDIANAMENTE.» (mesma leitura)

«E AQUELES QUE PROPAGAREM ESTES PRINCÍPIOS ESTARÃO ASSEGURADOS DE BENEFICIAR DA PAZ FÍSICA E MORAL.» (mesma leitura)

«PORQUE O SENHOR PODE, E QUER, PROTEGER AQUELES QUE LHO PEDEM COM HONESTIDADE - E ELE FAZ-O: "PEDI E RECEBEREIS, BATEI E ABRIR-SE-VOS-Á."» (Leitura 3976-25)

O leitor terá notado a precisão «QUE PEDEM COM HONESTIDADE» («WITH RIGHTEOUSNESS»). Trata-se de um contrato entre pessoas honestas: Deus respeita os seus compromissos em relação àqueles que respeitam os seus. É um acordo bilateral. Cuidado com os batoteiros! Mas se nos esforçarmos por respeitar as leis divinas, estamos protegidos.

Punha-se então muita esperança na criação de uma moeda mundial que, pensava-se, sanearia as relações financeiras internacionais. É a pergunta de Gertrude Cayce:

Será possível criar uma moeda mundial, ou obter a paridade das moedas?

«DEVER-SE-Á TAMBÉM TRABALHAR NISSO. MAS PASSARÁ MUITO TEMPO, MUITO TEMPO, ANTES QUE ISSO ACONTEÇA. PODERIA MESMO HAVER OUTRA GUERRA, DEVIDA A ESTES PROBLEMAS. MAS HAVERÁ UM PASSO DADO NA BOA DIREÇÃO, NAS TENTATIVAS PARA TRAZER A PAZ NESSE MOMENTO.» (Leitura 3976-28, 20 de junho de 1943)

Cayce acaba de dizer mais acima que o que causa os maiores conflitos, é, além dos desentendimentos religiosos, as disparidades económicas entre os países. Perspetiva, pois, (para depois de 1945!), uma Terceira Guerra mundial, que seria provocada por intoleráveis desigualdades económicas e financeiras. E, como são os países ricos, em particular os Estados Unidos, que fixam os cursos das moedas, os países pobres são eternamente espoliados: o dinheiro que recebem dos países ricos não tem outro valor senão aquele que estes últimos lhe querem dar. Tornam-se, pois, cada vez mais pobres... Na mesma leitura, Cayce evoca as revoltas futuras que arriscam sobrevir, se deixarmos os pobres empobrecer ainda mais:

«EXATAMENTE COMO AS CÉLULAS DO CORPO [68], QUANDO COMEÇAM A REVOLTAR-SE, ARRASTANDO AS OUTRAS A FAZER IGUAL! ENTÃO É O INÍCIO DO FIM!» (mesma leitura)

Para terminar, uma pergunta posta por Gertrude Cayce:

Rezando, falando, escrevendo, os membros da nossa Associação podem contribuir, modestamente, para propagar princípios espirituais que ajudarão a varrer os obstáculos à paz. À medida que fomos enumerando estes, quereria, por favor, dizer-nos sobre que princípios basear a nossa atitude construtiva? E, para começar, as desigualdades económicas entre as Nações?

«TODA A RESPOSTA ESTÁ CONTIDA NA PERGUNTA: "ÉS TU O CRISTO OU DEVEMOS ESPERAR OUTRO?" E, QUAL FOI A SUA RESPOSTA? NÃO DE TODO: "SIM, EU SOU AQUELE CUJA VINDA ANUNCIASTES DESDE HÁ TRÊS ANOS E MEIO, NAS MARGENS DO JORDÃO." NÃO. MAS: "DIZEI QUE OS DOENTES ESTÃO CURADOS, E QUE OS CEGOS VEEM." NESTA FRASE ESTÁ A RESPOSTA A QUALQUER PROBLEMA, QUALQUER QUESTÃO ECONÓMICA INTERNACIONAL.» (Leitura 3976-27)

Para compreender, é preciso reler a passagem dos Evangelhos (Lucas, VII, 22) onde, tomado de uma dúvida, João Baptista se interroga: é Jesus o Messias esperado? Tinha-se enganado? A que Reconhecê-Lo? A proclamações grandiosas? Não de todo, diz Cayce, mas a factos, como a cura dos doentes. Dito de outro modo, em claro, os discursos dos políticos não alimentam as pessoas, e não lhes trazem a saúde. É preciso atos.

2

A FOME NO MUNDO INTEIRO

A fome, subproduto do desprezo de outrem

Cayce não cessa de comparar a decadência dos Atlantes com a nossa. Evoca a fome de que tinham sofrido nos últimos tempos, antes da catástrofe final que engoliu a Atlântida. E, no seu pensamento, é um aviso à nossa civilização, que segue o mesmo caminho:

«NA ÚLTIMA ÉPOCA (da Atlântida), COM A URBANIZAÇÃO ACRESCIDA, RARIFICARAM-SE OS MEIOS DE OBTER NA NATUREZA COM QUE SATISFAZER AS NECESSIDADES DO CORPO, O VESTUÁRIO. A RESTAURAÇÃO DAS FORÇAS FÍSICAS; DITO DE OUTRO MODO, A FOME CHEGOU...» (Leitura 364-4, 16 de fevereiro de 1932)

Encontra-se uma abundância de leituras respeitantes à fome no mundo - Cayce não é otimista sobre o futuro.

Cada vidente «vê ao seu meio-dia», e o que interessa ao povo ao qual transmite a informação. Ora a alimentação é certamente um dos grandes problemas do «American way of life» [69]. Problema que está longe de estar resolvido, porque é o produto de uma perversão psicológica profundamente enraizada. Efetivamente, o puritanismo condena a atenção

concedida ao corpo, e aos prazeres naturais, que são a priori suspeitos de pecado.

As pessoas, nesta perspetiva, infligem-se portanto com boa consciência refeições sem alegria, tendo a impressão de que é moral não aí encontrar prazer! Os alimentos, sem gosto, arqui-tratados e mal preparados (hot dogs, ice-creams e fast foods, etc.), produzem em grande série cardíacos, cancerosos, depressivos e obesos. (Espectáculo assustador, que se chama lá: «The monsters»!) Isto explica-se bastante bem pelo tema de nascimento dos Estados Unidos - visto que cada país tem o seu tema de nascimento, que mostra os seus trunfos e as suas fraquezas.

Este tema, portanto (se considerarmos que o novo Estado foi proclamado ao alvorecer, segundo a tradição maçónica, à qual pertenciam Washington e o seu círculo), tem o ascendente em Gémeos. O que coloca o Touro, símbolo da alimentação [70], na casa das provações, a XII.

Portanto, por enquanto, os concidadãos de Cayce comem mal e ficam doentes com isso. Mais tarde, já não comerão nada, e voltarão a ficar magros... como todos nós, na última década do século!

Em vida de Cayce, a fome não era desconhecida na América. Tinha havido as vítimas da guerra civil, ou «de Secessão», pequenos Brancos do Sul e Negros cuja situação económica estava longe de estar resolvida ainda no ano do seu nascimento (em 1877). Mais tarde, entre as duas guerras mundiais, foi a Grande Depressão de que acabámos de falar no capítulo anterior. As leituras dessa época fazem-se eco disso e respondem a essa angústia. O governo americano esforçava-se por assistir a agricultura, mas viam-se ao canto das ruas pobres

diabos tentar vender algumas maçãs roubadas para sobreviver. Perguntou-se a Cayce:

O que se deve esperar do programa de ajuda à agricultura proposto pela administração atual? Será ele aplicado com sucesso?

«APARENTEMENTE, PARECE QUE HAVERÁ EM GRANDE PARTE BLOQUEIO - PORQUE ESTE PROGRAMA É CONSIDERADO POR ALGUNS COMO DEMASIADO AMBICIOSO. ISSO PODE IGUALMENTE PROVOCAR PERTURBAÇÕES, ZANGAS. TAMBÉM AÍ, SE NÃO SE CONTAR APENAS COM PALAVRÓRIO, MAS SE TOMAR O INTERESSE GERAL EM CONSIDERAÇÃO, A SITUAÇÃO PODE REEQUILIBRAR-SE POR SI MESMA.» (Leitura 3976-17, 25 de outubro de 1937)

Foi finalmente o que aconteceu. Mas:

«COMO JÁ DISSEMOS, UM PAÍS NÃO É MAIS FORTE DO QUE O SEU PONTO FRACO, EM QUALQUER SETOR. (E para a América, é verdadeiramente a questão alimentar!) DEVE, POIS, HAVER UMA COOPERAÇÃO, UMA COORDENAÇÃO, UMA UNIDADE NO SENO DO GOVERNO, NA SUA POLÍTICA OFICIAL, NA SUA LEGISLAÇÃO E NA SUA ADMINISTRAÇÃO. (...) NINGUÉM TEM O DIREITO DE JOGAR AOS DITADORES E DE DECIDIR, SEM CONSIDERAR CADA ENGRENAGEM DO GOVERNO COMO UMA PARTE DE UM TODO.» (mesma leitura)

Dito de outro modo, esta má organização económica, que impedia certas categorias sociais de comer até à sua fome, era, diz Cayce, provocada pelo gosto do poder e pelo desprezo de outrem. Desprezo social complicado de racismo nos Estados onde eram os Negros que trabalhavam a terra. Os «pequenos

Brancos» agricultores, esses também, quase não eram considerados nessa época.

«O TRABALHADOR, O JORNALEIRO, QUE GANHA A SUA VIDA AO SUOR DA SUA TESTA, E O GRANDE DIRECTOR, QUE TEM NUMEROSAS PESSOAS SOB AS SUAS ORDENS, DEVEM SER IGUAIS DIANTE DA LEI. PORQUE, AOS OLHOS DO MESTRE [71], É MESMO PESO E MESMA MEDIDA PARA TODOS.» (mesma leitura)

Se a situação nos Estados Unidos melhorou, os problemas foram deslocados. Atualmente, esse mesmo gosto pelo grassa por todo o Ocidente, penalizando os agricultores do terceiro mundo. É atroz pensar que esses esqueletos vivos, que morrem todos os dias no Sahel e na Abissínia, morrem por nossa culpa, porque fomos nós que provocámos a dramática pobreza do seu país. Os peritos da F.A.O. denunciam desde sempre a exploração económica do terceiro mundo pelos países ricos. Drenamos as suas riquezas, empanturramo-nos cada vez mais. E eles têm cada vez mais fome. Vergonha para nós... A situação é certamente explosiva e, como diz Cayce, não deixa de trazer guerras...

«O SENHOR DISSE QUE AQUELE QUE PRETENDE AMAR A DEUS E DEIXA O SEU PRÓXIMO SOFRER DE FOME OU DE FRIO SEM NADA FAZER, ENQUANTO BRAMA "VAI EM PAZ, DEUS ESTÁ CONTIGO", É UM MENTIROSO E UM LADRÃO. É DESHONESTO COMIGO MESMO E CONTRIBUIRÁ UM DIA PARA TRAZER O DESCONTENTAMENTO E AS DISPUTAS SOBRE A TERRA.» (Leitura 3976-28)

Porque:

«A TERRA, diz Cayce, PERTENCE AO SENHOR COM TUDO O QUE ELA PRODUZ, E A PRODUÇÃO DE CADA PAÍS É EMPRESTADA

AO HOMEM PARA QUE ELE POSSA DAR AO SEU IRMÃO. E QUEM É O TEU IRMÃO? (...) TODO O HOMEM, QUAISQUER QUE SEJAM O SEU PAÍS, A SUA COR, A SUA FÉ, É O IRMÃO DAQUELE QUE PROCURA AMAR O SEU PAI-DEUS.» (Leitura 5398-1, 24 de agosto de 1944)

O egoísmo do Ocidente é assassino, não apenas para o terceiro mundo, mas para os próprios Ocidentais...

«SE APENAS CONSENTISSEM EM POR EM PRÁTICA, NA SUA VIDA DE TODOS OS DIAS, O PRIMEIRO DE TODOS OS MANDAMENTOS: "AMARÁS O SENHOR TEU DEUS DE TODO O TEU CORAÇÃO, E O TEU VIZINHO COMO A TI MESMO"...» (Leitura 3976-14, 5 de novembro de 1933)

E quão estúpidos somos por depender, para a nossa alimentação, de importações massivas dos países tropicais... Isto lembra-me o meu espanto na Flórida onde me tinha convidado uma muito encantadora Canadiana. Aceitei, dizendo-lhe: «Ah, como me regozijo por poder comer frutas exóticas!» Ela abriu uns olhos redondos. Não via de todo do que eu queria falar. «Ora essa, disse-lhe eu, a Flórida é um país tropical, com palmeiras e coqueiros, não?

Não me vai dizer que não encontrarei aí frutas exóticas?» Nenhum eco na minha gentil amiga... No dia seguinte à nossa chegada, conduziu-me prestavelmente a um dos supermercados da cidade, onde reencontrei - como em todo o lado nos Estados Unidos - o ar condicionado, o rock em música de fundo, os néones pálidos... e as frutas mortas na sua banca: refrigeradas, desodorizadas, esterilizadas. Tudo o que agrada à dona de casa de além-Atlântico (a qual tem constantemente medo de se envenenar!).

Havia ali bananas importadas da América Central, amareladas artificialmente; ananases, idem; abacates, idem; citrinos da Califórnia, tão tratados quimicamente que já não restava deles senão um gosto de rebuçado acidulado sintético. Procurando bem, encontrei alguns cocos, hermeticamente enfaixados no seu filme plástico. Vendo-me desapontada - sem compreender porquê -, a minha querida Canadiana fez-me dar a volta às lojas de alimentação de Fort Lauderdale. Todas iguais. Frutas exóticas? Mas o que é que eu entendia por isso? Se tivesse sido mais rica, ter-lhe-ia oferecido na hora um bilhete de avião para Guadalupe. Lá, ela teria encontrado, ao ar livre, num festival de cores, de perfumes e de risos, o que eu tinha em vão procurado na Flórida: mangas, jujubas, cabaças, goiabas, cajus, bananas, inhames, barbadinas, belimbes, cancambous, fruta-pão, carambolas, sapotilhas, melancias...

Com cheios, cheios de micróbios em cima, mas um sabor! Uma festa dos olhos, do gosto, e do sorriso!

Infelizmente... Como sou bastante obstinada, fui a pé para a beira do mar apanhar frutas que tinha localizado em árvores desconhecidas, ao longo de uma avenida. Após ter verificado ao pêndulo que eram comestíveis, provei-as: um deleite! Segundo o guia da Flórida, estas «uvas de praia» tinham dessedentado outrora os primeiros navegadores europeus... Colhi um prato delas para as oferecer à minha amiga e à sua filha... horrorizadas: «Apanhou "isso" lá fora? Não vai apesar de tudo comê-las?»

Eis, era a gafe. Tinha feito algo de não conveniente: só se come o que está no supermercado, e que leva uma etiqueta. Senão, envenenar-nos-íamos. Tinha admirado muito o princípio de pensamento positivo desenvolvido na América - e penso que

temos interesse em imitá-lo. Mas sobre a Natureza a América aplicou constantemente o pensamento negativo: no pensamento americano, a Natureza selvagem é suja, perigosa e envenenada. Plantas e animais (selvagens ou não) supõe-se que não trazem senão micróbios! E este poderoso pensamento negativo, aplicado à nossa mãe Terra, está a matá-la [72]... Quanto às «uvas de praia», sobrevivi perfeitamente a elas.

Todas estas frutas industriais que se encontram nos supermercados, é dramático. Na Flórida, dizia para mim: eis todo um povo, que depende, para a sua alimentação, de importações do estrangeiro. Estas frutas e legumes execráveis ao gosto e perigosos para a saúde são integralmente perversos: são os frutos do desprezo recíproco entre povos produtores sobrecarregados, constrangidos a produzir má qualidade a baixo preço - e um povo consumidor racista e empanturrado. Não há necessidade de ser o grande vidente de Virginia Beach para ver que isso acabará mal:

«PORQUE SABEI QUE A SUA LEI É ETERNA: "COLHEREIS O QUE SEMEASTES."» (Leitura 3976-23)

«A Terra não produzirá senão maus frutos»

dizia a mensagem de La Salette, numa época em que ninguém o teria imaginado!

«A Terra será atingida por toda a espécie de pragas (...) a fome será geral»

acrescentava a mesma mensagem (ver anexos no fim do volume).

«As inundações, os temporais, e as doenças dos animais, os frutos e as produções da Terra estragados e corrompidos anunciarão ao Homem que Deus é o Mestre, embora o Homem não o queira mais reconhecer»

diz também a Sra. de Meylian, numa profecia anterior a 1848.

Desde a minha visita à Flórida, esforço-me por não comprar em todo o lado senão produtos locais, e em harmonia com a estação. Cayce era, contudo, de uma opinião razoável:

«OS LEGUMES IMPORTADOS NUNCA SÃO MUITO BONS.» (Leitura 2-14)

... Nem as frutas, como ele repete em outras leituras!

Como é evidente, tudo o que acabo de dizer a propósito dos Estados Unidos aplica-se a nós também, na Europa. Somos todos culpados. E se tivermos fome um dia, como anunciam todos os videntes, isso não será senão uma retribuição cármica, o regresso do bastão, porque esfomeámos outros povos... Vai ser preciso que isso mude:

«TODA A GENTE O COMPREENDEU, MUDANÇAS PREPARAM-SE, NÃO APENAS NO PLANO NACIONAL, MAS AINDA NAS NOSSA RELAÇÕES COM OS OUTROS PAÍSES (...) SERÁ PRECISO QUE SE TENHA MAIS CONSIDERAÇÃO PELOS DIREITOS DO HOMEM.» (Leitura 3976-18, 20 de junho de 1938)

A fome, segundo Cayce, é uma consequência do egoísmo de certas nações. Ele não cessa de recordar os grandes princípios de fraternidade, mas:

«MUITOS VÃO DIZER: "SIM, TUDO ISSO É MUITO BONITO, MAS ISSO NÃO ALIMENTA AQUELES QUE TÊM FOME, NÃO VESTE AQUELES QUE ESTÃO NUS, NEM ABRIGA AQUELES QUE TÊM FRIO!"

MAS QUEM POIS - QUEM? - É O REPRESENTANTE DO PAI DA TERRA? NÃO ENTREGOU ELE TODO O HOMEM À GUARDA DO SEU IRMÃO? NA VOSSA VIDA ATUAL, RESPONDESTES À ANTIGA PERGUNTA: "SOU EU O GUARDIÃO DO MEU IRMÃO?"» (Leitura 3976-14)

Os videntes europeus estão inteiramente de acordo com Cayce. A Virgem em La Salette, após a mensagem «oficial», fala longamente à pequena Mélanie do «trigo estragado» e da inquietação do seu pai, que dizia à pequena menina: «Toma, minha criança, come este ano, porque não sei quem comerá no próximo ano, se o trigo se estraga assim», para lhe recordar que a escassez, depois a fome, podem regressar.

Marie-Julie Jahenny em La Fraudais dizia que na época dos «Grandes Acontecimentos»:

«A fome seria grande.» (Op. cit.)

Para este período vindouro, todos os videntes europeus falam de seca, de canícula extrema, que destruirá as ceifas:

«O calor será terrível... um sinal da cruz com a água benta diminuirá o calor.» (23 de fevereiro de 1928, Marie-Julie Jahenny, op. cit.)

«Quando a calamidade de seca predita se abater sobre o mundo inteiro, apenas a bacia que Deus fez escavar (aqui) conterá água.» (Dozulé, 1.º de novembro de 1974)

Nas revelações de Maria Graf, vidente suíça contemporânea, pode ler-se (é o Cristo que fala):

«Devo castigar o mundo pela fome (...), porque muitos homens não conhecem o seu Criador.» (Op. cit., 2 de junho de 1961)

Outro eco, de um escritor atual:

«Os dias aproximam-se em que será preciso lutar, e não apenas ver vir. É preciso que te me prepareis para isso, por privações, a fim de que aquelas que te forem impostas sejam menos pesadas, para os teus e para ti. Algo deve produzir-se daqui a pouco, e o mundo será entregue a lutas sangrentas e a pilhagens.» (Paul Misraki, L'Expérience de l'après-vie, Éd. Robert Laffont, mensagem de 1972)

«Os frutos do solo diminuem. As raízes estão privadas da humidade necessária. As sementes apodrecem nos campos, e aquelas que germinam não produzem mais nada»

anuncia a profecia de São Cesário de Arles para o «Fim dos Tempos».

O Apocalipse acrescenta:

«As minhas testemunhas (...) têm o poder de fechar o céu a fim de que nenhuma chuva caia durante o tempo da sua missão.» (XI, 6)

É preciso começar a preparar-se. Aprendamos a jejuar [73], façamos provisões - mas também colaboremos nas obras (aquelas que são sérias), que se esforçam por ajudar os esfomeados do terceiro mundo!

A própria Terra está em perigo, e os grupos de oração e de cura da Fundação Cayce dizem sempre, sobre as instruções de Edgar, uma oração pela Terra.

«Deixai, deixai todos os trabalhos que são inúteis, quando o mais necessário é salvar a Terra. Nesta hora que tendes, rezai pela Terra. Não tagarelem, ponham-se em oração.» (Mamma Rosa em San Damiano, mensagem de 2 de junho de 1967)

A mensagem entende-se a todos os níveis, ao mesmo tempo como «rezar pelo planeta» e «rezai pela terra nutriz». As causas da fome serão diversas, segundo os países. Causas naturais, certamente (inundações, sismos, etc.); causas humanas: se houver a guerra, os homens não podem plantar e semear tranquilamente, as colheitas são devastadas e os circuitos de distribuição desorganizados. Mas é igualmente uma economia doentia, o inchamento exagerado do setor terciário em detrimento do setor primário (agricultura, pecuária, minas...), que pode produzir a guerra e a fome.

Partilhar com aqueles que têm fome

As desordens que se anunciam provocarão uma vaga de refugiados - com os quais aqueles que tiverem com que comer, mesmo pouco, terão o dever de partilhar:

«QUANTO À ATITUDE EM RELAÇÃO AOS REFUGIADOS EM GERAL, AQUELES QUE SOCCORREM OS ESFOMEADOS E OS APÁTRIDAS, É COMO SE SOCORRESSEM O PRÓPRIO SENHOR, VISTO QUE ELE DISSE: "O QUE FAZEIS AO MAIS PEQUENO ENTRE OS MEUS, É AO VOSSO CRIADOR QUE O FAZEIS." CELA DEVERIA SER SEMPRE A VOSSA ATITUDE. QUE CADA UM VIVA DE MANEIRA NÃO A ENGORDAR O SEU EGOÍSMO, MAS A AJUDAR O AMOR DE DEUS A MANIFESTAR-SE.» (Leitura 3976-24, 16 de junho de 1939)

O reverendo Arthur Ford insiste nos bandos de salteadores esfomeados que virão pilhar as casas para se alimentarem. Será preciso reaprender a partilhar. É o que não teremos feito, visto que o fosso entre países pobres e países ricos não cessou de se cavar. Este fosso escandaloso exige uma «reorganização» (que arrisca ser dolorosa). À fome arrisca juntar-se a sede:

«À hora atual, os Terrestres agitam-se como aqueles que choram quando as boias de salvação partiram ao sabor da água; mas o fim de uma Era será algo de muito mais terrível: a sede, a fome, tormentos indizíveis, imensas catástrofes virão (...) Os números da Água são 3.5.7. O Homem está a destruí-los nos seus elementos. Os números da Água uma vez destruídos não se refazem. O Homem deverá portanto morrer de sede.» (Germana Grosso, op. cit., p. 141, mensagem de 1971)

Ler a este respeito o livro de Philippe Desbrosses, Le Krach alimentaire (Éd. du Rocher, 1988), análise lúcida da situação agrícola atual... e tirar daí as conclusões que se impõem!

O regresso à terra

«SE TIVERDES OS MEIOS DE COMPRAR UMA QUINTA, É UMA OPORTUNIDADE A NÃO PERDER - SE NÃO QUISERDES TER FOME NOS TEMPOS QUE VIRÃO.» (Leitura 3620-1, janeiro de 1944)

À data desta leitura, já não se tratava das fomes devidas à Segunda Guerra mundial. É preciso também precisar que a palavra «farm», em americano, não designa algo equivalente à palavra «quinta», entre nós. Nos Estados Unidos, os animais de criação são proibidos no perímetro das cidades (bastante extenso). É designada como «quinta» uma propriedade onde se tem o direito de criar animais (mesmo que não se tenha senão duas ovelhas e que se ganhe a vida na publicidade!). Isto lembra-me os amigos que, em Paris, durante a última guerra, tinham uma colmeia na sua varanda, e colhiam mel. Produção que aliás durou muito tempo após a guerra. As abelhas alimentavam-se das árvores de flores das avenidas e dos jardins públicos... Uma amiga parisiense da minha mãe criava galinhas no seu jardim em Passy. Toda a gente sabe que, para que os ovos sejam bons, é preciso um galo. Mas como evitar os cocorocós noturnos? A amiga da minha mãe arrumava todas as noites o galo num caixote, de forma que ele não pudesse levantar a cabeça para cantar! (Descompensava-se durante o dia!) Uma consulente de Cayce perguntou-lhe:

Deverei guardar os meus 25 acres, perto de Oceana (Virgínia); e igualmente o que possuo em Linkhorn Park (em Virginia Beach)?

«GUARDE A TERRA: ELA PODERÁ SER UMA BASE DE SUBSISTÊNCIA NAS PÁGINAS EXTREMAMENTE DIFÍCEIS QUE ATRAVESSARÃO CERTOS CANTO DO PAÍS. SERÁ UMA BASE DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA PARA SI E PARA OS SEUS PRÓXIMOS.» (Leitura 416-17, novembro de 1943)

Será sempre bom comprar uma quinta na região entre Washington e Norfolk (a cidade vizinha de Virginia Beach)?

«ISSO NÃO MUDOU. PORQUE AS PROVAÇÕES QUE DEVERÁ SUBMETER ESTE PAÍS NÃO COMEÇARAM AINDA, EM TODO O CASO NO QUE DIZ RESPEITO À PRODUÇÃO AGRÍCOLA E AO MERCADO ALIMENTAR.» (Leitura 257-254, 18 de dezembro de 1943)

Outra leitura espanta:

«O SASKATCHEWAN, OS PAMPAS DA ARGENTINA (...), CERTAS REGIÕES DA ÁFRICA DO SUL, ESTES RICOS TERROIRS. BEM COMO UMA PARTE DO MONTANA E DO NEVADA, DEVERÃO ALIMENTAR O MUNDO» (Leitura dada em 1944)

e não poderia explicar-se senão por uma mudança de clima. Atualmente, é perfeitamente verdadeiro que o Saskatchewan (Canadá), o Montana (Estados Unidos) são grandes zonas cerealíferas; que os pampas (Argentina) fornecem a carne ao mundo inteiro, e a África do Sul frutas e oleaginosas. Mas o que se não compreende, é que o Nevada seja adicionado à lista: é um deserto. Este Estado das montanhas Rochosas brilha mais pelas suas performances turísticas do que agrícolas: Las Vegas não produz senão caixas de noite... Será possível que uma mudança de clima aí faça verdejar o deserto? Talvez fosse preciso por esta leitura sobre as perspetivas agrícolas do Nevada em correlação com a leitura 270-35, de 1934, onde Cayce anunciava para este Estado, até aí desértico, sismos que provocariam inundações. Tudo pode acontecer no Nevada, encostado à Califórnia, empoleirado em montanhas instáveis. A mudança dos climas,

após todas estas perturbações, oferecer-lhe-á talvez uma vocação de celeiro de trigo, como a Beauce...

Como prepararmo-nos para as grandes fomes? Lembro-me de um médico judeu que tinha regressado de um campo de concentração muito menos esquelético do que os outros. Àqueles que lhe perguntavam como tinha feito para não morrer de fome, ele respondia: «Desde sempre, exercito-me a comer ervas, rebentos, raízes, folhas... É graças a isso que pude sobreviver no campo!» Aprender a reconhecer as ervas selvagens comestíveis, isso poderá ser um dia útil. (Tinha outrora falado disso em Le Guide de l'anti-consommateur, Éd. Seghers-Laffont.) Voltar do que fomos todos camponeses!

«TUDO O QUE SE PRECISA PARA VIVER É PRODUZIDO PELO SOLO. PORTANTO, SERÁ PRECISO QUE HAJA UM REGRESSO À TERRA. CADA HOMEM DEVERÁ TER A POSSIBILIDADE DE TIRAR DO SOLO, PELA SUA ATIVIDADE, O QUE PRECISA PARA ALIMENTAR O SEU CORPO (...) PORQUE O NOSSO CORPO É FEITO DOS ELEMENTOS DA TERRA, DEVE, PORTANTO, ALIMENTAR-SE DO QUE VEM DA TERRA.» (Leitura 3976-19)

Leitura que poderia interpretar-se como um encorajamento a um certo vegetarismo.

Queria comentar os seguintes problemas, à medida que os for enunciando? Para começar, o desemprego nos Estados Unidos.

«EM TODOS OS GRANDES CENTROS, NAS ZONAS URBANAS, DEVER-SE-Á REGRESSAR À TERRA - HÁ DEMASIADOS EXPEDIENTES EM CERTO SETORES PRECISOS DA ATIVIDADE ECONÓMICA. SENÃO, CORRE-SE AO ENCONTRO DA RUPTURA

(dos stocks alimentares), DAS PERTURBAÇÕES, DA GUERRA.» (mesma leitura)

Entre nós como na América, o padre Lamy, em 1909, via para a França, que:

«Os operários serão bem obrigados a regressar à terra. O trabalho da terra retomará uma grande extensão.»

Aliás, como diz Cayce (que ele próprio jardinava muito!):

«NUNCA FEZ MAL A NINGUÉM METER OS DEDOS NA BARRA DE TEMPO A TEMPO, E TRABALHAR A TERRA!»

A experiência será certamente salutar!

Não queria terminar este capítulo sobre perspetivas negativas, visto que todos os nossos videntes veem chegar uma era de prosperidade, onde o problema da fome no mundo será resolvido.

Em primeiro lugar, diz a leitura 3976-15, a Índia comerá enfim até à saciedade.

Em seguida, diferentes videntes de entre nós veem regressar a abundância após os terríveis «Grandes Acontecimentos»:

«Se se converterem (os homens), as pedras e os rochedos mudar-se-ão em trigo!» (La Salette)

No «Fim dos Tempos», diz o venerável Holzhauser (nascido na Alemanha em 1613):

«Os homens viverão em paz, cada um na sua vinha e no seu campo.»

Reconfortante!

3
EPIDEMIAS E POLUIÇÃO

Não estamos ao abrigo das grandes epidemias

Todos os nossos videntes falam das epidemias que acompanharão as guerras do fim do século. O que é lógico. Porquê? O corpo médico não cessa agora de denunciar os abusos de antibióticos, que destroem as defesas do organismo se forem prescritos a propósito de tudo. O grande entusiasmo de há quarenta anos caiu, sabe-se agora que os antibióticos podem ser assassinos (alergias violentas), debilitantes a longo prazo. Os médicos honestos esforçam-se por limitar o seu uso aos casos graves. Eis uma das razões pelas quais muita gente se vira para as medicinas suaves, tendo descoberto que se podia tratar muito bem sem antibióticos.

Com as plantas, por exemplo, ou a acupuntura, ou a argila… ou os remédios de Edgar Cayce [74]! Tendo sido eu própria durante anos jornalista especializada nas «medicinas suaves» [75], vi tudo o que se podia esperar destas. Estas medicinas vindas da Tradição visam em primeiro lugar fortificar «o terreno», isto é, o conjunto do organismo, e restaurar as defesas naturais. É inteiramente a perspetiva de Cayce, que recorre a

estas medicinas. É com estas que nos poderemos defender contra as epidemias que nos ameaçam – mesmo a sida.

Sim, pode curar-se a sida por outras medicinas que não a «medicina maioritária»! O trabalho pessoal sobre o corpo, a oração, a disciplina alimentar, a higiene são poderosamente eficazes. E a cura pela oração, de que já falei [76], pode vencer tudo… Mesmo a peste, de que falam os videntes europeus.

Porquê a peste? É uma doença a vírus, que existe ainda em certas partes do mundo. Na nossa época, com o aumento das trocas internacionais, ninguém está preservado. Outrora, diz Cayce:

«A EXPANSÃO DOS HOMENS, À MEDIDA QUE SE POVOAVA A TERRA, TINHA-OS LEVADO A REAGRUPAREM-SE EM DIFERENTES NAÇÕES – COM A POSSIBILIDADE, AFASTANDO-SE UNS DOS OUTROS, DE CRIAR O QUE SE CHAMA ÉPOCAS DE CIVILIZAÇÃO AVANÇADA.» (Leitura 3976-8, 15 de janeiro de 1932)

Esta compartimentação protegia os grupos mais fracos. Certas partes do mundo podiam escapar, pelo seu isolamento, a doenças que devastavam outros países. Os Índios da América do Norte, por exemplo, ignoravam a varíola e outras doenças venéreas. Hoje:

«À APROXIMAÇÃO DOS TEMPOS QUE VÊM. ONDE UM MUNDO NOVO VAI EM BREVE EMERGIR, ONDE O HOMEM DOS ANTÍPODAS SE TORNOU O NOSSO VIZINHO DE PATAMAR, AS PERTURBAÇÕES ACENTUAM-SE.» (mesma leitura)

Assim a sida, encurralada durante séculos nas florestas virgens da África oriental, saiu delas para desferrar sobre nós

(por culpa de manipulações de laboratório, desprovidas de moralidade: vergonha para a experimentação animal, eis o que ela nos traz! Não havia senão que deixar tranquilos os macacos verdes nas suas florestas em vez de os expedir para os laboratórios da Califórnia. Porque é assim que se propagou a peste [77]…). O último Iacute da Sibéria terá direito, ele também, à sua sida! Será preciso mudar a nossa relação com o nosso corpo, e assumi-la com um pouco mais de maturidade, se nos quisermos safar disso; porque é isso, diz Cayce:

«A EVOLUÇÃO QUE, POUCO A POUCO, LEVA OS HOMENS, POR ETAPAS, A UMA MUDANÇA DE NÍVEL NA SUA EXPERIÊNCIA, MUDANÇA NOS PLANOS POLÍTICO, ECONÓMICO. RELIGIOSO.» (mesma leitura)

No plano individual, a doença traduz a adaptação a uma «MUDANÇA DE NÍVEL». É certamente verdadeiro também no plano coletivo: as grandes epidemias trazem uma mudança nas mentalidades. Muitos outros fatores ainda tornam as epidemias prováveis. Sabe-se que os tremores de terra e as inundações têm um efeito sanitário desastroso: a rutura das canalizações de esgoto polui todo o ambiente – e a água potável; os hospitais são destruídos, ou inutilizáveis; a eletricidade falta, os stocks de medicamentos também; os médicos são nesse momento sempre demasiado pouco numerosos, etc. Como é evidente, as guerras põem os mesmos terríveis problemas sanitários.

Ora, os «Grandes Acontecimentos», como vimos, vão ver multiplicar-se os cataclismos (falarei das guerras um pouco mais adiante). Outro perigo: as centrais nucleares, que poderiam fissurar-se sob o efeito de um tremor de terra, deixando escapar para a natureza as substâncias tóxicas que encerram nos seus edifícios. Aí, o risco é verdadeiramente terrível.

Outra espada de Dâmocles suspensa sobre as nossas cabeças: a guerra bacteriológica e a guerra química. A imprensa do mundo inteiro publicou reportagens atrozes sobre os gases tóxicos, empregados pelo Iraque contra o Irão… O que, contudo, desde a guerra de 1914-1918, onde os nossos «barbudos» *(soldados franceses)* tinham sido gaseados [78], as nações do mundo tinham acordado em não mais recomeçar… (Mas as câmaras de gás? E os desfolhantes da guerra do Vietname? Fecharam-se os olhos…) Estes gases, as mensagens de San Damiano [79] tinham-nos claramente anunciado (e a água do poço de San Damiano tinha sido dada como proteção ou como remédio contra esta calamidade). «O ar encher-se-á de gases tóxicos e de vapores mortais» (Marie-Julie Jahenny, Les Prophéties de La Fraudais, p. 44).

Retomo portanto aqui uma série de trechos de profecias sobre as grandes epidemias, associando muito frequentemente a peste e a fome – coisa normal, visto que a subnutrição enfraquece as defesas do organismo contra os vírus.

Mensagem de La Salette: «A peste e a fome serão gerais.» «Gerais», isto é, como se viu mais acima, cobrindo o mundo inteiro…

A profecia da cartuxa de Prémol, sobre Paris: «A fome, a peste, todos estes males reunidos acompanham a guerra e a revolução.»

Mamma Rosa em San Damiano: «Haverá guerras, motins, epidemias, a peste, a fome, tudo» (mensagem dada pela Virgem em 1968).

Nostradamus não fica atrás. Menciona várias vezes a fome e a peste:

«Nápoles, Pagã e toda a Sicília
Por mão bárbara será desabitada
Córsega, Salerno, e de Sardenha a ilha
Fome, peste, guerra fim de males intentada.» (Centúrias, VII, 6)

Palma-Maria Addolorata Matarelli: «Às perturbações da Revolução juntar-se-ão outros castigos, como a peste, e a fome [80].»

Anna-Maria Taïgi, a célebre mística romana do início do século XIX, falava de «trevas pestilentas, povoadas de visões assustadoras, que envolverão a Terra durante três dias. O ar estará empestado pelos demónios».

… Ou pelos ditadores inspirados pelas forças negras…

A significação espiritual dos odores

Nós não fazemos a aproximação entre a «peste» e o «odor pestilento» ou o «ar empestado». Mas é que o odor dos cadáveres de pestíferos em decomposição – e mesmo de moribundos – era insustentável nas epidemias atrozes que atingiram a Europa de outrora (a peste negra de 1348-1350 tinha matado um terço da população europeia). A Tradição fez sempre uma aproximação entre os odores agradáveis, a saúde – e a santidade. O «odor de santidade» não é um gracejo! Manifesta-se ainda em numerosos «lugares santos» ou peregrinações: Notre-Dame-du-Laus em Provença, San Damiano e San Giovanni Rotondo em Itália, o túmulo de Charbel Maklouf no Líbano, etc.

Inversamente, os maus odores, ligados evidentemente ao que é doentio, exprimem uma desordem não apenas física, mas ainda espiritual.

Segundo os místicos de sempre e de todo o lado, eles indicam a presença das forças negras [81]. A minha coautora e amiga Hélène du Lau d'Alemans contou-me a seguinte história, vivida: uns primos dela habitavam uma velha casa do Lot. Tinham-na feito inteiramente renovar, pintar, etc. Ora uma das divisões cheirava em permanência a um abominável odor de carniça. «Têm um rato morto em algum lado sob o soalho», disse o carpinteiro. Como o odor se mantinha, os proprietários da casa fizeram demolir soalhos e tetos, limpar, desratizar, desinfetar, e pôr tudo a novo. Pena perdida: o horrível aroma estava sempre lá, mais intenso do que nunca. «Deveriam ver um exorcista», disseram os vizinhos. O que fizeram os proprietários em desespero de causa. E, do dia para a noite, após a sessão de exorcismo, o odor desapareceu…

Não suspeitei nem um segundo deste testemunho, porque conheci, na minha própria família, histórias análogas. E agora que trabalhei sistematicamente a mediunidade (exatamente como se aprende a jogar ténis ou a fazer cozinha: por um treino regular!), agora portanto, «sinto» em certas casas odores mais ou menos aprazíveis, que indicam a presença de entidades mais ou menos evoluídas (antes menos…).

Há pois, uma relação a fazer entre estas forças da sombra, e os odores que elas libertam (odores de decomposição, de podridão, isto é, de morte). O pecado «cheira mal» - e a Bíblia diz isso várias vezes (mas os nossos sábios teólogos explicaram-nos que tudo isso era «simbólico»!). Para mim, isso não é simbólico,

é perfeitamente real, concreto, físico. Cayce, interrogado sobre os acontecimentos futuros, não tinha sido muito otimista:

«ISSO DEPENDE DESTES FATORES DE QUE FALÁMOS, E DO FACTO DE O PECADO DO HOMEM SER TAL QUE SE TORNOU UMA FEDENTINA PARA O SEU CRIADOR.» (Leitura 1602-6)

Fazendo eco à nossa profetisa nantesa:

«Porquê, boa Mãe, tal fedentina?
— Minha filha, eles são tão cegos que é doravante impossível fazê-los crer. Chegaram ao último ponto da incredulidade. Já não temem a Deus nem ao Céu. Esta fedentina, é o hálito do inferno nesta sociedade maldita.» (A Virgem a Marie-Julie Jahenny, op. cit.)

A Virgem em La Salette traduzindo com as palavras do século XIX a expressão «sepulcros caiados» empregada por Jesus para qualificar o clero de Jerusalém dizia: «Os padres tornaram-se cloacas de impureza»; o que vem a dar ao mesmo: uma cloaca, é um esgoto, é por definição mesmo o que cheira pior… para a nossa época (onde a palavra «sepulcro» perdeu o seu odor de cadáver).

A profecia de São Cesário (470-542), bispo de Arles, dizia:

«O ar está corrompido (…) ; por causa das doenças pestilentas, uma mortalidade súbita e variada atacará os homens e os animais.»

Ao que faz eco Madeleine Posât, simples camponesa, que tinha, entre 1843 e 1869, profetizado os sinais precursores da catástrofe. Entre estes:

«As doenças sobre as plantas e os animais, e a cólera entre os homens [82].»

Ela não podia saber, na sua época, que as plantas seriam vítimas da agroquímica: querendo livrar as colheitas de certos parasitas, trouxeram-se outros, e tornaram-se as culturas vulneráveis a toda uma gama de novas doenças criptogâmicas. As nossas florestas definham, e já não se sabe o que fazer. As árvores morrem de doenças que a química não pode curar, visto que foi ela que as provocou! A poluição química assassina as plantas, os animais, os homens… Cria um ar irrespirável nas grandes cidades. Marie Lataste, outra vidente francesa do século XIX, dirigia-se a Paris, predizendo a sua destruição:

«Os teus habitantes amaldiçoar-te-ão um dia, porque os terás saturado do teu ar empestado.»

Como teria essa pobre religiosa do Sagrado Coração imaginado a poluição atmosférica na sua época, onde os motores não existiam ainda?

Assim a poluição química é a expressão de uma poluição psicológica: os poluidores são egoístas, que se borrifam para a saúde dos outros. E aqueles que aceitam ser poluídos sem reagir carecem de coragem, de iniciativa e de rigor: em algum lado pactuaram com a desordem. Na leitura 3976-17 (citada mais acima), Cayce fala do grito daqueles que são oprimidos, cuja oração coletiva sobe para Deus como o incenso. Para bem insistir no seu «odor agradável», diz no texto «SWEET INCENSE»:

«O CLAMOR DAQUELES QUE SÃO OPRIMIDOS VAI DIREITO ATÉ ELE. E, QUANDO ELES CLAMAM TODOS JUNTOS, A SUA

SÚPLICA SOBE COMO UM INCENSO MUITO DOCE DIANTE DO SEU CORAÇÃO E DA SUA POTÊNCIA, ELE QUE VÊ OS HORRORES DA GUERRA E AS ABOMINAÇÕES QUE DETESTA.»

D'onde, aliás, o verbo francês «encenser». *(Exaltar)*

Explicaram-nos sempre que isso era «simbólico» - mas, quanto mais leio Cayce, mais penso que se compreendeu mal. O «bom odor» seria feito de moléculas que vibram num comprimento de onda afinado com o Cosmos, com as Leis Cósmicas – Divinas. E o «mau», de moléculas cujas baixas vibrações não estão mais em acordo com essas mesmas leis. Mistério das vibrações da matéria – um «odor» é feito de «gás» ou de «ar», compostos de moléculas, mistério que vai muito mais longe do que a simples comparação simbólica…

As plantas curarão as doenças desconhecidas

Mas retomemos as profecias europeias – e as suas mensagens – que se tornam cada vez mais precisas desde há um século. De todos estes profetas e profetisas (de que não cito senão uma pequeníssima escolha, há tantos outros!), a mais explícita é sempre Marie-Julie Jahenny. Como de costume, ela não vai com meias medidas:

«Haverá graves doenças, que a arte humana não poderá aliviar. Este mal atacará em primeiro lugar o coração, depois o espírito, e ao mesmo tempo a língua. Será horrível. O calor que o acompanhará será um fogo devorador, insustentável e tão forte que as partes atingidas do corpo estarão vermelhas, de uma vermelhidão insustentável. Ao fim de sete dias, o mal, semeado como o grão no campo, germinará em todo o lado rapidamente e fará imensos progressos.

Meus filhos, eis o único remédio que vos poderá salvar: as folhas dos espinhos que crescem em quase todas as sebes (…) apanhareis as folhas, e não a madeira. Mesmo secas, guardarão a sua eficácia. Deitá-las-eis em água a ferver e deixá-las-eis durante 14 minutos, cobrindo o recipiente a fim de que o vapor aí fique. Desde o ataque do mal, será preciso servir-se deste remédio três vezes por dia.» (Les Prophéties de La Fraudais, p. 270, 5 de agosto de 1880)

Numa outra mensagem, Marie-Julie precisou que se tratava do pilriteiro (que, com efeito, é um clássico remédio cardíaco e circulatório).

Mensagem interessante: vê-se aí que a Virgem é favorável às medicinas suaves (como Cayce!). Ela começa por declarar a Marie-Julie que: «A arte humana não as poderá aliviar». E no fim, Ela dá «o único remédio»: o pilriteiro! Dito de outro modo, uma receita de fitoterapia terá sucesso onde a medicina «maioritária» falhou! Só que eis: restará ainda pilriteiros nessa época? Porque se empreendeu, em França, arrancar as sebes…

Empresa perversa, de que se viram os efeitos nefastos aquando da grande seca de há alguns anos (e os cultivadores que tinham guardado as suas sebes foram aqueles, justamente, cujo gado menos sofreu de sede!) [83]. Desde então, o arrancamento das nossas sebes continua, graças à lei sobre o reordenamento agrário cuja intenção (louvável, de início) foi completamente pervertida na sua aplicação. Como se diz em italiano: «Fatta la legge, trovata la malizia.»

Mais à frente, nas mensagens, Marie-Julie vê chegar uma doença da vinha:

«Os rebentos da vinha, tão frescos e tão tenros, parecerão ter passado no braseiro de um fogo devorador. As folhas da vinha cairão em poeira, e o cacho não aparecerá. A vinha, durante nove meses, trará a aparência de morte.» (27 de abril de 1880, op. cit., p. 22)

Não se trata da filoxera, visto que a profecia é dada para um período «aproximando-se do fim dos séculos». Para países como os nossos, a França, a Suíça e a Itália, onde a vinha tem uma tão grande importância económica e cultural, seria o drama. Noutra leitura ainda, Marie-Julie fala de uma nova doença infantil desconhecida:

«Meus filhos, na terra de Périgueux, um tremor súbito vai cair sobre as crianças entre dez e treze anos, o seu corpo estará trêmulo e agitado. A maldição do Céu fá-las-á andar de uma maneira inteiramente oposta à caminhada do cristão sobre os seus pés.» (10 de outubro de 1882, op. cit.)

Aí ainda, numa mensagem dada, a Virgem «declara a arte humana impossível» isto é que a medicina «normal» nada poderá fazer.

«A Terra de França vai sofrer também a justiça de Deus. Durante três anos, as batatas apodrecerão à hora da sementeira; o trigo não crescerá ou parará a meio da altura. Os frutos enegrecerão: um verme roerá o seu interior, antes que tenham atingido o tamanho do dedo.» (1882, op. cit.)

Embora esta descrição possa aplicar-se à cecidómia dos frutos, a predição é dada para o período dos Grandes

Acontecimentos – e termina por uma perspetiva enfim sorridente:

«A Terra tornar-se-á um deserto, mas Deus repovoá-la-á na paz e na tranquilidade.»

Contudo, em todas as páginas – e em todos os outros videntes, aliás – é dito que uma proteção será sempre reservada às pessoas que rezam, e procuram agir para o Bem.

Os homens de boa vontade serão protegidos

É repetido sob todas as formas em San Damiano, onde a Virgem indica, pelo canal de Mamma Rosa, um método de meditação e de oração que deu as suas provas:

«Fazei-me amar pelo rosário, e dar-vos-ei a minha ajuda e o meu conforto. Dizei o rosário, que é a arma mais poderosa.» (Mensagens dadas em 1967 e 1968)

Em Kérizinen, as mensagens recomendam «o rosário meditado» (R. Auclair, Kérizinen, p. 103).

Ao que Cayce faz eco:
«NÃO DEIXEIS CAIR O ROSÁRIO!» (Leitura 1616-1)
diz ele a um católico. Cayce considera Maria como a alma gémea do Cristo Cósmico, portanto igual a ele em potência e em dignidade. Fala dela de uma forma espantosa. O rosário é uma forma de meditação oriental, seguramente extremamente antiga, que os Cruzados trouxeram do Oriente. Não há uma aparição marial (com palavras) onde esta forma de meditação não seja pedida, no Oriente como no Ocidente. Na Suíça também isso tinha sido pedido a Maria Graf, de quem já falei.

Esta última escreve a 19 de janeiro de 1954, na Suíça:

«As terríveis coisas que foram reveladas virão (...) O Filho de Deus desviará então a Sua Face daqueles que não ouviram os pedidos e os avisos da Sua Mãe bendita (...) ; porque poder é dado ao príncipe deste mundo sobre eles e sobre todos os que o servem. Os demónios cuspirão fogo e enxofre (...), e a fedentina será horrível (...) Aqueles que trazem o Sinal de Maria, o terço, serão salvos. (...) Todos aqueles que (...) tiverem vivido segundo a vontade da Mãe de Deus serão salvos pelo bom odor das virtudes divinas de Fé, de Esperança e de Amor de Deus. Estas Virtudes serão plantadas e mantidas nos corações pela meditação - com oração - da Encarnação, das dores e da morte de Jesus, da Sua glorificação - portanto, pela recitação do rosário.» (Révélation de l'Amour Divin, Éd. du Parvis, CH-1631, Hauteville/Bulle)

E eis o que diz ainda o Cristo em Dozulé:

«Desejo que digam todos os dias a oração que dei, seguida de um terço. Cada lar que a disser com confiança será protegido de todo o cataclismo.» (28 de março de 1975)

Como é evidente, nenhuma forma de oração é absolutamente obrigatória! O que é pedido, é antes um esforço sério e quotidiano, seja qual for a fórmula, que varia segundo cada país, e cada religião.

Cayce estima, de forma geral, que os poluidores serão os pagadores:

«E DEVEREIS PAGAR ATÉ AO ÚLTIMO CÊNTIMO.»

Para ele, não há escapatória:

«SEREIS MEDIDOS PELA MEDIDA COM QUE TIVERDES MEDIDO O VOSSO VIZINHO, NO VOSSO CORAÇÃO, E SEGUNDO O QUE LHE TIVERDES FEITO.» (Leitura 3976-14)

A continuação da leitura faz alusão a terríveis acontecimentos futuros, que atingirão os seus interlocutores muito depois da Segunda Guerra mundial. Não pode tratar-se desta, de que os Estados Unidos sofreram afinal pouco (e que até permitiu um relançamento da sua economia). A leitura é dada em 1933, ano em que o pior da Grande Depressão já passou.

Cayce, como muitos videntes, profetiza a vários níveis:

«E QUANDO VIEREM ESTES ACONTECIMENTOS, QUE PROVOCARÃO A AFLIÇÃO FÍSICA, MENTAL, ECONÓMICA, SEJA QUAL FOR A PESSOA QUE FOR ATINGIDA, É QUE O PECADO ESTÁ À SUA PORTA! NÃO À DO VIZINHO!» (mesma leitura)

Dito de outro modo, só se é vítima de si próprio, e os «Grandes Acontecimentos» não baterão ao acaso. Não há um «destino cego», que atinge inocentes - ao contrário do que se lê nos jornais! Mesmo um bebé, vítima de uma guerra, é uma alma que escolheu esse destino, porque tinha um karma a liquidar...

Quando isso acontecer:

«EXAMINAI EM PRIMEIRA LUGAR, NO VOSSO ÍNTIMO, QUAIS FORAM AS VOSSAS MOTIVAÇÕES, E SE PUSESTES ORDEM NA VOSSA PRÓPRIA CASA.» (mesma leitura)

Para Cayce, a «AFLIÇÃO FÍSICA» não pode ser senão o eco de uma desordem no corpo espiritual e no corpo mental. Alinhando estes pela ordem cósmica e divina, põe-se de novo ordem no seu corpo físico, e supera-se assim toda a doença:

«PUSESTES A VOSSA CONSCIÊNCIA EM PAZ? QUE REMORSOS, SE QUISESSEIS OLHAR PARA O FUNDO DO VOSSO CORAÇÃO! SÓ ENTÃO ENCONTRARIAS AS RESPOSTAS QUE SÃO DADAS A TODA A ALMA QUE PROCURA HONESTAMENTE» (mesma leitura)

Como diz Cayce ao longo das leituras «MIND IS THE BUILDER», isto é «É O (VOSSO) ESPÍRITO QUE É O CONSTRUTOR» - tanto da saúde como da doença:

«MUDAR O SEU ESTADO DE ESPÍRITO, É SEMPRE ISSO QUE CONSTRÓI O MENTAL E O FÍSICO.» (Leitura 257-53)

Se houver uma epidemia, podemos preservar-nos pela serenidade. Curar-nos também, se crermos no imenso poder do espírito sobre o corpo. E se perdermos um ser próximo, não nos deixarmos abater, não procurar:

«QUEM VAI IR DESPONTAR A LUA PARA VOS TRAZER DELA O ALÍVIO, O CONFORTO, QUE QUISERÍEIS PARA ACALMAR A VOSSA DOR?»

«(...) ENCONTRAREIS ISSO NO FUNDO DO VOSSO PRÓPRIO CORAÇÃO!» (Leitura 3976-14)

Mas saber preparar-se, e saber que podemos ser ajudados:

«ASSIM, PERTENCE A CADA ALMA, AQUI COMO EM TODO O LADO, PROCURAR SEMPRE MAIS FORTALECER-SE. PROCURAR A VIA, A POTÊNCIA DAQUELE QUE PROMETEU: "SE CHAMARDES, OUVIRIREI."» (Leitura 3976-24)

4
OS FALSOS PROFETAS

Como reconhecê-los?

Eles estão anunciados desde sempre. No Evangelho, Jesus diz aos seus discípulos:

«Tende cuidado para não vos deixardes enganar, porque virão muitos em meu nome, dizendo: "Sou eu!" (...) Não os sigais.» (Lucas, XXI, 8)

«Falsos profetas surgirão em número, e enganarão muitas pessoas (...). Surgirão com efeito falsos Cristos e falsos profetas, que farão sinais e prodígios consideráveis capazes de enganar, se possível, até os escolhidos. Assim, estais avisados.» (Mateus, XXIV, 11, 24)

Os falsos profetas fazem, pois, parte do cenário do «Fim dos Tempos». Cayce não precisou as suas teorias, nem deu indicação sobre a sua personalidade. Preferiu insistir na mensagem evangélica, a fim de que os seus ouvintes pudessem julgar por si mesmos.

Em primeiro lugar atenção àqueles que são do estilo: «Faz o que eu digo, não faças o que eu faço.» Por exemplo - é um sinal que não engana! -, aqueles que pregam a pobreza evangélica construindo fortunas! Como se o dinheiro não tivesse odor...

Muitos pregam a fraternidade de todos os homens mas limitada às suas Igrejas, seitas, ou associações. Em suma, os falsos profetas reconhecem-se pelo facto de não viverem as suas teorias. Porque, diz Cayce, é somente:

«NA MEDIDA EM QUE SE REZA E EM QUE SE VIVE EM ACORDO COM A SUA ORAÇÃO QUE A CURA É POSSÍVEL.» (Leitura 3976-25)

Isto é também dado em todas as profecias como uma característica do «Fim dos Tempos». As pessoas correm para todo o lado, perguntando-se a que guru consagrar-se... Atenção, se se confia:

«... A PERSONALIDADES PÚBLICAS OU OFICIAIS: ESTAS FRACASSARAM E SÃO RESPONSÁVEIS PELOS CONFLITOS QUE PÕEM O MUNDO A FOGO E A SANGUE ATUALMENTE.» (Leitura 3976-27)

Cayce põe aqui os seus ouvintes em guarda contra o culto da personalidade: em 1942, era a bela época de Hitler, de Estaline, de Mussolini...

O aviso é sempre atual! O único critério de confiança é o respeito da Lei de amor. Aquele que é exigente consigo mesmo será igualmente exigente em relação ao líder ao qual dará o seu boletim de voto.

«HOJE, A CRISE QUE AFETA TODAS AS NAÇÕES EM TODA A TERRA É UM DESAFIO À INTELIGÊNCIA HUMANA (...). E NÓS TEMOS DE RESPONDER EM NOSSA ALMA E CONSCIÊNCIA À SEGUINTE PERGUNTA: "SOU EU VRAADEIRAMENTE O GUARDIÃO DO MEU IRMÃO?"» (Leitura 3976-22)

Ora os falsos profetas pretendem-se todos - forçosamente! - «guardiões dos seus irmãos» (e o único autorizado!). Em Amesterdão, a «Senhora de todos os povos», a 28 de março de 1951, tinha dito à vidente (que era uma holandesa católica):

«Sabe Roma bem que inimigo se mantém à espreita? e, qual serpente, rasteja através do mundo? Não é do único comunismo que falo. Outros profetas virão ainda: DE FALSOS PROFETAS.»

É pena que os diversos videntes deem tão poucos pormenores. Gostaríamos de alguns painéis indicadores em claro! A Virgem Maria coloca Marx entre os falsos profetas, mas Ela não nomeia os outros... É certo que o comunismo é ele próprio uma forma de religião. Eis o que diz sobre isso, em Le Secret des princes, Alexandre de Marenches, entrevistado por Christine Ockrent (Éd. Stock, 1988):

«O comunismo soviético tomou como modelo as grandes religiões. Tem, com todo o respeito, um papa, um colégio de cardeais, o Politburo, a assembleia dos arcebispos e dos bispos, o Comité central, e os seus secretários especializados. Há igualmente o K.G.B., que se assemelha, mutatis mutandis, à Santa Inquisição, e da qual, não o esqueçamos, uma das tarefas principais, senão a principal, é vigiar os possíveis desvios, que podem degenerar em cismas. Algo já visto. É preciso compreender bem que a semelhança com a organização da Igreja católica é impressionante. (...)»

Se as guerras de Religião nos parecem ultrapassadas, em França, não acontece o mesmo no resto do mundo. Onde o nível de tolerância é muito baixo, matam-se uns aos outros por um «ISMO», como diz Cayce.

«OS MAIORES CONFLITOS VIRÃO DAS DIVERGÊNCIAS DE OPINIÕES ENTRE OS DIVERSOS GRUPOS RELIGIOSOS NOS DIFERENTES PAÍSES - BEM COMO DAS CRISES ECONÓMICAS.» (Leitura 3976-28)

Haverá sempre aqueles que creem ser seu dever partir em cruzada: seguirão o primeiro grande homem que lhes propuser uma!

Alguns videntes pensam que entramos agora na era dos grandes fanatismos religiosos... Além disso, as zangas azedam em período de crise económica: os fanatismos violentos são um subproduto da pobreza.

Senhor Cayce, fale-nos das diferenças religiosas.

«SÃO ESPADAS QUE ELE PÔS NO PENSAMENTO MATERIALISTA DO HOMEM, AS DIVERGÊNCIAS RACIAIS E RELIGIOSAS FIZERAM CORRER MAIS SANGUE, PROVOCARAM MAIS GUERRAS DO QUE QUALQUER OUTRO "CASUS BELLI". E CONTUDO, ESTES OBSTÁCULOS À PAZ DEVERÃO EVOLUIR COMO OS OUTROS. (...) SEJA QUAL FOR O CULTO, SEJA QUAL FOR A SEITA, O SENHOR É O MESMO!» (mesma leitura)

Os «falsos profetas» propõem soluções nacionais ou internacionais que nada resolvem. Atraem muita gente pregando a paz, sem a viver. Ora não há senão uma forma de trabalhar para a paz:

«CONTRIBUIR PARA ELA GUARDANDO VIVOS A ESPERANÇA E A CONFIANÇA. E ISSO PELA SUA FORMA DE VIVER.» (mesma leitura)

Noutro género de falsos profetas, há os loucos!... Cayce desliza avisos à meia-voz que, por estarem diplomaticamente envolvidos, não são por isso menos inquietantes:

«DURANTE ESTE PERÍODO, VEREIS A TOMADA DE POSIÇÃO DE CERTOS GRUPOS, QUE, QUANDO FOR CONHECIDA, SEMEARÁ A CONSTERNAÇÃO.» (Leitura 3976-26)

Não se sabe exatamente de que «período» ele fala... provavelmente do fim do século. É verdade que, desde 1945, se

viram aparecer, com efeito, grupos que semearam o pânico ilustrando-se no terrorismo. Deram a conhecer a sua «TOMADA DE POSIÇÃO» a favor da violência, «reivindicando» os seus atentados. A continuação confirma que se trata de assassinos:

«MAS NÃO TENHAIS MEDO DO QUE PODE DESTRUIR O CORPO. LOUVAI ANTES A DEUS E DAI-LHE GLÓRIA. PORQUE ELE PODE SALVAR AO MESMO TEMPO O CORPO E A ALMA. E DAR-VOS A ALEGRIA QUE DURARÁ PARA SEMPRE.» (mesma leitura)

As «ovelhas» que seguem qualquer vedeta da atualidade são pessoas desorientadas, que não têm em si mesmas princípios sólidos. Contudo, quanto mais nos aproximamos do fim do século, mais:

«AS PESSOAS SE PERGUNTAM A QUE IDEIA, A QUE IDEAL SE AGARRAR EM TODA A SEGURANÇA. EM QUE SE PODE FIAR, EM QUE SE PODE CRER?» (Leitura 3976-27)

A superabundância das citações bíblicas poderia fazer crer que Cayce empurra toda a gente para a Bíblia, fora da qual não haveria salvação... Seria verdadeiramente compreender mal a sua mensagem. Cayce dá todas estas citações bíblicas porque é a única linguagem que compreendiam, na época, a sua família e os seus interlocutores. Se não o tivesse feito, não teria sido tomado a sério. Mas vê-se bem por esta leitura que Cayce não considera que o cristianismo deva obrigatoriamente primar sobre todas as outras religiões. O cristianismo, não. Mas o espírito crístico, sim. Cayce diz que o Cristo se manifestou sob nomes diferentes em todas as grandes religiões do mundo, e é o mesmo, enviado pelo mesmo Deus-Pai.

O ensino cayciano é que cada um siga a religião que tem, segundo a sua inserção social e geográfica, ou segundo a sua escolha sincera, que é sempre respeitável. Ao fim de um certo

tempo, o fiel - seja qual for a religião - terá ultrapassado os ritos e os dogmas, para chegar ao essencial de toda a religião: o amor de Deus. Apenas esse é libertador, enquanto os dogmas envenenam. E afinal, como diz Alexandre Zinoviev (que poderia ter lido Cayce), «o problema é desenvolver no ser humano a essência divina, de elevar o Homem até Deus».

Numerosas leituras condenam a intolerância, a meiguice, o espírito de província. Não há nenhuma desculpa para se massacrarem mutuamente sob um pretexto religioso...

«Todas as religiões são iguais diante de Deus», disse a aparição marial de Medjugorje, para grande desagrado dos observadores católicos (1.º de outubro de 1981). Mais tarde, ela acrescentou: «Deveis respeitar cada homem na sua fé (...), não desprezar por causa das convicções, Deus dirige todas as confissões (religiosas) como um rei os seus ministros.»

Edgar Cayce, tem outras sugestões a fazer-nos?

«RELEDE TUDO O QUE VOS FOI INDICADO - QUE TODOS, QUE CADA ALMA, NÃO SE RECLAME DO SEU DEUS, MAS DO DEUS ÚNICO.» (Leitura 3976-26)

Numa outra leitura, tinham posto a Cayce a pergunta-armadilha:

Qual é o pensamento religioso que terá mais responsabilidade na evolução do mundo para a luz e a compreensão?

Na perspetiva da religião única, a do único Deus, e da «LEI DE UM», de que todas as religiões atuais são pálidos reflexos, é verdadeiramente uma pergunta ociosa... Cayce responde citando a Epístola aos Gálatas:

«A RESPOSTA ESTÁ NO VERSÍCULO QUE VOS FOI DADO: "SEJA O GREGO OU O BÁRBARO, O ESCRAVO OU O HOMEM LIVRE. TODOS DEVERÃO AMAR O SENHOR SEU DEUS DE TODO O SEU CORAÇÃO, E O SEU VIZINHO COMO A SI MESMOS."» (Leitura 3976-8)

Eis a passagem do Novo Testamento:

«Ó Gálatas sem inteligência, quem vos enfeitiçou? (…) A partir do momento em que vos revestistes de Cristo, já não há nem Judeu, nem Grego, nem escravo, nem homem livre, nem homem, nem mulher: porque todos vós não fazeis senão um em Cristo-Jesus» (Gálatas, III, 22).

Era inteiramente a atitude do Mestre Philippe de Lião, tão próximo de Cayce, que:

«não estimava os livros senão em proporção da sua concordância com este ensino (o Evangelho) (…). Colocava o amor fraterno antes de tudo, antes da oração e mesmo antes da fé. É a caridade, dizia ele, que engendra a verdadeira fé e que ensina a oração. A oração sem a caridade, é fácil, e a fé sem a caridade, não é a fé.»

Também o Mestre Philippe não deixou nenhuma «doutrina», unicamente o exemplo do amor vivido.

5
OS EXTRATERRESTRES: POMBAS OU FALCÕES?

Ver-se-ão sinais no céu…

É a Bíblia que o diz. Pode pensar-se que estes «sinais» não são apenas fenómenos astronómicos (que não vimos ainda!), mas muitos outros...

O «Fim dos Tempos» é anunciado em todo o lado como um grande espectáculo... Como essas tragédias antigas de onde o espectador devia sair purificado, regenerado, tendo reencontrado o contacto com os deuses...

Se não puz os OVNI na primeira parte deste livro (com os fenómenos geofísicos), é porque muitos observadores têm a impressão de ter a ver com «inteligências» extraterrestres. E em primeiro lugar, o que é um extraterrestre? Dispõe-se agora de milhares de testemunhos, ao ponto de ninguém mais pensar em negá-los. Destes testemunhos, resulta que se avistou (e por vezes viu de perto) «silhuetas» que tinham uma aparência «quase» humana. É este «quase» que é incómodo... As «silhuetas» chegam em engenhos «quase» como aqueles que poderíamos construir - mas equipados de uma fonte de energia desconhecida que lhes permite velocidades alucinantes, e acrobacias aéreas que a Patrulha de França julgaria diabólicas! Ninguém duvida mais de que o Espaço esteja habitado - como diz Cayce!

Mas pode pôr-se uma pergunta: esses «humanoides», que foram vistos, ouvidos e fotografados, são bons, são maus? Devemos considerá-los como amigos - ou como predadores? Pombas ou falcões?

O espaço está cheio de mundos habitados

Cayce falou dos Extraterrestres? Não empregou as palavras «OVNI», nem «E.T.», que foram inventadas muito depois da sua

morte. Contudo, falou muito dos habitantes do nosso sistema solar, e mesmo dos do Cosmos. Por exemplo:

Há outras almas que se deixaram apanhar noutros sistemas, como nós no sistema solar?

«NOUTROS SISTEMAS, COMPARÁVEIS A ESTE SISTEMA SOLAR E AO LUGAR QUE NELA OCUPA A TERRA, SIM.» (Leitura 5749-14)

«TUDO EM REDOR DE NÓS, VEMOS DIVERSOS ESFERÓIDES, ESFERAS, PLANETAS E SISTEMAS SOLARES, DOS QUAIS CADA UM, INDIVIDUALMENTE, TEM A SUA ATIVIDADE PRÓPRIA. E VEDE A ALMA DO HOMEM, E SABEI QUE GRANDEZA ELA PODE ATINGIR. PORQUE O HOMEM DEVE TORNAR-SE CAPAZ (um dia) DE GOVERNAR UM DESTES CORPOS CELESTES.» (Leitura 311-10)

Dito de outro modo, cada homem, chegado ao seu nível de perfeição, tornar-se-á o Senhor de uma estrela! Se Cayce o diz... Napoleão, já, estava persuadido de ter «a sua estrela» - e, no seu pensamento, era certamente mais do que uma forma de falar.

Cayce não é o único a afirmar que há outros mundos habitados, e habitáveis. Max-Getting, por exemplo, dizia à sua mulher:

«O que tomais pelo espaço deserto está povoado de uma suite de mundos ou de planetas ainda invisíveis da Terra. Um dia ou outro, conseguireis descobri-los. Os diferentes planos do astral são mundos cada vez mais evoluídos. Mundos, planos, planetas, esferas, todas estas denominações são sinónimas.» (Suzanne Max-Getting, Les Missionnaires de l'Astral, op. cit., p. 100)

Muitos outros videntes falaram disso. Christopher Tristram em Letters of Christopher tinha contado após a sua morte as suas viagens planetárias:

«Ainda mais alguns pormenores sobre a minha viagem a Marte: tornei-me um verdadeiro turista agora! (...) Vem ainda comigo a Sírio, Mamsie, se tiveres tempo?»

Ele leva a sua mãe pelo pensamento nestas viagens planetárias, descrevendo-lhe as paisagens e os seres que encontra. Para Cayce, nós «PERMANECEMOS» nos planetas ou nas estrelas entre duas vidas terrestres:

«AS PERMANÊNCIAS NESTES AMBIENTES PLANETÁRIOS (...) INFLUENCIAM A VIDA MATERIAL NO PLANO TERRESTRE, PORQUE A ENTIDADE AÍ HABITOU DURANTE OS INTERREGNOS ENTRE OS PERÍODOS DE CONSCIÊNCIA TERRESTRE.» (Leitura 2113-1)

Cayce diz «MATERIAL PLANE» para designar a Terra; para ele, ela é o lugar onde se deve trabalhar na matéria, onde se é prisioneiro da matéria (ao passo que noutros mundos, não se é). A questão põe-se portanto: estes «humanoides», que múltiplas testemunhas viram, são homens sob outro aspeto? Mais exatamente, estes seres foram humanos num período da sua existência? Nós próprios, tornar-nos-emos assim?

Seremos um dia «pequenos homens verdes»?

Os humanoides que foram fotografados, vistos e ouvidos não são todos «pequenos», nem «verdes»..., mas é a reputação que lhes fizeram! Nos Estados Unidos, existe disso outra versão: os «grandes homens negros». É extremamente perturbador recordar aqui a célebre profecia inglesa de Mother Shipton, publicada em Londres em 1548. Esta profecia diz respeito ao

«Fim dos Tempos», e vê o espaço aéreo sulcado de homens vestidos de negro, de branco, de verde:

Nesse tempo, diz ela:

«Os carros irão sem cavalos,
Os acidentes desolarão o mundo.
Os pensamentos voarão ao redor da terra
Durante o tempo de um abrir e fechar de olhos.
O mundo será invertido.
Encontrar-se-á o ouro ao pé de uma árvore;
O homem passará através das montanhas
Sem que tenha necessidade de cavalo
E irá também sob a água,
Caminhando, dormindo e conversando.»

É o panorama clássico do «Fim dos Tempos», incluindo a inversão do eixo dos polos («o mundo será invertido»). Mas eis o que diz respeito ao tráfego no espaço:

«Encontrá-lo-emos no ar
Vestido de branco, de negro ou de verde.»

Não se trata dos passageiros das linhas aéreas, que estão vestidos de todas as cores! Nem do pessoal navegante, cujo uniforme é antes azul-marinho...

Dou a continuação da profecia, que retrata bem a nossa época, e a que vai seguir-se:

«Sobre as águas o ferro flutuará
Tão bem como um barco de madeira.
Muito ouro será posto a nu
Em país ainda desconhecido.
O fogo e a água farão milagre.
Todos os filhos de Inglaterra que lavram a terra
Muitas vezes se verá um livro na mão.
O pobre, então, saberá muitas coisas.
E a água correrá onde cresce o trigo
Nas vales longínquos.

Impostos pelo sangue e pela guerra
Serão cobrados a cada porta... !»
(Devo estas linhas à cortesia da minha consóror Sylvie Simon, extraídas do seu excelente livro Les Voyances remarquables, Éd. Robert Laffont.)

Mas estes «homens» vestidos de verde, de negro, ou ainda de branco... quem são eles? Cayce afirma que as almas humanas vêm do Cosmos, e para lá voltarão. O homem criado, revoltado contra o seu Criador, viu ser-lhe atribuída a Terra como lugar de expiação (é o que dizia também Germana Grosso, de quem já falei, e A Cosmogonia de Urantia); ele deve redimir-se.

Senhor Cayce, explique-nos o problema do Mal (...) :
Poder-se-á dizer que este existia como um elemento necessário à Criação, e que a alma, desde que recebeu o livre-arbítrio, se reencontrou com o poder de dele abusar, e de se perder com ele?

«É O LIVRE-ARBÍTRIO (que provocou a queda) E O FACTO DE A ALMA SE TER PERDIDO A SI MESMA NA SUA RELAÇÃO COM DEUS.» (Leitura 5749-14)

Assim a reconquista faz-se graças a séries de passagens, ora sobre a Terra, ora sobre outros «lugares» do sistema solar:

«DE TAL MODO QUE AGORA, A ENTIDADE ENQUANTO INDIVÍDUO DEVERÁ DESPERTAR EM SI A CONSCIÊNCIA DA SUA RELAÇÃO COM O DEUS-PAI-FILHO-ESPÍRITO-SANTO, COM PACIÊNCIA. ATRAVÉS DO TEMPO E ATRAVÉS DO ESPAÇO.» (Leitura 3508-1)

Portanto, é através do ESPAÇO que reencontraremos o nosso lugar de:

«CO-CRIADOR COM ESTA CONSCIÊNCIA UNIVERASAL A QUE CHAMAIS DEUS.» (Leitura 2246-1)

Nota-se que, para Cayce, a consciência («AWARENESS») é sempre «A CONSCIÊNCIA DA RELAÇÃO COM DEUS». Dito de outro modo, na nossa língua, a atitude daquele que age colocando-se numa relação justa com as Leis Divinas.

O fim das «PERMANÊNCIAS PLANETÁRIAS», como das «EXPERIÊNCIAS DE VIDA TERRESTRE» de que fala Cayce, é justamente ganhar essa total consciência da Ordem Divina. Tal é o objetivo da viagem das almas no sistema solar: «FULANO CHEGA DE SATURNO» ou «ELE DESEMBARCAVA DE VÉNUS»...

Para Cayce os aspetos astrológicos, nos temas individuais, contam o que o «nativo» aprendeu noutros planetas (ou estrelas). Falei disso longamente no capítulo sobre a astrologia do tomo I de *O Universo de Edgar Cayce*.

E poder-se-á saber a que se assemelha um extra-terrestre que habita momentaneamente num planeta? A um «pequeno homem verde»?

Cayce:

«NÃO QUE AQUELES QUE HABITAM NESSES PLANETAS SEJAM SERES DE CARNE E DE SANGUE, COMO SE VÊ NA TERRA, MAS OS SERES CONSCIENTES TOMAM AÍ A FORMA E O MODO DE EXISTÊNCIA ADAPTADOS AO AMBIENTE PLANETÁRIO.» (Leitura 1650-1, de *O Universo de Edgar Cayce*, tomo I)

Em resumo, somos todos extraterrestres de férias!

Germana Grosso, num das mensagens dos seus amigos extraterrestres, diz:

«Todos nós, habitantes dos outros mundos, sabemos que um espírito se reencarna. E pouco importa se vós outros não credes nisso (...). Quando um espírito abandona o seu corpo físico, vai para o lugar escolhido pela Força Divina Cósmica; depois, após uma pausa de duração variável, volta a colocar-se no seio de uma mulher (...). Mas pode dar-se que ele se reencarne noutro mundo que não a Terra. Se for muito evoluído, pode, após ter tido um corpo terrestre, reencarnar num corpo extraterrestre. Aconteceu muitas vezes, e isso acontecerá ainda...» (Op. cit., p. 126, mensagem de 1976)

Dito de outro modo, no que Cayce chama as «PERMANÊNCIAS PLANETÁRIAS», há almas humanas - mas há também outros seres não humanos, que se conhecem mal - que se conhecerão melhor na Era do Aquário. Há certamente uma infinita variedade de pessoas que evoluem lá em cima...

Entre os «servos de Deus» de que fala Cayce: anjos, arcanjos, santos ou profetas, há a Grande Fraternidade Branca à qual ele faz alusão várias vezes. Por exemplo, quando diz que Virginia Beach é:

«UM CENTRO - O ÚNICO QUE SEJA TAMBÉM UM PORTO DE MAR! - DA FRATERNIDADE BRANCA [89].» (Leitura 1152-11)

Conhece-se a mesma por diversos relatos de místicos e de iniciados, que a definem como um colégio de almas muito evoluídas trabalhando para ajudar os homens. O meu próprio pai, após a sua morte, tinha-me deixado uma mensagem onde me dizia que trabalhava com «a Grande Fraternidade Branca»

(mas na época, não tinha compreendido de que se tratava!). Dizia-me que os Sábios desta queriam ajudar os homens («que, dizia o meu pai, estão num bonito sarilho!»).

Com esse objetivo, a Grande Fraternidade Branca constitui espécies de correntes de entreajuda invisíveis. E, no fim de cada uma, há um vivo que aceitou este trabalho. Foi assim que aceitei formalmente esta colaboração com sábios invisíveis, dos quais não conheço senão o meu próprio pai - e Edgar Cayce... Não me explicaram logo o que esperavam de mim (senão... teria talvez refletido antes de aceitar!). Quando disse ao meu pai: «Estou de acordo», ele agradeceu-me calorosamente. Isso preocupou-me razoavelmente: há, portanto, pessoas que recusam? Pessoas razoáveis, que se não embarcam levianamente nas missões kamikaze? Nos comandos sacrificados?

Aqueles que «voaram» para outros planetas e que nunca mais se encontraram

Sempre existiram histórias estranhas de pessoas que voavam para outros mundos - sem que se encontrasse jamais o seu corpo! A Bíblia dá disso quatro exemplos: Enoc, que não morreu, mas foi «arrebatado da Terra» (Génesis, V, 24); Elias, que voou num carro de fogo, sob o olhar consternado dos seus caros discípulos (Segundo Livro dos Reis, II, 11). E por fim, o próprio Jesus aquando da Ascensão, e Maria aquando da Assunção.

Esses exemplos bíblicos incitam-nos a nunca jurar de nada... Vamos ver coisas tão incríveis nos anos que vêm, que é preciso esperar de tudo! Porque existem também testemunhos modernos de pessoas que partiram «para outro lado» levando o seu corpo. Nas histórias extraordinárias, às quais nunca se pôde

encontrar explicação, há a do regimento inglês (o «Firth Fourth Norfolk»), que desapareceu inteiro numa nuvem, durante a guerra dos Balcãs, a 28 de agosto de 1915. Observadores viram os soldados entrar um a um na nuvem, na encosta da colina. Depois viram esta subir em altitude... E ninguém, desde então, os encontrou jamais! Eram, porém, várias centenas!

Após a guerra, os Ingleses reclamaram-nos aos Turcos, julgando que estes os detinham prisioneiros. Resposta negativa dos Turcos, que não sabiam de que falavam os Ingleses. A verificação após inquérito provou que com efeito ninguém tinha revisto o regimento após a sua entrada na nuvem [90]... No século XII, há a história de lady Elizabeth Hurnshaw, que desapareceu com o seu filho nos ares, quando o seu marido extraterrestre os veio buscar (Amarante, Alexandre Mosley Publications, 31, rue de l'Université, 75007 Paris). Há igualmente a história contada pela vidente italiana Germana Grosso (que cito frequentemente, porque o seu livro é excecionalmente bem feito, claro e interessante). Ela recebeu um dia uma mensagem de um aviador americano, que lhe explicou como, em 1958, decidiu ir juntar-se aos seus amigos «impropriamente chamados extraterrestres» após vários anos de «preparação física e de voos de treino sobre os seus engenhos» (op. cit., p. 186).

Edgar Cayce ele próprio conta a morte estranha que pôs fim à sua encarnação no Egito antigo, há doze mil anos, como o Grande Sacerdote Ra-Ta:

«VEIO UMA ÉPOCA EM QUE OS FILHOS DE RA (Ta) COMEÇARAM A DESENVOLVER OS SEUS DIVERSOS TALENTOS E A QUERER PROSSEGUIR A SUA CARREIRA. O QUE TROUXE DE NOVO TENSÕES ENTRE OS PARTIDOS POLÍTICOS E CIVIS DO PAÍS, E, MAIS UMA VEZ, PROVAÇÕES A RA (Ta). CHEGOU UM TEMPO

EM QUE A PIRÂMIDE, ISTO É O MEMORIAL, ESTANDO TERMINADA, ELE, RA (Ta), SUBIU AO INTERIOR DO "MONTE" E FOI LEVADO PARA LONGE.» (Leitura 294-152, da qual traduzi as últimas linhas em *O Universo de Edgar Cayce*, tomo I, p. 256)

Já disse quão a fórmula era estranha «FOI LEVADO PARA LONGE»: por quem, como? Porque Cayce não diz que Ra-Ta «morreu», nem que o «enterraram», não descreve agonia, nem exéquias para este quase-Faraó que ele era. Sugere que o Grande Sacerdote, após uma longa vida de lutas, e farto dos seus filhos, decidiu acabar com isso. Subiu portanto à Pirâmide (lugar mágico, cujo cume era - é ainda! - o teto de fenómenos elétricos surpreendentes) e aí deixou-se «LEVAR», diz a leitura... Entenda quem puder!

Os contactos com os «extraterrestres» vão multiplicar-se

Não só parece existir casos de humanos que se esvanecem «sem deixar rasto», isto é levando o seu corpo consigo, mas ouve-se falar também do trajeto em sentido inverso. Os testemunhos são tão numerosos - e as fotos - que se não pensa mais em negá-los. Os contactos com os outros mundos sempre existiram, e estou certa de que muitas personagens misteriosas descritas pela Bíblia sob o nome geral de «anjos» eram o que se chama hoje «extraterrestres». Tinham-nos esquecido e redescrevem-se hoje. Entretanto, perderam as suas asas. Pena... era muito mais bonito do que um fato de cosmonauta!

Porquê estes visitantes? Parece que têm um papel a desempenhar nos acontecimentos do fim do século. Segundo Ruth Montgomery [91], os «extraterrestres» vieram em primeiro lugar em massa como observadores - e para dar a conhecer a sua existência a este mundo limitado e materialista.

Era a época em que os discos luminosos pousavam nas estradas desertas, e em que «enxames» de discos voadores se dispersavam acima dos aeroportos, tanto civis como militares. Foi assim que o capitão Thomas Mantell, a 7 de janeiro de 1948, partiu em caça no seu Mustang P51 para atacar um OVNI que passava por ali, acima de Fort Knox, no céu de Indiana. Aproximando-se do objeto, disse: «Meu Deus! Há homens lá dentro!» Depois explodiu com o seu Mustang, do qual se encontraram os destroços inexplicavelmente crivados de milhares de pequenos furos!

Num segundo tempo, parece que as «presenças» decidiram fazer-se discretas. Esperariam, diz Ruth Montgomery, os grandes acontecimentos que acompanharão a inversão da Terra, para trazer a sua ajuda aos Terrestres.

É notório, por exemplo, que a cada voo no espaço dos navios Gemini e Apollo, os astronautas viram OVNI... e mesmo os fotografaram - como se estes misteriosos observadores quisessem manifestar que estavam ali, prontos a ajudar...

Mesmo som de sino de Germana Grosso:

«Somos, dizem eles, os "corretores". A palavra implica um certo número de tarefas que não é fácil fazer-vos compreender. Se não estivéssemos ali, o planeta Terra morreria completamente, em pouco tempo. A humanidade que nasce na Terra engana-se totalmente. E somos nós que devemos corrigir os seus erros. O mundo terrestre está inundado de ondas de loucura coletiva, que explodem e se repercutem nos cérebros humanos (...) Não conheceis senão uma parte do mal que acontece, pelos vossos jornais e pela vossa televisão.

O que nós outros vemos faz-nos tremer de horror: a Ordem Divina está quebrada (...) A própria Natureza avisa que chegou ao ponto de rutura total, porque foi violada nas suas bases profundas; e está doravante em guerra contra o Homem, que não soube reconhecer o seu valor. O que vai acontecer é inevitável. Centenas de vidas humanas serão sacrificadas (...) Fizemos tudo o que nos era possível para o evitar. Mas o nosso combate a nós também, é a inevitável luta do Bem contra o Mal. Faremos o impossível, fazemo-lo, fizemo-lo, de todas as maneiras possíveis...» (Op. cit., p. 141)

Neste mesmo notável livro, Ugo Sartorio, o jornalista que interroga a vidente, menciona a base de extraterrestres que estaria instalada nas montanhas acima de Como (entre a Suíça e a Itália). Numerosas fotos foram aí tiradas já. E, coisa incrível, cada vez que atravesso a região de comboio, para descer sobre Milão, os jornais locais exibem fotos de OVNI recentemente avistados...

Uma visão espiritual do fenómeno OVNI

Cayce, Christopher Tristram, Ruth Montgomery, Germana Grosso recolocam os «extraterrestres» numa perspetiva de progresso espiritual. É muito diferente da exploração que disso é feita na imprensa sensacionalista, no cinema, na TV, etc., onde manipuladores sem escrúpulos procuram ganhar dinheiro oferecendo às multidões emoções fortes - e sobretudo o pânico!

As mensagens dizem em substância isto: a Terra deve agora passar a outro nível vibratório. Vai, no Espaço, aproximar-se do lugar onde residem as Forças Criadoras, isto é Deus [92]. À medida que se aproxima dele, deve adaptar-se a estas altas vibrações. Para isso, ser-lhe-á preciso purificar-se, livrar-se das

baixas vibrações que a Humanidade lhe infligiu. D'onde a necessidade destes grandes cataclismos purificadores (eles não seriam necessários se a Humanidade tivesse sido até aqui capaz de evoluir espiritualmente). Descrevendo o regresso do Cristo Cósmico, que deve regressar acompanhado de «anjos e de escolhidos», o evangelista Mateus (XXIV, 30) dá uma precisão:

«E Ele enviará os Seus anjos com uma trombeta sonora, para reunir os Seus escolhidos dos quatro cantos do horizonte (é sobre a Terra) e de um cabo ao outro dos céus» (isso, é extraterrestre!).

Talvez as palavras «anjos» e «escolhidos» fossem a forma como, nesse tempo, se descreviam os extraterrestres? Existe atualmente um certo número de videntes que preveem o regresso do Cristo Cósmico «acompanhado de extraterrestres». Logicamente, deveriam ser os mesmos... Na Era do Aquário, que se prepara, as comunicações vão tornar-se possíveis - e fáceis - entre a Terra e outros mundos. Muitas leituras de Cayce esclarecer-se-ão. Por exemplo, citei no tomo II de *O Universo de Edgar Cayce* duas leituras (2464-2 e 1681-1), que falam de um iniciado atlante, e de uma grande sacerdotisa, que recebiam mensagens das outras esferas... Como? Eis a questão!

Nas 14 256 leituras de Cayce, há muitos mistérios. Novos engenhos serão construídos - e desenvolveremos muito mais as nossas faculdades «psi» (como se fazia na Atlântida) -, que nos permitirão estas comunicações através do Espaço. Os Terrestres aprenderão a melhor utilizar a Energia do Cosmos; por exemplo a transformar diretamente a luz em energia, sem se sobrecarregarem com toneladas de petróleo, como os atuais cosmonautas, que não podem ir muito longe. Aprenderão a «desmaterializar-se», isto é a colocar-se num comprimento de

onda diferente, que dissocia os átomos. Depois a «rematerializar-se», reunindo de novo os mesmos átomos... o que permite passar através de uma porta fechada, como cada qual sabe (o que São Pedro fez para sair da sua prisão).

Talvez fosse preciso reler o Apocalipse nesta perspetiva? Esta agitação em redor dos OVNI aéreos e submarinos não rima com nada, se se não situar as informações recebidas numa perspetiva espiritual. Para Cayce, a astrologia levava necessariamente ao estudo do que se passa nos outros planetas - ao ponto de a astrologia bem compreendida dever normalmente desembocar na ufologia! Mas o único «fio condutor», que permite não derivar nos delírios, é a atitude de procura espiritual:

«COMO JÁ DISSEMOS, AS INFLUÊNCIAS PLANETÁRIAS, ISTO É ASTROLÓGICAS, SÃO FORÇAS QUE EXISTEM. (...) SÃO SINAIS, MEIOS DE SER AVISADO (...). NESTE DOMÍNIO, A ÚNICA SEGURANÇA ESTÁ NO CONHECIMENTO DO SENHOR.» (Leitura 993-3)

Dito de outro modo, aqueles que se lançam quer na astrologia, quer na ufologia, não guardam o seu equilíbrio senão integrando o que descobrem numa visão espiritual - com o rigor, a reflexão, o compromisso que isso supõe.

Os maus extraterrestres

Enquanto Ruth Montgomery parte do postulado de que todos os visitantes vindos de outro lado são bons (o célebre pensamento positivo americano que permite fechar os olhos sobre tudo o que é incómodo...), Germana Grosso, ela, transmite mensagens de aviso. Cuidado com os «negativos», que vêm de

outros planetas! Utilizam todos os meios possíveis para manipular os homens, enfraquecê-los, destruí-los. E são, diz ela «particularmente ativos nas esferas políticas. Por vezes, tornam-se chefes de Estado... Alguns ocuparam mesmo, no decorrer da História, o teto do Papa, ou o trono de um rei». São eles evidentemente que fomentam as guerras. As mensagens dão sobre isso pormenores aterradores (op. cit., p. 109).

São os agentes do Mal na Terra, os irmãos da sombra que põem a grande confusão em todo o lado... Estão alinhados sobre vibrações de ódio e de destruição. Os interlocutores extraterrestres de Germana Grosso acusam mesmo os «negativos» de raptar os humanos, e dizem que os seus malefícios se vão multiplicar na década que vem. Talvez seja deles que se trata na Bíblia e nas profecias, que falam dos «demónios» que se espalharão sobre a Terra no Fim dos Tempos (em particular, como vimos, durante os três dias de trevas). Alguns aeróstatos, que foram vistos - e fotografados -, têm uma forma de pera invertida: atenção, são os dos «negativos»! Outros têm como logótipo um ponto negro ou o símbolo astrológico de Úrano:

«Estes seres negativos fomentam as guerras colocando nos setores políticos e militares alguns terrestres sob a sua influência. Hitler foi um deles.

E há muitos na história da Terra (...) São também eles que semeiam as perversões sexuais (...). Encorajam a droga, especialmente os de Órion e de Kappa B (os mundos de onde vêm). Cultivam a droga e trazem-na para a Terra, e propõem-na aos muito jovens, ou deixam-na em lugares onde há difusores terrestres, que a vendem. São drogas muito perigosas, que estão misturadas com substâncias tóxicas muito mais fortes, que fazem

morrer queimando-os literalmente, por dentro, aqueles que dela fazem uso - ou tornam-nos loucos, provocando homicídios e suicídios.

Todos estes seres negativos, por um sistema de ondas, empurram as pessoas nervosamente frágeis a suicidar-se (...) ou então dispõem de raios que predispõem certos ao homicídio, empurrando "irradiados" a destruir outras pessoas (...) Todos estes seres negativos, que habitam noutros mundos e são nocivos para as pessoas da Terra e para as outras, têm como logótipo um "Ponto Negro". Todos os "negros" têm como objetivo apossar-se da Terra, a qual é para eles um magnífico campo de ação. Querem destruí-la ou fazê-la destruir pelo próprio Homem (destruindo a sua liberdade); desejam a guerra atómica, esperando que ela mate todos os homens. Porque têm meios de se defender contra as radiações (atómicas) (...)

É por isso que não cessam de provocar as guerras e as guerrilhas, fomentando ódios e rancores sempre mais violentos. Localizamos os seus agentes terrestres e neutralizamo-los. Alguns dos seus agentes trabalham na Máfia, ou fundam seitas (...) Todos os negativos têm agentes terrestres em ação, principalmente nos setores espiritual e místico. São especialistas da intoxicação, procuram criar o pânico de um Apocalipse fatal.» (Mensagem de 5 de outubro de 1971, recebida por Germana Grosso, op. cit., p. 107)

Estas descrições correspondem demasiado bem ao que todos os místicos de todos os séculos descreveram como seres demoníacos... E quando as profecias mariais falam de «demónios» que virão sobre toda a superfície da Terra durante os acontecimentos do Fim dos Tempos, como não pensar nestes «extraterrestres negativos»? Estes seres «devotados ao Mal»,

corremos o risco de os encontrar no nosso caminho - em particular, dizem as profecias, durante «os grandes temporais» e «os três dias de trevas» (cf. supra)...

Felizmente, existem leis no Universo. E as forças da sombra estão submetidas Àquele Que fez as leis:

«O GRANDE LEGISLADOR, como diz Cayce, AQUELE QUE PREPAROU UMA VIA DE SALVAÇÃO PARA O HOMEM, PROMETEU: "NÃO TE ABANDONAREI, SE PROCURARES OBEDECER AOS MEUS MANDAMENTOS."» (Leitura 3976-14)

6
A GUERRA CIVIL

As lições de 1789

Como nasce uma guerra civil? Os historiadores debruçaram-se sobre o caso da Revolução francesa de 1789. Ter-se-ão as pessoas revoltado porque tinham fome? A análise dos documentos mostra que, pelo contrário, na segunda metade do século XVII, os Franceses não eram materialmente infelizes. De todas as nações da Europa, a França era então a mais rica e a mais povoada. Alimentava os seus filhos. No plano das liberdades, as perseguições contra os protestantes tinham acalmado: nem Luís XV, nem Luís XVI eram fanáticos; no fim do século, a monarquia tinha tomado um caráter «bonacheirão» e tolerante, que deixava aos Franceses uma de facto muito larga liberdade, nas suas ideias e na sua fé. Portanto não foi nem a fome nem a perseguição religiosa que provocaram a Revolução.

O que era então? Uma questão de dignidade:

«NA SUA VIDA E NA SUA EXPERIÊNCIA, O HOMEM TEM TRÊS OBJETIVOS - ISTO É QUE TRÊS LEIS NATURAIS CONDICIONAM A

SUA EXISTÊNCIA MATERIAL: A SOBREVIVÊNCIA DA ESPÉCIE, ISTO É A PROPAGAÇÃO DA VIDA; A LIVRE EXPRESSÃO DAS SUAS IDEIAS SOBRE A VIDA; E, EM ÚLTIMO LUGAR, QUE AS SUAS ATIVIDADES ENCONTREM UM ECO, SEJAM RECONHECIDAS.» (Leitura 3976-22)

E é aí onde o sapato apertava em 1789: toda uma categoria de Franceses - o terceiro estado - não via «AS SUAS ATIVIDADES RECONHECIDAS» no seu justo valor. Entre os seus membros mais ricos (grandes burgueses, altos funcionários, nobreza de toga recente), alguns, constantemente humilhados por não terem «nascido», desenvolveram um pensamento reivindicativo. Os intelectuais, os artistas e os sábios, que são os verdadeiros «príncipes do espírito», reclamaram eles também reformas que não eram senão justiça.

«O HOMEM RECEBEU UM CORPO, UM ESPÍRITO E UMA ALMA»

recorda Cayce. Eis porque ele deve passar por etapas que correspondem à evolução de cada um destes três corpos (físico, mental, espiritual):

«EM CADA ETAPA DA SUA TOMADA DE CONSCIÊNCIA, ELE PROCURA SATISFAZER OS DESEJOS CORRESPONDENTES AO SEU ESTÁGIO DE DESENVOLVIMENTO.» (mesma leitura)

Enquanto está ocupado exclusivamente a satisfazer os desejos do corpo, isto é a alimentar-se, não se revolta: não tem força para isso. Vê-se isso nos povos do terceiro mundo: aqueles que estão completamente esmagados pela fome não são aqueles que mais se revoltam. Em 1789, a primeira etapa estava adquirida: o Francês comia até à sua fome, e tinha trabalho. Para a segunda etapa, que corresponde à do espírito, isto é «À LIVRE

EXPRESSÃO DAS SUAS IDEIAS», o país sentia a urgência de leis que teriam reconhecido oficialmente este princípio. Nos anos que precederam a Revolução, se os Parisienses se exprimiam muito alto (como sempre o fizeram) e se a Corte, sob a influência dos Filósofos, era das mais tolerantes, qualquer súdito do Rei podia contudo ser vítima do «arbítrio» de um poderoso: os Cadernos de queixas exprimem-se bastante sobre isso! «A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão» virá sancionar oficialmente a liberdade de expressão. (E os «súditos» tornar-se-ão «cidadãos»!)

Quanto ao reconhecimento da liberdade religiosa, necessária ao desabrochar da alma, havia igualmente um ajuste legal necessário. Bonaparte, rematando a obra da Revolução, reconhecerá oficialmente esta liberdade: os protestantes e os judeus poderão enfim ser cidadãos de pleno direito (é por isso que os Koechlin da muito protestante República de Mulhouse aceitaram anexar a sua cidade à França).

Infelizmente, estas reivindicações legítimas,

«ESSES OBJETIVOS DE BASE, AO NÍVEL INDIVIDUAL provocaram, diz Cayce, ESTA FILOSOFIA - OU ESTA DOENÇA - ESPALHADA HOJE EM DIVERSOS PAÍSES, E CONHECIDA SOB O NOME DE "NACIONALISMO"; É ESTA FORMA DE "PATRIOTISMO" CARACTERIZADA PELA TENDÊNCIA A REGER OS OUTROS IMPONDO-LHES CERTAS IDEIAS.» (mesma leitura)

Não se pode exprimir melhor a recuperação das ideias generosas de 1789 pelas forças negras que soltaram os demónios do Terror na rua. Em 1939, ano em que é dada a leitura, Cayce observa os mesmos desvios:

«SÃO ESSAS AS CONDIÇÕES DOENTIAS QUE ENFRANTA O HOMEM DE HOJE.» (mesma leitura)

Devemos vigiar para manter os grandes princípios de respeito de outrem, sobre os quais está baseada a nossa vida nacional; e que em nome destes princípios não haja um deslize sorrateiro para um estado de espírito, ou de facto, que negue esses próprios princípios.

«Ó liberdade, quantos crimes se cometem em teu nome!» exclamou a Sra. Roland subindo ao cadafalso... O perigo, é que:

«NENHUM GOVERNO, NENHUMA NAÇÃO, NENHUM ESTADO, NENHUMA CIDADE, NENHUMA FAMÍLIA - NEM MESMO NENHUM INDIVÍDUO, TU! É MAIS FORTE DO QUE O SEU PONTO FRACO; PORQUE É POR AÍ QUE AS FORÇAS DE DESTRUIÇÃO FAZEM SORRATEIRAMENTE O SEU TRABALHO DE MINA, POR MIL E UM MEIOS, CADA VEZ QUE SE PROSSEGUE UM FIM EGOÍSTA.» (Leitura 3976-17)

A guerra civil nos Estados Unidos

Cayce falou muito dela - encontrei um número muito grande de leituras, onde ele recorda que o espectro da guerra civil ameaça sempre os Estados Unidos. No plano profético, é talvez um dos assuntos sobre os quais ele mais se estendeu (se assim se pode dizer, para um homem que dava os seus ensinamentos deitado num sofá!).

Sobre as tensões entre patrões e operários:

«COMO JÁ DISSEMOS, ENQUANTO OS TRABALHADORES ESTIVEREM DIVIDIDOS, O CAPITAL NADA TEM A TEMER. MAS NO DIA EM QUE OS TRABALHADORES SOUBEREM UNIR-SE, AÍ, O CAPITAL PODE TREMER:» (Leitura 3976-24)

Cayce já fez alusão a isso várias vezes, e os seus interlocutores inquietam-se. Como viria esta guerra civil? Ele repete que ela pode resultar das desigualdades gritantes entre capitalistas e assalariados.

Gertrude Cayce: Irão o Capital e o Trabalho assumir os seus compromissos recíprocos? Onde se encontra o erro inicial, e que atitude deveríamos ter para o corrigir?

«QUEM TEM O DIREITO DE JULGAR? (...) QUANTO AOS ERROS, QUANTO À ATITUDE A TOMAR, É SEMPRE O MESMO PRINCÍPIO: AQUELE QUE TRABALHA DEVE COMER, E AQUELE QUE NÃO TRABALHA NÃO TEM A ISSO NENHUM DIREITO. EIS OS PRINCÍPIOS! QUANDO O CAPITALISTA TRABALHA TANTO COMO O MANOBRADOR, ISSO NUNCA DEVE SER EM DETRIMENTO DE OUTREM - É PRECISO QUE TODOS UNAM OS SEUS ESFORÇOS PARA CONTRIBUIR MAIS AO SERVIÇO GERAL.» (mesma leitura)

A pergunta sobre a guerra civil na América, levantada por Cayce, pode parecer espantosa ao leitor francês que ignora as tensões interiores da sociedade americana. Muitos não realizam que o que conhecemos sob o nome de «guerra de Secessão» era na realidade uma «guerra civil» (Civil War). Esta, que durou de 1861 a 1865, deixou marcas psicológicas e económicas que não estavam cicatrizadas à hora em que Gertrude interrogava o seu marido. Estarão elas hoje? Alguns analistas pensam que não. Pessoalmente, não estou certa de que a vitória dos Yankees tenha sido um tal progresso de civilização.

A escravatura não foi, como se crê, a razão do conflito - visto que Lincoln não proclamou a sua abolição senão muito depois do início da guerra (em 1862), e por motivações que não eram

apenas generosas: o objetivo não confessado era destruir a economia do Sul, que repousava na mão de obra negra cultivando as grandes plantações. Quando estava nos Estados Unidos, descobrindo com espanto a profundidade do desprezo de que os Negros são vítimas, tinha-me perguntado se eles tinham verdadeiramente ganho com a derrota do velho Sul... Na realidade, a escravatura poderia ter sido abolida suavemente, sem este traumatismo que destruiu toda uma civilização. Estarão os Negros mais felizes hoje? Os sociólogos americanos interrogam-se...

Na época em que Gertrude Cayce põe perguntas sobre a guerra civil, não são as tensões raciais que arriscam provocá-la, mas o descontentamento dos pobres. Estes são muito numerosos nestes anos que se seguem à «Grande Depressão» (ver leituras precedentes). Nessa época, crê-se ainda que os Negros estão em via de integração. Não é senão mais tarde, após a guerra, que se realizará que os pobres negros são muito mais numerosos - e sobretudo muito mais pobres! - do que os pobres brancos. Em desacordo com as medidas corajosas tomadas em seu favor por Kennedy e o seu sucessor Johnson, é sempre verdadeiro atualmente.

«AGORA, PASSEMOS À AMÉRICA, AOS SEUS PROBLEMAS (...). VISTO O NÚMERO DE TERRAS, E DE ILHAS DO MAR, CAÍDAS NO PODER DE PESSOAS SEM FÉ NEM LEI, QUE PREFEREM PACTUAR COM O DIABO, PROCLAMANDO QUE A FORÇA PREVALECE SOBRE O DIREITO (E ENSINAR ÀS JOVENS GERAÇÕES QUE É ASSIM QUE SE É SUPERMAN) VERÁS CORRER O SANGUE NO TEU PRÓPRIO PAÍS, COMO NO TEMPO DA GUERRA CIVIL.» (Leitura 3976-25, 23 de junho de 1940)

Como não se viu guerra civil na América nos anos que se seguiram à morte de Cayce, pode considerar-se que esta leitura, que ele dá no fim da sua vida, é como um último aviso ao seu país. Alguns anos antes, a 25 de outubro de 1937, tinha dedicado toda uma leitura aos problemas americanos:

«SIM, TEMOS SOB OS OLHOS (...) A CRISE SÓCIO-ECONÓMICA E A SITUAÇÃO ATUAL NOS ESTADOS UNIDOS. (...) ATUALMENTE, O CAPITAL NADA TEM A TEMER, ENQUANTO SINDICATOS, ASSOCIAÇÕES E ORGANIZAÇÕES DIVERSAS NÃO CONCERTARAM OS SEUS ESFORÇOS.» (Leitura 3976-17)

(Não teriam ouvido, como os seus colegas europeus, a palavra de ordem: «Trabalhadores de todos os países, uni-vos»? Mas, por tradição, a América desse tempo tinha as qualidades e os defeitos de um temperamento individualista.)

«E ENQUANTO O CAPITAL PERMANECE CAPAZ DE CONTER A AGITAÇÃO NO INTERIOR DAS FILEIRAS DAQUELES QUE QUISERIAM CONTESTAR A SUA POTÊNCIA (...), NÃO SE PODE ESPERAR NENHUMA GRANDE CONCERTAÇÃO DECISIVA...» (mesma leitura)

E o que se pode esperar na evolução do conflito entre os principais sindicatos?

«COMO ACABAMOS DE DIZER, ENQUANTO O CAPITAL É CAPAZ DE REPRIMIR AS PERTURBAÇÕES NO INTERIOR DAS FILEIRAS DOS TRABALHADORES, NÃO HAVERÁ CONCERTAÇÃO GERAL. MAS, SE OS TRABALHADORES SE UNIREM, E QUE ENTÃO NÃO ENCONTREM DIANTE DE SI UMA AUTORIDADE CAPAZ DE TOMAR EM CONSIDERAÇÃO O INTERESSE GERAL - ENTÃO AÍ, PODE ESPERAR-SE A GUERRA, A AGITAÇÃO, LUTAS INTESTINAS.»

Cayce emprega uma palavra bastante forte, «STRIFE», que significa guerra, combate armado, e repete-a várias vezes no decorrer da leitura.

Como vão evoluir as tensões entre o Capital e o Trabalho nos próximos anos?

«COMO ACABAMOS DE INDICAR, SE OS TRABALHADORES UNIREM OS SEUS ESFORÇOS, E SE OS PATRÕES, QUE OCUPAM A MAIOR PARTE DO TERRENO ATUALMENTE, NÃO QUISEREM TOMAR EM CONSIDERAÇÃO A UNIÃO DE TODOS EM VISTA DO INTERESSE GERAL, ENTÃO AÍ, A LUTA, A GUERRA SURGIRÃO.» (mesma leitura)

Desta fraqueza dos sindicatos face ao grande capital, pode ver-se a consequência na América atual: as mordomias sociais são aí escassas em relação à Europa Ocidental. Por exemplo, um Francês ficará bastante espantado ao descobrir que, lá, as universidades são pagas (enquanto na Europa a gratuitidade do ensino, primário e superior, está adquirida desde há muito tempo, assegurando aos estudantes pobres o direito à instrução); que a Segurança Social não está generalizada como entre nós: os pobres não têm o direito de estar doentes; que os serviços ditos «públicos» param de funcionar desde que não são rentáveis (linhas de autocarro, por exemplo). É a selva, onde cada um se debate como pode!

O Estado abandona a si próprios aqueles que não conseguiram integrar-se no sistema, o que cria um enorme desperdício social. D'onde uma delinquência monstra em todas as grandes cidades americanas - problema que está longe de estar resolvido... Pelo contrário, na Europa Ocidental pensou-se que o Estado não tinha o direito de abandonar os pobres. Entre

nós, o cidadão é notavelmente tomado a cargo pelo Estado. É para honra das nossas democracias, onde a maioria dos trabalhadores, é preciso repeti-lo, vive bem, em relação ao que se passa noutros lados (escrevo em 1991).

Mas a aplicação de um princípio generoso não é fácil. Os nossos «Estados-vaca-de-leite» não encontraram ainda a fórmula perfeita: o défice da Segurança Social, o da S.N.C.F., e o comportamento de criança mimada de certos cidadãos arqui-assistidos põem grandes problemas.

Mas voltemos a Cayce sobre a América:

«NÃO PODE HAVER DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS, PARA O CAMPONES NO SEU CAMPO, PARA O HOMEM ATRÁS DO SEU BALCÃO, E PARA AQUELE QUE MANIPULA A ALTA FINANÇA - TODOS SÃO IGUAIS DIANTE DA LEI, SEJA ELA MATERIAL OU ESPIRITUAL.» (Leitura 3976-18, 20 de junho de 1938)

Era bem o pensamento dos Pais Fundadores, dos «Fathers Pilgrims», no início... exceto que eles não tinham verdadeiramente incluído o homem índio nesta igualdade de princípio. Nem o homem negro... (nem o homem hispânico e latino... Apenas os W.A.S.P. - White-Anglo-Saxons-Protestants - têm o direito de ser «iguais»!). Eis porque Cayce abre a leitura sobre este problema racial, particularmente doloroso no seu país:

«AS LEIS ESPIRITUAIS, A VONTADE DIVINA EXISTEM SEMPRE. É POR ISSO QUE PODE DAR-SE QUE CHEGUEMOS A UMA ÉPOCA DE GRANDE AFLIÇÃO - ÉPOCA DE LUTAS INTESTINAS ONDE O IRMÃO SE ERGUERÁ CONTRA O IRMÃO, UMA RAÇA CONTRA

OUTRA, UM GRUPO HUMANO CONTRA OUTRO...» (mesma leitura)

A profecia contém ao mesmo tempo um aviso geral, válido para todos os tempos e todos os países, e, ao mesmo tempo, visa uma época precisa, «ÉPOCA DE GRANDE AFLIÇÃO», que virá mais tarde. Não se trata certamente da Segunda Guerra mundial, que foi muito calma do ponto de vista racial: a América inteira estava virada para o esforço de guerra, que lhe fazia esquecer as suas divisões internas.

Alguns dias mais tarde, a 21 de junho de 1938, Cayce continua:

«VISTO QUE A APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS ESPIRITUAIS DE QUE FALÁMOS SE IMPÕE COMO UMA URGÊNCIA AOS POVOS DE HOJE, É BEM EVIDENTE QUE PERTENCE IGUALMENTE AOS CIDADÃOS DA AMÉRICA APLICAR ENTRE SI ESTES PRINCÍPIOS EM ECONOMIA E EM POLÍTICA.» (Leitura 3976-19)

Efetivamente, a crise económica ameaçava a todo o momento transformar-se em guerra social. Para que serve pretender ser a maior democracia do mundo, se é uma democracia para ricos apenas? E se os pobres não têm meios de gozar as liberdades elementares?

«A UNIDADE, O EQUILÍBRIO (...) NÃO PODERÃO SER MANTIDOS SENÃO SE O NOSSO PAÍS SE LIGAR AOS PRINCÍPIOS ESPIRITUAIS ONDE DEFINIRÁ ELE PRÓPRIO O QUE ENTENDE POR LIBERDADE - ISTO É O QUE PERMITE OFERECER A CADA ALMA A LIBERDADE DE AÇÃO, A LIBERDADE DE EXPRESSÃO, A LIBERDADE DE TRABALHO (...) CADA UM DEVERÁ HONESTAMENTE

PROCURAR NAS SUAS PRÓPRIAS COMPETÊNCIAS A ATIVIDADE DE QUE É CAPAZ.» (mesma leitura)

(Em vez de correr para os ofícios de engano onde se ganha mais rapidamente uma montanha de dólares!)

«E DAR O MELHOR DE SI MESMO EM COLABORAÇÃO COM AQUELES QUE TRABALHAM (...)» (mesma leitura)

Franklin Roosevelt, no «New Deal» («Novo Contrato»), tinha tentado impor diversas medidas para por um travão à concorrência desenfreada a que se entregavam as empresas. Tinha, em particular, tentado impor um «código de concorrência leal». Tinha-se esforçado por ajudar os setores mais atingidos (agricultores em particular), mas tinha tido de enfrentar a hostilidade dos abastados, meios de negócios e altos magistrados.

«O QUE, PRATICAMENTE, SIGNIFICA NO PLANO NACIONAL E INTERNACIONAL QUE SE DEVE COMEÇAR POR UMA ESTABILIZAÇÃO MONETÁRIA. O LIVRE-CÂMBIO DEVE FAZER-SE, NÃO PRIVILEGIANDO CERTOS SETORES, NEM FAVORACENDO CERTOS PARTIDOS DO PAÍS EM DETRIMENTO DOS OUTROS, MAS CONSIDERANDO O INTERESSE GERAL. E, SE NÃO SE FIZER ISSO, LUTAS INTESTINAS, GUERRAS SURGIRÃO.» (mesma leitura)

Cayce repete o que tinha dito nas leituras precedentes: a América está à beira da guerra civil. Em nome de:

«O QUE FEZ MEDO AO POVO AMERICANO, E LHE FAZ AINDA MEDO, A SERVITUDE SOB QUALQUER FORMA!» (mesma leitura)

Continua por um aviso aos dirigentes do país - esses mesmos que se obstinavam em fazer fracassar as reformas de Roosevelt:

«OS CIDADÃOS DEVEM APRENDER QUE AQUELES QUE ESTÃO COLOCADOS AO MAIS ALTO (...) NÍVEL DE RESPONSABILIDADE, QUALQUER QUE ELE SEJA, NÃO ESTÃO ALI SENÃO PARA SERVIR; E NÃO PARA JOGAR AOS PATRÕES.» (mesma leitura)

As guerras civis chegam sempre quando os privilegiados se agarraram indevidamente aos seus privilégios (como em 1789 entre nós)!

Eis o que é claro... Continuemos as leituras para o mesmo ano de 1938, a 27 de setembro:

«A CRISE AGRAVOU-SE A UMA TAL VELOCIDADE QUE QUERER INTERFERIR NÃO FARIA SENÃO IMPLICAR-VOS NOS PROBLEMAS QUE CHEGAM - E VÃO CHEGAR AINDA. (A ameaça de guerra civil não está portanto afastada.) FARÍEIS MELHOR EM ADOPTAR COMO LINHA DE CONDUTA ACALMAR FRATERNAMENTE, E TANTO QUANTO POSSÍVEL, AS AFLIÇÕES DOS VOSSOS CONCIDADÃOS, NO PLANO NACIONAL; DE OS ENCORAJAR A NÃO ADOPTAR ATITUDE QUE PROVOQUE A DIVISÃO; NADA FAZER, NADA DIZER, QUE FAVOREÇA O ÓDIO E A ANIMOSIDADE ENTRE OS CIDADÃOS DESTE PAÍS. PORQUE SÃO TODOS NOSSOS IRMÃOS.»

(Cayce não diz «irmãos inferiores» como nessas bandas desenhadas onde o «mau» tem sempre um tipo moreno!)

«AVISO ÀQUELES QUE, EMBORA SEJA NECESSÁRIO PREPARAR-SE PARA O PIOR, SE DEIXAM ULTRAPASSAR PELOS

SEUS SENTIMENTOS DE ÓDIO, PELAS SUAS ZANGAS, E PERDEM O SENTIDO DA FRATERNIDADE. PORQUE É COMO SE O IRMÃO SE ERGUESSE CONTRA O IRMÃO. DEVEIS SABER QUE ELES SÃO TODOS IGUAI DIANTE DO SEU CRIADOR.» (Leitura 3976-20)

Retém-se a frase sobre a necessidade «DE SE PREPARAR PARA O PIOR»!

A situação era portanto extremamente grave. E contudo, a América vai encontrar a força de reagir. Em redor de Roosevelt, e do seu «New Deal», reagrupar-se-ão boas vontades lúcidas - a economia acabará pouco a pouco por retomar, com um reforço do papel do Estado federal como árbitro. O espectro da guerra civil é momentaneamente afastado...

O «melting-pot» não funcionou tão bem como previsto...

No ano seguinte, a 16 de junho de 1939, Mrs Cayce interroga Edgar:

Tem sob os olhos o pensamento de conjunto da nação americana, os seus ideais, os seus princípios, os seus objetivos. Desta vez, quererá dar um ensino sobre os grandes problemas aos quais está confrontado o povo dos Estados Unidos. Diga-nos quais são as causas fundamentais, e aconselhe-nos sobre a atitude a ter, sobre as medidas que individualmente e coletivamente poderíamos tomar para reendireitar e sanear essa má conjuntura. Responderá à medida que lhe forem pondo as perguntas.

«SIM, TEMOS AQUI SOB OS OLHOS A SUA REQUISIÇÃO CONCERNENTE AOS PROBLEMAS ATUAIS DOS ESTADOS UNIDOS, E OS CONSELHOS QUE SE PODEM DAR NA MATÉRIA AOS

PARTICULARES E AOS GRUPOS. OS IDEIAIS, OS FINS QUE LEVARAM A CRIAR ESTA NAÇÃO SÃO BONS. PODESE RESPONDER, PARA COMEÇAR, QUE SERIA PRECISO QUE CADA HOMEM, CADA MULHER, ADERISSE A ESTES PRINCÍPIOS QUE GERARAM O PENSAMENTO AMERICANO.» (Leitura 3976-24)

Cayce faz alusão ao facto - mal compreendido dos Europeus - de que os Estados Unidos são um mosaico de pessoas muito diversas, que diferem entre si pela raça, a língua, a religião, os hábitos de vida... Ora o famoso «melting-pot» («crisol», suposto fundir todos os imigrantes numa só nação à segunda geração) não funcionou tão bem como se disse. Certas comunidades nunca foram aceites inteiramente - e não aceitaram também o sistema. D'onde uma ameaça permanente de rutura da nação:

«HOJE MUITOS PROBLEMAS COMPLEXOS, MUITAS CRISES FIZERAM DESVIAR DOS PRINCÍPIOS ESTABELECIDOS NA ORIGEM. É ASSIM EM TODO O LADO, NÃO APENAS NO SENO DAS COLETIVIDADES, NOS DIRIGENTES POLÍTICOS E NOS HOMENS DE NEGÓCIOS NOS POSTOS-CHAVE, MAS AINDA AO NÍVEL DAS RELAÇÕES ENTRE O CAPITAL E O TRABALHO. SÃO OS PROBLEMAS ATUAIS DOS ESTADOS UNIDOS, PROBLEMAS RELIGIOSOS E RACIAIS (...)» (mesma leitura)

Ainda atualmente, é aí que reside o maior perigo de guerra civil (não apenas nos Estados Unidos, mas entre nós):

«E OS PROBLEMAS VÃO AGRAVANDO-SE. PORQUE ESTE PRÓPRIO DESVIO DO PENSAMENTO QUE SE AFASTA DOS PRINCÍPIOS DE DIREITO, DE JUSTIÇA, DE COMPAIXÃO, DE LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA, ARRISCA, ENQUANTO PENSAMENTO DE MASSA, CRIAR UM EGRÉGORA, QUE PODE

INFLUENCIAR A CRISE DE QUE SOFREM OS AMERICANOS NA SUA VIDA QUOTIDIANA.» (mesma leitura)

Cayce estima que o pensamento é um ato. Quando milhares de pensamentos convergem num sentido, criam uma força extremamente poderosa, um «egrégora». O perigo, é quando esta força se orienta num sentido negativo:

«... MAS HÁ PIOR: A LIBERDADE DE REUNIÃO E A LIBERDADE DO CULTO, PRIVILÉGIOS RECONHECIDOS PELOS NOSSOS GRANDES PRINCÍPIOS FONDAMENTAIS, SÃO RECALCADOS POR TANTO MUNDO AGORA, SOB A PRESSÃO DAS CIRCUNSTÂNCIAS.» (mesma leitura)

No decorrer da leitura, Gertrude Cayce vai por - com uma bela ingenuidade - a seguinte pergunta:

Existe um problema racial, ou social, na América, nos Estados Unidos?

Ao que Cayce responde, devolvendo a bola ao questionador de quem Gertrude transmitiu a pergunta:

«TUDO DEPENDE DOS ESFORÇOS QUE SERÃO FEITOS AO NÍVEL INDIVIDUAL, PARA VIVER FRATERNAMENTE UNS COM OS OUTROS.» (mesma leitura)

Dito de outro modo, o problema, é você! Ao seu «NÍVEL INDIVIDUAL»!

Mas o questionador tinha anteriormente perguntado, sempre por intermédio de Gertrude («condutora da leitura», como se dizia):

Qual deveria ser a atitude deste país em face do problema dos refugiados, em particular dos refugiados judeus? Por favor, esclareça-nos.

Pergunta reveladora das dificuldades da América em integrar os imigrantes que não eram White-Anglo-Saxons-Protestants (W.A.S.P.!). Aí ainda, a resposta de Cayce é sem rodeios:

«ESTES ÚLTIMOS SÃO COMO TODA A GENTE. OS SEUS PROBLEMAS SÃO OS MESMOS QUE OS DE TODA A GENTE (...) OS PROBLEMAS DO JUDAÍSMO NÃO PERTENCEM PORTANTO AOS JUDEUS APENAS; SÃO OS MESMOS PROBLEMAS QUE SE REENCONTRAM PARA CADA CULTO, CADA RELIGIÃO EM "ISMO", E DEVEIS RECORDAR-VOS DO PRINCÍPIO PRIMORDIAL: TODOS SÃO ABSOLUTAMENTE IGUAI AOS OLHOS DE DEUS!» (mesma leitura)

Cayce tinha aliás pessoalmente amigos judeus que se juntaram à sua obra na A.R.E. - como, por exemplo, David e Lucille Kahn, de quem gostava muito. Contudo, a leitura marca uma reserva para o futuro:

«SE (os judeus) ELES PRÓPRIOS VIEREM A PERDER O SEU SENTIDO RELIGIOSO, OU BEM SE TORNAREM TIRÂNICOS, ISSO TAMBÉM PESARÁ NOS PROBLEMAS DOS ESTADOS UNIDOS.» (mesma leitura)

A leitura termina por uma frase muito bonita:

Como negociar para proteger a nossa democracia?

«NÃO ELEVEIS A PALAVRA "DEMOCRACIA", NEM NENHUMA OUTRA, ACIMA DE "FRATERNIDADE" DOS HOMENS E "PATERNIDADE" DE DEUS. TERMINÁMOS!» (mesma leitura)

Cayce tinha profetizado o assassínio de Kennedy

Nesta mesma leitura de 16 de junho de 1939, Cayce tinha profetizado o assassinato do presidente:

«IDADES VER AGORA CHEGAR TEMPOS PERTURBADOS, CONFLITOS ENTRE CAPITAL E TRABALHO, IDES VER A DIVISÃO NO VOSSO PAÍS ELE PRÓPRIO, ANTES QUE CHEGUE O SEGUNDO DOS PRESIDENTES QUE HÃO-DE VIR CUJO MANDATO SERÁ INTERROMPIDO PELA MORTE, O REINADO DA SUBMUNDO! (no texto americano: “THE SECOND OF THE PRESIDENTS THAT NEXT WILL NOT LIVE THROUGH HIS OFFICE”).»

Hugh Lynn Cayce, filho de Edgar, tinha notado que aqueles que ouviram a leitura creram que o segundo presidente (após o de então, que era Roosevelt) não viveria até ao fim do seu mandato. De facto, relendo cuidadosamente a leitura no seu conjunto, vê-se que se não trata dele. Porque, sob a sua presidência, os Estados Unidos conheceram antes uma era de reconciliação nacional (graças ao «New Deal» e graças à guerra) – e não ainda «A DIVISÃO», nem «O REINADO DA SUBMUNDO». Isso carateriza muito melhor o período Kennedy, onde os problemas sociais se tornaram preocupantes, ao ponto de Kennedy ter dois objetivos prioritários: a abolição da segregação racial e a luta contra a pobreza (20 % de pobres; entre 4 e 5 milhões de desempregados no início dos anos 60). O regresso da pobreza acompanhou-se forçosamente da subida da criminalidade, «O SUBMUNDO», diz Cayce. E Kennedy foi o

segundo dos presidentes assassinados em curso de mandato (após Lincoln).

Numa leitura ulterior, a 19 de junho de 1942, Mrs Cayce pediu a Cayce para falar ainda «dos ódios raciais»:

«AÍ TAMBÉM, SE PODE RESPONDER QUE O SENHOR NÃO FAZ FAVORITISMOS. "AQUELE QUE FAZ A VONTADE DO MEU PAI, ESSE É MEU IRMÃO, MINHA IRMÃ, MINHA MÃE (…) ENTÃO DEVEIS FAZER ALGO PELAS RAÇAS QUE SÃO DESPREZADAS, QUE FORAM NEGLIGENCIADAS, AQUI E NOUTROS LADOS.» (Leitura 3976-27)

Alguns querem bem que o Negro seja seu irmão… mas o seu cunhado, é diferente! Estou persuadida contudo de que um dia (após o ano 2000) o problema não se porá mais: ou bem os dermatologistas terão conseguido branquear as peles negras (as pesquisas estão em curso nos Estados Unidos!), ou bem, o que seria muito mais inteligente (e menos insultuoso para o Criador!), ter-se-á enfim ganho o respeito mútuo das diferenças.

Passemos agora à leitura 3976-28, que será dada muito mais tarde, a 20 de junho de 1943. O ambiente é completamente diferente: a guerra mudou muitas coisas – e a paz está em vista:

Mrs Cayce: O que sugere no que diz respeito aos grandes problemas que vamos enfrentar fazendo a paz?

«NO QUE DIZ RESPEITO AO NOSSO PAÍS, HAVERÁ MUITO MAIS PERTURBAÇÕES NO MOMENTO DA PAZ, E EM SEGUIDA, DO QUE À HORA ATUAL. ESTAS PERTURBAÇÕES VIRÃO DO INTERIOR – DA FALTA DE SANTIDADE NO CORAÇÃO DE CERTOS DOS NOSSOS DIRIGENTES.»

As profecias de Cayce revelaram-se justas; claro, houve a guerra da Coreia, a do Vietname e Cuba… Mas, no interior: a agressividade do racismo, que conduziu ao assassinato de Martin Luther King, a subida da violência e da insegurança, a generalização da droga em toda a juventude, a proliferação das seitas loucas – sem contar as doenças de civilização: obesidade, depressão, cancro e hoje sida…

Quando se vê como viviam Cayce e a sua família, em que tranquilidade provincial e patriarcal que já não existe, diz-se para si que em 1943 era ainda o bom tempo! Estavam na ignorância abençoada destes problemas que atingiram agora Virginia Beach e são aí o assunto de conversa de todas as famílias. O «American way of life» - que se torna o nosso -, é o stresse, a insegurança, a violência. Eis sem dúvida porque se repete lá por todos os tons: «Keep cool, keep quiet, no 201roblema, it's O.K.»!

Fiz eu própria um bastante grande número de viagens a Virginia Beach e, o que me espantava mais, era o espanto dos meus amigos da Fundação Cayce: «Como, não lhe roubaram nada? Não se fez ainda agredir? Nem violar? Nem assassinar? Incrível! Deve estar sob uma proteção especial, a de Cayce pelo menos!» De noite, na minha cama, refletia: porque deveria ter sido roubada ou atacada? E quando punha esta pergunta aos meus amigos, a eles de estar espantados: «Mas isso acontece a toda a gente, diziam-me. Desde que se sai de casa – e mesmo quando se fica nela!» E aí, comecei a entrever a componente essencial da vida americana atual: o medo.

Na Europa, vimos dar aí também. Lembro-me, por exemplo, da segurança que existia na minha infância: nunca vi nenhuma das minhas avós fechar à chave a porta de entrada da casa. Não

se pensava nisso sequer! E ninguém em redor de nós o fazia. Havia poucos assaltos, poucos vagabundos. Não é senão recentemente que se teve de fazer blindar as portas, por campainhas de alarme e todo o tremor… Tinha-se uma pequena estátua da Virgem, ou de um santo, acima da porta de entrada, e isso bastava! Era a França «à boa grande»!

Mas voltemos às perguntas da fiel Gertrude Cayce:

Mrs Cayce: Quererá examinar a crise mundial atual, e (…), visto que lutamos pela liberdade de todas as raças, que conselhos teria para nos dar para que na prática as minorias do nosso país beneficiem de uma maior igualdade de oportunidades?

«COMO JÁ INDICÁMOS DESDE O INÍCIO, TODOS OS GRUPOS HUMANOS DEVEM BENEFICIAR DE UMA REPRESENTAÇÃO, E GOZAR DOS PRIVILÉGIOS QUE LHES SÃO PRÓPRIOS, DE FORMA A TEREM, ELES TAMBÉM, AS SUAS OPORTUNIDADES. SE NÃO COMEÇARMOS POR APLICAR OS PRINCÍPIOS DE QUE NOS RECLAMAMOS, NA NOSSA PRÓPRIA CASA, E EM NÓS-MESMOS, SOMOS DESONESTOS, E TRAÍMOS ESTES PRINCÍPIOS.» (mesma leitura)

A guerra civil em França: escapámos-lhe definitivamente?

Quanto a nós, em França, abençoado seja o nosso «atraso tecnológico», que nos protegeu, durante um tempo, destes males de «civilização». Mas agora, seguimos o mesmo caminho. Temos direito ao fast food [93], ao betão, à poluição sonora obrigatória, e, em brinde, à violência! Não há que acusar disso os Americanos: fomos nós que cedemos ao materialismo e à corrupção. Perderemos a cabeça e o coração. Pobre querido

Edgar que, do seu olho (azul) de profeta, tinha visto vir o «REINADO DA SUBMUNDO» (leitura 3976-24). Visto que, como escreve Jean-Edern Hallier [94]:

«Colonizados nas nossas cabeças, condenámo-nos a tornar-nos os Portorriquenhos, os suburbanos da Roma imperial de além-Atlântico, da qual herdámos todos os defeitos, menos as qualidades», e, acrescenta ele, «decidimos tornar-nos o 51.º Estado dos Estados Unidos, após o Havai» - então, em boa lógica, os severos avisos de Cayce dirigem-se também a nós. Deveríamos tomá-los com o maior rigor… As ciúmes de província são um mal gaulês. Não esquecer que foi a desunião dos Gauleses que entregou a Gália a César [95]. Em toda a nossa história, as divisões internas trouxeram juntas a guerra civil e a invasão estrangeira, de que falaremos no capítulo seguinte.

Em primeiro lugar, porque:

«OPONDO CERTAS CLASSES SOCIAIS, OU MASSAS HUMANAS, A OUTROS GRUPOS NÓS TRAÍMOS O AMOR FRATERNO.» (Leitura 3976-28)

E depois, porque uma nação é um organismo vivo, comparável ao corpo humano. Diz-se bem «o corpo social». Cayce utiliza plenamente a verdade profunda da comparação:

«OS PENSAMENTOS E AS ATIVIDADES DOS HOMENS PODEM SER COMPARADOS À INTELIGÊNCIA E AO CORPO FÍSICO DO SER HUMANO. QUANDO AS CÉLULAS DO VOSSO CORPO SE REVOLTAM, E SE SÃO EM BASTANTE GRANDE NÚMERO PARA CRIAR UMA ZONA DE RESISTÊNCIA, A DOENÇA COMEÇA.»

Dito de outro modo, no «corpo social», os cidadãos são as «células». No corpo físico, Cayce afirma que cada célula é consciente: ela sabe o que tem a fazer, tem um saber inato do seu programa. Contudo, visto que tem uma consciência, tem também o que vai com ela, uma certa «liberdade» de protesto. Segundo Cayce, uma célula pode «recusar» fazer o seu trabalho, porque acha que as más condições não lhe permitem fazê-lo. Era também o ensino de Mère em Auroville (ver Satprem, Le Mental des cellules, Éd. Robert Laffont). As pesquisas científicas conduzidas atualmente, ao mais alto nível, começam a encarar esta possibilidade de «consciência». É o que sempre disse a Tradição: mesmo as pedras têm uma «consciência», ao seu nível!

No Novo Testamento, o Cristo fala da sensibilidade das «pedras elas próprias», que têm compaixão das Suas dores. Nas tradições locais de todos os países – e claro de França -, mostram-se-lhe pedras que trazem a pegada de um ser vivo humano ou animal… Quando era pequena menina, em Saint-Lunaire, a minha mãe levava-me em passeio sobre uma colina misteriosa, coroada de um bloco de granito marcado com uma pegada. Dir-se-ia a de um grande animal; o lugar chamava-se «a Garra do Diabo».

Os pormenores da legenda perderam-se com o tempo – e ninguém se lembrará mais deles, quando a Bretanha tiver definitivamente vendido a sua alma (coisa a que ela se emprega ativamente…). «A Garra do Diabo» era um lugar isolado no meio da charneca, rodeado de poderosas vibrações que difundiam um ambiente de mistério. Os turistas hoje pensam que a imaginação poética dos Antigos não recuava perante nenhum delírio… Mas os turistas estão enganados. O seu universo mental estrito, alienado pelos meios de comunicação, corresponderá à realidade verdadeira das coisas? Penso nisso cada vez menos…

sobretudo depois de ter lido Cayce! Ele não daria razão aos bardos gauleses, profetas desconhecidos… Ora, estes, de comum acordo, falam da guerra civil em França. Tudo o que acabamos de ler nas passagens precedentes concernentes aos Estados Unidos deve ser meditado: na reencarnação massiva dos Atlantes no Ocidente, todas as margens do lago Atlântico são pouco a pouco atingidas pelos mesmos problemas de «civilização» (ou de anti-civilização?). Tal como os Estados Unidos, escapámos à guerra civil nos anos 30 (motins de 6 de fevereiro de 1934 em Paris); depois no momento da Libertação em 1945; e enfim, em maio de 1968. Cada vez, por um triz! Estamos para sempre libertados disso? Fomos suficientemente vigilantes? As profecias – e a atualidade – deixam-nos em dúvida. Embora as primeiras sejam sempre condicionais (como Cayce o repete à saciedade), a ameaça está sempre lá. Eis aqui algumas amostras.

A guerra civil em Paris

Como em 1789, a capital dá o «lá»! A desestabilização social começaria com a morte de um personagem importante (um presidente da República? Mitterrand?) [96].

«A morte de um grande personagem ficará oculta durante três dias»

diz a profecia de Blois, atribuída à irmã Marianne, morta no início do século XIX.

«A Extática viu Paris a arder e um personagem estendido morto, sem sepultura. Quando se souber a morte desse personagem, que se fuja, que se esconda, é o Dia da Justiça!»

diz a profecia atribuída à «Extática de Grenoble» no século precedente.

«A morte deste político será oculta onze dias.» «Haverá um morto em Paris, e o momento dessa morte será o sinal da justiça divina para Paris e a França.»

A partir desse momento, será preciso deixar Paris para «não ser massacrado e consumido pelas chamas».

(Estas duas profecias são citadas por Jean Stiegler, em Le Repentir mondial, op. cit.)

A vidente Mélanie Calvat (de La Salette) dizia, falando de Paris:

«Sair-se-á no primeiro dia, no segundo com grande custo, no terceiro já não se poderá.»

Ela via:

«desordens inexprimíveis, um fumo asfixiante».

A profecia de São Cesário, bispo de Arles, vê:

«a Babilónia das Gálias que cai num grande incêndio, afogada no sangue»

da guerra civil. No capítulo seguinte, darei mais profecias sobre o incêndio de Paris, que todos os videntes apresentam como a consequência da guerra civil, depois da invasão - às quais se acrescentam fenómenos meteorológicos misteriosos.

Mas as tensões sociais acumuladas, que arriscam conduzir à guerra civil, serão um aviso às pessoas sensatas:

«Paris será destruído, mas será de maneira que aparecerão primeiro sinais, que porão os bons em condições de fugir»

diz o padre Nectou (vidente jesuíta, morto em 1777). As suas predições não dizem respeito aqui ao Terror, pois Paris não ardeu durante a Revolução.

«Que aquele que não fletiu o joelho diante de Baal (o falso deus de que fala o Antigo Testamento) fuja do meio de Babilónia, diz o Espírito. Que cada um pense apenas em salvar a sua vida, porque eis o tempo em que o Senhor deve mostrar a grandeza dos crimes de que ela se manchou; Ele vai fazer recair sobre ela os males de que ela abrumou os outros. O Senhor apresentou pela mão desta cidade ímpia, desoladora dos povos, assassina dos seus padres, dos seus reis e dos seus próprios filhos, o cálice das Suas vinganças a todos os povos da Terra.»

(Padre Jérôme Bottin, religioso da abadia de Saint-Germain-des-Prés, em Paris, morto no século XV)

«Tal como se viu começar a Revolução com o Terror de 1793, assim se a verá terminar. Ver-se-ão no fim as mesmas coisas e os mesmos males que no princípio. Mas tudo irá mais rapidamente, e terminará por um prodígio estelar, que espantará todo o Universo, e por um grande acontecimento onde os maus serão castigados de uma maneira apavorante. Os maus falharão muitas vezes nos seus projetos sanguinários, por causa das orações das boas almas. Não deixarão contudo de prosseguir a sua determinação de fazer perecer todos os bons, de quem elaboram listas de antemão, e marcarão as casas e as portas para que nenhum escape. Mas, quando estiverem prestes a executar esta "nova justiça", Deus começará a executar a Sua»

dizia a Pequena Maria dos Terreaux, ou dos Brotteaux, em Lyon, antes da sua morte em 1843.

A revolução em França

«Novas perturbações terão lugar. Esconder-se-ão nos trigos... Se estas perturbações devessem ser as últimas! Mas recomeçarão num mês de fevereiro... Em seguida, antes da ceifa! Os grandes infortúnios chegarão antes das vindimas... Quão

aterradoras são estas perturbações! Contudo elas não se estenderão a toda a França, mas apenas a algumas grandes cidades, onde haverá massacres, e sobretudo na capital.»

(Profecia de Blois, atribuída à irmã Marianne, cf. acima)

«A França vai ser precipitada do cume da sua grandeza, e pisada aos pés! Oh, quão mal-afortunados serão para ela os tempos que entrevê! A sociedade, semelhante a uma nave, será batida pelas vagas corajosas das más doutrinas; as paixões impetuosas, os instintos ferozes desencadear-se-ão contra ela (...) Ai dos ricos! É um vasto complô contra a propriedade, que a quererá envolver como uma rede. Grandes crimes serão cometidos.» (Profecia do Padre de Ravignan)

«Formar-se-ão em França dois partidos, que farão uma guerra de morte. Um será muito mais numeroso do que o outro, mas será o mais fraco que triunfará. Haverá então um momento tão medonho que se julgará estar no fim do mundo. O sangue correrá em várias grandes cidades (...) Perecerá nesta catástrofe uma grande multidão.» (O padre Nectou)

«A República liquidou-se...! Sangue!... sangue!... A República vermelha! Ei-la pois chegada, esta terrível revolução de sangue!... A eternidade avança! Com a bandeira vermelha, os lobos estão no jardim! Já não há proprietários!» (Joséphine Lamarine, morta em 1850 em Darney, em Lorena)

«No meio da turbação, homens de aspeto feroz farão ouvir gritos e uivos aterradores, semelhantes aos do inferno; os seus corações estarão inflamados pelas paixões mais ferozes... Uma populaça, sedenta de sangue, mergulhará as almas mais sólidas num terror mortal (...). Mas não vos esqueçais da Consoladora dos aflitos, e da Mãe de misericórdia. Ela vos apoiará e vos

protegerá.» (Joséphine Reverdy, a mística de Boulleret, em Cher, no fim do século XIX)

A mesma vidente acrescenta, com a intenção das pessoas que não habitam nem em Paris, nem numa grande cidade:

«Quando estiverdes sob o peso perigoso do massacre, não vos ponhais em fuga para outro lado, a fim de serdes poupados. Isso será inútil. (...) Ficai em família e rezei pacificamente em comum nos vossos lares. Deus vos protegerá e vos preservará.»

«Eles serão como cegados e atingidos de vertigem. A divisão instalar-se-á entre eles e matar-se-ão mutuamente uns aos outros... (...) Haverá um momento de anarquia aterradora, durante o qual se verá renovar todas as desordens dos tempos mais maus. O crime sem repressão estará no seu auge. Mas este tempo de desolação será de curta duração.» (A pequena Maria dos Brotteaux, ou dos Terreaux, de Lyon, morta em 1843)

«Nesses acontecimentos, os bons não teriam nada que fazer, e são os republicanos que se devorarão entre si.» (O abade Souffrant, pároco de Maumusson, na Bretanha)

«A França estará desunida entre si» dizia Marianne Galtier, a pastora de Saint-Affrique, perto de Rodez, no século XIX.

«A França cairá por si mesma, e Deus servir-se-á para isso do próprio homem.» (O padre Eugène Pegghi, monge cisterciense, morto em Roma na segunda metade do século XIX)

Marie-Julie Jahenny, que dá o mais de pormenores (sobre tudo!), descreve coisas verdadeiramente terríveis. Fala de leis desastrosas, votadas na Câmara dos Deputados, a que chama «a Sala do Inferno». Fala de um «Presidente Infernal, que é o trono

do inferno, tosta lá e não sente o fogo» (Les Prophéties de La Fraudais, p. 73), sempre na saborosa linguagem camponesa do seu torrão natal. Emprega frequentemente a expressão «guerra civil», e fala do misterioso personagem chamado «o Grande Monarca», que veremos um pouco mais à frente, aquele:

«que reconstruirá Os meus templos incendiados sob a violência de uma grande guerra civil», precisando «embora ela não seja longa. Não posso nomear de outro modo senão guerra civil esta guerra a que a França será entregue».

Marie-Julie, que conhecia apenas a sua paróquia e os seus monges, não teria sabido dizer o que era o comunismo. E muitas pessoas na sua época estavam ainda «antes de Marx e antes de Freud». Contudo, as mensagens que lhe são ditadas empregam incessantemente a expressão «os Vermelhos».

«A nuvem vermelha chega à Terra. Saem dela homens munidos dos seus crimes, de ardor de vingança contra o céu.» (Op. cit., p. 90)

«Contemplo o coração da França, apertado pelo meio numa espécie de laço vermelho. Vejo-a debater-se. Vejo homens desconhecidos, de um género hediondo, que se precipitam com fúria, cheios de uma terrível vingança. Há bastante tempo, gritam eles, que fomos submetidos à França. Querem coroá-la de lírios, dar-lhe-emos por diadema a fita vermelha.» (Op. cit., p. 108)

«Vejo surgir ainda o laço que aperta o coração da França.» (p. 110)

«Meus filhos, o Senhor (...) faz neste momento todos os seus esforços para mostrar o perigo e a gravidade dos tempos que se

apoiarão sobre a pedra revolucionária. E a chama acrescenta: revolução vermelha!» (Outubro de 1882, op. cit., p. 142)

Entre os estrangeiros que estadao em França, alguns serão os artífices de:

«esta grande revolução universal que sairá em primeiro lugar em França: é ela, que, a primeira, caminhará para o abismo - mas também para a ressurreição,» (p. 55)

«A terra terá recebido o grande orvalho, ou melhor, a maré imensa, de sangue cristão misturado com o de muitos destes estrangeiros, que terão entrado nesta pátria (a França) para se unirem àqueles que devastam tudo.» (p. 54) [97].

Quando se lê isto, diz-se para si: se é verdade, se isso deve acontecer, as pessoas são loucas! Mais à frente, Marie-Julie fala do:

«próximo começo da mortal crise revolucionária (...) O número daqueles chamados "assassinos do povo" será de uma imensidão inconcebível. Aquando desta hora perturbada, os estrangeiros, cujo desejo está cheio de uma violência que não se domina, os estrangeiros serão senhores em França.» (p. 56)

A imigração põe a todos os países da Europa Ocidental problemas cruciaux. É certo que, numa casa bem arrumada, não se deixa entrar os salteadores: teremos de aprender que as leis da hospitalidade são compatíveis com uma certa disciplina. «O controlo dos estrangeiros», como se diz na Suíça!

Marie-Julie diz que se abrirão as prisões para libertar todos os delinquentes:

«Já não haverá cativos retidos por crimes.» (p. 56)

Noutra parte, fala dos ímpios-corredores, que irão de casa em casa a obrigar as pessoas a assinar coisas vergonhosas e a cumprir gestos públicos contra as suas crenças, como calcar aos pés uma cruz posta no chão (p. 46); mas diz também que aqueles que não alinharem conseguirão descoroçoar o «ímpio-corredor» - estranha expressão, que será talvez traduzida por «comissário do povo» ou sabe Deus o quê na prosa kafkiana de que as administrações têm o segredo!

A revolução estender-se-á a toda a Europa e a todo o mundo inteiro

Como diz Marie-Julie acima, a revolução será universal:

«A Revolução estender-se-á a toda a Europa.» (Irmã Rosa Colomba Asdente, dominicana italiana, morta em 1847, perto de Ventimiglia)

«Nesse dado momento, toda a Europa estará em fogo.» (Abade Mattay, pároco de Saint-Méen-le-Grand na Bretanha)

«Que ruído de armas é este, estes gritos de guerra e de espanto, que trazem os quatro ventos? Ah, o Dragão atirou-se sobre todos os Estados e traz para lá a mais terrível confusão! Os homens e os povos levantaram-se uns contra os outros! Guerra! Guerra civil e guerra estrangeira!» (Profecia da Cartuxa de Prémol, perto de Grenoble)

«A revolução eclodirá em Itália quase ao mesmo tempo que entre nós.» (Profecia anónima de 1872, dita da «Extática do Centro da França»)

«A Inglaterra, por sua vez, experimentará uma revolução mais terrível do que a Revolução francesa, e ela durará tempo suficiente para que a França tenha tempo de se restabelecer. Será a França que ajudará a Inglaterra ao restabelecimento da paz.» (O padre Nectou)

A vidente e mística irmã Madeleine Porsat, das clarissas (1773-1843), via sete crises constituindo «os Grandes Acontecimentos do Fim dos Tempos»:

«1: Intempéries e inundações. - 2: Doenças sobre as plantas e os animais. - 3: Cólera sobre os homens. - 4: Revolução. - 5: Guerras. - 6: Falência universal. - 7: Confusão (geral).»

Ela acrescentava:

«1789 derrubou apenas a França; o que vem vai ser o derrube do mundo. A sétima crise acabará no parto.»

Apesar de tudo, de um velho país civilizado como a Inglaterra (que já pagou uma Revolução antes de toda a gente, no século XVII), quem o creria? A Alemanha será atingida também, como a Itália:

«Três vezes azar para a França! Três vezes azar para a Itália! Três vezes azar para a Alemanha! A França estará desunida entre si, faltar-lhe-á todo o socorro!» (Marianne Galtier, pastora de Saint-Affrique, de que falei mais acima)

Fico por aqui - tendo eu própria dificuldade em suportar tantas perspetivas atrizes.

Reconfortemo-nos com a leitura de Cayce, que, ele, nunca perde o moral; desta vez, através dos seus concidadãos, dirige-se aos seus leitores do mundo inteiro:

«AQUELES DO NOSSO PAÍS QUE SE VÃO ENCONTRAR MISTURADOS NESTA CRISE MUNDIAL, E ÀS NAÇÕES IMPLICADAS NESTA CONJUNTURA; SE QUISERDES UM AVISO E UM CONSELHO: QUE AS VOSSAS ATIVIDADES SEJAM INSPIRADAS PELO AMOR FRATERNO LÁ ONDE SURGIREM AS ZANGAS.»
(Leitura 3976-20, 27 de setembro de 1938)

Já se pode trabalhar ao seu nível pessoal, familiar e profissional para melhorar o estado de espírito à sua volta. Mas:

«NÃO SE TRATA SIMPLESMENTE DE UMA ATITUDE PACIFISTA, DEFENDENDO A PAZ A QUALQUER PREÇO»
(mesma leitura)

Atenção, os grupos pacifistas não resolverão todos os problemas, e alguns são mesmo malsãos! É preciso trabalhar a um nível concreto, no nosso ambiente imediato, e:

«ANTES FAZER RESPEITAR A EQUIDADE, ISTO É A IGUALDADE, A ATITUDE JUSTA E FRATERNA, NO MEIO DA CRISE GERAL (...) COMO JÁ DISSEMOS, VIVEI UNS COM OS OUTROS COMO UMA NAÇÃO, UMA NAÇÃO FRATERNA FACE ÀS OUTRAS NAÇÕES - DE QUALQUER LADO QUE ELAS SEJAM - AO MESMO TEMPO QUE REZAIS.»
(mesma leitura)

Nas aparições que têm lugar atualmente é lembrada a urgência da oração (Dozulé, Kérizinen, Medjugorje, Líbano, etc.); é aí repetido que, pelos tempos que correm, uma hora de oração pessoal por dia é verdadeiramente um mínimo:

«PORTANTO, REZAI E REZAI AINDA MAIS!»
(mesma leitura)

Mas, inútil ensombrecer-se antes que tudo isto aconteça. A cada dia basta o seu mal:

«A VIDA É UM MOMENTO APÓS O OUTRO: ENTÃO, PORQUÊ NÃO VIVER O MOMENTO PRESENTE - DEPOIS OS SEGUINTES - DANDO GLÓRIA A DEUS, PELA VOSSA ATITUDE DE BENEVOLÊNCIA, DE PACIÊNCIA, DE AMOR DO PRÓXIMO?» (mesma leitura)

Isso tornar-nos-á a vida melhor, a nós e aos outros, enquanto esperamos os acontecimentos - durante os quais poderemos ser protegidos:

«É ASSIM QUE LHE SEREIS AGRADÁVEL, ELE QUE PROMETEU AJUDAR-NOS COMO UM IRMÃO. VISTO QUE ELE DISSE: "CONFIAI-ME O VOSSO FARDO, APOIAI-VOS EM MIM."» (mesma leitura)

O que fazer para contrariar tão graves acontecimentos?

«FAZEI CONHECER O PROBLEMA LÁ ONDE ELE ESTÁ: AQUELES QUE ESQUECERAM A DEUS DEVEM MUDAR RADICALMENTE DE RUMO!» (Leitura 3976-26, 28 de abril de 1941)

Felizmente para nós, Deus poderia dizer, como Victor Hugo:

«O meu coração tem mais amor do que vós tendes de esquecimento [98].»

7

A GUERRA MUNDIAL?

Nunca duas sem três?

É um dos assuntos sobre o qual Cayce foi mais tagarela - porque foi muito interrogado sobre isso, na época ansiosa que

precedeu a Segunda Guerra mundial, e durante esta. Aos seus avisos sobre as tensões presentes misturam-se «flashes», que não podem dizer respeito senão ao futuro longínquo, após a sua morte. No momento, os seus próximos não compreenderam muito bem. Em 1945, disseram para consigo que o pior tinha passado... Ora não é de todo isso que Cayce deixa antever - se reliermos cuidadosamente as suas leituras. Ele faz-se eco das profecias europeias. Por exemplo em Fátima, em 1917:

«A grande, grande guerra sobrevirá na segunda metade do século XX.»

Embora as catástrofes não sejam obrigatórias - e tenhamos visto passar na primeira metade do século já duas guerras mundiais -, arriscamo-nos a ver uma terceira, ainda pior!

Eis o que diz a vidente da Suíça, que citei mais acima:

«Se a maioria dos fiéis se tivesse convertido, aquiescendo aos pedidos que a Mãe de Deus lhes dirigiu em Lourdes e em Fátima (...), teríamos a paz. Mas indo as coisas como vão, advirá necessariamente aquilo que Ela predisse, para o caso de não se tomarem os Seus pedidos a sério (...): uma nova guerra mundial, no decurso da qual nações inteiras serão aniquiladas.» (Maria Graf, vidente de Appenzell, op. cit., p. 83)

Nas suas mensagens a Ruth Montgomery, o reverendo Arthur Ford, amigo de Cayce, tinha igualmente falado desta futura guerra mundial, dando-a como evitável (ao contrário da inversão dos polos, os processos geofísicos já estão iniciados). Nas suas derradeiras mensagens, ele diz que este conflito generalizado já não é evitável - por causa da decadência moral da humanidade! Assim pensam numerosos videntes atuais, cujas mensagens veremos no fim do capítulo.

A visão de Cayce: a Segunda Guerra mundial era evitável

Com a reflexão que o recrudescimento do tempo permite, um número crescente de historiadores dão razão a Cayce. Por exemplo, o coronel Pierre Le Goyet, no seu livro Munich (Éd. France-Empire, Paris, 1988), estima que poderíamos ter dito não a Hitler. A Alemanha nazi, diz ele em substância, não era tão poderosa militarmente em 1938 como os Aliados creram. As pesquisas deste oficial nos arquivos mostram que os Franco-Britânicos, os Checoslovacos e os Russos possuíam juntos, em 1938, mais aviões, mais carros de combate, mais matérias-primas do que os nazis. Que a famosa «linha Siegfried» era muito menos operacional do que dizia Hitler - que o sabia bem! E que em 1938 o próprio Hitler não estava seguro dos seus generais, que formavam um complô contra ele; nem da população, que dizia abertamente: «Estamos às ordens de um louco.» O conjunto dos bispos alemães, numa carta pastoral de 28 de agosto de 1938, lida em todas as igrejas, convidava mesmo a população a resistir ao Führer! Os Aliados deixaram-se intoxicar pelo bluff da propaganda nazi. Se não tivessem abandonado a Checoslováquia, teriam talvez tido a guerra, mas com uma hipótese de esmagar muito depressa Hitler!

A 8 de fevereiro de 1932, Cayce estima que ainda é possível:

«TRABALHAR PARA RESTAURAR GRADUALMENTE OS NEGÓCIOS MUNDIAIS, PARA OS CONDUZIR A UM NÍVEL RAZOÁVEL.» (Leitura 3976-10)

Numa leitura de 1939, Cayce deixa antever que a guerra não é inelutável. Porque, diz ele (fazendo alusão aos acordos de Munique de setembro de 1938, onde se tinha julgado afastar a guerra), estas grandes conferências internacionais, que visam preservar a paz?

«O QUE PROVOU, PENSAIS, ESTA REUNIÃO DOS ESTADOS DEMOCRÁTICOS E DOS ESTADOS TOTALITÁRIOS? A SABEDORIA DOS HOMENS QUE SE ENCONTRARAM LÁ? ... NÃO É ANTES A ORAÇÃO DAS MÃES E DOS PAIS, EM CADA UMA DAS NAÇÕES REPRESENTADAS LÁ, QUE SUPLICAM QUE SEJA EVITADA A DESTRUIÇÃO DE VIDAS HUMANAS, QUE UM CONFLITO ABERTO ACARRETARIA FORÇOSAMENTE?» (Leitura 3976-23, 13 de junho de 1939)

Cayce sublinha o poder da oração sobre o destino das nações. Se os acordos de Munique não conseguiram impedir a guerra, foi porque erros muito graves fizeram o jogo de Hitler - nomeadamente as decisões da França, expressas por Daladier. Cayce deixa entender que este esforço de diálogo no plano internacional poderia ter impedido a explosão do conflito armado - à hora em que fala Cayce, a guerra é ainda evitável. Será apenas a 3 de setembro de 1939 que Daladier, embora tendo assinado os acordos de Munique, mas agindo em nome do seu governo, declarará a guerra à Alemanha. Uma loucura!

Mais orações teriam provavelmente trazido uma maior tomada de consciência junto dos nossos governantes... ou melhores governantes, já que se tem os chefes que se merece! Tínhamos certamente, disse Cayce, na leitura 3976-19, uma «VIELLA DÍVIDA CÁRMICA» a pagar. Mas, se tivéssemos compreendido, a «fatura» poderia ter sido menos dolorosa... Quando a guerra foi declarada, cada mês trouxe a sua nova ração de catástrofes - ao ponto de já não se saber onde nem quando parariam os horrores tão imprudentemente desencadeados.

Cayce acreditava no papel dos organismos internacionais

Chegamos a uma época em que: «OS ASSUNTOS MUNDIAIS DEVERÃO SER CONSIDERADOS NÃO APENAS DE FORMA GLOBAL,

MAS NUMA PERSPETIVA DE UNIDADE.» (Leitura 3976-10, 8 de fevereiro de 1932)

O que não era sempre o caso na Sociedade das Nações, em Genebra [99], onde cada potência tentava puxar a brasa à sua sardinha! No entanto, apesar dos defeitos evidentes desta assembleia, ela poderia ter permitido evitar os conflitos:

«O QUE ACABA DE SER PROPOSTO ATUALMENTE PERANTE AS INSTÂNCIAS INTERNACIONAIS REPRESENTA A MELHOR BASE, A MAIS SÓLIDA, PARA CAMINHAR PARA UM PACIFICAÇÃO DEFINITIVA. É O QUE VAI DESATANAR A SITUAÇÃO FINANCEIRA E POLÍTICA.» (mesma leitura)

Trata-se dos esforços do presidente Hoover, que se intensificam ao máximo a 2 de fevereiro de 1932, graças à delegação americana em Genebra:

«ESTAS PROPOSTAS PODEM, PARA COMEÇAR, NÃO SER APLICADAS SENÃO DE FORMA LIMITADA, PARA POUCA GENTE, EMBORA SEJAM CHAMADAS A TORNAR-SE A NORMA GERAL. ELAS PERMITIRÃO ÀQUELES QUE TÊM ESSA ENCARRREGADURA TRABALHAR SOBRE OS PROBLEMAS INTERNACIONAIS.» (mesma leitura)

A leitura continua pela pergunta feita sobre o futuro do mundo nos próximos cinquenta anos (ver acima capítulo 2), onde Cayce fala, como vimos, de grandes perturbações futuras - a que chama pudicamente «MUDANÇAS» - (e de que vimos que se tratava na verdade de cataclismos de uma doçura... apocalíptica!): «MUDANÇAS QUE MODIFICARÃO O MAPA DO MUNDO», tanto no plano geológico como no plano político. As «grandes mudanças» preparam-se por pequenas «mudanças»:

«A PRIMEIRA MUDANÇA NOTÁVEL SERÁ A ACEITAÇÃO OU O REJEITO DA INTERVENÇÃO MUNDIAL POR UM TRIBUNAL DE ÚLTIMA INSTÂNCIA, PROJETO APRESENTADO PELA FRANÇA NA ATUAL CONFARÊNCIA, E REJEITADO PELA AMÉRICA.» (mesma leitura)

Eis aquilo a que Cayce faz alusão [100]: após a Primeira Guerra Mundial, as grandes potências, desejosas de evitar uma nova guerra, adotaram políticas muito diferentes sobre o desarmamento. A França estimava que era preciso primeiro assegurar a segurança antes de desarmar. A Inglaterra e a América, pelo contrário, estimavam que era preciso começar pelo desarmamento, o que asseguraria a paz. Nas conferências de Washington e de Londres (1921-1922 e 1930), estes dois países tinham proposto um desarmamento geral dos exércitos de terra (o que não os incomodava, visto que tanto a Inglaterra como a América são essencialmente potências navais!).

A França, pelo contrário, teria desejado que a Sociedade das Nações (de que a América tinha recusado fazer parte) se encarregasse de zelar pela paz por meios de coação estritos e eficazes. Havia duas sortes de meios possíveis: militares e jurisdicionais. É certamente «THE COURT OF LAST RESORT FOR THE WORLD», de que fala Cayce. Herriot, em nome da França, queria que fosse criado um Tribunal Internacional, que teria obrigatoriamente arbitrado todo o conflito.

O país que tivesse recusado esta arbitragem teria sido considerado como o agressor, e por aí teria sido passível de sanções militares. Esta ideia francesa, chamada «Protocolo de Genebra», foi, como diz Cayce, «REJEITADA PELA AMÉRICA», em 1924. A 2 de fevereiro de 1932 - portanto seis dias antes da leitura acima -, a questão tinha sido de novo posta - em Genebra, onde se tinham reunido para a circunstância os países membros

da Sociedade das Nações, a U.R.S.S. e a América. A 5 de fevereiro seguinte, a França propunha o «Plano Tardieu», isto é, a criação de um Supremo Tribunal de arbitragem. Este, para se fazer respeitar, devia ser acompanhado de uma força militar composta por contingentes internacionais fornecidos por cada Estado. Era a ideia dos «capacetes azuis» da O.N.U. que só se verá muito mais tarde.

Mas os espíritos não estavam maduros: a América e a Inglaterra recusaram. Cayce parece pensar que esta arbitragem internacional teria podido manter a paz e lamentar que a proposta da França tenha sido rejeitada. Hoje, o Tribunal de Arbitragem Internacional de Haia perdeu a sua autoridade e não serve para grande coisa, já que a arbitragem continua a não ser obrigatória. Pode sempre dar pareceres, mas não pode impô-los, não dispondo a O.N.U. de exército em permanência. Desde a ocasião perdida de 1932, milhões de homens morreram e nenhuma autoridade internacional impede as agressões. Pode-se questionar o valor das tentativas atuais de desarmamento, que se fazem sem esse mecanismo supranacional de controlo, que Cayce parecia desejar em 1932.

Um pouco mais tarde, a 18 de abril de 1936, volta-se aos assuntos internacionais, e Cayce é pessimista:

«E AGORA, NOS ASSUNTOS HUMANOS, POR TODO O LADO, IMPÕE-SE A EVIDÊNCIA DE QUE JÁ NÃO SE DEVE LIMITAR AO PONTO DE VISTA ESTRITAMENTE NACIONAL, MAS CONSIDERAR TODOS OS PAÍSES COMO UM TODO. POIS A HUMANIDADE INTEIRA É O TEU IRMÃO... ESTEVE-SE PERTO DESTE IDEAL QUANDO AS NAÇÕES, OS REPRESENTANTES DE NUMEROSAS NAÇÕES DO MUNDO SE SENTARAM JUNTOS PARA DISCUTIR.» (Leitura 3976-16)

(Em Genebra, na Sociedade das Nações, antepassada da O.N.U., Organização das Nações Unidas.)

«MAS A GANÂNCIA DOS HOMENS, O MEDO QUE O HOMEM TEM DE SI MESMO INVASORAM DE TAL MODO ESTA ASSEMBLEIA, QUE ELA SE TORNOU UMA PEDRA DE TROPEÇO PARA O MUNDO.» (mesma leitura)

De Gaulle chamará mais tarde à O.N.U. «esse trambolho», resumindo por este insulto a desilusão que ela tinha suscitado, após ter despertado tantas esperanças. Uma oportunidade foi perdida:

«POIS DE NOVO O PRÍNCIPE DA PAZ FOI CRUCIFICADO NO ALTAR, NA CRUZ DA GANÂNCIA!» (mesma leitura)

E no entanto, na véspera da Segunda Guerra Mundial, a maioria da humanidade aspirava à paz, como diz a leitura de 16 de junho de 1939:

«ATUALMENTE, GRAÇAS ÀS ORAÇÕES QUE SÃO FEITAS DESDE HÁ DOIS ANOS, HÁ POR TODO O LADO NO MUNDO UM GRANDE ESFORÇO PARA SE POR DE ACORDO COM AS FORÇAS CRIADORAS, UM GRANDE ESFORÇO PARA CONHECER DEUS E A SUA VONTADE. ISSO NUNCA ESTEVE A ESTE PONTO DESDE HÁ SÉCULOS.» (Leitura 3976-2)

Infelizmente, as conferências internacionais desperdiçam a sua energia em mesuras e conversas fiadas para esconder os verdadeiros problemas:

«NÃO É TANTO DE CERIMÓNIAS QUE SE TEM UMA NECESSIDADE URGENTE, DE FORMALIDADES, SEJAM ELAS QUAIS FOREM E SEJA QUAL FOR A NAÇÃO, MAS ANTES QUE CADA CIDADÃO DE CADA NAÇÃO SE VOLTE DE NOVO PARA O DEUS DOS SEUS PAIS, ARRANCANDO-SE AO DESLEIXO EGOÍSTA E À

CUPIDEZ, PRATICANDO CADA VEZ MAIS O ESQUECIMENTO DE SI.» (Leitura 3976-23)

Se os cidadãos e as nações forem incapazes de se emendar, virão eventos que os forçarão a isso... Estamos hoje na mesma situação!

Cayce tinha avisado os judeus da Alemanha!

Entre as duas guerras, os interlocutores americanos de Cayce não viam a diferença entre Hitler e Mussolini. Para eles, eram dois ditadores europeus, ponto final.

A leitura 3976-13 é quase inteiramente dedicada à Alemanha e a Hitler. Cayce recomenda aos judeus, a 4 de novembro de 1933, «QUE SE APRESSADAMENTE VÃO REUNIR-SE NUM PAÍS SEU». Por que não o escutaram mais! O Estado de Israel ainda não tinha nascido oficialmente, mas Cayce vê-lo chegar como «O CUMPRIMENTO DA PROFECIA QUE FOI FEITA [101]. E É O COMEÇO DO REGRESSO DOS JUDEUS DE TODOS OS CANTOS DA TERRA».

Cayce afirma que Hitler foi «CHAMADO» para responder a certos fins precisos; diz que:

«O MUNDO AINDA NÃO COMPREENDEU TOTALMENTE A POLÍTICA DE HITLER.»

A esse respeito, Hugh Lynn Cayce, filho de Edgar, que dirige a leitura, faz uma pergunta de uma cândida ingenuidade:

A política de Hitler tende para a guerra?

«PARA MAIS NADA», responde Cayce.

O que vai fazer Hitler com Mussolini? pergunta-se a Cayce, a 4 de novembro de 1933:

«NO QUE DIZ RESPEITO À POLÍTICA DE HITLER E DE MUSSOLINI, É CADA UM POR SI, EM SUA CASA (...). MAS ELES ESTÃO MUITO AFASTADOS UM DO OUTRO NAS SUAS VISÕES POLÍTICAS.» (Leitura 3976-13)

As grandes potências e o seu futuro

Tendo Cayce profetizado «A GRANDE CATÁSTROFE QUE VAI CAIR SOBRE O MUNDO A PARTIR DE 36» e «O COLAPSO DE NUMEROSAS GRANDES POTÊNCIAS ATUAIS» na leitura 3976-10, a 8 de fevereiro de 1932, Gertrude Cayce pergunta:

Gostaria de enumerar as potências que serão perturbadas em 36?

«MAIS DEPRESSA À VOLTA DO ANO 36. A RÚSSIA, OS ESTADOS UNIDOS, O JAPÃO, E A INGLATERRA, ISTO É, O REINO UNIDO.»

E quem será a potência dominante?

«ISSO DEPENDE: AQUELA QUE ESTIVER MAIS PERTO DAS FONTES DE ENERGIA!»

Resposta profética se as há...

Mais tarde, a 13 de junho de 1939, os seus interlocutores põem-lhe perguntas precisas sobre os acontecimentos mundiais que vêm perfilar-se no horizonte como uma nuvem negra; Cayce responde:

«SERIA PRECISO QUE SE COMECASSE PRIMEIRO AO NÍVEL INDIVIDUAL: QUE CADA CIDADÃO TENHA A CONVICÇÃO DE QUE É PRECISO FAZER CONFIANÇA EM DEUS PARA AS NECESSIDADES

DO SEU POVO. E ISSO, EM TODO O TEMPO E EM TODA A CIRCUNSTÂNCIA, SOB UM REGIME DEMOCRÁTICO OU SOB QUALQUER OUTRO.» (Leitura 3976-23)

Discurso que parece muito abstrato aos interlocutores de Cayce:

«MUITOS QUEERÃO PERGUNTAR: QUE RELAÇÃO TEM TUDO ISTO COM A CRISE MUNDIAL ATUAL? QUE RELAÇÃO COM O QUE SE CHAMA AS DEMOCRACIAS, O FASCISMO, O COMUNISMO, O TOTALITARISMO?» (mesma leitura)

Aos seus ouvintes, que têm dificuldade em fazer uma ideia do que se passa no plano internacional, Cayce tenta dar alguns grandes princípios gerais, inteligíveis e aplicáveis ao mundo inteiro:

«NESTE MUNDO DA MATÉRIA, ONDE CADA ALMA PROCURA A SUA VIA PARA SE EXPRIMIR, O OBJETIVO, A IDEIA - O IDEAL, SE QUISEREM - DEVERIA SER QUE TODOS TRABALHASSEM EM UNÍSSONO PARA O BEM GERAL.» (mesma leitura)

«É, POIS, UM DESAFIO QUE DEVE SER ENFRENTADO POR CADA NAÇÃO: QUE APESAR DO INSTINTO DE CONSERVAÇÃO, HAJA CADA VEZ MENOS EGOÍSMO E CADA VEZ MAIS DESTE BEM GERAL QUE ESTAVA PREVISTO NO COMEÇO (do mundo).» (mesma leitura)

Mas a assistência deve ter reagido com uma certa impaciência interior dizendo para si mesma: o que é que Edgar nos vem cantar agora? ... Pois ele continua:

«PERGUNTAM ENTÃO: "O QUE VAI SER DA INGLATERRA E DA FRANÇA NOS SEUS ESFORÇOS DE COLABORAÇÃO COM A RÚSSIA, PARA CERCAR O REGIME TOTALITÁRIO" (nazi)?» (mesma leitura)

A América, não tendo ainda percebido o que era o comunismo, percebia então a Rússia como uma aliada: a tal ponto que lhe enviará material para a ajudar a combater a Alemanha nazi (cf. o livro de Georges Blond, “Convois pour l’U.R.S.S.”, apaixonante de ler, como todos os livros deste autor). Os consulentes de Cayce ignoram que em agosto de 1939, dois meses após esta leitura, a Alemanha e a U.R.S.S. vão assinar um pacto secreto de não-agressão e um acordo sobre a partilha da Polónia... O que não impedirá os alemães de atacar a Rússia em junho de 1941! O meio envolvente de Cayce julga portanto que a Inglaterra e a França partilham a sua ingenuidade sobre os «amigos» russos. Ele não os tira do erro - para que serviria isso? - mas responde por um princípio geral:

«ESTES DOIS PAÍSES, ENQUANTO RESPEITAREM AS VISÕES DE DEUS SOBRE O HOMEM, TERÃO SUCESSO. MAS, SE NÃO AGIREM SENÃO NUM INSTINTO DE CONSERVAÇÃO EGOÍSTA, QUE NEGLIGENCIA O PENSAMENTO E OS OBJETIVOS DOS OUTROS HOMENS, FALHARÃO.» (mesma leitura)

É bem, em última análise, a razão da invasão: produzimos homens políticos egoístas e levianos, justo no momento em que teria sido preciso coragem e generosidade. E abandonámos a Checoslováquia...

«A MESMA COISA COM AS EMPRESAS DA ALEMANHA, DA ITÁLIA E DO JAPÃO. QUANDO ESTAS NAÇÕES SE ESFORÇAM POR PROTEGER A SUA PRÓPRIA PERSONALIDADE, A SUA ESSÊNCIA PROFUNDA, NUM PENSAMENTO FRATERNO PARA COM OS OUTROS, ELAS PODEM TER SUCESSO...» (mesma leitura)

... Provisoriamente, porque o nazismo, o fascismo e o imperialismo japonês estavam fundados num pensamento perverso. Cayce lança um aviso velado:

«NÃO SE GOZA COM DEUS. A REGRA QUE SE APLICA A TODO O HOMEM APLICA-SE TAMBÉM A TODA A NAÇÃO: COLHE-SE O QUE SE SEMEOU.» (mesma leitura)

Não é só nos “westerns” que os maus acabam mal! O Chatice é que entretanto os maus fazem muitos estragos... Mas os estragos são também karmas, dos quais alguns são inevitáveis. Inútil querer atraiçoar Deus:

«O HOMEM NÃO VÊ SENÃO O MOMENTO: ASSIM QUE FORMA UM PROJETO NO SEU CORAÇÃO, DEUS VÊ-LO IMEDIATAMENTE E CONHECE O SEU FIM.» (mesma leitura)

Mais tarde, na leitura seguinte, dada a 23 de junho de 1940, Cayce será mais sombrio ainda:

«MUITOS DE VÓS TODOS GOSTARIAM DE SABER O QUE VAI ACONTECER NA EUROPA, NA ÁFRICA, NA ÁSIA. TODOS ESTES CONTINENTES SERÃO DEVASTADOS. SIM. TODOS, E PARECERÃO ANIQUILADOS.» (Leitura 3976-25)

Se é verdade que, aquando da última guerra mundial, a Europa foi devastada assim como a Ásia, não se pode dizer o mesmo da África. Ela esteve, na maior parte da sua extensão, ao abrigo da guerra. A leitura evoca, portanto, uma época mais distante. Poder-se-ia pensá-lo, visto que o conjunto das profecias estima que nenhum continente será poupado pelas perturbações cataclísmicas e sociopolíticas do «Fim dos Tempos».

Mais tarde, a 24 de junho de 1938, perguntar-lhe-ão ainda:

E a situação interna na Itália, e as suas repercussões sobre os outros países?

«A SITUAÇÃO INCHOU: MAS A DITADURA IRÁ CADA VEZ MAIS PARA UMA POLÍTICA DE PAZ.» (Leitura 3976-19)

... O que se revelou, com o uso, totalmente exato.

A guerra rebentará no golfo Pérsico

Muito mais tarde, a 26 de abril de 1941 - está-se em plena guerra -, Cayce evoca as guerras futuras - muito depois daquela que angustia os seus interlocutores:

«GUERRAS SURGIRÃO NO PERÍODO. ESPEREM QUE ELAS REBENTEM EM DIVERSOS LUGARES: PERTO DO ESTREITO DE DAVIS, PELO CONTROLO DE UMA VIA DE ACESSO TERRITORIAL. NA LÍBIA E NO EGITO, EM ANKARA E NA SÍRIA, NOS ESTREITOS AO NORTE DA AUSTRÁLIA, NO OCÉANO ÍNDICO, NO GOLFO PÉRSICO.» (Leitura 3976-26)

É evidente que o «PERÍODO» de que se trata é aquele que se abrirá entre a Segunda Guerra Mundial e o «Fim dos Tempos». Com efeito, o estreito de Davis é um lugar ultra-calmo, frequentado sobretudo pelos ursos brancos; separa a Gronelândia, terra dinamarquesa, da terra de Baffin, terra canadiana. Até agora, não se manifestou muito à atenção dos historiadores... Mas poderia muito bem tornar-se importante.

A Líbia, tinha-se ouvido falar um pouco dela durante a última guerra mundial; salvo entre Trípoli e El-Alamein, por volta de 1943, os escorpiões do deserto podiam dormir tranquilamente debaixo das pedras grandes! Hoje, é outra coisa: temos lá Kadhafi... Quanto ao golfo Pérsico, que se ilustra agora nas

crónicas sangrentas... bem, eis a profecia de Cayce que parece realizar-se diante dos nossos olhos!

O Egito, que permaneceu muito calmo durante a última guerra mundial, começou a conhecer verdadeiramente a guerra a partir do nascimento do Estado de Israel (14 de maio de 1948). Com os seus aliados árabes, o Egito conheceu a guerra contra Israel, o conflito de outubro de 1956, depois a guerra dos Seis Dias em junho de 1967 e, finalmente, a guerra do Yom Kippur em outubro de 1973. Espera-se que tenha terminado para este magnífico país cuja miséria nos aperta o coração.

Quanto à Síria, esteve envolvida em várias frentes: a de Israel e a do Líbano - que acabou por invadir e devastar completamente.

Para voltar à enumeração dos países e dos mares citados acima, notará - como o próprio Cayce sublinha - que se trata em todo o lado do controlo das rotas marítimas. É possível que o estreito de Davis se torne a este respeito muito importante: a próxima guerra será no mar? ...

Se não se pode dizer que o golfo Pérsico e o oceano Índico tenham sido zonas particularmente quentes durante a Segunda Guerra Mundial, a profecia está a tornar-se atual... Cayce continua: «DIZEM QUE TUDO ISTO É NOS MARES?» Ou seja: o que é que isso vos importa? É muito longe, lá longe, no outro extremo do mundo...

Quando eu estava em Nova Iorque, vendia-se um postal cheio de humor que representava «o mundo tal como o veem os nova-iorquinos». Numa linha de horizonte completamente plana, no fim do mar, emergiam as duas ou três coisinhas que interessavam aos americanos no mundo: as cúpulas do Kremlin,

ainda assim, e o Japão - considerado como uma colónia mercantil («Jap. Inc.») - e depois, e depois... o deserto!

À hora em que escrevo estas linhas (1991), o espirituoso desenhador teria acrescentado o golfo Pérsico (três palmeiras e um minarete?). Mas enfim, isto é para dizer que o americano comum está intimamente convencido de que inventou a pólvora e que, fora do tio Sam, não há verdadeiramente nada de válido no resto do nosso calhau. Cayce, que conhece bem os seus concidadãos, apressa-se a tirá-los da sua ambiguidade, evocando perspetivas ainda muito piores do que em 1941:

«SIM... MAS SERÁ O COLAPSO EM TODO O LADO - ATÉ QUE FINALMENTE TODO O MUNDO RECONHEÇA NISO O DEDO DE DEUS (...) !» (Leitura 3976-26)

A família e os amigos de Cayce têm toda a razão em preocupar-se...

Pearl Harbor tinha sido anunciado por Cayce

Mrs Cayce: a América vai entrar em guerra nas duas semanas que vêm?

«PODERÃO SER COMETIDAS AGRESSÕES QUE ARRISCARÃO LEVAR A MUDAR BRUSCAMENTE A NOSSA DETERMINAÇÃO (de não entrar em guerra). ISSO PODERIA ACONTECER NO PERÍODO QUE VEM - MAS NÃO HAVERÁ DECLARAÇÃO DE GUERRA NESTE LAPSOS DE TEMPO.» (mesma leitura)

Estamos em 1941. As agressões vão multiplicar-se. Da parte da Alemanha, a leste, que se vai atirar à U.R.S.S. (que a América considera então como sua aliada contra Hitler). No Pacífico, a oeste, o Japão não cessa de progredir, com um dinamismo irresistível. A resposta americana será primeiro económica: o embargo total sobre as exportações para o Japão. A agressão

maior não chegará nos quinze dias, como temia Gertrude Cayce, mas nos seis meses: a 7 de dezembro de 1941, os japoneses afundam a frota americana na sua base de Pearl Harbor. Não houve declaração de guerra, nem num sentido nem noutro, nos seis meses que precederam.

Quanto a Pearl Harbor, é um ponto que divide os historiadores: para uns, os japoneses teriam atacado «à traição», sem declaração prévia, uns pobres americanos inocentes que não desconfiavam de nada. Para outros, estes tinham sido muito bem avisados pelos seus aliados - ingleses nomeadamente. Mas o governo americano não terá tomado esses avisos a sério, imaginando sem dúvida que os japoneses respeitariam os usos do código da guerra à ocidental, de um Ocidente totalmente hipócrita, que sempre envolveu a guerra de um ritual destinado a fazer crer que ela era limpa! (Ver o livro de Georges Blond: *Le Survivant du Pacifique*, apaixonante, que conta toda esta guerra como se lá estivesse!)

A 27 de outubro de 1937, Gertrude Cayce, encarregada de transmitir as perguntas do grupo, tinha perguntado:

Alguns escritores encararam a possibilidade de uma guerra por volta de 1942 até 1944, na qual estariam envolvidos os Estados Unidos. Será que atualmente parece verosímil que estejamos envolvidos numa tal guerra?

«SE FIZEREM DISSO UM TEMA DE PROPAGANDA, ISSO TORNAR-SE-Á REALIDADE! MAS SE SE CONTINUAR A MANTER UMA ATITUDE DE PAZ E DE HARMONIA, SE SE TOMAR EM CONSIDERAÇÃO OS DIREITOS DE OUTREM, ISSO NÃO ACONTECERÁ.» (Leitura 3976-17)

Os americanos entrarão em guerra em 1941 para responder aos ataques japoneses. Alguns historiadores estimam que o

Japão esperava então obter dos americanos uma paz que lhes assegurasse as vantagens territoriais de que precisavam; a guerra americano-japonesa poderia ter sido evitada por negociações compreensivas, é o que sugere Cayce:

E o que poderia causar uma tal guerra?

«O EGOÍSMO!» (mesma leitura)

O Japão, gravemente afetado pela Grande Depressão (como os países ocidentais), sofria, além disso, da exiguidade do seu território sobrepovoado. Foi a crise económica e social que o tinha levado a uma política belicosa. Mas a América, obcecada pelos seus próprios problemas, não soube ver que a agressão japonesa era - como muitas agressões - um pedido de socorro...

Os Estados Unidos envolvidos na guerra

Os Estados Unidos entrarão em guerra a 11 de dezembro de 1941. Cayce:

«HOJE ESTAMOS NUM MUNDO EM GUERRA. NINGUÉM ESCAPA - NEM ESCAPARÁ - ÀS REPERCUSSÕES DAS EMOÇÕES CONFLITUOSAS QUE AGITAM ATUALMENTE OS HOMENS EM TODA A TERRA.» (Leitura 3976-27)

O Japão ganha em todo o lado no Pacífico, conquista as Filipinas a partir de dezembro de 1941, depois a Malásia, Singapura, a Indonésia, a Birmânia, estabelece-se na Nova Guiné... e chega a Vancouver (Canada) a 20 de junho de 1942! O Pacífico torna-se um lago japonês.

Quando Cayce falava «DOS ESTREITOS AO NORTE DA AUSTRÁLIA», evocava talvez a ocupação japonesa de Guadalcanal em agosto de 1942, e a sua retomada pelos

americanos em fevereiro de 1943: Guadalcanal está situado à entrada dos estreitos que separam a Austrália da Nova Guiné.

«E O MEDO INSCREVEU-SE NOS CORAÇÕES DOS MELHORES. SE ESTES TEMPOS NÃO FOREM ENCURTADOS - COMO FOI ESCRITO -, OS PRÓPRIOS ELEITOS ARRISCAM-SE A DEIXAR-SE PERTURBAR POR ESTE ESPECTÁCULO DE DESTRUIÇÃO, POR ESTE DESPREZO EM QUE AS MULTIDÕES E AS NAÇÕES TÊM A VIDA HUMANA.» (mesma leitura)

Cayce faz referência aqui a uma passagem bíblica (Mateus, XXIV), onde Jesus descreve o «Fim dos Tempos» como o horror, onde mesmo os «Justos», os «Eleitos», isto é, os mais sólidos e os mais equilibrados perderão o pé diante de espectáculos insustentáveis: «Ouvireis falar de guerras: não vos deixeis alarmar (...) Levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino.»

Se as perguntas incidem sobre a evolução da Segunda Guerra Mundial, as respostas de Cayce vão muito mais longe no tempo, como já se viu. Aqui, esta referência bíblica sugere que começamos a entrar nesse famoso «Fim dos Tempos» cataclísmico. É como se Cayce, não tendo já muitos anos para viver (morrerá em 1945), tivesse feito questão de deixar o seu testamento profético para os anos negros da «Terceira Guerra Mundial» - que estão para vir?

Como tinha sublinhado Cayce um pouco mais cedo, a América não estava no fim das suas penas:

«É ASSIM E SERÁ AINDA ASSIM: AQUILO DE QUE A AMÉRICA FAZ A EXPERIÊNCIA É DEVIDO, EM PARTE, À SUA INCREDULIDADE.» (Leitura 3976-23)

A 20 de junho de 1943, no entanto, vê-se despontar a paz:

«NA PRÓXIMA SEXTA-FEIRA, COISAS ESTRANHAS VÃO ACONTECER - E ISSO DETERMINARÁ O QUE HAVERÁ A FAZER A SEGUIR.» (Leitura 3976-28, 20 de junho de 1943)

A sexta-feira que se seguia caía portanto a 25 de junho de 1943: data-ponto de viragem, a partir da qual os Aliados vão subir a encosta e partir de novo para a vitória. Na frente europeia, as tropas do Eixo foram repelidas para fora da Tunísia, e os americanos desembarcam pela primeira vez na Europa ocupada, na Sicília, em julho de 1943. Na frente Oeste, Mac Arthur começa a reconquistar o Pacífico, saltando de ilha em ilha a partir de Guadalcanal, que os japoneses tiveram de evacuar a 8 de fevereiro precedente.

No fim de junho de 1943, os americanos conseguem finalmente construir mais barcos do que os submarinos alemães afundam no fundo do Atlântico; são os «Liberty Ships», construídos a toda a velocidade porque em ferro em vez de serem em madeira.

As terríveis conjunções planetárias da Segunda Guerra Mundial

Mrs Cayce: À luz das informações que nos são dadas pelo seu canal, nesta manhã de 28 de abril de 1941, tendo em conta os aspetos astrológicos para as duas semanas a vir, e o nosso desejo de utilizar estas informações para o bem de todos, gostaria de nos falar das mudanças atuais, e de nos dizer como podemos fazer-lhes frente de uma maneira construtiva? Depois, responderá às perguntas à medida que eu as puser.

O que é novo nesta leitura é a astrologia utilizada no plano mundial. É certo que os aspetos de 28 de abril de 1941 não brilhavam pelo seu pacifismo: é o ano que vai ver a guerra no oceano do mesmo nome, e o desastre de Pearl Harbor.

«SIM, TEMOS DIANTE DOS OLHOS AS INFORMAÇÕES DADAS POR ESTES CANAIS: AS INFLUÊNCIAS ASTROLÓGICAS E O SEU EFEITO SOBRE OS PENSAMENTOS FUTUROS DAS ALMAS ATUALMENTE INCARNADAS NA TERRA.» (Leitura 3976-26)

A introdução de Cayce, diferente daquela que emprega habitualmente, deixa entender que há na assistência várias pessoas que são um «canal» de informações astrológicas, o que, na linguagem estranha que Cayce emprega, significa simplesmente «astrólogos». Anotaram as posições planetárias da quinzena para lhas submeter. Pois mudou muito, Edgar, desde o tempo em que tinha aceitado (horrorizado - mas era preciso viver!) dar uma leitura astrológica a Arthur Lammers. A voz misteriosa, que fala através dele, afirmou tão fortemente o valor da astrologia que ele acabou por aceitá-la. Os seus amigos e a sua família dedicaram-se a ela também. Tanto e tão bem que no fim da sua vida numerosos são os membros da A.R.E., amadores ou profissionais, que praticam esta velha ciência. Cayce pôs a astrologia de novo em honra! Mas não estamos senão em 1941, e o pequeno grupo de Virginia Beach faz ainda figura de pioneiro.

«COMO MUITOS COMPREENDERAM, AS INCARNAÇÕES NA TERRA E OS CICLOS DO TEMPO REPETEM-SE FREQUENTEMENTE; ISSO DÁ AOS GRANDES DESTE MUNDO, TAL COMO AOS MAIS HUMILDES, UMA OPORTUNIDADE DE SE EXPRIMIREM: E ELES ESTÃO SUBMETIDOS A ESTAS INFLUÊNCIAS QUE SE EXERCEM FISICAMENTE, MENTALMENTE, OU ESPIRITUALMENTE SOBRE A ATIVIDADE DAQUELES QUE SE MANIFESTAM HOJE NA TERRA.» (mesma leitura)

Já ouviram muitas vezes dizer, como eu, que «a História se repete». Isso constata-se. Mas porquê? Por mais diplomados que fossem, os meus mestres na Sorbonne não o sabiam... Alguns historiadores elaboraram «teorias dos ciclos» muito bonitas, que

dão prazer porque se tem a impressão de que nos vão tornar inteligentes. Mas não se fica mais adiantado: em que deveriam elas fundar-se? E eis Cayce que responde: «no regresso periódico de certos grupos de almas»; estas renascem ao mesmo tempo que certas posições planetárias com as quais estão em acordo vibratório. Nesta leitura, Cayce não emprega a palavra «reencarnação», mas uma expressão mais complicada (como ele as ama!). Diz «AQUELES QUE SE MANIFESTAM HOJE NA TERRA».

Para ele, as almas são «entidades», centelhas divinas que podem «MANIFESTAR-SE» no planeta da sua escolha, isto é, nele nascer, num cenário planetário que corresponde a um programa preciso (ver *L'Univers d'Edgar Cayce*, tomo I, e *L'Astrologie karmique*). As almas que nascem nas mesmas épocas, sob as mesmas posições planetárias, têm, pois, um programa comum - e um passado comum. Pertencem a um mesmo grupo que tem, enquanto grupo, um programa: reparação de erros cármicos coletivos, construção de novas estruturas, etc. Foi assim que Max Getting anunciava à sua mulher (que não imaginava ainda, a cara alma, do que ele falava, em 1930!) as violências que se veriam no fim do século: é, dizia ele, por causa do regresso de almas atlantes pouco evoluídas, que não tiveram a coragem de reencarnar desde a Atlântida, daí a sua violência [102]. Totalmente o ponto de vista de Cayce.

Este regresso massivo das almas da Atlântida traz-nos ao mesmo tempo as suas brilhantes aptidões tecnológicas, o seu domínio da eletricidade e do átomo - e a sua maldade! Para Cayce, estamos de novo num período em que o mundo arrisca-se a explodir, por culpa dos mesmos Atlantes. Mas prosseguindo a análise astrológica de 28 de abril de 1941:

«NO QUE DIZ RESPEITO ÀS EXPERIÊNCIAS DE VIDA CONTEMPORÂNEAS DOS TRÂNSITOS ASTROLÓGICOS ATUAIS -

AQUELES QUE COMECAM AMANHÃ -, HAVERÁ A INFLUÊNCIA DO SOL, A DA LUA, DE JÚPITER, DE ÚRANO E DE VÉNUS, TODOS CONJUNTOS NO MESMO SIGNO.» (mesma leitura)

Com efeito (ver tema astrológico de 28 de abril de 1941), estamos em presença de um extraordinário aglomerado planetário: Mercúrio, o Sol, Vénus, Saturno, a Lua, Júpiter, Úrano seguem-se uns atrás dos outros! Cayce sublinha a importância do Sol e da Lua - os «Luminares» -, aos quais os outros planetas trazem o seu brilho, assim como Júpiter, estreitamente conjunto a Úrano e à Lua.

Há seis planetas no mesmo signo (Sol, Vénus, Saturno, a Lua, Júpiter, Úrano), que é o Touro. A esta conjunção junta-se Mercúrio, no signo do Carneiro, que está a apenas 9 graus do Sol. Lembremos aos leitores não familiarizados com a astrologia que o Carneiro é o signo da guerra. E quando Cayce fala da «INFLUÊNCIA DOS PLANETAS SOBRE OS PENSAMENTOS DAS ALMAS», lá estamos: Mercúrio, que simboliza a atividade mental, colocado no signo que rege as lutas, excita os pensamentos belicosos. Influência muito forte, infelizmente, quando Mercúrio apresenta mau aspeto como aqui (a quadratura de Pluto, símbolo da morte e da destruição, que aliás se encontra no Caranguejo, signo da nação).

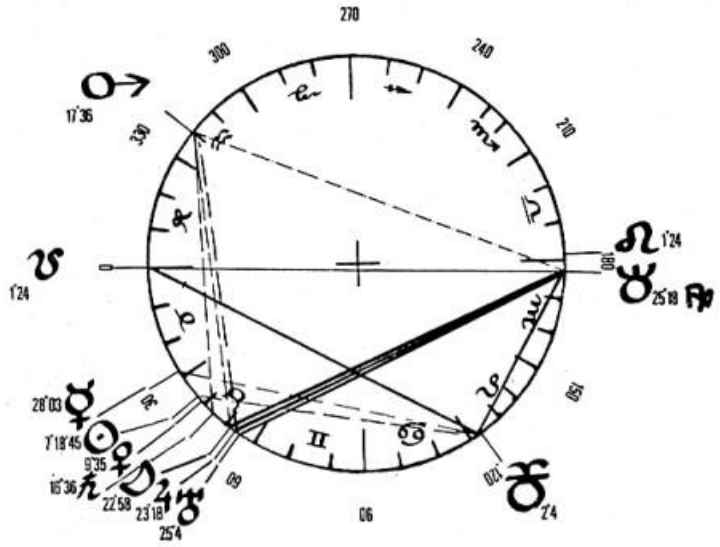
Para aqueles que, como eu, acreditam na astrologia sideral, e que têm, pois, em conta a precessão dos equinócios, é ainda pior: os seis planetas em conjunção encontram-se, após correção, no signo do Carneiro. (Ver o caso célebre de Hitler, falso Touro pacífico, em *L'Astrologie karmique*). Pois para um astrologia sideralista [103], como eu, o signo real dos planetas é frequentemente o precedente, 24 graus atrás (mais exatamente 23° 54'43", em 1941). O que nos põe aqui o Sol a 13° 44'12" do signo precedente: o Carneiro! A guerra, sempre a guerra! E se

fizerem o cálculo, encontrarão a pobre Vénus, símbolo de harmonia (infelizmente já estrangulada pela vizinhança de Saturno), situada «em queda» no signo do Carneiro.

Em resumo: um enorme aglomerado planetário no signo do fogo, da guerra, da violência, da destruição, do ferro e do sangue. Já explosivo em si. Mas o pior é que recebe uma violenta quadratura de Marte, o planeta vermelho, mestre do Carneiro: quadratura Marte-Saturno e quadratura Marte-Lua. O planeta da agressividade sopro sobre as guerras que incendeiam a Terra; além disso, é um Marte muito duro; em Aquário, signo fixo, signo da Revolução.

Perguntei a mim mesmo por que razão Cayce assinala Vénus esquecendo Saturno. Talvez este último tenha sido muito simplesmente fagocitado pela pena da sua secretária? O caso de Vénus é grave: não podendo trazer aqui a harmonia pelo amor, a sua influência torna-se negativa; impele ao amor da guerra. Cayce diz também, noutro lado, que Saturno é o planeta da mudança: aqui, Vénus-Saturno é a grande balbúrdia!

Outra indicação notável da astrologia: a localização geográfica dos conflitos. Sabe-se que a Alemanha é regida pelo Carneiro e pelo Touro! Quanto ao Japão, aliado da Alemanha e que vai infligir aos americanos a derrota de Pearl Harbor, é um país Carneiro-Virgem. O tema anexo mostra a presença de Neptuno retrógrado em Virgem em quincúncio a Marte (com toda a ambiguidade deste aspeto de morte ou de serviço, que os astrólogos têm tanta dificuldade em definir! Aqui, é uma aliança de morte!). Este Neptuno em Virgem magnificamente bem agarrado (trígono Lua-Júpiter-Úrano a Neptuno) aproveita portanto ao Japão.



POSITIONS PLANÉTAIRES DU 28 AVRIL 1941

«A ÚLTIMA VEZ QUE SE VIU ISSO (esta conjunção astral), TODA A SUPERFÍCIE DA TERRA ESTAVA DEVASTADA PELA GUERRA. SÃO INFLUÊNCIAS QUE JOGAM SOBRE A VIDA COLETIVA DAS NAÇÕES; OS POVOS FICAM ENTÃO MARCADOS POR ESTES ACONTECIMENTOS. ENTÃO, PERGUNTARÃO VÓS, A QUE INFLUÊNCIA É DEVIDA ESTA GRANDE MUDANÇA QUE SE PREPARA? A POTÊNCIA DA LUZ E A DAS TREVAS REENCONTRAM-SE DISPOSTAS COMO HÁ MIL E SEISCENTOS ANOS. HOJE, COMO NESSE TEMPO, AS NAÇÕES LEVANTAM-SE UMAS CONTRA AS OUTRAS; REENCONTRAM-SE AS MESMAS POTÊNCIAS DE MORTE, DE DESTRUIÇÃO QUE DEVASTAM TUDO O QUE ERA CARO AOS HOMENS DE BEM.» (Leitura 3976-26)

O que se passou então no ano 341? Não se sabe muito bem. A anarquia geral, é certo. Para a Europa, é o Baixo-Império e as Grandes Invasões: a chegada dos Bárbaros sob cujos passos «a erva já não volta a crescer». Na verdade, os terríveis Hunos só aparecem entre nós em 375, e Roma só cai definitivamente em 410. Em 341, a zona quente está no Médio Oriente, onde os postos avançados do Império Romano tentam conter os invasores. Acotovelam-se em multidão atrás do «limes» (a famosa fronteira fortificada), que cederá por todo o lado. E a

Europa aterrorizada assistirá, a partir do fim do século IV, ao transbordo das hordas bárbaras. O que é que causou as «Grandes Invasions»? Não se sabe muito bem. É preciso que tenha havido distúrbios terríveis mais a leste, guerras e fomes, para desestabilizar os povos asiáticos. É assim que os Hunos, os Avares, os Alanos, os Búlgaros e diferentes povos do grupo turco galopam para oeste, expulsando diante deles os povos germânicos que ocupavam a Europa Central (Visigodos, Ostrogodos, Vândalos, Alamanos, Borgonheses, Francos); são esses que os galo-romanos aterrorizados viram aparecer primeiro, sem compreender que esses invasores eram eles próprios fugitivos. Na China, a bela unidade do império dos Han já não é senão uma recordação; e os Hunos, a quem chamam lá «Xiongnu», saltam a pés juntos por cima da Grande Muralha, que estala - como estalou o «limes» romano. A China está dividida num grande número de pequenos Estados que fazem a guerra entre si (Período dos Dezasseis Reinos e das Seis Dinastias).

Os meus livros de história calam-se sobre a guerra mundial do ano 341...

A influência russa não fará senão crescer

De onde vem a importância extrema que a Rússia tomou na nossa época? É que ela é tradicionalmente regida pelo signo do Aquário e pelo planeta Úrano. Ora nós entramos agora na Era do Aquário... Este país muito antigo, herdeiro das civilizações do Gobi e do Cáucaso, não está prestes a ver o seu papel diminuir.

Qual deveria ser a atitude das nações a que se chama capitalistas em relação à Rússia?

«DO DESENVOLVIMENTO RUSSO NASCERÁ A MAIOR ESPERANÇA PARA O MUNDO. ENTÃO ESTE PAÍS, ESTE GRUPO

HUMANO, QUE É O MAIS PRÓXIMO (de nós) NAS SUAS RELAÇÕES, PODERÁ SER AQUELE QUE MELHOR SE SAIRÁ PARA DIRIGIR O MUNDO ATRAVÉS DAS SUAS MUTAÇÕES PROGRESSIVAS.» (Leitura 3976-10)

Noutras leituras, Cayce precisará esta renascença espiritual da Rússia, que nós entrevemos já à custa destes acontecimentos de 1989-1990. A *glasnost* e a *perestroika* (sinais precursores de uma realidade brilhante que anuncia Cayce) encheram as igrejas de crentes que já não tinham de se esconder.

E é verdade que os russos têm pontos comuns, psicologicamente, com os americanos. Quando se pergunta aos soviéticos que visitam o Ocidente qual é o país de que se sentem mais próximos, mencionam sempre a América. Mesma imensidão de paisagens, que abrem perspetivas mentais imensas também... As leituras põem o dedo na importância capital da questão russa.

Eis, em confronto, a profecia de Fátima, a 13 de julho de 1917: «Se escutarem os meus pedidos, diz a Mãe de Deus, a Rússia converter-se-á e ter-se-á a paz - senão ela espalhará os seus erros pelo mundo, provocando guerras e perseguições (...) ; várias nações serão aniquiladas.» O marxismo é nitidamente qualificado de «erro»; os videntes anunciaram portanto o que se passa atualmente (e pode-se temer que as coisas se agravem!). A profecia continua e a Virgem anuncia nela o triunfo da paz, para mais tarde: «A Rússia converter-se-á e um tempo de paz será dado ao mundo.»

Continuemos a leitura:

Os Estados Unidos deverão reconhecer o atual governo russo?

«NUMEROSOS ELEMETOS DEVEM SER TOMADOS EM CONSIDERAÇÃO (...) POIS ACONTECERÁ UMA MUDANÇA COMPLETA NA ATITUDE DAS DUAS NAÇÕES - ENQUANTO POTÊNCIAS FINANCEIRAS E ECONÓMICAS MUNDIAIS. (É o que vemos na hora atual.) PARA AS RECURSOS NATURAIS, A RÚSSIA SUPERAPASSA TODAS AS OUTRAS. MAS PARA A APTIDÃO A DESENVOLVER ESSES RECURSOS, OS ESTADOS UNIDOS ESTÃO MUITO MAIS AVANÇADOS. SE ESTES DOIS PAÍSES SE UNISSEM NUMA BASE EQUITATIVA, PODERIAM TORNAR-SE MAIS PODEROSOS; (...) MAS SERÃO PRECISOS ANOS PARA QUE SE CHEGUE AÍ...» (mesma leitura)

Lá estamos finalmente, com a cumplicidade Bush-Gorby? Cayce tinha anunciado esta época em que as duas superpotências colaborariam de outra forma que não na Guerra das Estrelas... Em agosto de 1933, uma outra pergunta será posta a Cayce sobre a Rússia:

Dê-nos os acontecimentos a vir para 1938 na Rússia.

«SERÁ PREFERÍVEL DÁ-LOS MAIS TARDE, DEPOIS DE TEREM TIDO LUGAR ESSAS MUDANÇAS DE QUE JÁ FALÁMOS. DA RÚSSIA, VÊEM, PODE VIR UM DIA UM PENSAMENTO RELIGIOSO, OU UMA TENDÊNCIA, QUE SERÁ MAIS LARGAMENTE MUNDIAL - VÊEM?» (Leitura 3976-12)

Cayce pontua a sua leitura com pequenos «YOU SEE» (VÊEM), que deixam entender que os seus interlocutores não veem nada de todo. E nós próprios... compreenderemos melhor mais tarde. O padre Kolbe (morto em campo de concentração) dizia em 1939 esta coisa incrível na época: «Verão um dia a estátua da Imaculada Conceição no centro de Moscovo, no mais alto do Kremlin.» Como o que os povos podem mudar... Alguns anos mais tarde (a 24 de junho de 1938), Cayce voltará à situação internacional numa leitura que começa assim:

«OS OS GOVERNANTES DEVEM SABER QUE SÃO RESPONSÁVEIS PELOS SEUS IRMÃOS E TRADUZIR ESSE PRINCÍPIO NOS SEUS ACTOS. FOI DITO: "AMARÁS O SENHOR TEU DEUS DE TODO O TEU CORAÇÃO, DE TODA A TUA ALMA, DE TODO O TEU CORPO E AO TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO [104]." ESTE PRINCÍPIO DEVE SER APLICADO!» (Leitura 3976-19)

É demasiado frequentemente entendido que em política «não se fazem sentimentos» ou que «a política está acima da moral». (Seria essa verdadeiramente a ótica do Príncipe de Maquiavel?) Ou ainda que «a razão de Estado» justificaria tudo. Cayce não está de acordo: estima pelo contrário que os Estados são «pessoas morais». A este título, devem observar... uma moral! Nesta mesma leitura, lembra que a Revolução russa tinha na origem tentado aplicar estes princípios fundamentais de amor do próximo (princípios que tinham inspirado numerosos grandes escritores e místicos russos do século XIX). Mas este pensamento generoso tinha falhado e degenerado em ditadura:

«É EXACTO QUE NA RÚSSIA CERTOS GRUPOS TENTARAM APLICAR ESTE PRINCÍPIO E CONTINUAM, NÃO APENAS NA VIDA ECONÓMICA MAS AINDA NA VIDA INTELECTUAL E ESPIRITUAL - O QUE LHES TRAZ INADMISSÍVEIS PROVAÇÕES.» (mesma leitura)

Na época (1938) em que Cayce dá esta leitura, nenhum dos seus ouvintes lhe porá perguntas sobre a natureza das «PROVAÇÕES INADMISSÍVEIS». A educação americana não encoraja as curiosidades deslocadas... (É a tal ponto que em Yalta, em 1945, Roosevelt crerá ainda que Estaline é o «bom paizinho dos povos», e abandonar-lhe-á metade da Europa!) Os americanos nesta época ignoram - e querem ignorar - a existência dos gulags onde vegetam os dissidentes russos que pretendem ainda «APLICAR ESTE PRINCÍPIO NA VIDA INTELECTUAL E ESPIRITUAL». Não querem saber que Estaline fez

assassinar ou deportar milhões de pessoas; como ignorarão a existência dos campos de concentração até ao último minuto do regime nazi. O famoso «pensamento positivo», invenção genial que fez a força da América é, no seu aspeto negativo, o pensamento da avestruz... Pois «a ditadura do proletariado» opõe-se aos princípios espirituais de amor universal:

«QUANDO UMA ATITUDE DE DISCRIMINAÇÃO MASSIVA ATINGE ESTE OU AQUELE GRUPO, OU PARTIDO, OU FRACÇÃO, "O PRÓXIMO" QUE DIZES "AMAR COMO A TI MESMO" LIMITA-SE ENTÃO A UMA ÚNICA CLASSE SOCIAL.» (mesma leitura)

A característica de todas as ditaduras é justamente fazer uma lista dos cidadãos que «pensam mal». Serão eles ainda «PRÓXIMOS»? ... Torna-se então muito rapidamente legítimo assassiná-los. Hitler e Estaline são casos extremos, mas é uma tentação permanente da vida política a de excluir certas categorias.

«NÃO QUE TODOS DEVAM TER TUDO EM COMUM, COMO NUMA CERTA IDEOLOGIA COMUNISTA - MAS É PRECISO MANTER O EQUILÍBRIO, A UNIDADE, A DIVERSIDADE ASSOCIATIVA DAS IDEIAS E DAS ATIVIDADES DE TODOS.» (mesma leitura)

O equilíbrio é difícil de manter entre o respeito pelas liberdades democráticas e o dirigismo necessário a certos níveis. A questão põe-se sempre! Nesta mesma leitura, Cayce fala ainda da Rússia em termos surpreendentes:

E a situação na Rússia? pergunta Gertrude Cayce.

«COMO JÁ DISSEMOS, O POVO COMEOU A DESPERTAR PARA NOVAS IDEIAS E ISSO CONTINUARÁ. ESTE PAÍS REAGIU COM EXTREMISMO AO JUGO DA OPRESSÃO, AO PESO DO

EGOÍSMO SOCIAL. ENQUANTO NÃO HOUVER A LIBERDADE DE EXPRESSÃO E A LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA, ESTE PAÍS CONHECERÁ PERTURBAÇÕES INTERNAS.» (mesma leitura)

É bem o caso na hora atual: as minorias oprimidas atrás do manto de ferro não cessam de se agitar. Para jugular estas «PERTURBAÇÕES INTERNAS», os dirigentes soviéticos lançarão guerras de conquista? Pessoalmente, temo que isso aconteça ainda. Viu-se com o exemplo dos Estados Unidos em 1942 que a guerra exterior pode ser um excelente derivativo para as tentações de guerra interior... Estamos ameaçados de uma invasão russa? Posso dizer que todos os videntes e misticos, todos evocaram esta história de invasão russa. Alguns deram planos do trajeto seguido pelos exércitos russos.

O Padre Pio tinha igualmente falado disso a um dos meus amigos, que mo contou em detalhe. As aparições do Escorial à estigmatizada Maria Amparo afirmam que: «A Rússia será o flagelo da humanidade. Ela está a preparar uma guerra atómica» (22 de janeiro de 1983). (Mas talvez as coisas tenham evoluído desde então?)

O grande escritor Léon Bloy, profeta injustamente esquecido, escreveu páginas líricas sobre o Grande Monarca, mas via antes disso chegarem os russos: «Espero os Cossacos e o Espírito Santo.» (Efetivamente, se uma tal invasão se produzir, já só se poderá contar com o Espírito!)

O próprio Napoleão - a quem não faltavam dotes de vidência! - tinha pressentido o perigo [105]. O papa Pio X, igualmente favorecido com visões, tinha dito em 1909: «Vejo os russos em Génova.» No Antigo Testamento, o profeta Ezequiel fala de: «Gogue e a terra de Magogue, príncipe de Rosch, de Mosoch e de Tobol.» Versículo interpretado como: «Príncipe da Rússia, de Moscovo e de Tobolsk.» A Bíblia parece descrever

uma guerra entre a Rússia e Israel, e também entre a Rússia e os países do Ocidente (pois menciona frequentemente Tarsis, que é talvez a cidade fenícia de Tartessos, em Espanha). Mas a interpretação do texto bíblico não é fácil, tendo os países evocados mudado de nome desde a Antiguidade. Pode-se puxar por «Tarsis», e fazê-lo significar «a Espanha», depois «os países do mar» (ou «distantes»), finalmente graças a subtilezas jesuíticas, «a América» - sem garantia!

Prefiro as profecias onde os nomes estão em claro!

Como as palavras «U.R.S.S.» e «soviético» não tinham ainda sido inventadas, os videntes designam o urso russo de outro modo. Já vimos aqueles que dizem «os Cossacos». A profecia do anónimo de Piacenza (1800) emprega a expressão «o Rei do Aquilão» (o aquilão é o vento que vem do Norte). O vidente judeu Zacarias, que escreve em 1807 e publica em 1865, retoma este mesmo termo para descrever uma potência do Norte - que abate uma primeira vez Napoleão e em seguida se alia ao «Povo do Novo Mundo» para obedecer ao Dragão (o espírito do Mal), e depois ataca a França. Será a aliança Bush-Gorbachev? Nostradamus fala ele próprio, longamente, de uma invasão vinda do Nordeste (que designa como o país do Elba e dos Cimbros), às ordens de uma misteriosa personagem a que chama «o Aemathion», que deve finalmente ser derrotado. Muitos videntes falaram de invasão estrangeira, sem dar nome aos invasores:

«A França será um momento ameaçada de todos os lados pelas potências estrangeiras, sem que se saiba no interior (...). Os estrangeiros penetrarão em França (...). Um grande combate terá lugar perto de Lyon (...) que será uma carniceria e um massacre espantoso (...) mas os estrangeiros serão esmagados e não

entrarão em Lyon!» (A pequena Marie des Terreaux, ou des Brotteaux, profetisa lyonesa citada acima)

As profecias fazem alusão à infiltração comunista nas engrenagens das instituições dos países do Ocidente:

«A Rússia meteu-se na minha igreja» (subentendido: cristã dos países não comunistas), dizia a Virgem Maria no Escorial, em 1982.

Marie-Julie Jahenny, que fala dos «inimigos vermelhos», várias vezes, precisa:

«O estrangeiro entrará em França com todo o seu exército. Fará aí um comprimento de espaço medido por Mim (diz Cristo). Pará-lo-ei, e nessa paragem, Suscitarei o salvador do resto dos Meus filhos. Ele atravessará o Leste e parecerá sair do fundo do Norte.»

Trata-se do futuro Grande Monarca (que vamos ver mais à frente)? Depois, fala de Roma onde será: «terrível para a terra da Cidade Eterna. O flagelo que aí se descobrirá serão os russos.» (*Les Prophéties de la Fraudais*, p. 128 e 101)

Portanto, Marie-Julie ela própria vê os russos em Itália, como o papa Pio X. A propósito deste último, eis uma história muito bonita, bastante conhecida, que peço emprestada a Éric Muraise [106].

No fim do reinado de Sua Santidade Pio XII (1939-1958), a superiora das Damas Auxiliadoras solicita uma audiência pontifícia para fazer aprovar o projeto de implantação da sua ordem em Rennes. Enquanto esperava sozinha o momento da audiência, o Papa manifesta-se. Ela expõe-lhe as suas intenções e ouve-o responder-lhe: «É uma boa escolha. Lá pelo menos não verá vir os Cossacos.» O papa desaparece e é então que a

superiora, para seu grande espanto, é introduzida junto de Pio XII. Ora ela não reconhece o papa que acaba de lhe falar. Ficou estabelecido, segundo o seu testemunho, que ela tinha provavelmente visto são Pio X, morto em 1914.

O reverendo Arthur Ford, por seu lado, nas mensagens recentes que dá à sua amiga Ruth Montgomery [107], diz-lhe que vê os russos chegar até Paris - mas não lá ficar senão 45 dias. Porquê? Porque são atacados pelos chineses nas «margens selvagens do Amur», o rio que marca a fronteira entre os dois países. A sua profecia faz eco da dos videntes europeus contemporâneos.

O que nos reserva o pós-Gorbachev? Por exemplo, Jeanne Ramonet em Kérizinen:

«Vai haver uma próxima guerra pesada de consequências; a França é chamada a ser invadida por um exército russo.» (29 de maio de 1948)

Mas esta invasão não vai até à Bretanha (como afirma a maioria dos videntes). A mesma mensagem diz:

«Mas que se preste atenção aos Meus pedidos de oração e de vida reta e Eu preservar-vos-ei destes terríveis inimigos.»

E a profecia prossegue anunciando a vinda do Rei, o futuro Grande Monarca. Deste risco de uma invasão russa em França, sei também que Marthe Robin, em Châteauneuf-de-Galaure, tinha falado, mas as suas profecias não foram publicadas.

E o que fará o nosso exército durante esse tempo? As profecias de Marie-Julie sobre isso apertam o coração:

«A autoridade tão culpada, governante de hoje, fará massacrar as tropas e a França ficará sem apoio.» (*Op. cit.*, p. 131)

E Marie-Julie dá detalhes tão dolorosos que não tenho vontade de os contar. Em seguida, sugere que o exército francês por inteiro é deportado para o estrangeiro (a Sibéria é evocada em certos passos). Não se trata (no contexto) da guerra de 1914-1918, nem da de 1939-1945, onde os nossos exércitos não foram deportados massivamente para a Sibéria! Os acontecimentos que descreve Marie-Julie devem dar seguimento a uma guerra civil e terminar por uma restauração monárquica - que não vimos ainda:

«Dentro em pouco, os seus filhos serão arrebatados e levados para as terras estrangeiras. Na sua maioria, serão tão infelizes e tão miseráveis que o sofrimento os forçará a expirar sem rever o seu belo país.» (Profecia de 1882, *op. cit.*, p. 161)

Que horror!

«A França não terá apoios, ninguém para a defender: todas as tropas que têm a guarda da França serão exiladas (...). A França, tão bela outrora, terá perdido a sua honra e a sua dignidade; será invadida por povos estrangeiros, sem coração e sem piedade.» (1904, *op. cit.*, p. 99)

De todas as profecias que reuni para este livro, a que mais me desola é a que diz respeito aos militares! Talvez porque sou eu própria filha de general, neta de general, bisneta de general e nora de general («pesada hereditariedade», diz o meu filho Gilles!), mas enfim, se tem de se passar assim, é realmente atroz.

Então o que fazer? Não se pode recusar servir o seu país, se há uma chamada para as fileiras: é um dever moral grave que se

impõe a todo o cidadão, seja qual for a sua pátria. Mas os soldados podem manter-se informados; e, no caso em que o exército é feito prisioneiro massivamente, o seu único dever é fugir em vez de se deixar deportar como ovelhas! É difícil para aqueles que interpretam de forma rígida o princípio da obediência militar. Mas pode-se servir eficazmente o seu país na clandestinidade, como foi demonstrado aquando da última guerra. Será preciso saber escolher o seu campo:

«CADA UM DEVERÁ DIZER EM VOZ ALTA QUEM QUER SERVIR: UMA NAÇÃO, UM HOMEM, UM ESTADO, OU ANTES O SEU DEUS? POIS É JUNTO DELE QUE DEVERÃO PROCURAR O CONFORTO, SABENDO O QUE VAI ACONTECER.» (Leitura 3976-26)

Haverá uma escolha a fazer para aqueles que querem assumir o serviço que estimam dever. Deverão ser suficientemente esclarecidos para escolher em função da sua visão interior - mesmo se essa escolha os puser em contradição com as ideias feitas. Haverá circunstâncias em que será preciso fugir - porque já não se tem nenhum serviço a prestar onde se está. As boas escolhas serão sempre feitas segundo critérios espirituais, na meditação e na oração. E no que pode parecer catastrófico, dizer a si mesmo que:

«TUDO O QUE É DE NATUREZA TEMPORAL DEVE PASSAR IGUALMENTE. MAS RESTA A CONSOLAÇÃO PARA AQUELES QUE DECLARAREM: "QUE OS OUTROS FAÇAM O QUE QUISEREM; QUANTO A MIM, SERVIREI O DEUS VIVO."» (mesma leitura)

Aqueles que tomarem o *maquis* terão seguramente razão. Destes *maquis* de resistentes, todas as profecias falam. Eles reagrupar-se-ão e porão o invasor em xeque. E finalmente, juntar-se-ão sob a bandeira do «Grande Monarca», que, de vitória em vitória, trará de volta a paz. Será um tempo de

provação em que cada um deverá pôr a si mesmo perguntas fundamentais:

«QUE MEIOS DE AGIR TÊM PESSOALMENTE CONTRA ESTA CALAMIDADE QUE É A GUERRA? PODEM FAZER ALGUMA COISA CONTRA ESTA INJUSTIÇA DA CONDIÇÃO HUMANA, ESTAS CHAGAS QUE SÃO A MORTE E O MEDO DE MORRER?» (Leitura 3976-27)

A morte é certamente uma chaga, mas Cayce diz em algum lado que o medo dela é uma chaga mais grave ainda, porque envenena a vida dos homens criando todas as desordens: é pelo medo que as forças do mal se insinuam no nosso coração e nos derrubam. É preciso primeiro libertar os homens do medo. É o trabalho que faz Cayce. Como? Pelo conhecimento, primeiro. Em seguida, por um esforço de amor para com Deus, e pelo esforço de viver em acordo com esse amor:

«QUE OS QUE MORREM TENHAM UM OBJETIVO TAL QUE POSSAM DIZER A SI MESMOS: "NÃO MORREREI POR NADA", COMO ELE.» (mesma leitura)

Outro modo de dizer, o soldado ou o resistente que morre numa batalha perdida não «MORREU POR NADA», se conquistou a paz interior.

«QUE OS QUE VIVEM ESTEJAM VOLTADOS PARA DEUS, RENDENDO-LHE HOMENAGEM, ESPALHANDO EM SEU REDOR OS FRUTOS DO AMOR FRATERNO: A BENEVOLÊNCIA, A PACIÊNCIA. ASSIM A GUERRA, ESTA CHAGA, PARARÁ. COMO PODEM REZAR PEDINDO "A PAZ, A PAZ" SE NÃO HÁ PAZ NO VOSSO CORAÇÃO?» (mesma leitura)

Nestes tempos conturbados, não haverá que deixar-se invadir pelo ódio do inimigo:

«QUE A VOSSA VIDA SEJA SEM ESPÍRITO CRÍTICO, SEM CONDENAÇÃO DE OUTREM, SEM ÓDIO, SEM INVEJA: POIS É ASSIM QUE PERMITIRÃO AO ESPÍRITO DE PAZ, AO PRÍNCIPE DA PAZ, MANIFESTAR-SE.» (Leitura 3976-23)

Cayce anuncia aqui o regresso de Cristo que trará a Paz Universal.

8

PARIS ESTÁ A ARDER?

Paris, cidade salva por milagre...

Paris está a arder?

É o título do excelente livro [108] - de que se fez igualmente um excelente filme -, onde Lapierre e Collins contam a libertação de Paris. Sim, pode-se pôr a questão. Por que razão Paris escapou dessa vez à destruição? Por que extraordinário conjunto de circunstâncias? Que o oficial alemão von Choltitz - que recebeu de Hitler a ordem de fazer explodir a cidade - tenha tido a coragem de desobedecer, coragem que outros não teriam tido? Que Leclerc e os Aliados tenham chegado a tempo? Que a Resistência tenha podido fazer a junção com eles *in extremis*? Por que série de milagres?

Não encontrei nos textos caycianos menção profética da destruição de Paris. Há talvez... mas 14 256 leituras apresentam um oceano de informações que na hora atual ninguém tem a certeza de ter inteiramente decodificado! Existe uma leitura onde Cayce fala da destruição «DESTA EXTRAORDINÁRIA CIDADE SOBRE O SENA» - mas foi há muito tempo, quando ela se chamava Lutécia (leitura 272-4), que traduzi no tomo II de *L'Univers d'Edgar Cayce*, na secção que trata da história de França. Esta leitura indica que Paris é uma velha entidade com

uma história muito longa. Não conhecemos dela senão os dois últimos milénios... Assim Paris-Lutécia teria sido várias vezes destruída, e reconstruída.

A nossa «EXTRAORDINÁRIA CIDADE SOBRE O SENA» pode ser destruída por uma invasão «dos Bárbaros»? ou/e pela guerra civil? pelas bombas (atómicas ou não) de um invasor? Pela explosão inesperada de um vulcão (ver acima), ou de uma central nuclear? Como imaginar a destruição deste obra-prima, devida à paciência e ao trabalho de tantas gerações? Mas estas grandes metrópoles tornaram-se monstros... E Paris, como Nova Iorque, torna-se difícil de controlar, apesar da eficaz gestão do seu presidente da câmara atual, Jacques Chirac. O raio de ação de Paris é, na origem, de essência espiritual; como diz Cayce:

«AS PESSOAS EM FRANÇA CONSTRUÍRAM UMA DEPENDÊNCIA - E UMA INDEPENDÊNCIA - SOBRE A ALEGRIA DADA PELA BELEZA; SOBRE O RESPEITO CONCEDIDO AO CORPO, CONSIDERADO COMO SAGRADO, TANTO COMO SOBRE O RESPEITO PARA COM AS FORCES CRIADORAS, PRESENTES NO INTERIOR DE TODA A EXPERIÊNCIA DE VIDA.» (Leitura 1554-3)

Onde, melhor do que em Paris, se concentraram este amor da Beleza e este respeito pela vida? Foi isso que fez a força de Paris e o seu poder de atração, durante séculos. Como capital gaulesa, ela sempre encorajou a liberdade de expressão - o que deu muito que fazer aos Reis (eles acabaram por preferir instalar-se em Versalhes!). Salvo em raras épocas, como o Terror, os parisienses sempre tiveram a sua frontalidade, e as perseguições religiosas foram aí, comparativamente, mais raras do que noutros locais. As mulheres gozam aí desde sempre de uma consideração, de uma independência que poucos países lhes puderam oferecer. E isso vem do tempo dos Gauleses, como nota Júlio César, com o seu espanto latino [110]! A filosofia

parisiense foi sempre a de «viver e deixar viver». É por isso que Paris atraiu tantos e tantos estrangeiros: eles encontraram aí a oportunidade que não tinham tido na sua terra. Da mesma forma, o «RESPEITO... DE TODA A EXPERIÊNCIA DE VIDA» - considerada como de essência divina - fazia com que fosse outrora uma cidade onde não se perseguiam os animais...

Quando eu estava em Virginia Beach, propuseram-me um apartamento cujo contrato de arrendamento comportava a seguinte cláusula: «No pets, no children, no colored people, no musicians» («Sem animais, sem crianças, sem pessoas de cor, sem músicos»). Recusei, naturalmente, assinar esse contrato escandaloso, dizendo para mim: «Em Paris, não se atreveriam, ainda assim!» Os parisienses deveriam empenhar-se em manter a sua antiga tradição cultural, baseada no «RESPEITO POR TODA A FORMA DE VIDA» e de expressão, e não meter o dedo na engrenagem de falsos princípios («no pets, no children...»).

São princípios de ódio e de morte (e de um aborrecimento mortal para começar!), que vão tornar a Cidade inviável. Os parisienses, refilões como sempre, não se dão conta de quão doce tiveram a vida. Foram muito mimados: eis por que se deixaram andar. É o que sempre se censurou à capital: a vida fácil, a vida de prazeres... («Sodoma e Gomorra» como dizem as profecias!). Demasiada facilidade degenera em decadência, e arrisca-se a atrair o fogo, como castigo cármico, como diz esta leitura com duplo sentido:

«E TODOS VÃO SER, JÁ SÃO PROVADOS PELO FOGO. E QUAIS SÃO OS FOGOS DA NATUREZA? A DESCONTROLO SENSUAL, A GLORIFICAÇÃO PESSOAL.» (Leitura 3976-23, 13 de junho de 1939)

A expressão «SELF INDULGENCE» designa, empregada por Cayce, o desleixo sensual: não se recusa nada, e deixa-se

escorregar nos prazeres dos sentidos, perdendo de vista o seu programa espiritual. Numerosas expressões populares evocam «o fogo do sexo», «o fogo no rabo», «o fogo da paixão», «inflamar-se de desejo», etc. E Santo Agostinho, falando de Cartago na sua juventude, descreve-a como «a caldeira dos amores vergonhosos»! A «SELF GLORIFICATION», que daí deriva, é a atitude em que se julga que tudo é permitido, e em que a pessoa se glorifica dos seus vícios. Infelizmente para Paris, desde que lhe fizeram, no estrangeiro, uma reputação de «capital do sexo», ela vê desaguando nas suas calçadas uma maré de gente que vem para lá por motivações que já não têm nada de cultural. O negócio do sexo, vergonha das grandes capitais, abre a porta a todos os outros tráficos que desonram a humanidade... e arriscam-se com efeito a materializar-se realmente num fogo - visto que toda a calamidade exterior não é senão a projeção de uma atitude interior:

«NÃO VÃO CRER QUE ELE SUPORTARÁ ETERNAMENTE AQUELES QUE GOZAM COM ELE.» (Leitura 3976-25, 23 de junho de 1940)

Aviso grave: os desastres, as destruições, chegam apenas àqueles «QUE GOZAM COM ELE», isto é, com Deus.

Cayce prossegue com um tom severo:

«ASSIM, VÓS TODOS AQUI, NÃO CREIAIS QUE ISSO DIZ RESPEITO A OUTRA PESSOA - TRATA-SE DE VÓS, SIM, DE VÓS MESMOS! (...) DEVEIS COMEÇAR POR VARRER À VOSSA PORTA, SENÃO ARRISCAIS-NOS A NÃO SABER A HORA E O DIA EM QUE ELE SE TERÁ AFASTADO DE VÓS!» (mesma leitura)

Salvar Paris é pois, tarefa de cada parisiense!

De que está Paris ameaçada?

Há centenas de profecias sobre a destruição de Paris: os videntes são unânimes a descrever um incêndio, como disse num capítulo anterior. Alguns falam de fogo ateado durante a guerra civil; outros, de «fogo do céu» - mas não é muito claro. Éric Muraise [111], oficial, interpretava-o como sendo de origem atómica. É possível... Alguns videntes atribuem francamente o «fogo do céu», que «vem do alto» a uma potência infernal ou divina. O leitor poderá escolher! Devo dizer que, desde o tempo em que conheço estas profecias, não consegui fazer uma opinião definitiva sobre isso; a não ser que haveria vários fatores de destruição, somados uns aos outros.

«A grande prostituta será destruída pelo fogo. O Anjo do Senhor avisará os justos de Paris. Ninguém saberá de onde veio o fogo. Todos os maus perecerão.» (Marianne Galtier, já citada)

«Ouvi um ruído pavoroso. A grande nuvem dividiu-se em quatro partes, que caíram ao mesmo tempo sobre a grande cidade - e, num instante, ficou toda em fogo! As chamas que a devoravam elevaram-se nos ares e, de imediato, já não vi senão uma vasta terra negra como carvão.» (A trapista de Notre-Dame-des-Gardes em Angers, morta em 1828)

Poderia esta profecia descrever uma explosão atómica? Ou ainda uma explosão vulcânica? Embora não se tenha a menor suspeita de vulcão em Paris, as profecias sobre as perturbações da Terra, que dei até aqui, abrem a porta a todas as possibilidades cataclísmicas!

«Haverá bairros onde o fogo do céu estará como que suspenso por cima das casas, mas não destruirá nada (isso é

muito misterioso!) enquanto, noutros, as próprias pedras cairão em pó.» (Anotações de Mélanie Calvat, a vidente de La Salette, 1831-1904 enquanto atravessava Paris)

As referências a Sodoma e Gomorra são imensas:

«Paris vai sofrer o triste destino de Sodoma e Gomorra. Paris está condenada a perecer. Paris foi amaldiçoada.» (O camponês Watrin, vidente da Lorena)

«O mundo cansou a Minha paciência, diz o Salvador (...) Se os homens não se converterem, a Minha vingança cairá sobre eles, como caiu sobre as cidades de Sodoma e Gomorra, às quais Enviei os Meus mensageiros. Enviei o profeta Jonas a Nínive. Os habitantes dessa cidade converteram-se à Minha voz, e Eu perdoei-lhes. Perdoarei também aos homens, se quiserem voltar para Mim.» (Pauline Périé, em Francoulès perto de Cahors, em 1838)

«Salva-te do fogo de Sodoma e Gomorra, e do saque de Babilónia!» (Profecia da cartuxa de Prémol sobre Paris)

«O Fogo do céu cairá sobre Sodoma e principalmente sobre essa Sala do Inferno onde se fabricam as más leis (...) Nesta Sodoma, haverá lugares tão revolvidos que aí não restará uma única pedra no lugar. O fogo do céu juntar-se-á ao fogo da Terra.» (Marie-Julie Jahenny, *Les Prophéties de la Fraudais*, 1903)

O incêndio tem portanto origens diferentes, não há apenas a guerra civil...

A destruição de Paris pelo fogo ocupa várias páginas em *Les Prophéties de la Fraudais*; tira-se daí a impressão de que há igualmente um incêndio devido a invasores:

«A Santa Virgem fez-me ver as chamas incendiárias, elevando-se sobre o Centro, e o fogo ateado no meio de terríveis combates, sobretudo em redor dessa Sala do Inferno.» (Marie-Julie chama assim à Câmara dos Deputados).

«Não restará quase madeira nas casas, à medida que eles alcançarem a sua vitória e lançarem este incêndio, tão vasto e tão extenso que não se poderá dizer a sua dimensão (...) Irmão, as chamas do fogo da terra subiam a uma altura incompreensível. A Santa Virgem dizia-me suspirando: "Minha filha, os homens ateiam-no e Satanás sopra-o."» (1882)

«Santa Genoveva (...) salvou esta cidade ingrata que, hoje, está ameaçada de grandes flagelos (...) Sofrerá o desencadear dos bárbaros e dos ímpios. Sofrerá com os seus sacrilégios. Não ela, mas a sua estátua. As suas mãos avançarão sobre ela, mas a sua voz sairá viva da sua estátua, cravada no meio da cidade» (...) «Farei um milagre.» (1877)

No contexto, o termo «bárbaro» aplica-se a gente vinda de outro lado.

«No Centro (Marie-Julie chama assim a Paris), muita gente vai perecer - anúncio do dilúvio de sangue e de morte - vai perecer, meus filhos, pelas minas, que sem cessar corroem com as suas chamas densas e ardentes o solo desta terra, onde se constrói para servir de refúgio.» (1882)

«Vedes o Sena? (...) A maior parte virá atirar-se para lá completamente louca, fugindo do fogo que estará como que suspenso por cima da cidade! Atirar-se-ão para lá como loucos de terror, julgando evitar este fogo ameaçador.» (Marie-Julie Jahenny, *op. cit.*)

«Irmão, o que vi era tão pavoroso que, apesar da presença do Bom Deus na minha cela, penso nisso sem cessar (...) E tu, cidade ingrata, muros sujos de crimes, por que não dizeis aos bons: fugi, fugi, é tempo ainda? E vós, pedras das ruas (...) por que não vos levantai e não avisais que será preciso tomar a fuga, quando o trovão roncar sobre um povo em perigo?» (*Ibidem*, *op. cit.*)

Era na época em que Paris era empedrada!...

«A maior parte dos castigos dirigir-se-á para Paris.» (*Ibidem*, *op. cit.*)

«Havia subterrâneos em Paris, e o fogo foi posto lá.» (Profecia da freira de Lyelbe)

Desta vez, é o fogo de baixo: será que se deve entender que se porá fogo ao metro? E como? E porquê?

Alguns interpretaram a quadra de Nostradamus, que dei no capítulo anterior sobre os vulcões, e que começa por:

«Cinco e quarenta desde o céu queimará»

como o anúncio de que o incêndio de Paris teria lugar no verão, quando fizessem 45° à sombra...

Os parisienses não arderão todos com a sua cidade... Graças a Deus! Um certo número terá compreendido que era preciso fugir.

«Felizes (...) aqueles que souberem abandonar estes muros, e refugiar-se longe deste lugar miserável, onde as vítimas se amontoarão em pilhas.» (*Les Prophéties de La Fraudais*, p. 134)

«Numa noite, a mais escura, o Centro (Paris) encontrar-se-á bombardeado, e as vítimas não sobreviverão. Os meus amigos já lá não estarão; todos o terão deixado.» (*Ibidem*, p. 172)

«O que restará dos habitantes refugiar-se-á em grande parte em Lyon.» (A pequena Marie des Terreaux, ou des Brotteaux, em Lyon)

Poderia continuar assim páginas e páginas - não dei o décimo, o centésimo das profecias sobre Paris, todas mais desoladoras umas que as outras (cf. Éric Muraise, *Voyance et prophétisme*, inteligente, sem espírito partidário, ver bibliografia).

Paris poupada... ou reconstruída!

Passemos às profecias que exprimem uma esperança:

«A região de Lutécia será salva ela própria, por causa da sua montanha abençoada e das suas mulheres devotas. Contudo, todos terão acreditado na sua perda. Mas os homens dirigir-se-ão à montanha e darão graças ao Senhor. Terão visto tais abominações nesta guerra que as suas gerações nunca mais as quererão.» (Profecia de Santa Odília, 600 -720)

A passagem em causa situa-se num contexto de Fim dos Tempos, logo antes do Anticristo: não se trata de acontecimentos já ocorridos na nossa história.

Os parisienses têm, pois, a possibilidade de escapar às profecias!

«Paris será demolida e queimada de verdade - não toda inteira, no entanto. Haverá um limite, que a destruição não ultrapassará.» (O pároco de Ars)

«Montmartre, o bairro da rua do Bac, e ainda outros bairros serão preservados.» (O vidente Martin Tourneur)

Outros videntes falam de Notre-Dame-des-Victoires, do Sacré-Cœur, e de Montmartre... Aquando da aparição da rua do Bac, Nossa Senhora tinha prometido a Catherine Labouré que o seu convento seria protegido. A pequena Benita Aguirre, aquando das aparições de Esquioga, de 1931 a 1933, via a destruição de certas cidades:

«E isto onde já só restam algumas casas? É Marselha? Que fiquem poucas também em Paris! Tudo está reduzido a cinzas! (...) Sim, isto fica de pé (...) Como é bonito o Sacré-Cœur (que terá portanto sobrevivido)!»

Marie-Julie, por seu lado, vê Paris destruída, mas reconstruída em seguida (como a Lutécia gaulesa que evocava Cayce):

«O flagelo está aceso sobre esta grande cidade que o céu tem em horror. É desta cidade que sairá o sopro infeto. Os seus muros ruirão, e as chamas devorarão este luxo e estes corações sem fé. As pedras serão atiradas para longe, mas ela será reconstruída.» (1 de outubro de 1875, *op. cit.*)

«Neste Centro (Paris), que será renovado e reconstruído, como uma outra Jerusalém.» (*Ibidem*)

Entretanto, e para evitar as catástrofes, escutemos Cayce:

«TRABALHEMOS COM O QUE TEMOS. PASSO A PASSO, SEM QUERER POR A CARROÇA À FRENTE DOS BOIS (...) PARA QUE A LUZ DO AMOR CRÍSTICO SE ESPALHE SOBRE TODA A TERRA, E NÃO MAIS O ÓDIO, O EGOÍSMO, A CORRIDA AO DINHEIRO, AO PODER...» (Leitura 3976-12)

Assim podemos ainda salvar Paris.

9
A DESTRUIÇÃO GENERALIZADA DAS GRANDES CIDADES

Do perigo de habitar uma grande cidade

Já dei as leituras onde Cayce fala da destruição de Nova Iorque, de São Francisco e de Los Angeles [112]. Fala também, por meias palavras, do desaparecimento de uma parte do Japão, da costa californiana, etc.

É certo que as grandes cidades modernas serão particularmente vulneráveis nos anos que vêm, tanto no plano geofísico (sismos...) como geopolítico (guerras civis e de invasão).

De qualquer forma, há um problema de «sobrepastoreio»: se puserem demasiadas ovelhas no mesmo espaço fechado, elas vão tornar-se agressivas e perversas!... É bem conhecido, e isso foi até provado por horríveis experiências científicas (que desaprovo totalmente) em ratos, ratazanas e cobaias. Nenhuma dúvida: para os humanos, é a mesma coisa! Amontoados numa grande cidade, sentem-se encurralados e tornam-se maus.

Vimos como Cayce via, e encorajava, o regresso à terra - pelo menos ao campo. Ele próprio recebeu a ordem de deixar a sua cidade natal de Hopskinville (Kentucky) para ir pôr-se ao fresco num buraco perdido, uma aldeia de pescadores que se chamava Virginia Beach (e que, agora, se tornou uma cidade!). Se portanto planeia construir, escute os seus conselhos:

«NÃO CONSTRUAM SOBRE A AREIA.»

Simbolicamente, e em todos os sentidos do termo, num terreno perigoso (Cayce diz «QUICKSAND», que significa «areias

movediças»). A recomendação, aqui, é ao mesmo tempo espiritual e material, como mostra a continuação da leitura:

«PONHAM ANTES A VOSSA CONFIANÇA NO BRAÇO DE DEUS, QUE DEDUZIU AS SUAS PROVAS, POIS A TERRA PERTENCE-LHE, COM TUDO O QUE ELA CONTÉM.» (Leitura 3976-23)

Pois os pacientes de Cayce vinham também consultá-lo para questões materiais! Portanto, antes de se instalar, refletir cuidadosamente nas motivações e na escolha do lugar. Desde há alguns anos, numerosas pessoas vieram perguntar-me: «Gostaria de deixar esta ou aquela grande cidade, e instalar-me no campo. Poderia indicar-me para onde eu deveria ir?» A esta pergunta, há, claro, sempre uma resposta. No momento desses famosos «Grandes Acontecimentos», todos aqueles que o pediram, em oração e em meditação, estarão onde devem estar - ao abrigo!

Às vezes, isso faz-se em várias etapas:

«BASTA AO HOMEM COMEÇAR AO SEU NÍVEL PESSOAL. NA MEDIDA EM QUE APLICA O QUE SABE, O QUE COMPREENDE DE DEUS NA SUA VIDA QUOTIDIANA, É ESCLARECIDO SOBRE A ETAPA SEGUINTE.» (mesma leitura)

Sendo a maneira divina a de proceder por ajustamentos sucessivos, Cayce tenta preparar os seus ouvintes para futuras perturbações:

«E MUITAS PESSOAS NO PODER CAIRÃO. OUTRAS, QUE OCUPAVAM UM LUGAR MODESTO, TORNAR-SE-ÃO PESSOAS EM DESTAQUE, COMO UMA CIDADE SOBRE UMA COLINA! MAS AQUELES QUE NÃO ESTÃO ENRAIZADOS NO SENHOR, QUE É A VERDADEIRA LUZ, ARRISCAM-SE A VER-SE UM DIA PRIVADOS DE LUZ.» (Leitura 3976-25)

O que é verdade para as pessoas é verdade para as cidades, visto que estas são «entidades». Cada uma, diz Cayce (leitura 1456-1), «TEM A SUA PRÓPRIA COR» (*L'Univers d'Edgar Cayce*, tomo I, p. 115) e o seu próprio devir, criado cada dia pela coletividade humana que a habita. Haveria misteriosos destinos previstos para certas cidades. Por exemplo, Cayce, fazendo alusão às profecias inscritas simbolicamente na Grande Pirâmide, diz isto:

«COMO SE VÊ INSCRITO NA PIRÂMIDE, CERTA ÉPOCAS SÃO AÍ POSTAS EM EVIDÊNCIA, COM ATÉ A HORA, O DIA, O ANO, O LUGAR, O PAÍS, A NAÇÃO, A CIDADE - E OS INDIVÍDUOS! ISTO MOSTRA QUE GRAU DE PRECISÃO ATINGEM MUITAS DESTAS PROFECIAS.» [113] (Leitura 5748-5)

Ao que faz eco Cyril Scott, na famosa série *L'Initié*:

«O Ser radiante diz: (...) aqueles que adquiriram nobres poderes pela contemplação e pelo esforço místico (...) reencontrarão esses poderes na solidão e no retiro que tinham imposto a si mesmos (...). Esses poderes são aumentados por correntes de força (...) geradas por centros sagrados (...). Há muito tempo, abençoei esses lugares secretos para que pudessem tornar-se fontes sagradas, de onde correm as águas que purificam aqueles que têm fome e sede de justiça (...). Ordenei que se escondessem talismãs em diversos lugares, que se tornarão fontes de forças espirituais, onde o fiel poderá vir curar o seu corpo e a sua alma (...) ; alguns destes lugares sagrados foram criados no mundo ocidental e existem ainda hoje. E, sobre cada um destes lugares sagrados, vela um Anjo da Guarda.» (*Vision du Nazaréen*, p. 157, Éd. La Baconnière em Neuchâtel, Suíça)

O comentário do texto acrescenta mesmo que Lourdes é um desses lugares sagrados. É absolutamente na linha da tradição

druídica, da qual temos imensos lugares sagrados na Europa: Chartres, Stonehenge, Findhorn, Brocéliande, o Monte Saint-Michel, o monte Santa-Odília, Montségur, etc.

Anne-Catherine Emmerich, numa das suas «visões», falava de Melquisedeque que ela via percorrer a terra, para escolher e consagrar certos lugares precisos. Há lugares benditos - e lugares malditos. Não é indiferente habitar aqui ou ali... sobretudo nos tempos que vêm. Há lugares malsãos, onde muito sangue foi derramado: a atmosfera aí é sinistra, por causa da presença invisível das «almas em pena», que arrastam por lá. É preciso ouvir a palavra bíblica num sentido concreto:

«NÃO SABES QUE O SANGUE DO TEU IRMÃO GRITA PARA MIM DESDE A TERRA?» (Leitura 3976-14)

Quando se tem uma escolha a fazer, é preciso escolher um lugar onde nos sintamos em afinidade com a mentalidade ambiente, ao nível da consciência espiritual dos habitantes. Pois:

«A LEI SEGUINTE, BEM CONHECIDA, É QUE "O SEMELHANTE ATRAI O SEMELHANTE".» (mesma leitura)

Felizmente e infelizmente:

«O HOMEM FOI CRIADO INVENTIVO, RECEBEU A DIVINDADE EM SI.»

Tudo está nas suas mãos!

«TEM, POIS, O PODER DE TRABALHAR SEJA PARA A SUA PRÓPRIA DESTRUIÇÃO»

(É visível hoje!)

«SEJA PARA A SUA PRÓPRIA GLÓRIA. NO PAI, NO FILHO E NO ESPÍRITO SANTO.» (Leitura 3976-17)

Cayce quer dizer que se pode contar com a assistência misteriosa - e protetora - das Forças Divinas:

«ESTAS FAZEM A SUA OBRA DAQUELES - E PARA AQUELES - QUE TRABALHAM EM ACORDO COM O OBJETIVO PROFUNDO DO SEU CORAÇÃO.» (mesma leitura)

Evidentemente, mais vale estar isolado: não se depende então senão do pequeno grupo humano, família ou aldeia, no qual se vive. Aqueles que habitam numa cidade muito grande dependem mais dos atos e dos pensamentos da coletividade. Haverá certamente uma fase, em certas grandes metrópoles, em que a conduta justa dos bons já não poderá reequilibrar os atos destruidores dos maus, visto que:

«O ESPÍRITO FARÁ O SEU TRABALHO SEGUNDO A ORAÇÃO DOS CIDADÃOS DE CADA NAÇÃO, MAS TAMBÉM SEGUNDO A FORMA COMO A SUA VIDA SE HARMONIZARÁ COM A SUA ORAÇÃO.» (Leitura 3976-23)

Se numa grande cidade, houver demasiadas pessoas a gozar com o trabalho do Espírito, a balança pende para o negativo; é melhor ir embora, sabendo que:

«A CADA UM DE VÓS, DEUS DÁ A SUA OPORTUNIDADE!» (mesma leitura)

O que dizem os videntes europeus

Completamente de acordo com Cayce no fundo (embora empregando frequentemente a linguagem sulpiciana da sua época), os nossos videntes são unânimes: tudo o que for destruído sê-lo-á por culpa dos próprios homens. Numa magnífica mensagem dada no século XIX à religiosa Marie Lataste, da ordem do Sagrado Coração, Cristo dizia:

«O primeiro soberano de França sou Eu. Sou o Senhor de todos os povos, de todas as nações, de todos os reinos, de todos os impérios, de todas as dominações.»

Como diz Cayce:

«SABEI QUE NENHUM HOMEM, À HORA ATUAL, SOBRE A TERRA, DETÉM PODER QUE NÃO LHE TENHA SIDO CONCEDIDO POR DEUS.» (Leitura 3976-2)

A profecia de Marie Lataste continua assim:

«Sou particularmente o Senhor de França. (...) Protegi-a, a ela, aos seus reis e aos seus súbditos. Que grandes homens ela produziu, isto é, que santos, em todas as condições, no trono como nas mais humildes cabanas! Que grandes homens ela produziu, isto é, que espíritos, unicamente fundados pela sua ação, na Justiça e na Verdade! Fui eu que lhe dei esses homens que farão a sua glória para sempre [114]. (...) A minha generosidade não está esgotada para com a França (...)

Mas que espírito de egoísmo seco e cheio de frieza substituiu no seu coração o espírito ardente da caridade descida do céu, que é o amor de Deus e do próximo? Que espírito de manobras injustas e de política mentirosa substituiu no seu coração a nobreza da sua condição e a retidão da sua palavra? (...) A injustiça caminha de cabeça erguida e parece estar revestida de autoridade (...) Mas ser-te-á dado, ó França, ver os julgamentos da Minha justiça irritada (...). Os homens, os seus pensamentos, os seus projetos, os seus trabalhos, desaparecerão como o fumo ao vento...»

A profecia de La Salette, depois de ter anunciado que:

«Paris será queimada e Marselha engolida»

dizia também que «O fogo do céu cairia e consumiria três cidades» do nosso país. Dei nas páginas anteriores citações de Nostradamus, onde ele enumera as cidades da costa mediterrânica que correm o risco de ser destruídas. Nas Centúrias ele é afirmativo sobre a destruição de Bordéus:

«Par cité franche de la grand mer séline

qui porte en l'estomach la pierre... » (Quadra V, 35)

Comentário de Éric Muraise (op. cit., p. 205): Bordéus era uma cidade franca sob o Antigo Regime, e uma das suas portas intra-muros chama-se «a porta de Cailhou» (o calhau), por outras palavras «a pedra». Nostradamus diz ainda:

«Port Sélin Herclès feu consumera. » (II, 1)

Bordéus, chamada também «Porto Selino» por Nostradamus, será portanto queimada por uma personagem chamada «Hércules». Aqui situa-se a misteriosa quadra IV, 97, que já dei, e que Éric Muraise atribui a Bordéus, em razão da sua latitude:

«A quarenta e cinco graus o céu arderá.
Narbona, Toulouse e Lião são atingidas:
De toda Marselha os habitantes mudados,
corrida e perseguição até junto de Lião;
Narbona, Toulouse, ultrajadas por Bordéus;
mortos e cativos, quase um milhão.»

(Centúria I, quadra 72)

Parece que todas as cidades de França terão de sofrer, mas que muitas delas, apesar de tudo, sobreviverão:

«O Norte será duramente provado, mas Amiens sofrerá pouco.» (Abade Voclin, pároco de São Tiago de Amiens, morto em 1838)

No entanto, Marie-Julie diz o contrário, alguns anos mais tarde:

«Amiens será terrivelmente punida.» (1882)

«O Oeste será poupado por causa da sua fé.» (Abade Souffrant, pároco de Maumusson)

Há Oeste e Oeste: o recente incêndio da floresta de Brocéliande, lugar sagrado da Bretanha, é de mau agouro...

«Esta revolução não durará senão alguns meses; contudo, será pavorosa (...) A revolução estender-se-á a todas as cidades de França. Mas onde Deus tiver sido ofendido, aí chegarão os maiores males.» (Profecia dita da «Êstática do centro de França»)

Após a destruição de Paris, diz a profecia da religiosa de Lyelbe:

«A segunda cidade do reino será golpeada, eles não crerão ainda. Uma terceira será golpeada, e eles começarão a gritar "Merci" (isto é «piedade» em francês antigo).»

«Versalhes será destruída, Marselha submergida; Lião será castigada, talvez não seja tirada, mas será mudada»

diz outra vidente, citada por M. de Savigny (op. cit.)

As profecias sobre Lião são bastante numerosas, e unânimes em afirmar que a cidade não será senão em parte destruída. É, com Nostradamus, Marie-Julie Jahenny quem dá o maior número de pormenores precisos, com nomes de cidades:

«Em Nantes,... haverá cenas terríveis (...) nas horas profundas da noite, haverá muitas vítimas.» (Les Prophéties de la Fraudais, p. 125)

«O exército mais forte (estrangeiro) vai cair sobre Orleães.» (op. cit., p. 162)

Os estrangeiros «investirão sobre a Normandia», e, diz São Miguel, (...) «apenas o meu templo será proibido e escapará às chamas. O fogo não se poderá atear ali, apesar de mil tentativas por parte dos estrangeiros (...) Farão vir todo o pobre povo dos arredores para o campo da sua vingança saciada, e queimarão inteiramente esse lugar.» (1882, op. cit., p. 162)

Trata-se do Monte Saint-Michel, que já resistiu a tantas vicissitudes, e viu tantos milagres... Mais ao sul, diz Marie-Julie:

«As tropas estrangeiras (...) após terem tomado uma parte da Vendia (...) passarão para o meio da terra da diocese de Nantes (...) mas não penetrarão no coração da diocese, serão travadas pelo exército dos soldados da Cruz.» (p. 163, profecia de 1882)

Trata-se provavelmente dos maquisards do «Grande Monarca», Henri de la Croix [115]. Nantes sobreviverá portanto; mas:

«Os castigos começarão por Paris. Castigos para as cidades do Sul. Que carniceria! (...) A Vendia sobretudo será protegida: muitos vendianos derramarão o seu sangue, pois conservaram a sua fé (...) ; o poente desde Lourdes até ao Norte será poupado, exceto Bordéus. Nantes terá menos a sofrer. A diocese será comparativamente protegida; mas nenhuma graça para os ímpios e as más famílias! Pont-château será poupado (...) Toulouse será poupada por causa de Santa Germana de Pibrac.

Mas não está no fim das suas penas! Mende e Rodez serão poupadas, o Senhor diz-me que a Sua Justiça irritada cairá sobre Valence e daí se dirigirá a Marselha.» (op. cit., p. 95, profecias de 1874-1877)

Marie-Julie insiste na Bretanha, assegurando que ela seria especialmente poupada (é também o que diz Jeanne Ramonet, a vidente de Kérizinen, mas no entanto os videntes não são unânimes). No estrangeiro, haverá também estragos substanciais:

«O Nosso Senhor diz que Roma, Nápoles e a Inglaterra iam sofrer cruéis vinganças.» «Um massacre cumprir-se-á na terra de Nápoles.» (op. cit.)

Marie-Julie fala muito de Roma, que deve ser o palco de numerosas peripécias: revolução, massacres, invasão, encarceramento e fuga do papa, etc. (que foram descritos por numerosos videntes, dos quais alguns próprios papas!).

«A luta terrível na Cidade Eterna.» (op. cit., p. 57)

«A Áustria será terrivelmente ameaçada. Dois reis (...) preparar-se-ão para marchar com os seus exércitos sobre a Cidade Eterna. A Espanha sofrerá torturas imensas e longas sob o poder destes dois reis. Depois, após terem cumprido por todo o lado, como em França, um mal terrível, recairão sobre as outras potências, descerão sobre a Bélgica, uma invasão imensa.»

Todos os videntes veem as cidades da Europa ameaçadas por uma invasão (além da guerra civil, dos sismos, das inundações, e outras calamidades...). O leitor poderá remeter-se para as obras da bibliografia. Termino com um pequeno extrato de leitura, que abre para a esperança:

«PORQUÊ É QUE O MUNDO VAI TÃO MAL HOJE EM DIA? É QUE ESQUECERAM DEUS (...) NÃO SABEIS QUE A ORAÇÃO DE UM SÓ HOMEM PÔDE SALVAR TODA UMA CIDADE? ACREDITAIS QUE HOJE EM DIA DEUS TEM O BRAÇO MAIS CURTO DO QUE NOS TEMPOS BÍBLICOS?» (Leitura 3976-25)

10

O GRANDE MONARCA

O rei Henry, que deve vir no Fim dos Tempos...

Nostradamus, na sua carta a «Henri Segundo», em 1566, dirige-se assim àquele que vê vir na bruma do futuro:

«É por uma feliz e soberana interpretação que pude finalmente Conhecer-Vos, depois de a minha face ter ficado durante muito tempo indecisa sobre a Vossa Imensa Majestade. Procurei a ocasião de Vos manifestar o meu amor e o meu devotamento, sem o qual não teria podido chegar a conhecer a Vossa Sereníssima Majestade. Durante muito tempo julguei que me seria impossível Declarar-Vo-los, apesar do meu extremo desejo de furar esta particular e longa obscuridade na interpretação da Vossa personagem. Mas, de repente, esta obscuridade dissipou-se subitamente, e encontrei-me na presença do Vosso Soberano Rosto, do primeiro Monarca do Universo.»

Ora «o pobre Henrique II, morto em 1559, dificilmente merecia estes louvores a título póstumo», diz Éric Muraise (Voyance et prophétisme, p. 213).

Nostradamus não era do género de falar para não dizer nada, nem um cortesão adulador. A sua carta soa como uma

carta de amor a esse homem misterioso que viu numa visão. A palavra «segundo» é um jogo de palavras pois em latim «secundus» quer dizer prestável.

De todos os visionários que o anunciaram, são talvez Nostradamus e Marie-Julie Jahenny que dão o maior número de pormenores sobre o futuro «Grande Monarca». Nostradamus chama-lhe Henry. Com um anagrama: «o Grande Chyren».

Chama-lhe também «o Rei de Blois». Fá-lo aparecer no quadro de uma França invadida, onde se combate em quase todo o lado. O momento em que chega o jovem príncipe, o Capeto esquecido, é descrito como dramático: o território nacional está devastado, tanto pelos cataclismos naturais como pelos homens. O jovem homem, segundo Nostradamus, desembarca do Sudoeste, derrota o inimigo em Salon-de-Provence, sobe seguindo o Ródano, ganha uma vitória em Lião, dirige-se para o Jura.

Depois, tendo pacificado toda a França, a Europa, e o Mediterrâneo, faz-se sagrar em Reims como rei de França, e em Aquisgrão como imperador da Alemanha [116]. Tendo Paris sido destruída, estabelece a sua capital em Avinhão. Nostradamus dá mesmo um dia para a sagração, um mês de junho:

«Receberá do soberano o crisma,
ou em seiscentos e seis, em junho;
grande alegria para os grandes e para o povo,
grande festa após esse grande batismo.»

O «cresme», é o óleo contido na «Santa Ampola», o «santo crisma». Servia para ungir os reis de França, aquando da sagração em Reims. Em 1793, o convencional Ruhl apossou-se da Santa Ampola e, dizem uns, quebrou-a. Outros afirmam que foi

secretamente conservada, sabem quem a deteria ainda atualmente... e que reaparecerá no momento necessário. De Gaulle teria sido informado disso.

Noutra quadra das Centúrias (Cent., X, quadra 72), Nostradamus dá o ano da sagração: 1999! Não há, em toda a sua obra, senão duas datas em claro: 1792 (na sequência da «Epístola a Henri Segundo», citada mais acima), e a seguinte:

«No sétimo mês do ano de 1999,
virá do céu um grande Rei de Espanto;
para ressuscitar o grande Rei de Angolmois;
antes e depois, Marte reinará favoravelmente.»

1792 tinha soado o alarme de morte da realeza. 1999 verá o seu restabelecimento? Não dou aqui todas as passagens da sua obra onde o Profeta de Salon fala do futuro rei de França que será ao mesmo tempo o imperador do Santo Império Romano-Germânico,

«Príncipe alemão sobre trono dourado

(Centúrias, II, 87).

Uma obra inteira não bastaria...

Edgar Cayce tinha-o anunciado...

Ora nós temos uma profecia — e quão inesperada! — de Cayce. Ela vem como um pequeno piscar de olho, no meio de uma avalanche de continentes que desmoronam, de vulcões que eructam, de capitais atlantes que emergem... E, neste tulfurdão, eis Cayce que declara sem rodeios:

«O JOVEM REI REGERÁ EM BREVE.»

Ponto final.

Depois engrena a toda a velocidade noutros cataclismos. Gertrude Cayce, que tinha recebido uma educação tradicional, e que teria mantido muito bem o seu lugar numa corte do século XVIII, notou de passagem:

E de que país fala, senhor Cayce, quando evoca um jovem rei?

«DA ALEMANHA.» (Leitura 3976-15, janeiro de 1934 [117])

Desde essa data, não se viu muito «jovens reis» sair das florestas da Germânia... E aliás, outrora, era um imperador. Então?

Então este misterioso jovem príncipe não pode ser senão o famoso «Grande Monarca» de quem me falavam quando eu era uma rapariguinha. Mas era antes como os contos de fadas que se contam à noite nas cabanas...

O misterioso jovem homem esperado há mais de quinze séculos

É, contudo, uma história antiga. Desde a época galo-romana até à hora atual, há seguramente uma centena de profecias conhecidas (para não falar senão daquelas que foram publicadas, ou bastante largamente difundidas) para anunciar a vinda do Grande Monarca: ele deve reger sobre a Alemanha e a França reunidas após os «Grandes Acontecimentos», dos quais o leitor teve uma visão geral nos capítulos anteriores. Na sequência do que, os videntes fazem intervir um misterioso jovem homem, que, com um punhado de combatentes, restabelece a ordem, conquista a Europa, e toma a coroa. A história assemelhar-se-ia à de Carlos Magno, ou de Bonaparte. Mas não é nem um nem outro: temos profecias anteriores a Napoleão, que descrevem

perfeitamente este último, o que não as impede de ver o «Grande Monarca» para mais tarde.

Desde Napoleão, os videntes continuam a descrever a vinda deste famoso jovem homem. Quando Cayce diz «O JOVEM REI», isso corresponde perfeitamente ao conjunto das profecias... Dada a violência dos «Grandes Acontecimentos» descritos, será preciso ter a audácia da juventude para se lançar na aventura!

Eis, por exemplo, a profecia de São Cesário, arcebispo de Arles (470-542), que é muito conhecida. Após ter descrito a morte de Henrique IV, Luís XIV, a Revolução, o Império — de forma muito clara —, São Cesário chega ao «Fim dos Tempos», com o cenário clássico de guerras, de invasões, de sismos, e a destruição de Paris:

«Então, diz ele, chega ele, o nobre exilado, o dado de Deus. Sobe ao trono dos seus antepassados (...) recupera a coroa de lírios que voltam a florir. Pela sua coragem invencível, destrói todos os filhos de Bruto, cuja memória será para sempre aniquilada. Após ter fixado a sua sede na cidade pontifícia, o rei de Blois reerguerá a tiara real sobre a cabeça de um santo pontífice embebido pela amargura das tribulações, que obrigará o clero a viver segundo a disciplina das eras apostólicas.»

Os videntes que virão depois, como Nostradamus, enriquecerão o esquema, mas sem lhe mudar o essencial. Para o não iniciado, eis o comentário do texto: «o nobre exilado» quer dizer que vem do estrangeiro. «Nobre» porque, as profecias dos séculos seguintes o confirmarão, pertence à linhagem capetiana; o que lhe permite «recuperar a coroa de lírios» (visto que a família real de França ostenta três flores de lírio sobre campo d'azur). Os «filhos de Bruto» são tradicionalmente os revolucionários violentos (desde que César foi assassinado por Bruto). «Estabelece a sua sede na cidade pontifícia», os videntes

dos séculos futuros precisarão que se trata de Avinhão. «O rei de Blois», porque teria nascido em Blois (não é certo) ou porque aí foi coroado. Vejamos agora o que dizem disso os sucessores de São Cesário. Raban Maur (776-856), arcebispo de Mainz na Alemanha, retoma o célebre sermão de São Remígio, quando tinha coroado Clóvis (496), onde é dito:

«O Reino de França durará até ao Fim dos Tempos.»

E Raban Maur acrescenta:

«Os nossos doutores concordam em anunciar-nos que, para o Fim dos Tempos, um dos descendentes dos reis de França regerá sobre todo o antigo Império romano (o que tinha dito também São Remígio) e que será o maior dos reis de França, e o último da sua raça.»

O Império romano, na sua maior expansão, englobava uma parte da Alemanha (a fronteira seguia em parte o Reno e o Danúbio, com a Renânia, o país de Baden, e subia até Bona, que se chamava «Bonna»!).

O venerável Holzhauser, nascido na Alemanha em 1613, anuncia também o jovem rei. Após ter descrito a anarquia sangrenta dos últimos tempos, diz:

«Então o Todo-Poderoso intervirá por um golpe admirável, que ninguém poderia imaginar. E este poderoso monarca, que virá da parte de Deus, reduzirá as repúblicas a nada, subjugará todos os seus inimigos, transformará o império dos Franceses, e regerá do Oriente ao Ocidente.»

A sequência da profecia confirma que colaborará com um «Grande Papa». Esta reconciliação da espada e do hissope, do trono e do altar, poderia inquietar. Ora, parece que desta vez finalmente, isso se passará bem!

«A paz regerá sobre a Terra»

Recordamo-nos de que a luta pelo poder entre o Papado e os soberanos europeus tinha envenenado a nossa história, provocando guerras sem fim (Questão das Investiduras, Guelfos e Gibelinos, grande Cisma do Oriente, etc.) — Até à criação do Estado do Vaticano.

Passemos agora à profecia de Orval. Ela esteve, durante séculos, guardada nos arquivos da abadia de Orval, hoje no Luxemburgo. Aquando da Revolução francesa, os monges, fugindo diante dos exércitos da Revolução, levaram os seus arquivos — dos quais a famosa profecia. Uma noite de 1792, o reverendo padre abade jantava em casa do marechal de Bender, no meio de um círculo de emigrados, no Luxemburgo. Para instruir os convidados, leu o antigo documento.

Os presentes ficaram espantados ao reencontrar claramente descritos os acontecimentos que bem conheciam. Recopiaram tudo o que estava profetizado após a queda de Luís XVI. Pode ler-se ali, com pormenores precisos, a ascensão e depois a queda de Napoleão, a Restauração, Luís-Filipe, o Segundo Império, a República, etc. Depois, chega-se ao Fim dos Tempos, com o nascimento de Israel, a destruição de «Paris, a Grande Cidade», a «decadência da Gália», e finalmente, chega-se à passagem seguinte:

«Deus ama a paz! Vinde, jovem príncipe, deixai a ilha do cativeiro: juntai o leão à flor branca, vinde! O velho sangue dos séculos terminará ainda longas divisões (...) Deus será julgado guerrear com ele, de tão prudente e sábio que será o rebento da Capa.»

O misterioso jovem homem vem do estrangeiro, talvez de Inglaterra? Ou de Espanha? O «sangue da Capa», são os Capetos.

Quanto a «juntar o leão à flor branca», ninguém tem a certeza de compreender. Mas é apesar de tudo bastante claro: reencontraremos uma monarquia.

Os videntes dos séculos seguintes vão continuar: Catarina de Racconigi, italiana do século XVI; Mestre Noël Olivarius, em França, no século XVI igualmente; o padre Calliste, no século XVII; o abade Souffrant, pároco de Maumusson; Pauline Périé, e a Madre du Bourg em Limoges, no século XIX; a pequena Marie des Terreaux, em Lião; o abade Mattay, pároco de Saint-Méen; São Cataldo, bispo de Tarento; a religiosa trapista das Gardes em Angers, etc. Todos estes misticos de toda a Europa anunciam-no, e descrevem-no além disso como jovem, belo, desportivo — e, o que é melhor, incorruptível!

Após tantas calamidades, finalmente uma profecia agradável!

Finalmente, mais próxima de nós, Marie-Julie Jahenny, de quem falei, deu uma multidão de pormenores sobre a personagem. Mas nem sempre os compreendemos:

«Do céu, verás o triunfo (...) do Meu verdadeiro servo Henri de la Croix.» (Le Ciel en Colloque, op. cit., p. 27)

O que significa que a vidente não o verá no seu tempo de vida (ela morreu em 1941). Segue-se uma passagem onde Marie-Julie explica que ele restaurará a liberdade religiosa, a qual deve ser suprimida durante a guerra civil! (Coloco um ponto de exclamação, porque isso nos parece extravagante, a nós que gozamos desta liberdade há tanto tempo. Mas que se recorde que no Leste, nos países comunistas, ela foi durante muito tempo suprimida). O Grande Monarca não apareceria logo.

Antes dele virão precursores:

«Em primeiro lugar parecerá aquele que a França tomará pelo seu Salvador; mas não será o verdadeiro Salvador: aquele que é escolhido e enviado por Deus e que será dos lírios.» (Ibidem, p. 39)

Por outras palavras, um Capeto. O que, aliás, todos os outros videntes sempre disseram.

«O Rei Henry que deve trazer a paz e a concórdia à sua pátria.» (Ibidem, p. 88)

À hora em que escrevo estas linhas (1991), não se vê de todo como poderia fazer-se uma restauração monárquica. E, no entanto, as associações monárquicas multiplicam-se. Há um ganho de interesse pela questão, suscitado pelo duque d'Anjou e Cádis, o qual tinha aparecido como uma figura carismática. Mas morreu nos Estados Unidos, decapitado (como Luís XVI, disseram alguns...) num acidente de esqui. Deixa um filho: será o futuro Grande Monarca?

Segundo o conjunto das profecias, será preciso que a França desça muito baixo, antes desta restauração monárquica:

«França... na tua última prova, quando o povo estiver mais encarniçado do que nunca, verás começar todos os castigos: guerra, carniceria, horrores de flagelos... Depois, será o apelo ao Rei.» (Ibidem, p. 88)

«... Homens cegos! Creem que nunca o Rei será o seu. Enganam-se. Ficarão muito espantados, um dia, de ver o Meu Rei. Sabei que não é a França que o chamará. Sabei que virá para os seus amigos. O pequeno número daqueles que o desejam será bem recompensado. (...) Desde o seu berço, o coração do Rei não terá vivido senão na Cruz. Terá levado a Cruz desde os longos anos que terá vivido no exílio.»

«Meus filhos, o Rei virá na Cruz, isto é, nas penas, porque o reino não estará ainda inteiramente calmo. Só depois de ter experimentado penas para atravessar o reino, é que receberá a coroa. Quando lá tiver chegado, o calmo restabelecer-se-á, mas haverá ainda pena. A sua fé fá-lo-á mestre e vencedor de todas as dificuldades. O Rei terá, em si, um dom que nenhum outro rei teve. Vereis neste homem o que ninguém viu nos outros (...) deve estabelecer a paz e por todo o lado fazer florir de novo o bem.» (Ibidem, p. 175, 6-7)

«Henri de la Croix, o seu nome está escrito no livro de ouro.» (p. 179)

«Povoarei a terra de França (...) de corações puros. Uma geração nova. Crescerão na minha graça e viverão sob o reinado de um rei piedoso que, pelas suas virtudes, será o mais belo ornamento de França, prefiro que te esqueças de outras revelações (antes) do que desta.» (Ibidem, p. 100, 1876)

«Tu que, desde há tanto tempo, pisas a terra estrangeira! (...) o lírio desabrochará sempre sobre a tua fronte (...) do teu trono sobre a França, o teu reino reservado, e, daí, para fora das fronteiras francesas e até à Cidade Eterna.» (Ibidem, p. 175)

«Deus quer provar e manifestar ao Seu povo que Os seus desígnios foram, de uma vez por todas, fixados sobre aquele que escolhe para trazer de volta a paz. Ainda que todo o Universo estivesse contra ele, ainda que a Terra inteira lhe recusasse essa entrada, o Salvador Eterno assinou essa entrada, e hoje, multiplica A sua divina assinatura chamando-lhe: o Salvador da paz neste reino dividido.» (Ibidem, p. 180)

«O exército que o Senhor escolheu para a entrada gloriosa da paz e de Henri V, esse exército será invencível. (...) Passará sem esforço, fendendo essas multidões como poeira. Este

exército invencível não é querido pelos homens mortais, está escrito pela mão do Céu.» (Ibidem, p. 183)

«Não vos posso dar ainda um bom rei, diz Nosso Senhor a Pauline Périé, vidente do século XIX, haveria demasiado perigo para ele e para vós. É preciso primeiro que uma crise terrível chegue, (...) e que o povo conheça, compreenda quão mau é (...) Quando aqueles que o compõem forem abandonados a si mesmos, só serão capazes de uma coisa: será de se darem a morte uns aos outros. Então o povo voltar-se-á inteiramente do bom lado, e não haverá perigo nenhum em que um bom rei suba ao trono.»

Pois bem, só resta esperar. Passar-se-á mais facilmente os tempos difíceis, sabendo que um dia alguém virá restabelecer a paz! Há sinais precursores: por exemplo, a comemoração do milenário dos Capetos em 1987; a publicação de uma multidão de obras sobre a história do Antigo Regime, em particular sobre Luís XVI, Maria Antonieta e Luís XVII (mistério que continua a apaixonar os leitores franceses). Um título como o de Thierry Ardisson: Louis XX (Folio, 1988), escrito não por um velho caranguejo, mas por um homem jovem e conhecido nos meios de comunicação social. Finalmente, o sucesso de uma revista que perpetua a tradição monárquica: Point de vue - Images du monde, e toca um público muito vasto.

Gostaria de terminar o capítulo com uma história absolutamente incrível, que relata Éric Muraise na obra citada mais acima. Recordam-se de que Luís XVI e a sua família foram detidos a 21 de junho de 1791 em Varennes. (Falei disso no tomo II de L'Univers d'Edgar Cayce.) Nessa noite, a família real foi conduzida a uma estalagem para aí passar a sua primeira noite de cativeiro. E a insígnia dessa estalagem, onde começava a agonia real, ostentava estas palavras:

«AO GRANDE MONARCA»

A ERA DO AQUÁRIO

1

A NOVA ORDEM DAS COISAS

«A NOVA ORDEM DAS COISAS», é assim que Cayce chama ao tempo que começará após a guerra, civil e estrangeira, após o período de fome, de confusão, de pânico geral que se corre o risco de atravessar; após, em todo o caso, a basculação dos polos. «THE NEW ORDER», é uma expressão que regressa frequentemente, como vimos, nas leituras proféticas.

«SE NÃO ACORDAREM, UMA NOVA ORDEM DAS COISAS IMPOR-SE-Á, QUE MUDARÁ AS ATIVIDADES E AS RELAÇÕES HUMANAS.» (Leitura 3976-18, 20 de junho de 1938)

Outros grupos espirituais empregam a expressão «Nova Era», muito em favor nos Estados Unidos. É a mesma coisa. Os profetas europeus que nos precederam diziam: «o período após os Grandes Acontecimentos», ou «após o Fim dos Tempos». É também o início da Era do Aquário.

Astronomicamente falando, será o tempo em que o Sol se erguerá na constelação do Aquário a 25 de março. Este tempo não está muito distante: por volta de 2100, segundo alguns astrónomos, 2300 segundo outros. (Por razões técnicas, não estão de acordo sobre a data exata.) A Era do Aquário durará cerca de 2 200 anos.

Não obstante, a influência começa já a fazer-se sentir. Os astrólogos, esses, estão de acordo sobre a mudança de mentalidade que trarão estas novas vibrações. A constelação do

Aquário, regida por Úrano, anuncia uma época em que os homens se voltarão para o Espaço, dominarão novas energias, reencontrarão uma fraternidade planetária e universal. Simbolizando Úrano também o relâmpago e a Revolução, a jovem Era do Aquário nascerá das fulminantes perturbações que vimos.

Os homens não terão as mesmas inibições. A sua visão mais vasta do Cosmo, as suas faculdades «psi» acrescidas dar-lhes-ão uma filosofia completamente diferente da de hoje. Terão sido purificados pelos abomináveis «Grandes Acontecimentos» do fim do século XX, e regenerados pelo regresso do Cristo Cósmico que veremos mais adiante.

Um estudante interrogou Cayce:

Como será a era do Aquário no plano do desenvolvimento físico, mental e espiritual da Humanidade?

«PENSAM QUE SE POSSA RESPONDER NUMA PALAVRA? ESTAS ERAS SÃO ETAPAS DE CRESCIMENTO. QUE SIGNIFICA A TOMADA DE CONSCIÊNCIA QUE ELAS INDICAM? NA ERA DOS PEIXES, O ACONTECIMENTO CENTRAL FOI A CHEGADA DO EMANUEL, ISTO É, DE DEUS ENTRE OS HOMENS, VEEM? QUE SIGNIFICAVA ISSO? DA MESMA FORMA, TEREMOS ENTÃO PLENA CONSCIÊNCIA DE PODER COMUNICAR COM AS FORÇAS CRIADORAS, ISTO É, QUE SE TERÁ O CONHECIMENTO DA NOSSA RELAÇÃO COM ESTAS. E DO SEU EMPREGO NO NOSSO MEIO ENVOLVENTE MATERIAL. PORTANTO, O QUE SERÁ ESTE (o desenvolvimento do Homem na Era do Aquário), APENAS AQUELES QUE TIVEREM ACEITE ISSO COMPREENDERÃO O QUE SE PASSA À SUA VOLTA. QUÃO POUCOS DE VÓS REALIZAM MESMO A INFLUÊNCIA DAS FORÇAS VIBRATÓRIAS DE UM INDIVÍDUO SOBRE O OUTRO (...) ENQUANTO ESTÃO IMERSOS NESTE CAMPO VIBRATÓRIO! E, NÃO OBSTANTE, PERGUNTAM O

QUE A ERA DO AQUÁRIO TRARÁ AOS ESPÍRITOS, AOS CORPOS, ÀS EXPERIÊNCIAS?» (Leitura 1602-3)

Por outras palavras, no mundo de amanhã, o Conhecimento terá progredido a passos de gigante. E o que é o «Conhecimento», senão o das Leis que regem o Universo? Leis que não se podem dissociar Daquele que as fez, isto é, Deus — a quem Cayce chama «THE CREATIVE FORCES», isto é, «AS POTÊNCIAS, AS FORÇAS, AS ENERGIAS CRIADORAS». Ele coloca a expressão no plural, como a Bíblia, que, desde a primeira linha do Génesis (Bereschit barak Elohim), emprega um plural («Elohim») para designar Deus. A Era do Aquário prepara-se já, desde agora.

Como diz Cayce noutro parágrafo da leitura 1602-3 [118], onde fala da passagem da Era dos Peixes para a do Aquário, esta passagem faz-se progressivamente tanto no plano astronómico como no dos costumes e das ideias (visto que já se sente essa evolução à hora atual). Os cataclismos não vêm deste progressivo deslocamento do Sol de um signo para o outro (o que é normal a cada dois mil anos), mas da negatividade humana que suja a Terra, ao ponto de ela já não se poder limpar a si mesma senão basculando sobre o seu eixo.

A leitura 5748-5 tinha dado como data do regresso provável de Cristo o ano de 1998; a leitura 1602-3 retoma esta data e dá-a como a do arranque efetivo da «Era do Aquário».

Ainda outra leitura insiste em 1998; é uma daquelas em que Cayce, falando das suas vidas anteriores, evoca a sua encarnação no antigo Egito como o grande sacerdote Ra-Ta. Ele acrescenta:

«NÃO É NORMAL, PORTANTO, QUE ESTE DEVA REGRESSAR?»

(Pois o pobre estava longe de ter liquidado certos karmas criados no antigo Egito!)

«... E QUE ESTE SACERDOTE POSSA ATINGIR UM DESENVOLVIMENTO QUE LHE PERMITA REENCONTRAR A POSIÇÃO, A SITUAÇÃO DE UM LIBERTADOR DO MUNDO DE AMANHÃ? POIS ELE DEVE REGRESSAR ESSE MOMENTO, ISTO É, EM 1998.»

Há pessoas que preferem encarnar nas viragens da História, porque nesse momento é mais divertido: não se corre o risco de aborrecer, tem-se a certeza de poder assistir a acontecimentos extraordinários! Os meus leitores poderão dizer aos seus netos: «Eu estava lá!» Cayce foi certamente assim: um homem curioso de tudo, apaixonado pela novidade, aberto à Era do Aquário, como todos os Uranianos (tinha Úrano exatamente sobre o Ascendente). Mas como tinha igualmente o desejo de prestar serviço à Humanidade, o Chefe do Pessoal dos Mundos Invisíveis não hesitará em reempregá-lo na Terra (as competências devem ser utilizadas!).

As profecias anunciaram o regresso dos mestres, dos grandes iniciados, dos santos para ajudar no trabalho de libertação do mundo de amanhã. Cayce estará entre eles. E é para breve...

2

A PAZ UNIVERSAL

Uma nova ordem social

A Era do Aquário nos seus inícios será caracterizada (em conformidade com as vibrações de Úrano que a influenciarão) por uma paz social baseada numa igualdade real. As

desigualdades gritantes de hoje apagar-se-ão, e chegar-se-á, diz Cayce, a um «NIVELAMENTO»:

«NENHUM ASPECTO DA EXPERIÊNCIA HUMANA DEVE SER NEGLIGENCIADO, VISTO QUE CADA UM DE NÓS É RESPONSÁVEL PELO SEU PRÓXIMO. SE OS DECISORES, AQUELES QUE DISPÕEM DO PODER, DA RIQUEZA, DA INFLUÊNCIA, NÃO REFLETISREM NISSO, PROVOCARÃO UM INEVITÁVEL NIVELAMENTO.» (Leitura 3976-19)

Tudo depende do que se entende por «NIVELAMENTO»; se todos forem reduzidos à miséria, é o nivelamento por baixo, que se teme! Num certo número de países, na sequência de uma revolução, é o que acontece. O nivelamento por baixo é evidente atualmente nos países do terceiro mundo, e nos países comunistas. Mas é uma experiência que deveremos todos atravessar — no plano planetário — nos próximos anos. Esta igualdade forçada nas misérias do fim do século trará as pessoas de volta a uma verdadeira igualdade, fundada não na amargura social e no materialismo, mas em princípios espirituais:

«PROXIMAMENTE VIRÃO ACONTECIMENTOS, NO PLANO POLÍTICO E ECONÓMICO, ONDE TODAS AS RELAÇÕES HUMANAS VÃO SER POSTAS EM CAUSA POR UM NIVELAMENTO: É UMA NECESSIDADE...» (Leitura 3976-18, 20 de junho de 1938)

Como em todas estas profecias de Cayce dadas no fim da sua vida, a perspetiva é dupla: fala ao mesmo tempo das consequências da Segunda Guerra mundial, que é o futuro imediato, e de acontecimentos muito mais distantes no tempo.

«CONTUDO O NIVELAMENTO VIRÁ OBRIGATORIAMENTE. (...) E É ENTÃO QUE PODERÃO SURGIR DIRIGENTES CAPAZES DE RESPONDER ÀS NECESSIDADES DAS PESSOAS — E ELES SURGIRÃO. POIS NINGUÉM RECEBE O PODER SENÃO PARA

CUMPRIR A VONTADE DO PAI, DE QUEM EMANA TODO O PODER — ELE QUE DISSE: "A MINHA PALAVRA CUMPRIR-SE-Á." EIS POR QUE SE PRODUZIRÁ ESTE NIVELAMENTO.» (mesma leitura)

Tendo-se desmoronado todas as grandes fortunas, como dizem as profecias (ver mais acima), partir-se-á do zero! Mas desta vez, com o pé direito...

Certos grandes místicos e visionários viram, com efeito, que viria uma época em que a ordem social que conhecemos seria completamente mudada:

O falecido Rudolf Steiner tinha anunciado uma ordem social tripartida que, dizia ele, exprimia a vontade do espírito do século; afirmava que esta nova ordem social viria da livre escolha dos humanos após os cataclismos sociais que tivessem atravessado. Que pensa disso? A nova ordem social tripartida de Rudolf Steiner pode chegar ao nosso país?

«QUERER IMPOR A QUALQUER INDIVÍDUO UM PROGRAMA DE ATIVIDADE EM TRÊS PONTOS, DIFERENTE DA VONTADE DIVINA, TRAZ PROBLEMAS — QUER SE RECLAME DE RUDOLF STEINER OU DE QUALQUER OUTRA AUTORIDADE! POIS NÃO HÁ SENÃO UM ÚNICO NOME DE QUE SE POSSA AUTORIZAR PARA DIRIGIR O HOMEM.» (Leitura 3976-24)

É a razão pela qual as revoluções ateias não puderam trazer até aqui senão um nivelamento por baixo. Cayce continua:

«SE SE TRATA DE DEFINIR OS CARACTERES DE UMA CERTA ORDEM SOCIAL, SIM. MAS ISSO NUNCA DEVERÁ VIR DA DITADURA DE UM SÓ INDIVÍDUO: POIS, COMO JÁ DISSEMOS, TODOS SÃO LIVRES E IGUAIS PERANTE DEUS, A ORDEM SOCIAL, A ORDEM RELIGIOSA, A ORDEM ECONÓMICA DEVEM TODAS NÃO TER COMO ÚNICO MESTRE SENÃO DEUS!» (mesma leitura)

O adágio dos niilistas: «Nem Deus nem Mestre» não pode trazer uma ordem social que satisfaça as aspirações profundas dos povos. Mas Cayce é otimista: um dia, os homens compreenderão!

«ASSIM A INTELIGÊNCIA E O ESPÍRITO, EM ACORDO COM TODOS ESTES PRINCÍPIOS, ACABARÃO POR TRAZER ESTAS RELAÇÕES HUMANAS BASEADAS NA FRATERNIDADE UNIVERSAL. POR AÍ, ENCONTRAR-SE-Á A PAZ COM O SEU VIZINHO E GUARDAR-SE-Á.» (Leitura 3976-19)

A paz entre as nações

O venerável Bartolomeu Holzhauser, padre e profeta alemão do século XVI, tinha dividido a história da cristandade — e do mundo — em sete etapas a partir da morte de Jesus e até ao fim. A quinta, a que chama «purgativa» (!), começa a partir do imperador Carlos Quinto e vai até à chegada dessa personagem poderosa e misteriosa, de quem falamos, a quem todos os videntes chamam «o Grande Monarca». Com este começa uma era de paz que Holzhauser qualifica de «consolativa». A paz deve ser não apenas, em cada país, nacional, mas ainda internacional — e o Grande Monarca contribuirá para isso poderosamente.

A paz mundial está inscrita no destino da Terra:

«POIS OS CAMINHOS DO SENHOR SEGUIRÃO O SEU CURSO, COMO ELE DISSE: "O CÉU E A TERRA PASSARÃO, A MINHA PALAVRA NÃO PASSARÁ."» (Leitura 3976-18)

Por enquanto, ninguém acreditou nisso verdadeiramente, é por isso que ela ainda não chegou. O Evangelho:

«COM A SUA MENSAGEM, FICOU DEMASIADO FREQUENTEMENTE LETRA MORTA NAS ORGANIZAÇÕES NACIONAIS E INTERNACIONAIS.» (mesma leitura)

Eis por que as tentativas de paz falharam tão frequentemente, pois foram conduzidas por pessoas sem fé:

«AS NEGOCIAÇÕES NÃO PODEM SENÃO FALHAR SE NÃO SE RESPEITAREM OS PRINCÍPIOS ESPIRITUAIS DE BASE. (...) ISTO É PARA TOMAR EM CONSIDERAÇÃO QUANDO SE ANALISA QUALQUER ASPECTO DAS RELAÇÕES HUMANAS.» (mesma leitura)

O que não tinha sido feito até aqui, mas o será um dia. A paz internacional que vai vir será o resultado de uma longa evolução, que já começou. Mesmo antes da Segunda Guerra mundial, Cayce pressentia-a:

«NA HISTÓRIA DA TERRA E DAS NAÇÕES, À FORÇA DE TER ATRAVESSADO TANTOS PERÍODOS DE GUERRA, REGULARES E IRREGULARES, UM DESEJO DE PAZ ESTÁ A NASCER.» (Leitura 3976-22, 13 de junho de 1939)

É evidentemente paradoxal ouvir Cayce falar de paz exatamente antes do eclodir do conflito. Mas Cayce, que não tem senão mais alguns anos para viver, vê muito mais longe, e quer dar uma mensagem de esperança àqueles que o lerem mais tarde. Nós próprios devemos absolutamente saber, se enfrentarmos uma Terceira Guerra mundial, que a paz geral permanece no horizonte. É essa esperança que nos permitirá aguentar o golpe! Mas voltemos à leitura 3976-22. O erro foi procurar:

«A PAZ CUSTE O QUE CUSTAR, A QUALQUER PREÇO.»

Enquanto teria sido preciso procurar:

«UMA PAZ COMPATÍVEL COM A DIGNIDADE DA NATUREZA HUMANA, COM OS OBJETIVOS DO HOMEM QUANDO ESTES

ESTÃO EM ACORDO COM A LEI ESPIRITUAL DADA PELO MESTRE.» (mesma leitura)

São estas «más pazes», humilhantes para o vencido, que provocam novas guerras (exatamente como a paz de 1919 tinha suscitado na Alemanha um espírito «desforrador», que empurrará os Alemães a desejar a guerra uma segunda vez).

«E QUANDO SE COMPARA COM A HISTÓRIA (...) DAS DIVERSAS NAÇÕES QUE SEGUEM OUTROS ENSINAMENTOS, DESCOBRE-SE QUE A SUA PRÓPRIA ESSÊNCIA SE REDUZ A ESTES PRINCÍPIOS DE BASE DE QUE FALAMOS: "AMARÁS O SENHOR"; E ISSO É UNIVERSAL!» (mesma leitura)

Cayce afirma mais uma vez a universalidade do princípio crístico, mesmo se:

«A FORMA COMO SE APLICOU ESTE PRINCÍPIO AO SEU PRÓXIMO FOI DIVERSIFICADA, E CONTINUA A SÊ-LO, SEGUNDO AS MOTIVAÇÕES DIVERSAS QUE REGULAM AS RELAÇÕES HUMANAS.» (mesma leitura)

É a explicação da diversidade das religiões e das instituições no mundo. Todas as guerras do passado e do presente, guerras religiosas, económicas ou coloniais, partiam do princípio de que o adversário era desprezível: era um «pagão», um «infiel» a converter, um «sem-Deus», um «não-ariano» que não era da «raça dos senhores», um primitivo, um subdesenvolvido...

Nos Estados Unidos, quantas vezes ouvi dizer, quando falava do meu país, que éramos «pagãos»? Era a visão ingénua das pessoas que encontrava em La Beach: eles eram os «verdadeiros» cristãos, enquanto o resto do mundo se compunha essencialmente de «pagãos» a converter...

Não é a visão que nós próprios tivemos durante séculos? Faziam-nos rezar pela «conversão dos pobres pagãos que não conhecem o verdadeiro Deus».

Eu própria, aliás, benefício da oração fervorosa dos membros católicos da minha família que mandam dizer muitas missas pela minha conversão. É que me coloquei num caso de heresia grave, ao falar das reencarnações anteriores do Cristo cósmico (O Universo de Edgar Cayce, tomo I), segundo Cayce.

Se o agressor tivesse visto que o agredido tinha exatamente a mesma aspiração espiritual que ele, teria tido uma consciência um pouco menos leve... É essa consciência que está a despertar, graças à oração e aos intercâmbios internacionais. Damo-nos conta... de que o estrangeiro também reza! E que a sua oração se dirige ao mesmo Deus:

«MAS DESDE ESSES TEMPOS EM QUE O HOMEM FOI CRIADO PARA PENSAR — PENSAR! — NA FONTE DOS SEUS DESEJOS NÃO SÓ ESPIRITUAIS, MAS TAMBÉM INTELECTUAIS E MATERIAIS, ASSISTIU-SE AO DESENVOLVIMENTO PROGRESSIVO DA ORAÇÃO INDIVIDUAL, DA ORAÇÃO QUE UNE GRUPOS E MESMO NAÇÕES INTEIRAS, E TOMA-SE CADA VEZ MAIS DISTÂNCIA EM RELAÇÃO ÀS CONTINGÊNCIAS MATERIAIS.» (mesma leitura)

Por outras palavras, dá-se muito menos importância às diferenças locais de expressão, de costumes, de culto, etc. É o sentido uraniano da fraternidade que está a atuar. Toma-se pouco a pouco consciência de que aquele que está no lado oposto, apesar das «CONTINGÊNCIAS MATERIAIS», tem as mesmas aspirações profundas à paz. Esta virá:

«SE AS IDEIAS, OS IDEIAIS SE TORNAREM FINAMENTE O QUE DEVEM SER UM DIA, EMPURRANDO CADA UM A EXPRIMIR O SEU AMOR FRATERNO, A SUA CORTESIA, A SUA PACIÊNCIA, A

SUA DOÇURA, A SUA BOA VONTADE; SE TUDO ISSO FOR VERDADEIRAMENTE UMA ESCOLHA VIVIDA E NÃO APENAS BLUFF, A TODOS OS NÍVEIS DE ATIVIDADE.» (Leitura 3976-16)

Se isso se realizar (e as provas do fim do século obrigarão as pessoas a isso... serão feitas para isso!), pode esperar-se tudo:

«ENTÃO NASCERÁ A AURORA DE UM MUNDO NOVO, CARACTERIZADO POR TODAS AS FORMAS DE MÚTUA AJUDA E DE ESPERANÇA; E ISSO NA VIDA QUOTIDIANA, NA FAMÍLIA, NOS ESTADOS, NAS CIDADES, NAS NAÇÕES.» (mesma leitura)

Cayce está portanto absolutamente seguro de que vamos ver chegar a paz universal. Como dizia a «Senhora de todos os povos» em Amesterdão:

«Todos os povos reunidos numa só comunidade, é para isso que este mundo e este tempo devem trabalhar, assim como o anunciei muitas vezes.» (Op. cit., p. 187)

É o que diz Cayce:

«COMO O ESPÍRITO DE DEUS VEIO TRAZER UM DIA A PAZ E A HARMONIA NO CAOS, ASSIM ELE DEVE VIR SOBRE A TERRA E BRILHAR NOS ESPÍRITOS E NAS ALMAS DOS HOMENS — TRAZENDO-LHES A PAZ, A HARMONIA, A COMPREENSÃO.» (Leitura 3976-8)

Essa paz universal, quando virá?

Cayce vê-a chegar ao mesmo tempo que «O REGRESSO DE CRISTO QUE DEVE SER ACOMPANHADO POR UM REGRESSO DO ESPÍRITO DE DEUS», como mostra a leitura acima. Ao longo das aparições de Amesterdão, «a Senhora de todos os povos» (op. cit.) tinha explicado à vidente que:

«Este tempo é semelhante àquele que precedeu a vinda do Filho.»

Recordamo-nos de que a «vinda do Filho», há 2 000 anos, tinha sido seguida pela «vinda do Espírito», aquando do Batismo de Jesus no Jordão sob a forma de pomba e aquando do Pentecostes, após a partida de Jesus. Na leitura acima, Cayce evoca o regresso do Espírito que deve ir a par com o regresso do Filho: todos estes acontecimentos coincidem com a paz universal. Retomo outras passagens da mensagem da «Senhora de todos os povos», em Amesterdão a 31 de maio de 1955:

«Não saberia dizê-lo suficientemente ao mundo; ide ao Espírito Santo neste tempo. O Reino de Deus está mais próximo do que alguma vez esteve. Disse: "Sabeis bem, povos, o que estas palavras cobriam? Sabeis bem, povos, que sois responsáveis? (...) Vós, povos, peço-vos, escutai bem: nunca a Mãe de Deus vos suplicou assim (...): implorai o Pai, o Filho, o Espírito Santo, a fim de que vos protejam" (...)»

«É à unidade que o Seu povo deve chegar. A unidade, e, acima da unidade, a Senhora de todos os povos. Uma comunidade de povos. Insisto nesta palavra: uma comunidade. (...) Constantemente, de forma velada, anunciei este tempo. Pois bem, povos, ESTE TEMPO CHEGOU.»

Todas as profecias insistem na sequência: grandes mudanças - regresso de Cristo - paz universal. Santa Hildegarda de Bingen, no século XII, dizia:

«Esta paz do mundo, antes dos últimos tempos, tinha sido simbolicamente figurada pela que precedeu o primeiro advento do Filho de Deus (...). Nesses dias de bênção derramar-se-ão sobre a Terra as mais doces nuvens; cobri-la-ão de verdura e de frutos, porque os homens entregar-se-ão então a todos os

deveres de justiça, enquanto, nos dias anteriores, tão desolados pelos costumes perversos do mundo, os elementos, violentados pelos pecados dos homens, tinham estado na impotência de nada produzir de bom.»

Hildegarda de Bingen, ecologista antes do tempo, música, foi uma das grandes mulheres-médicas do Ocidente. (Deve-se-lhe, entre outras coisas, o uso da Arnica montana, planta de que analisou as propriedades notáveis.) Tinha, pois, predito que aquando dos «Grandes Acontecimentos» a Terra seria devastada pela perversidade dos homens. A primeira coisa que vê regressar com a paz... é o desabrochar da Natureza, que ela tanto amava. Esta mulher excecional foi conselheira de um grande número de reis, de imperadores, de papas. Tinha tanto génio em política como em botânica e em música! Descreve a atitude dos grandes deste tempo vindouro:

«Os príncipes rivalizarão em zelo com o seu povo para fazer reinar por todo o lado a lei de Deus, Eles proibirão o uso das armas de guerra.»

Portanto, um desarmamento efetivo. A ideia está no ar: fala-se dela, mas não se aplica ainda. Santa Hildegarda de Bingen acreditava nisso...

Os videntes europeus que anunciam a paz anunciaram muito frequentemente que ela viria — para a França e a Alemanha em particular, e para a Europa de Oeste em geral — por intermédio do Grande Monarca. (Não só a paz interior, mas a paz internacional.) A Europa far-se-á pelo Grande Monarca!

A Madre du Bourg em Limoges, no século XIX, profetizava:

«O seu destino é reparar e regenerar (...). Todos os povos abençoarão o reinado do príncipe Dieudonné.»

A profecia de Noël Olivarius, no século XVI, diz:

«Ele regulará os destinos do mundo, fazendo-se o conselho soberano de toda a nação e de todo o povo [119].»

A profecia do abade Mattay, pároco de Saint-Méen, de quem falamos, precisa:

«Viverá muito velho, e a França será feliz sob o seu reinado. Virá no momento em que menos se esperar.»

Por outras palavras, sob o seu reinado, toda a Europa, isto é, o antigo Império romano, estará em paz. Finalmente!

A profecia da abadia de Prémol, perto de Grenoble:

«Vi vir do Oriente um jovem homem notável, montado num leão. Tinha uma espada fulminante na mão. O galo cantava diante dele! À sua passagem todos os povos se inclinavam, pois o Espírito de Deus estava nele. Veio também sobre as ruínas de Sião e colocou as mãos nas mãos do Pontífice. Chamaram todos os povos, que acorreram. Disseram-lhes: "Não sereis felizes e fortes senão unidos num mesmo amor."»

Esta profecia traz-nos a outra face essencial da paz universal: a paz religiosa, que veremos um pouco mais adiante. Ter-se-ia tido torto em não acreditar nisso: todas as profecias, todas, anunciam esta época de paz universal! Assim o afirma Nossa-Senhora-de-La-Salette:

«Então far-se-á a paz, a reconciliação de Deus com os homens. Jesus Cristo será servido, adorado e glorificado; a caridade florirá por todo o lado.»

Mas ficando os ouvintes de Cayce céticos, responde-lhes:

«DIZEIS QUE É IRREALIZÁVEL? MAS O QUE CAUSOU AS PERTURBAÇÕES ATUAIS, NÃO SÓ ENTRE NÓS MAS AINDA NO ESTRANGEIRO? É QUE SE PÔS EM PRÁTICA O QUE TINHA SIDO PEDIDO HÁ ALGUNS MILHARES DE ANOS: "ONDE ESTÁ O TEU IRMÃO? O SEU SANGUE GRITA PARA MIM DESDE A TERRA." E A OUTRA PARTE DO MUNDO NÃO RESPONDEU, NÃO RESPONDE: "SOU EU O GUARDA DO MEU IRMÃO?"» (mesma leitura)

Cayce faz alusão aqui a um episódio bíblico que aprecia, o assassinato de Abel por Caim, que se defende de toda a responsabilidade estimando que não é «O GUARDA DO SEU IRMÃO». O versículo bíblico «O SANGUE DO TEU IRMÃO GRITA PARA MIM» traduz o descontentamento de Deus perante qualquer disputa sangrenta. Há uma espécie de química misteriosa entre o sangue humano e a própria Terra, que absorve com este todas as vibrações negativas dos dramas atrozes que dividem a humanidade... Se a humanidade não reagir, a Terra revoltar-se-á contra estes bípedes parasitas que a atormentam: daí as violentas catástrofes geológicas. E contudo parece, segundo Cayce e os outros profetas, que a humanidade poderia chegar à paz evitando a maior parte das catástrofes... Em Kérizinen, a 18 de fevereiro de 1961, o Sagrado Coração tinha ditado à vidente:

«Chamo-Me Amor e estou cheio de misericórdia. É-Me difícil revelar-Me, porque as almas recusam as revelações do Meu Amor. Não Me canso de esperar, mas sofro infinitamente. Não espero a confiança do mundo senão para lhe atirar os Meus perdões a mãos cheias.»

O perdão de Deus trará de volta a paz...

Abeille Guichard, a tradutora das Cartas de Christopher, de Christopher Tristram, que é uma amiga da nossa associação, recebeu a 28 de maio de 1987 a mensagem que se segue:

«PAZ, para sempre Paz, mais do que nunca, urgente e necessária. Desejada por todos, mas bem pouco praticada por cada um desses todos. (...) É preciso senti-la cada vez que for possível; na Natureza, sobretudo para o fim da tarde ou no fundo da Noite. Ou ainda junto de crianças. Ou com um Amigo muito querido, comunhão de espírito, rara e tanto mais apreciável. Algumas igrejas velhas estão impregnadas dela, dados os séculos de orações que contêm nos seus flancos... E quando Conversamos, tu e Eu... Paz de Deus, paz do Coração. Inefável... Dou-te a Minha, como sempre. Sente-a e espalha-a. Tantas pessoas têm o coração angustiado, frequentemente tão inutilmente, infelizmente: falta de Fé e confiança no Pai, Que as ama e vela por elas melhor do que sabem fazer elas próprias!...»

A paz em cada nação

Já vimos as profecias de Cayce sobre o futuro da Rússia, que deve tornar-se um dos grandes líderes espirituais do mundo — após o comunismo. A «Senhora de todos os povos» faz eco disso: «Na Rússia produzir-se-á uma grande perturbação» (op. cit., p. 143, 31 de dezembro de 1951). A mensagem de Fátima de 13 de julho de 1917 já tinha dito:

«A Rússia converter-se-á, e um tempo de paz será dado ao mundo.»

Cayce vê também, após estes acontecimentos, um renascimento para certos países do Extremo Oriente:

Senhor Cayce, fale-nos da situação na China e no Japão.

«ELA FALA POR SI MESMA, DO QUE ACONTECEU E ESTÁ A ACONTECER. NÃO SE DEVE CRER QUE A FORÇA PREVALECE SOBRE O DIREITO, MAS UM DIA OS PRINCÍPIOS DA FÉ CRISTÃ IMPOR-SE-ÃO, ATRAVÉS DAS TEMPESTADES QUE CONHECEM AO

MESMO TEMPO A CHINA E O JAPÃO. PURIFICAÇÕES, VARREDURAS SÃO NECESSÁRIAS, SENÃO APENAS A TRADIÇÃO SOBREVIVERÁ ÀS DESTRUIÇÕES. POIS É ATRAVÉS DESTAS PURGAS QUE A FORÇA E A BELEZA DE CADA UM DESTES DOIS PAÍSES RESSAIRÃO. (...)» (Leitura 3976-19, 24 de junho de 1938)

Tive muita dificuldade em traduzir aqui a resposta de Cayce: «FOR WITHOUT THOSE CLEANSINGS AND PURIFYINGS, TRADITION ALONE MAY NOT BE DESTROYED.» Se bem compreendi, a China e o Japão devem passar por mega-purificações, senão nada restaria deles... nada senão uma recordação: a tradição de que existiam outrora dois grandes países com esse nome!

Na leitura 1598-2, de 29 de maio de 1938, Cayce fala de:

«A CHINA, QUE PARTIRÁ DE NOVO À CONQUISTA DE SI MESMA; E, ESSE MOMENTO, JÁ NÃO HAVERÁ INTERFERÊNCIAS DO EXTERIOR.»

Esta profecia realizou-se, a China com efeito tomou-se de novo em mãos, e já não deixa os países estrangeiros interferir no que lhe diz respeito.

Noutra leitura, a 24 de janeiro de 1925, Cayce tinha falado espontaneamente da China, para o consulente Mr. (900), anunciando a revolução cultural:

«ATRAVESSAM MOMENTOS TERRÍVEIS NA CHINA À HORA ATUAL. NA MANCHÚRIA, INUNDAÇÕES E INCÊNDIOS AO MESMO TEMPO. MUITAS PESSOAS PASSAM PARA O OUTRO MUNDO. ESTAS ENTIDADES SÃO CONDUZIDAS A OCUPAR A POSIÇÃO QUE CORRESPONDE AO SEU MEIO ENVOLVENTE QUANDO ESTAVAM SOBRE A TERRA NA ENCARNAÇÃO PRESENTE. ESTES PROBLEMAS NASCEM DESTE GRANDE MAL-ESTAR NA CONSCIÊNCIA DE

MUITAS PESSOAS. ISSO TRAERÁ A REVOLUÇÃO NOS ESPÍRITOS. (...) É ISSO QUE PODERÁ TRAZER UMA TOMADA DE CONSCIÊNCIA MUNDIAL. DAÍ O FACTO DE MUITOS HOMENS PODEREM, GRAÇAS A ISSO, DEIXAR O MUNDO FÍSICO, E DEPOIS DE NOVO MANIFESTAR-SE NELE DIANTE DOS HOMENS.»

Por outras palavras, todas essas pessoas — as vítimas das catástrofes da Manchúria —, tendo feito uma tomada de consciência na sua encarnação chinesa, vão poder reencarnar utilmente. É verdade que encontro em Paris muitas pessoas muito evoluídas espiritualmente, que vêm de uma encarnação chinesa recente! Temos em França toda uma tradição de notáveis sinólogos, por exemplo no Instituto Ricci; ou ainda o sucesso imenso do «Yi-King» traduzido por Etienne Perrot.

Passemos agora à Inglaterra. Após dramáticos acontecimentos (pois, segundo as profecias, não escapará mais do que nós à guerra civil, à fome e aos cataclismos geológicos), ela sair-se-á bem:

Fale-nos da situação interior na Grã-Bretanha e das suas relações com as suas colónias.

«HÁ AÍ UM EQUILÍBRIO; É UMA POTÊNCIA QUE CONTRIBUI PARA O EQUILÍBRIO NA EUROPA TANTO COMO NO EXTREMO ORIENTE. E QUANDO SE COMEÇAR A ESTABELECER INSTITUIÇÕES RESPEITADORAS DE TODOS OS HOMENS, QUALQUER QUE SEJA O SEU ESTÁGIO DE EVOLUÇÃO, ESTA POTÊNCIA SERÁ MUITO MAIS CAPAZ AINDA DE CONTROLAR O MUNDO PARA AÍ MANTER A PAZ.» (Leitura 3976-19)

As profecias que falam do renascimento da Inglaterra são bastante numerosas. Não cito aqui senão algumas, para pôr em valor as de Cayce:

«Muitos protestantes virão consolar os filhos de Deus pelo seu regresso ao Cristianismo, e a própria Inglaterra dará um belo espetáculo», dizia a irmã Rosa-Colomba Asdente, no início do século XIX.

«Tenho a certeza de que a Igreja de Inglaterra retomará o seu antigo esplendor», dizia o santo pároco de Ars.

Após terríveis provas, a Inglaterra reencontrará a paz e, apaziguadas todas as disputas, juntar-se-á às outras nações na «religião universal», de que vamos falar no capítulo seguinte.

Quanto à Itália, o seu caso complica-se pelo facto de ser a sede da organização católica. Como o fim do século corre o risco de ser agitado no plano religioso, numerosas profecias anunciam os males de Roma:

«Ai de ti, cidade das sete colinas, quando nas tuas muralhas ressoarem os louvores da letra K»

diz a profecia de Richard de Toussaint, conservada no Tesouro do Monte Saint-Michel, e que data de 1622. (Trata-se do papa atual, que se chama Karol Wojtyla?)

O papa Pio X tinha tido uma visão em que via um dos seus sucessores:

«deixar Roma e, para sair do Vaticano, dever passar sobre o cadáver dos seus padres».

Hélène de Wallraff, profetisa do século XVII em Colónia, dizia:

«Um papa fugitivo, seguido apenas por quatro cardeais, virá refugiar-se em Colónia.»

Etc. Todas estas predições, descrevendo uma horrível guerra ao mesmo tempo civil e religiosa em Itália, terminam com uma perspetiva de restauração no trono de Pedro de um «Grande Pontífice», amigo do «Grande Monarca».

Marie-Julie Jahenny, e não é a única, vê:

«um rei cristão colocado na terra de Itália».

E que após:

«o ano terrível (...) haverá a paz» (op. cit., p. 207).

Parece que o Grande Monarca, «Aquele que o exílio reserva», «marchará sobre a Cidade Eterna, com os bravos combatentes que o tiverem assistido», e trará de volta a paz — tanto civil como religiosa. Roma, a Cidade Eterna, terá mais uma vez sobrevivido a todas as catástrofes! Terá mais uma vez merecido o seu sobrenome!

3

A RELIGIÃO UNIVERSAL

Deus é menos sectário do que se julga...

As dissensões religiosas, diz Cayce, têm como origem primeira o gosto pervertido do poder:

«NO PRINCÍPIO EXISTIA O CAOS. QUANDO FOI CRIADA A TERRA, E QUE O ESPÍRITO DE DEUS VEIO SOBRE A FACE DA TERRA, DO CAOS SURGIU O MUNDO — COM A BELEZA DAS SUAS FORMAS NATURAIS, ISTO É, A NATUREZA. QUANDO O HOMEM VEIO AO MUNDO, CERTA PERSONALIDADES HUMANAS, CERTO INDIVÍDUOS, COMEÇARAM A PROCURAR OS MEIOS DE SUBMETER A TERRA. E O HOMEM — É A SUA INCLINAÇÃO

NATURAL — NÃO SÓ TENTOU SUBMETER A TERRA MAS TAMBÉM SUBMETER OS SEUS PRÓXIMOS; DAÍ RESULTARAM DIVERGÊNCIAS DE PENSAMENTO, A DIFERENCIAÇÃO EM SEITAS, EM CLASSES SOCIAIS, EM PARTIDOS, EM RAÇAS.» (Leitura 3976-8)

Tudo isso vinha de uma falta de imaginação. Mais exatamente, a incapacidade da mente humana em conceber as mil e uma facetas de Deus, a Sua multiplicidade, a Sua diversidade. Esta reflete-se na diversidade das ideias, dos costumes e dos tipos humanos. «Aqueles que não pensam como eu não pensam bem»: tal é o raciocínio do ditador... Esta falta de imaginação explica:

«AS TENTATIVAS FEITAS POR CERTO LÍDERES, POR CERTO PARTIDOS, PARA CONSTRANGER PELA FORÇA UMA PARTE DO MUNDO A PENSAR COMO ELES.» (mesma leitura)

Assim o gosto do poder, agravado pela falta de imaginação, fez com que certos quisessem:

«FORÇAR GRUPOS HUMANOS DIFERENTES A HABITAR JUNTOS FRATERNAMENTE, EM TODA A SIMPATIA, SEGUNDO OS MESMOS CRITÉRIOS APLICADOS A TODOS.» (mesma leitura)

Deus é muito menos sectário do que se julga:

«ONDE O SAPATO APERTA — DESDE O PRIMEIRA DOS SACRIFÍCIOS ANTIGOS ONDE SE DISPUTAVA PARA SABER COMO O OFERECER — É QUE HÁ SEMPRE ALGUÉM PARA INSTITUIR UM REGULAMENTO OBRIGATÓRIO PERMITINDO JULGAR TODO O MUNDO. ORA O VERDADEIRO REGULAMENTO É E DEVERIA SER SEMPRE: "ESCUTA, Ó ISRAEL, O SENHOR TEU DEUS É UM."» (Leitura 3976-23)

A liberdade religiosa é a mais fundamental de todas

A tentação permanece sempre grande de perseguir aqueles que não têm a mesma visão religiosa. E se Cayce o repete, em 1939, é porque era atual nesse ano (e ainda o é!):

«ASSIM, CADA UM DE VÓS AQUI DEVE DAR A DEUS UMA OPORTUNIDADE DE CONCRETIZAR AS GRANDES BÊNÇÃOS QUE RESERVA ÀQUELES QUE O AMAM. ISSO NÃO QUER DIZER QUE VÓS, OU QUEM QUER QUE SEJA, DEVAM JULGAR-SE AUTORIZADOS A PERSEGUIR QUEM QUER QUE SEJA, ONDE QUER QUE SEJA.» (mesma leitura)

A liberdade religiosa é uma das mais fundamentais. Está longe de ser respeitada no conjunto do mundo atual:

«NA PRÓPRIA NATUREZA DE UMA NAÇÃO, DE UM POVO, HÁ PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS SOBRE OS QUAIS SE DEVEM FUNDAR A VIDA ECONÓMICA E A ALMA DESTA NAÇÃO, E ISSO, SI SE QUER QUE ESTA NAÇÃO POSSA GARANTIR A TODA A ALMA VIVENTE ESTE DIREITO ELEMENTAR: A LIBERDADE DE TESTEMUNHAR, ENQUANTO INDIVÍDUO, A SUA ADORAÇÃO PARA COM O SEU CRIADOR.» (Leitura 3976-14)

As nações que não respeitam esta liberdade são as que se encontram em pior estado... Nunca agradecemos o suficiente nas nossas orações por ter a oportunidade de habitar na Europa de Oeste, um dos raros, raríssimos! cantos do mundo onde esta liberdade seja respeitada. É de temer que se não soubermos agradecer e apreciar esta oportunidade, ela nos seja retirada...

Cayce vai mais longe ainda, considera que a falta de respeito pelas liberdades religiosas cria todas as perturbações políticas, sociais e económicas:

«POIS A PRIMEIRA LEI DADA AO HOMEM DESDE O PRINCÍPIO FOI: "NÃO TERÁS OUTRO DEUS ALÉM DE MIM!" QUANDO O HOMEM CONTRAVEIO A ESTA LEI, PRIVOU OS OUTROS DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO A QUE TINHAM DIREITO DE NASCENÇA. E FOI DAÍ QUE VEIO TODO ESTE MAL, ESTAS INFLUÊNCIAS MALÉFICAS SOBRE A TERRA: ÓDIOS, INVEJAS, GANÂNCIA, ETC. FOI ISSO QUE CRIOU ESTAS CHAGAS SOCIAIS, VISÍVEIS EM TODAS AS CLASSES: A CORRIDA AO PODER, A AMBIÇÃO, O AMOR AO DINHEIRO...» (mesma leitura)

O mundo atual, diz Cayce (a 15 de janeiro de 1932), começa a dar-se conta de que o fanatismo e a ditadura dão fracos resultados:

«NAS CONDICÕES ATUAIS PORTANTO, A FAMÍLIA HUMANA NO SEU CONJUNTO CHEGA A UM ESTÁGIO DE DESENVOLVIMENTO ONDE DEVE REFLETIR. TODOS DEVEM CONCORDAR COM O FACTO DE QUE, NESTAS PERTURBAÇÕES PROVOCADAS PELOS PROBLEMAS DE SOCIEDADE, PELAS DIFERENÇAS SOCIAIS, A RELAÇÃO DO HOMEM AO SEU CRIADOR, ISTO É, AO SEU DEUS, E AOS SEUS IRMÃOS HUMANOS DEVE ORIENTAR-SE NUMA OUTRA PERSPETIVA, BASEANDO-SE NUM TERRENO DE ENTENDIMENTO COMUM.» (mesma leitura)

Este movimento, iniciado apenas no tempo de Cayce, traduz-se hoje pelo ecumenismo, isto é, encontros ao mais alto nível entre os responsáveis das diferentes religiões mundiais, e por movimentos espirituais que se dirigem a todos, sem distinção de religião. É aliás esta abertura planetária que faz a atração destes movimentos, o seu charme. Uma vez que se tenha experimentado, já não se suportam os meios fanáticos, intolerantes, compartimentados...

Reencontrei este espírito de fraternidade universal nos movimentos ecológicos em França nos seus inícios, inspirados

por ideais verdadeiramente fraternos. E igualmente em número de pequenos círculos parisienses e provinciais, quando o nível espiritual é de qualidade. Em de Lourdes também (onde o sofrimento obriga muitos doentes a ultrapassar os seus preconceitos), em San Damiano, etc. Vi em Inglaterra, em Itália, em França, na Suíça, nos Estados Unidos muitos destes meios onde se faz um real esforço para «ENCONTRAR UM TERRENO DE ENTENDIMENTO COMUM».

A primeira vez na minha vida que encontrei este maravilhoso ambiente fraterno, este antegosto do que veremos na Era do Aquário, foi na abadia de Toumliline em Marrocos. Os beneditinos tinham ali organizado uma universidade de Verão, e tinham sabido criar um ambiente caloroso, acolhedor para todos, católicos e não-católicos. Encontrei ali muitos estudantes muçulmanos, judeus, protestantes... mesmo budistas!

Não se lhes pedia absolutamente nada para mudarem de religião, ninguém procurava «convertê-los». O objetivo era antes fazer germinar uma tomada de consciência, um sentimento profundo de fraternidade humana e de filiação a um mesmo Pai. Foi muito bem-sucedido. O padre abade, Don Denys Martin, e os seus monges eram homens que tinham vivido muito no mundo; tinham ultrapassado todo o sectarismo para não reter senão a bondade.

As discussões sobre a descolonização iam de vento em popa, mas na cortesia e na amizade. Era talvez, no Norte de África, um dos únicos lugares onde «pieds-noirs», e cooperantes de esquerda (chamados na época «pieds-rouges»), argelinos de direita e de esquerda, palestinianos e judeus reencontravam entre si um diálogo. Vi na América igualmente grupos muito fraternos; mas esbarravam quase todos nos problemas do racismo. Enquanto em Toumliline se viam de todas as cores

(homens e mulheres!), e não se ligava absolutamente nada a isso. O ambiente propiciava isso: o próprio Marrocos é um país multicolor, onde coexistia esta bela diversidade. Os meus alunos marroquinos, em cada turma, iam do «loiro-olho-azul» dos Fassis e dos Berberes da montanha até ao negro de ébano dos Saarauis. E então? Em Toumliline, isso não impedia absolutamente nada a amizade, a troca, o amor... Não imaginava de todo, nessa época, que se pudesse ter medo de um homem porque é negro, como vi mais tarde noutros lugares. Toumliline durou apenas um tempo. Foi uma experiência francesa, única no seu género, soberba, demasiado à frente da sua época...

Não confundir ideia e ideal

Em Toumliline, as pessoas não tinham as mesmas ideias. Mas aceitavam falar-se, sorrir-se, trabalhar juntas — porque tinham o mesmo ideal —, mesmo que não empregassem as mesmas palavras para o exprimir. É preciso partir do ideal antes de partir da ideia: as ideias dividem, os ideais reúnem (se forem suficientemente elevados):

«O MUNDO MQUANTO "MUNDO" (no sentido em que o Evangelho emprega esta palavra: "o mundo não me recebeu"), QUE FAZ TUDO O QUE É PRECISO PARA PROVOCAR RUPTURA E DESCONTENTAMENTO, PERDEU O SEU IDEAL. OS HOMENS PODEM NÃO TER AS MESMAS IDEIAS. MAS TODOS OS HOMENS PODEM TER O MESMO IDEAL.» (Leitura 3976-8)

Segundo Cayce, confundiu-se «ideia» e «ideal». As ideias pertencem à atividade mental, enquanto «o ideal» é no fundo um desejo da alma, do corpo espiritual. Pode-se — ser necessário um dia! — ter um mesmo ideal, apesar de ideias diferentes. Foi esta confusão que gerou as guerras de Religião e os conflitos ideológicos. Chegar-se-á lá na Era do Aquário:

«PODERÃO ENTÃO HABITAR TODOS JUNTOS NESTA PAZ, NESTA HARMONIA, QUE NÃO SE ENCONTRA SENÃO ONDE TODOS TÊM O MESMO IDEAL — MAS NÃO FORÇOSAMENTE A MESMA IDEIA!» (mesma leitura)

Regresso à Lei de Um

Para Cayce, é a «Lei de Um», antiga religião da Atlântida, que deve prevalecer. Porquê? Porque é a religião do Deus Único, que foi estabelecida na Atlântida pelo próprio Cristo Cósmico, quando Nela Encarnou (ver L'Univers d'Edgar Cayce, tomo I). Esta religião foi depois transmitida ao antigo Egito, aos Druidas, à Pérsia de Zoroastro, a Moisés, à Grécia antiga, a Roma... E é exatamente, diz Cayce, aquela que Jesus ensinou. É a «Lei de amor» crística:

«QUE CADA UM DE VÓS SE VOLTE PARA A LEI DE AMOR. E AME O SEU VIZINHO COMO A SI MESMO.» (Leitura 3976-23)

Para Cayce, as outras religiões do mundo, budismo, islão, hinduísmo, etc., são versões, adaptadas a cada país, da famosa «Lei de Um». E aqueles que vão até ao fim, que aprofundam a sua religião, vivendo-a com exigência, falam a mesma linguagem no mundo inteiro, porque se ligaram ao Deus único — o único que existe. Deus é o mesmo para todos os povos, todos os lugares e todos os tempos, como repete Cayce:

«COMO TINHA DITO AOS ANTIGOS: "ELE É O MESMO ONTEM, HOJE E PARA SEMPRE."»

E Cayce termina a última leitura da série 3976 por:

«APLICA NA TUA PRÓPRIA VIDA A VERDADE. O QUE É A VERDADE? (...) É "AMARÁS O SENHOR TEU DEUS DE TODO O TEU CORAÇÃO, DE TODA A TUA ALMA, DE TODO O TEU CORPO. E O TEU VIZINHO COMO A TI MESMO". TUDO O RESTO, TODAS

ESTAS TEORIAS QUE FORAM CONCOCTADAS PELO HOMEM NÃO SÃO NADA.»

Este lembrete dos elementos de base da lei de Cristo, isto é, a «Lei de Um», permite compreender por que motivo em parte alguma Cayce prediz a vitória final desta ou daquela «RELIGIÃO EM "ISMO"» (é a sua expressão). O problema já não se porá se cada homem ou mulher viver a fundo o primeiro dos mandamentos, que resume por si só todos os outros:

«E SE CADA HOMEM E MULHER SE VOLTASSE PARA DEUS, JÁ NÃO HAVERIA NENHUM DESTES PROBLEMAS.» (Leitura 3976-23)

Como os videntes do antigo mundo veem a religião da Era do Aquário

Não faltam profecias sobre este assunto... Mas a maioria dos místicos e videntes falam como se estivessem persuadidos de que a sua religião vai «triunfar». Os videntes católicos falam todos da «conversão» dos judeus, dos muçulmanos, dos protestantes, dos anglicanos, dos budistas, como se estes estivessem de qualquer modo e indiscutivelmente «no erro»... É preciso compreender que era impossível, para um místico católico dos séculos passados, dizer: «Todas as religiões vão juntar-se.»

Viu-se aliás bem isso com a profecia de La Salette, onde a Virgem critica asperamente a atitude dos padres. Embora esta profecia tenha sido oficialmente reconhecida, já não se ousa falar dela, e a principal vidente, Mélanie Calvat, foi muito perseguida. Fico sempre surpreendida ao ver quão poucos católicos a conhecem. Quando lhes repito os termos (ver no fim do livro), ficam terrivelmente chocados, e pensam que os inventei. E quando lhes leio o texto (oficial, recordemo-lo), recusam ostensivamente escutar! No santuário de La Salette,

não o pude obter — «Já não temos», disseram-me!... Muitas outras aparições marianas ou crísticas retomam os reparos de Maria em La Salette: são muito raramente difundidos (contrariamente ao que é pedido de cada vez). Quanto às outras religiões irmãs, atravessam crises comparáveis. As autoridades do protestantismo, do judaísmo, do islão conhecem os mesmos conflitos internos, as mesmas interrogações, enfrentam os mesmos fatores de desagregação.

À força de ler profecia sobre profecia — e isto desde há anos! —, cheguei à convicção de que «o Grande Monarca» não restabelecerá o Antigo Regime, tal como «o Grande Pontífice» não restabelecerá as Cruzadas. Os monárquicos correm o risco de ficar desiludidos se projetarem sobre o futuro um modelo do passado. A História repete-se, é verdade, constata-se isso. Mas repete-se em espiral: não se regressa exatamente ao mesmo lugar, regressa-se um pouco acima (ou abaixo).

Tudo o que se nos diz da Era do Aquário é incompatível com os preconceitos, os egoísmos ferozes que mancharam estas duas instituições, a Realeza e a Igreja. Este rei futuro, que regressará de longe após incríveis provas, não poderá impor à Era do Aquário o arbítrio e o absolutismo que perderam o Antigo Regime. Do mesmo modo para as Igrejas cristãs: a sua única oportunidade de sobrevivência é purificarem-se regressando às fontes; o que as tornará necessariamente mais tolerantes, e permitirá a estas diferentes religiões entenderem-se entre si (a condição de que todas passem pelo mesmo processo de purificação).

O regresso à unidade religiosa mundial não deixa dúvidas para os videntes e os místicos europeus:

«A religião voltará a florir e os povos regressarão à felicidade dos primeiros séculos; os cristãos viverão como irmãos.» (Marie des Terreaux, ou des Brotteaux, em Lião)

«Vejo em Deus uma assembleia numerosa dos ministros da Igreja (...) que restabelecerá a sua antiga disciplina (...).»

É o regresso do Cristo Cósmico — e de Maria — que colocará todo o mundo de acordo!

4

O REGRESSO DO CRISTO CÓSMICO E DE MARIA

Um sonho distante?

A educação religiosa que se nos dava outrora — quero dizer em França, há trinta ou quarenta anos — não punha particularmente o acento no regresso de Cristo. Ao dizer «venha a Nós o Vosso reino» no Pai Nosso, chamava-se com os seus desejos algo de grandioso, mas que parecia muito distante. O «reino de Deus» sobre a Terra estava associado, para os catequistas, ao Juízo Final. Tinha julgado compreender que isso não era muito urgente: parecia-me que se tinham montões de grandes maus problemas para resolver antes que «venha a Nós o Vosso reino»! À reflexão, ou antes à leitura de Cayce, mudei de opinião.

Esta segunda vinda do Cristo Cósmico, ele fala dela todo o tempo, e diz que é para muito em breve. Bem. Não sou contra... Se em novembro lhe disserem: «O Pai Natal é para já!», não vai de modo nenhum recusar sob o pretexto de que o esperava no fim de dezembro?

Nos Estados Unidos, fiquei muito espantada ao ver todos estes grupos espirituais e estas Igrejas cristãs que não lhe falavam senão da «Segunda Vinda».

Será o ópio de um povo que precisa de sonhar porque a sua vida quotidiana se tornou difícil? O «Segundo Advento», muito prático..., resolveria finalmente todos estes problemas de civilização inextricáveis: poluição, violência, desemprego, racismo, cancro, sida, etc. Bastaria que Cristo, barbudo como Fidel Castro, aparecesse na sua pequena nuvem rosa para que todo o mundo se abraçasse? E para que tudo se arranjasse? Que maravilha...

Mas não é bem isso que diz Cayce. Segundo ele, este acontecimento planetário tem de se merecer. Cristo não regressará senão se a humanidade estiver pronta para o acolher.

Cada um de nós deve trabalhar para este acontecimento

Parece que estamos todos interessados:

«A QUESTÃO NÃO É: "A QUE É QUE TENHO DIREITO NESTE MUNDO?" MAS (...): "QUE POSSO FAZER PARA APRESSAR O DIA DO SENHOR?"» (Leitura 3976-22)

«O DIA DO SENHOR» é outra expressão bíblico-cayceana para descrever este muitíssimo grande acontecimento esperado tanto pelos cristãos como pelos judeus e pelos muçulmanos. Resposta:

«CONSAGRANDO-VOS COM TODAS AS VOSSAS FORÇAS, COM TODOS OS VOSSOS MEIOS, COM TODA A VOSSA INTELIGÊNCIA A ESPALHAR A SUA MENSAGEM SOBRE A TERRA!» (mesma leitura)

Segundo Cayce, todos aqueles cuja «VIDA QUOTIDIANA» está cheia «DE ESPÍRITO CRÍTICO, DE CONDENAÇÃO, DE ÓDIO, DE INVEJA» atrasam este regresso do Senhor. Mas:

«SE DEIXAREM O ESPÍRITO DE PAZ MANIFESTAR A SUA POTÊNCIA, O PRÍNCIPE DA PAZ, O AMOR DIVINO MANIFESTAR-SE-ÃO. SE REFLETISREM SOBRE A MANEIRA, SOBRE OS MEIOS DE ENFRENTAR E DE VENCER AS FORÇAS DE DESTRUIÇÃO, CONTRIBUEM ASSIM PARA A VINDA DO SENHOR SOBRE O MUNDO.» (Leitura 3976-23)

Vê-se bem que não invento: Cayce acredita nisso. Continua:

«EM EFECTO, É UMA PROMESSA: NOS ÚLTIMOS DIAS, OS HOMENS — ONDE QUER QUE ESTEJAM — NÃO TERÃO NO FUNDO DO CORAÇÃO SENÃO ESTE ÚNICO FIM!» (mesma leitura)

Não é ainda o que se passa atualmente (em 1991). Provavelmente os homens não sofreram ainda o suficiente para desejar este acontecimento! Por enquanto, pensam noutra coisa. O nariz ao rés das margaridas, ruminam as suas preocupações quotidianas. Mas há os falsos, visados aqui:

«CUIDADO COM AQUELES QUE FIZEREM PROFISSÃO DE CRER NUMA COISA, E VIVEM DE OUTRA FORMA: CUIDADO COM AQUELES QUE TENTAREM DESVIAR EM SEU PROVEITO O QUE LHES FOI DADO (Isto é, estes ensinamentos espirituais.). OS POVOS QUE TINHAM RECEBIDO OS SEUS ENSINAMENTOS FIZERAM A EXPERIÊNCIA DISSO.» (Leitura 3976-25)

Cayce evoca o povo judeu que tinha recebido desde há muito tempo esta promessa do regresso de Cristo, acompanhada de avisos àqueles que não a tomassem a sério:

«NA ANTIGUIDADE, ENQUANTO O HOMEM AO DESENVOLVER-SE PROCURAVA COMPREENDER A SUA RELAÇÃO

AO SEU CRIADOR, AVISOS REPETIDOS LHES FORAM DADOS.» (mesma leitura)

Mas o homem é duro de ouvidos...

«DEPOIS VEIO UM TEMPO EM QUE A MENSAGEM DADA AO HOMEM FOI A SEGUINTE: QUE JÁ NÃO ADORE O SEU DEUS EM TAL TEMPLO OU SOBRE TAL MONTANHA, MAS QUE O ADORE SEGUNDO A LEI ESCRITA NO SEU CORAÇÃO ASSIM OS VELHOS PODERIAM INTERPRETAR OS SEUS SONHOS, OS JOVENS HOMENS PODERIAM TER VISÕES E AS JOVENS RA PARIGAS PODERIAM ANUNCIAR QUE O DIA DO SENHOR SE TORNAVA POSSÍVEL.» (mesma leitura)

Esta referência bíblica (Atos, II, 17 [120]), que Cayce parafraseia muito frequentemente, é dada como um sinal característico do «Fim dos Tempos» que precederá o regresso do Senhor. Quando animo oficinas de leitura de aura, de leitura de vidas anteriores, de radiestesia, etc., digo para mim que não há dúvida, é mesmo o tempo descrito pelo apóstolo Paulo. Os meus participantes «INTERPRETAM OS SEUS SONHOS», e «AS SUAS VISÕES» (no melhor sentido do termo, isto é, os «flashes» de vidência que tiveram, o que noutros termos se chamaria: pressentimento, intuição, premonição, etc.).

É verdadeiramente um «sinal dos Tempos» que eu tenha sido levada a organizar espécies de cursos para adultos, onde todos, jovens ou velhos, podem vir aprender a desenvolver as suas «faculdades psi». Cayce encorajava este procedimento, considerando que seria indispensável nos tempos que vêm para se proteger, se curar e ajudar os outros. Durante séculos, a maldade dos homens atrasou o regresso de Cristo. A sua aparição enquanto Jesus, numa família modesta, tinha sido apenas um meio-sucesso:

«DEPOIS VEIO SOBRE A TERRA AQUELE QUE O HOMEM REJEITOU.» (mesma leitura)

Não o tinham reconhecido... Muitos esnobes esperavam-no sob a forma de uma «superstar», estilo Napoleão ou Alexandre. As suas esperanças foram desiludidas, e a Tradição diz que esta desilusão política foi o drama pessoal de Judas. Os humanos eram não só surdos, mas também míopes:

«AS COISAS PASSARAM-SE COMO PREVISTO — MAS NEM SEMPRE NO MOMENTO ESPERADO NEM PRESSENTIDO PELAS PESSOAS. POIS OS ACONTECIMENTOS ERAM FREQUENTEMENTE INDICADOS (nos textos bíblicos) POR EXPRESSÕES COMO: "O DIA DO SENHOR E A SUA GERAÇÃO NÃO PASSARAM AINDA."» (mesma leitura)

Consequência desta miopia trágica: o «reino de Deus» não pôde ser estabelecido dessa vez, há 2 000 anos. E desde então:

«APENAS AQUI E ALI, POR BREVES PERÍODOS, EXISTIRAM A PAZ E A HARMONIA PROMETIDAS ÀQUELES DE ENTRE OS HOMENS QUE VIVERIAM SEGUNDO A SUA PALAVRA.»

Promessa fantástica se pensarmos nisso, promessa incrível que Cayce lembra aqui:

«VIRAREI E HABITAREI NO MEIO DE VÓS PARA SEMPRE.» (mesma leitura)

Cayce toma esta promessa muito a sério:

«É A NÓS — ENQUANTO INDIVÍDUOS — QUE INCUMBE A TAREFA DE TRAZER DE VOLTA A HARMONIA NA NOSSA RELAÇÃO ÀS FORÇAS CRIADORAS; POR OUTRAS PALAVRAS A HARMONIA ENTRE DEUS POR UM LADO, E A NATUREZA DO HOMEM NO

MUNDO MATERIAL POR OUTRO LADO. É DISTO QUE A NOSSA ÉPOCA PRECISA HOJE MESMO.» (Leitura 3976-22)

As altíssimas vibrações do Cristo Cósmico não poderão acomodar-se às baixas vibrações da Terra atual. Cayce acrescenta um último aviso sem custos:

«POIS É CERTO QUE ELE REGRESSARÁ, E ENTÃO AI DAQUELE QUE NÃO FIZER O PESO!» (mesma leitura)

A bom entendedor, meia palavra basta!

A leitura 5749-5 é um sermão que se dirige a um ministro do culto, ao qual Cayce diz que no momento em que aparecer o Cristo Cósmico ele estará talvez ainda em vida, a pregar às suas ovelhas:

«E AGORA, ELE VAI REGRESSAR NUM CORPO, RECLAMAR O QUE LHE PERTENCE (...) POIS ELE, O FILHO DA LUZ, DE DEUS, É SANTO DIANTE DELE. E ELE REGRESSA DE NOVO NO CORAÇÃO, NA ALMA E NA INTELIGÊNCIA DAQUELES QUE PROCURAM CONHECER A SUA VIA (...) E AQUELES QUE O CHAMAM NÃO FICARÃO DE MÃOS VAZIAS — MESMO VÓS, NA VOSSA IGNORÂNCIA, E NO VOSSO ZELO, QUE ÀS VEZES VOS DEVOROU (...) —, VÓS TAMBÉM, É POSSÍVEL QUE TENHAIS DE PREGAR NA ÉPOCA EM QUE ELE REGRESSARÁ NA CARNE, SOBRE A TERRA.» (Leitura 5749-5)

Cayce precisa ainda:

«POIS ELE REGRESSARÁ COMO SE VIU PARTIR, NO CORPO QUE OCUPAVA NA GALILEIA — O CORPO QUE TINHA FORMADO, QUE FOI CRUCIFICADO NA CRUZ, QUE SURGIU DO TÚMULO, QUE CAMINHOU SOBRE O MAR, QUE APARECEU A SIMÃO, QUE APARECEU A FILIPE, QUE APARECEU A MIM, ENTÃO JOÃO.» (Leitura 5749-1, 6 de agosto de 1933)

A leitura declara que é o próprio João, o Evangelista, que se exprime através de Cayce adormecido, evocando as suas recordações (Evangelho de João, XXI, 2). Uma das leituras dadas um pouco mais tarde para o mesmo consulente começará por estas palavras:

«SOU EU, JOÃO, QUE QUERO FALAR CONTIGO DO SENHOR, O MESTRE, QUANDO ELE CAMINHAVA ENTRE OS HOMENS.» (Leitura 5749-4)

Os ouvintes de Cayce escutavam, aterrorizados...

E isso seria para quando?

Outra leitura assegura que:

«ELE CAMINHARÁ E FALARÁ COM TODOS OS HOMENS SOB ALL DOS CLIMAS.» (Leitura 364-8, 1932)

Os amigos de Cayce não tinham compreendido muito bem esta frase. Voltaram à carga:

Isso quer dizer que ele aparecerá a muitas pessoas ao mesmo tempo, ou antes a diversas pessoas sobre um longo período de tempo?

«COMO SE DISSE, DURANTE MIL ANOS ELE CAMINHARÁ E FALARÁ COM TODOS OS HOMENS, SOB TODOS OS CLIMAS, AOS GRUPOS, ÀS MASSAS, QUE VIVERÃO ENTÃO O REINADO DA PRIMEIRA RESSURREIÇÃO DURANTE UM MILÉNIO. E ISSO ACONTECERÁ QUANDO VIEREM MATERIALMENTE CERTAS MUDANÇAS.» (mesma leitura)

Sempre esta pequena palavra discreta: «CHANGES», que emprega Cayce para designar os mega-transtornos geológicos do fim do século! Pode-se «mudar» de camisa... mas pode-se também «mudar» de posição no Espaço em relação ao Sol! —

como vimos. «WHEN THE CHANGES MATERIALLY COME» designa aqui as perturbações que sofrerá a própria matéria da Terra ao longo destas provas de regeneração de que falamos. Nesta leitura, Cayce afirma portanto que o regresso de Cristo é contemporâneo da basculação dos polos — que deve ter lugar no fim do século. Deu a data de 1998 para esta última. É portanto provável que se verá o Cristo depois — logo a seguir?

Nesse momento, ter-se-á visto de todas as cores. E os sobreviventes, tendo engolido o seu orgulho, demasiado contentes por terem saído dessa, dar-Lhe-ão finalmente bom acolhimento...

Os nossos filhos verão o acontecimento — é certo —, mas alguns de nós também:

«O QUE É O MAIS IMPORTANTE HOJE EM DIA? QUE OS HOMENS SEJAM AVISADOS DE QUE O DIA DO SENHOR ESTÁ PRÓXIMO; OU QUE AQUELES QUE FORAM, E SÃO AINDA, FIÉIS SE PONHAM EM CAUSA ATRAVÉS DESTES ACONTECIMENTOS QUE VÃO ACONTECER DURANTE A SUA VIDA?» (Leitura 5148, maio de 1944)

Entramos no período de preparação para a Sua vinda?

«ANTES NO PERÍODO DE PROVA PREPARATÓRIA.» (Leitura 5749-2)

Quando será esta segunda vinda?

«O TEMPO (exato), NINGUÉM O SABE. NEM MESMO, COMO ELE DISSE, O PRÓPRIO FILHO. APENAS O PAI (o sabe). ISSO NÃO ACONTECERÁ SENÃO QUANDO OS SEUS INIMIGOS — E A TERRA — ESTIVEREM PLENAMENTE SUBMETIDOS À SUA VONTADE E AO SEU PODER.» (mesma leitura)

Acreditar-se-ia ouvir a mensagem de Cristo em Kérizinen:

«Faz saber aos homens que o Meu Reino está muito próximo.» (Aparição de 13 de outubro de 1958, op. cit.)

Na famosa leitura 3976-15, que contém tantas profecias, e que dei em parte no tomo I do Universo de Edgar Cayce, Cayce, após ter falado das «MATERIAL CHANGES», isto é, destas famosas perturbações geofísicas e geológicas vindouras, esboça uma data:

«E AS MUDANÇAS NA MATÉRIA SÃO UM SINAL (...) COMO DISSERAM OS ANTIGOS, (...) E ENTÃO SERÁ PROCLAMADO (...) QUE A SUA ESTRELA APARECEU, POIS ELE ESTÁ A PREPARAR A SUA MANIFESTAÇÃO DIANTE DOS HOMENS.(...) EM 36, ELE APARECERÁ!»

A leitura foi dada a 19 de janeiro de 1934. Dois anos mais tarde, não se tinha ainda visto aparição pública de Cristo, nem de estrela. Ou as pessoas não estavam prontas, ou Cayce tinha querido falar do ano 2036, data-chave, assinalada por muitos videntes. Mas houve um muito grande número de aparições privadas de Cristo desde o início deste século. A leitura continua, entrelaçando as profecias geológicas com as do regresso crístico. (O que significa bem que estes acontecimentos serão contemporâneos, ou pelo menos suceder-se-ão num lapso de tempo bastante curto.)

«E ENTÃO COMEÇARÁ ESTE PERÍODO, EM 58 E ATÉ 98, ONDE SE PROCLAMARÁ QUE A SUA LUZ FOI DE NOVO VISTA NAS NUVENS.» (mesma leitura)

Aí, a profecia realizou-se. Aviadores americanos, durante a guerra da Coreia, viram no céu uma formação de nuvens que reproduzia o rosto de Cristo tal como se vê no sudário de Turim

[121]. O fenómeno não foi único: numerosos peregrinos de San Damiano tiraram fotografias do céu, acima do santuário — fotografias que, uma vez reveladas, mostravam silhuetas. Vi algumas destas fotografias: existem dezenas delas, tiradas por testemunhas diferentes, e creio-as autênticas. (Alguns supuseram que um falsificador de génio as tinha adulterado a todas: mas foram todas tiradas por pessoas diferentes, vindas de países diferentes, não falando a mesma língua, e não se conhecendo entre si. Então seria preciso que esse falsificador tivesse tido o dom das línguas, e o dom da ubiquidade... !).

Uma das minhas amigas na Suíça mostrou-me uma pequena fotografia a que tem muito amor.

−Vê o que isto representa? Perguntou-me ela.

−Nuvens.

−Olhe bem...

−Vejo sobretudo nuvens. É uma fotografia do céu...

−Sim, mas veja. Reproduzem o rosto de Cristo...

Ainda aí, um rosto no estilo do sudário de Turim, mas com um olhar de uma tal intensidade dolorosa que não se pode esquecer.

−E quem tirou esta fotografia?

−Uma criança, há alguns anos...

A leitura 3976-15 prossegue de uma maneira misteriosa:

«QUANTO AO TEMPO, À ESTAÇÃO, AO LUGAR, ISSO NÃO É DADO SENÃO ÀQUELES QUE NOMEARAM O NOME — E QUE CARREGAM A MARCA DO SEU APELO E DA SUA ELEIÇÃO NO SEU CORPO. A ELES, ISSO SERÁ DADO...» (mesma leitura)

Penso que Cayce fala aqui dos estigmatizados, isto é, daqueles que, por amor de Cristo, aceitaram receber «NO SEU CORPO» a «MARCA DO SEU APELO E DA SUA ELEIÇÃO» (isto é, da Sua escolha, no sentido antigo que a liturgia cristã dava a esta palavra). Marthe Robin, o Padre Pio, Thérèse Neumann, Marie-Julie Jahenny, etc., carregavam estes «estigmas», reprodução misteriosa das chagas de Cristo na cruz. Recensearam-se entre 500 e 600 estigmatizados na História [122]. E existem ainda hoje. Conheci bem Marthe Robin, por exemplo, que tinha aceite submeter-se a perícias muito provantes e minunciosas; estas provaram que nada estava adulterado, que não se tratava de uma maquilhagem astuciosa. E do mesmo modo o Padre Pio.

Esses, que revivem na intimidade crística as dores da Paixão, conhecem bem segredos (ao preço de sofrimentos de que o comum dos mortais não quereria!). Estes segredos, não os dizem, ou apenas por alusões...

Não tenho a pretensão de dar aqui todas as leituras sobre o regresso do Cristo Cósmico — assunto favorito de Cayce! Mas apenas ainda um pequeno extrato, de 1943:

Disseram-nos que a Segunda Vinda do Mestre na carne não se produziria antes de 1985. É exato? Não podemos esperar a Sua vinda mais cedo?

«O QUE DISSE ELE, QUANTO AO DIA E À HORA? NENHUM HOMEM O SABE, SALVO O PAI. QUE CADA ALMA VIVA, EM CONSEQUÊNCIA, COMO SE O ESPERASSE HOJE; E SE VIVERDES ASSIM, VÊ-LO-EIS.» (Leitura 3011-3)

As profecias europeias recentes sobre o regresso de Cristo

Há uma multidão delas... completamente de acordo com Cayce! Por exemplo, a vidente de Amesterdão, já citada, recebeu a mensagem seguinte, a 31 de maio de 1955:

«Quando o tempo do Senhor Jesus Cristo chegar, dar-vos-eis conta de que os falsos profetas, a guerra, a discórdia, as disputas irão desaparecendo. E eis que este tempo vai vir. É isso que vos anuncia a Senhora de todos os povos.» (Op. cit., 51.ª visão)

O mesmo tom em San Damiano (29 de dezembro de 1967):

«Tudo será resolvido no Reino de Amor: Jesus regressará a esta terra no seu Reino de Misericórdia, de Perdão e de Paz. Jesus virá com grandes cortejos de anjos, com grandes cortejos de mártires, e eles Segui-LO-ão nas estradas, nas regiões, por todo o lado.

Mas deveis ser fortes, com o vosso terço à volta do pescoço. Ide sem medo, meus filhinhos, pois é a arma mais poderosa para vos salvar a todos.»

As mensagens de San Damiano deixam portanto entender, como Cayce, que terríveis acontecimentos precederão o regresso de Cristo, mas que se apaziguarão exatamente antes deste regresso.

Todas as grandes aparições marianas falaram disso — aquelas que falavam..., porque houve aparições mudas (Zeitoun no Cairo, por exemplo), ou muito pouco loquazes (Pontmain, em Mayenne, em 1871)! As muito recentes aparições de Dozulé tomam como tema principal «o regresso glorioso do Filho do Homem» (Nouvelles Éditions Latines, Paris, 1986):

«Ide dizer em cada lar desta cidade que Jesus de Nazaré triunfou da morte, que O seu Reino é eterno, e que Ele vem vencer o Mundo e o Tempo.» (Vigésima oitava aparição, a 28 de março de 1975)

O que fará bravamente a vidente..., correndo o risco de se fazer expulsar!

E como aqui ainda este regresso é anunciado na sequência dos grandes cataclismos.

A «Senhora de todos os povos», em Amesterdão, tinha dado uma curta oração para dizer todos os dias, para «preservar os povos da corrupção, das calamidades, da guerra» (ver no fim do volume).

Os videntes de Medjugorje, de Garabandal, do Escorial, de Ares, do Líbano, etc., que citei, anunciam todos o regresso de Cristo.

Quanto a Marie-Julie Jahenny, muitíssimo numerosos são os trechos onde ela o evoca:

«Deus prometeu inteiramente o regresso do Salvador e a ressurreição da Terra, caros amigos; Ele começa, antes destes dois factos admiráveis, por vos dar o que vos deve ficar em herança de perfeita consolação, para o tempo em que ficardes aterrorizados pelos ruídos das lutas e pelas trevas.» (Op. cit., 28 de fevereiro de 1882)

Por outras palavras, estas mensagens que vos devem ajudar a manter o moral durante o período das guerras e dos cataclismos. Aqui ainda, estão ligados o regresso e a ressurreição da Terra, através destes cataclismos que serão como um «renascimento» geológico...

Mesmos anúncios na Escócia, em Findhorn, onde «John», a entidade que se manifestou a David Spangler, lhe explica:

«Ao longo da década atual, muita purificação e trabalho preparatório foram, e continuarão a ser cumpridos (...) O Cristo a quem servimos não tomará forma física, enquanto indivíduo específico, antes da viragem do século.»

Mas por enquanto:

«O Cristo procura encarnar através da vontade e da atividade esclarecida da humanidade inteira (...). Mais tarde, quando os indivíduos tiverem aprendido a ver-se uns aos outros, e o mundo que os rodeia, com olhos que possam perceber por todo o lado o Espírito de Cristo, reconhecerão esta presença tão seguramente e concretamente como se ela estivesse animada entre eles numa forma física. (...) A presença e o princípio crístico encarnarão e manifestar-se-ão (...) nesta nova década.» (Lumière vers 1990, op. cit., p. 20)

Em Itália, não há apenas videntes católicos tradicionais; existe também videntes ligados à «Era do Aquário», cujas mensagens — sem estarem em oposição com as do primeiro tipo — as completam por uma abertura mais amplamente cósmica.

Por exemplo, a mensagem de Germana Grosso, pelo canal de certas entidades extraterrestres. Estes ditaram-lhe um magnífico capítulo intitulado «O Regresso do Cristo Cósmico»:

«O Regresso do Cristo Cósmico não encontrará obstáculos porque terá sido precedido de um movimento espiritual único no seu género. Chegará quando se tiver produzido uma revolução importante e concreta, em todos os atos e todos os pensamentos da humanidade. O Cristo regressará. O Cristo Cósmico pede-nos para nos colocarmos neste estado de graça de

luz, para aplanar a via e permitir o êxito da Sua Vinda, quando chegar o momento em que Ele regressará com os Seus filhos habitantes dos outros mundos (...) O Cristo regressará quando tudo estiver perfeitamente pronto para O seu regresso (...) e tudo estará preparado para que o Espírito de Luz triunfe finalmente do Bem sobre o Mal, em todas as frentes, definitivamente.» (Germana Grosso, op. cit., p. 152)

Se os videntes católicos tradicionais dizem que o Cristo regressará rodeado «de anjos e de santos», o interlocutor extraterrestre de Germana Grosso (que se apresenta sob o nome de «Ithacar de Masar») diz que regressará acompanhado «de habitantes de outros mundos».... Entre os pequenos homens verdes, os devas, os anjos e os E.T., confundimo-nos um pouco... Mas paciência: vai-se saber finalmente quem faz o quê no Cosmo! Ter-se-á o organograma da Galáxia (o que nos permitirá talvez encontrar finalmente o nosso lugar?).

O regresso de Maria

Pobre Cayce, atacado, desconhecido, controverso! Não só se permitia curar os doentes sem ser médico, «deitar as cartas», mas ainda ousava, nas suas leituras, contrariar o ensino da sua Igreja... o que lhe trazia muitos problemas. A reencarnação, já era difícil de fazer passar. A oração pelos mortos trouxe-lhe violentas críticas (não era o uso nas Igrejas protestantes). Mas o que ele diz de Maria, Mãe de Jesus, pareceu propriamente escandaloso...; tanto a certos protestantes (que achavam que ele falava demais Dela) como a certos católicos (que achavam que ele falava Dela de forma chocante) [123].

Na realidade, a homenagem que ele presta a Maria vai muito, muito mais longe do que o culto marial católico mais mariólatra! Cayce diz que:

«MARIA ERA A ALMA-GÉMEA DO MESTRE» e que «FORAM UMA SÓ ALMA DESDE QUE A TERRA É TERRA.» (Leitura 5748-8)

Isso supõe uma igual dignidade, uma igual importância, de Maria e de Cristo. No tempo para os machos clericais! A Alma-Gémea, é a outra metade de um mesmo todo. Assim, a cada encarnação de Cristo sobre a Terra, Maria veio encarnar ao seu lado. Cayce não podia dizer muito mais, num país cuja maioria dos cidadãos ignora a Virgem (e presta um culto preferencial ao masculino!). Tinha chocado demasiado vivamente os seus ouvintes, os tempos não estavam maduros. Em Amesterdão, «a Senhora de todos os povos que foi um dia Maria» (visto que é assim que Ela se apresentou) dizia: «A Inglaterra reencontrar-me-á. E também a América» (29 de julho de 1945, op. cit.).

Todas as mensagens mariais que temos na Europa proclamam não só o regresso de Cristo, mas o de Maria, conjuntamente. O que está perfeitamente na lógica das revelações de Cayce acima: uma alma-gémea não regressa sem a outra! Não se podem dissociar. E, quando se diz o rosário, chega-se ao último mistério, «a Coroação de Maria», acontecimento futuro velado de bruma, que, na minha opinião, anuncia o regresso da Alma-Gémea do Cristo Cósmico.

«Regressarei, diz ela ainda em Amesterdão. E será como a Senhora de todos os povos, de pé sobre o globo, diante da cruz, no meio do rebanho de Cristo. É assim que Virei.» (Op. cit., 20 de setembro de 1951)

Não se tratará de uma aparição privada, mais ou menos confidencial, como houve até aqui, mas de um regresso estrondoso e visível para todos:

«Regressarei. E será como prometi hoje: em público.» (31 de maio de 1954)

A 31 de maio de 1955, a aparição repete esta promessa, acrescentando:

«Estou aqui, de pé, como a Senhora de todos os povos, a Co-Redentora, Mediadora e Advogada.»

Em cada aparição precedente, tinha repetido este título, e mesmo a 29 de abril de 1951, prevendo as reações desgostosas e misóginas de certos teólogos:

«Sou a Co-Redentora: insisto no "Co"!»

Mesma profecia do regresso de Maria em Kérizinen, onde o próprio Cristo diz:

«Reinarei como mestre, apesar dos Meus inimigos. Mas reinarei com e pela minha Mãe.» (13 de outubro de 1958)

«Não me acreditais suficientemente no Seu papel na história da salvação (...) Ela vai ter no mundo um lugar de escolha que vos obrigará todos a passar por Ela para ir a Deus.» (28 de abril de 1959)

Finalmente, em San Damiano:

«Orai para que venha a Mamã Celestial, com uma grande luz sobre o mundo inteiro. Depois Eu virei (é Cristo quem fala) com um Novo Reino de paz, de grandeza, de bondade e de felicidade.» (30 de outubro de 1967)

Durante os grandes cataclismos, diz o Cristo a Marie-Julie Jahenny:

«Colocai-vos sob a proteção da Minha Santíssima Mãe... Minha Mãe intercede junto do Pai, de Mim Mesmo, e do Espírito Santo. É por isso que Deus se deixa comover... Minha Mãe suplica-me incansavelmente. Não posso recusar-lhe nada. É

portanto graças à Minha Mãe, e por causa dos Meus eleitos, que estes dias serão encurtados.» (Op. cit., 1938)

Não cito as inumeráveis outras mensagens existentes. Mil páginas não bastariam... Cayce tinha sugerido, de forma velada, a importância essencial de Maria. As mensagens europeias desenvolvem muito mais esta revelação, que não cessa de tomar importância. Porquê? É que estamos, por tradição, prontos a recebê-la: os nossos antepassados Gauleses honravam a Grande Mãe, e as suas orações iam de preferência para esta entidade protetora feminina, que não era outra senão Maria. Cayce sugere que Ela era já conhecida na Atlântida (leitura 364-6) no tempo da primeira encarnação de Cristo [124]. Ora a religião dos Druidas, dos nossos Druidas gauleses, era a herança da Atlântida.

Os santuários à Grande Mãe ostentam hoje catedrais dedicadas a Nossa-Senhora. Os construtores destas estavam certamente conscientes de assegurar uma continuidade milenar: conheciam-se então muitos segredos, que se perderam desde então. Vão reencontrar-se...

O regresso do precursor... e dos outros!

E não é tudo. Encontra-se aqui e ali, em diferentes profecias, comentários sobre os companheiros de Cristo aquando do seu regresso — e, em particular, os apóstolos. «Estes, disse um dia o Mestre Philippe de Lião, eram antigos profetas, mas não o sabiam [125].» Mais uma vez, Cayce está completamente na mesma comprimento de onda que o Mestre Philippe, visto que falou longamente de João Baptista como reencarnação de Elias.

O regresso deste último fez correr muita tinta. Pessoalmente, o Baptista, achei-o sempre bastante puritano... Mas é preciso crer que era como devia ser: é preciso de tudo para fazer um mundo! Aliás Cayce não o descreve como perfeito,

visto que diz que a sua morte era a dívida karmica criada por Elias (por ter mandado assassinar os quarenta padres de Baal, Livro dos Reis, XVIII, 40).

Ora este mesmo precursor deve regressar, como anunciam várias leituras:

O que quer dizer a expressão (bíblica): «O Dia do Senhor está próximo»?

«QUE O QUE FOI PROMETIDO PELOS PROFETAS E PELOS SÁBIOS DE OUTRORA (...) ESTÁ A REALIZAR-SE HOJE E NESTA GERAÇÃO, E QUE EM BREVE VAI REAPARECER SOBRE A TERRA AQUELE QUE PREPARA A VIA PARA A SUA ESTADA SOBRE A TERRA.» (Leitura 262-49, julho de 1933)

Por esta frase complicada, Cayce designa João o Precursor. Na famosa leitura profética 3976-15, Cayce dá mesmo o seu nome: «QUEM DEVERÁ PROCLAMAR QUE O ANO DO SENHOR É POSSÍVEL? (...) JOHN PENIEL ENSINARÁ AO MUNDO A NOVA ORDEM DAS COISAS.» Nesta mesma leitura, Cayce fala igualmente de: «ALGUÉM QUE VAI EM BREVE REGRESSAR AO MUNDO COM UM CORPO (...), JOÃO, O BEM-AMADO SOBRE A TERRA. O SEU NOME SERÁ JOÃO.» Mas «João o Bem-Amado» não é o mesmo que «João o Baptista» («o Precursor»).

Como confessa Hugh Lynn Cayce, filho de Edgar: «A escolha das palavras, das frases, as confusões gramaticais próprias do Sr. Cayce tornam muitas passagens das suas leituras frequentemente obscuras. Não estamos, à hora atual, preparados para explicar completamente esta dificuldade...» (Nota no fim da leitura 3976-24) ... Com efeito! Deixemos a palavra ao Mestre Philippe: «De dois em dois mil anos aproximadamente, em períodos mais ou menos fixos, aparece sobre a Terra um Salvador, e Esse é sempre perseguido. Os

profetas vieram anunciar o Messias e esses mesmos profetas foram os apóstolos de Jesus.» (Op. cit.) E das duas vezes, foram perseguidos...

5

O ANTICRISTO E O ARMAGEDÃO

O filho da perdição

O tempo de paz que deve seguir-se ao regresso de Cristo será limitado: mais tarde deve chegar o terrível Anticristo. A tradição cristã espera para o «Fim do Mundo» (que não é o «Fim dos Tempos», recordemo-lo) uma personagem terrível a que São João chama Anticristo (Primeira Epístola, cap. III). É igualmente descrito por São Paulo (Segunda Epístola aos Tessalonicenses, II, 4, 8 e 9): «Antes (antes do Dia do Senhor) deve vir a Apostasia, e revelar-se o Homem Ímpio, o Ser de Perdição, o Adversário (...) A Vinda do Ímpio revelar-se-á, e o Senhor fá-lo-á desaparecer pelo sopro da Sua boca, aniquilá-lo-á pela esplendor da Sua vinda (...)

A Vinda do Ímpio terá sido marcada pela potência de Satanás, acompanhando-se de toda a espécie de sinais, de milagres fulgurantes, de prodígios mentirosos.» Mas não é para já... As profecias seguintes mostram-no bem. Em primeiro lugar a profecia do monge Adson, abade de Dives (Normandia), que escreve em 954 (passo a citar este texto de Gérard de Sède, in *L'Étrange Univers des prophètes*, p. 80 e segs.).

O monge-profeta escreve portanto à rainha Gerberga, mulher de Luís IV de Além-Mar, rei de França: «Desejais também instruir-vos a respeito do Anticristo, saber até onde deve ir a sua iniquidade e quão cruel será a perseguição que suscitará contra a Igreja. Quereis, além disso, ser exatamente informada sobre a sua geração e conhecer qual será a extensão do seu poder.

Dignastes-vos interrogar-me sobre estas questões, e eu, vosso fiel servidor, vou executar-me transcrevendo aqui o que parece desde já certo a respeito do Anticristo. Em primeiro lugar, devo explicar por que razão a personagem será chamada Anticristo. É porque em todas as coisas será oposto a Cristo (...) Cristo era humilde, ele será cheio de orgulho; Cristo reergueu os humildes e chamou os pecadores à penitência; ele desprezará os humildes e glorificará os pecadores, exaltará os ímpios e não cessará de ensinar o vício.

Abolirá a lei evangélica; restabelecerá no mundo o culto dos demónios; procurará a sua própria glória e far-se-á chamar a si mesmo Deus todo-poderoso. Nascerá do povo judeu e da tribo de Dã [126] em conformidade com a antiga profecia: "Eis que Dã se tornou cobra no caminho e víbora no sendeiro: mordeu o pé do cavalo, esperando assim derrubar o cavaleiro." (Génesis, XLIX, 17.) Será portanto semelhante à serpente emboscada no caminho e dissimulada ao bordo do sendeiro, a fim de ferir aqueles que caminharem no caminho da justiça e de os envenenar com o veneno da sua malícia (...) Junto do Anticristo estarão constantemente magos, feiticeiros e lançadores de sortilégios, encantadores e adivinhos.

Serão os seus preceptores e os seus governadores, e eles próprios serão guiados pelo demónio. Iniciá-lo-ão nas ciências nefastas e na prática de todas as impiedades. Os espíritos maus serão os seus chefes, os seus associados, os seus companheiros de armas e de prazeres; nunca o deixarão. Chegado à idade varonil, dirigir-se-á a Jerusalém, onde fará perimir nos suplícios mais atrozes os cristãos que não tiver podido converter à sua doutrina, e erguerá o seu trono no templo santo. Reconstruirá, com efeito, o edifício sagrado que o rei Salomão consagrou outrora ao Senhor; restabelecê-lo-á no seu antigo esplendor e fará dele a sua morada. Atrairá em primeiro lugar para si os reis e

os príncipes da Terra, e, por eles, os outros homens. Gostará de percorrer os lugares já percorridos pelo Nosso-Senhor Jesus Cristo, e destruirá de alto a baixo todos aqueles que contam ainda a glória do Salvador. Enviará em seguida através do mundo mensageiros e missionários. Pelos seus representantes ou por si mesmo o seu poder estender-se-á de um mar ao outro mar, do Oriente ao Ocidente, do Setentrião ao Sul. Fará em abundância prodígios e milagres inauditos até ele.

À sua palavra o fogo descerá do céu; as árvores crescerão subitamente, e subitamente darão flores e frutos; o mar entrará em furor e será subitamente apaziguado; os objetos serão, em aparência, metamorfoseados; as águas remontarão para as suas nascentes, contrariamente às leis da Natureza; o ar será violentamente agitado pelos ventos e pelas tempestades. Cumprirá outras maravilhas que impressionarão os homens de estupor. É assim que ressuscitará os mortos publicamente, e tal será o seu prestígio que "os próprios eleitos seriam enganados, se a coisa fosse possível". (Mateus, XXIV, 24.) Mas tudo isso será mentira e ultraje à verdade. (...)

O Anticristo suscitará no mundo inteiro uma perseguição terrível contra os cristãos e os justos. Empregará três espécies de armas contra os fiéis: o terror, os presentes, os milagres. Cumulará de ouro e de prata aqueles que crerem nele — pois no seu tempo todos os tesouros escondidos nas profundezas da Terra ou nos abismos do mar serão descobertos. Os homens que não tiver podido corromper pelos presentes, procurará dominá-los pelo terror; aqueles que resistirem ao terror, tentará seduzi-los pelo espetáculo dos seus prodígios; aqueles finalmente que saírem vencedores desta suprema prova, fá-los-á perimir, na presença do povo, em horríveis tormentos. (...)

Quando este filho do Demónio, este artífice de todas as iniquidades tiver atormentado o mundo durante três anos e meio, entregando o povo de Deus aos suplícios (...), o dia do julgamento de Deus erguer-se-á finalmente sobre ele, segundo o que está escrito no apóstolo São Paulo.» Felizmente que nem vós, caros leitores e leitoras, nem eu estaremos lá para ver isso! Pois o conjunto das profecias concorda em situar o Anticristo muito depois da paz universal, de que falamos mais acima. Como esta não chegou ainda, o Anticristo não é portanto para já! O venerável Holzhauser, pároco de Bingen, que já citei, descrevia portanto «a era consoladora» onde «a paz regerá sobre a terra durante longos anos»; dá-lhe os limites: «até à vinda do Filho de Perdição».

Para ser ainda mais preciso, o venerável padre diz: «A sexta era da Igreja começará com o Monarca Poderoso e o Pontífice Santo (...) e durará até à aparição do Anticristo.» Como não vimos ainda aparecer nem «o Grande Monarca», nem o seu companheiro, «o Grande Pontífice», tudo isso é portanto para outro século! As pessoas da nossa geração correm já o risco de ser terrivelmente provadas pela Terceira Guerra mundial se ela tiver lugar, e pela basculação dos polos. Não se lhes pode infligir todos os horrores ao mesmo tempo!

A profecia de La Salette, falando ela também da paz universal, de que falamos, continua assim: «Esta paz entre os homens não será longa: vinte e cinco anos de abundantes colheitas far-lhes-ão esquecer que os pecados dos homens são causa de todas as guerras que acontecem sobre a Terra (...)» (Acreditar-se-ia ler Cayce, não acham?) «(...) Haverá guerras até à última guerra, que será então feita pelos dez reis do Anticristo, os quais reis terão todos um mesmo desígnio e serão os únicos que governarão o mundo (...)

O Anticristo (...) terá irmãos que se farão notar pelas suas vitórias (...), assistidos por legiões do Inferno. Roma perderá a fé e tornar-se-á a sede do Anticristo. Os demónios do Ar com o Anticristo farão grandes prodígios na terra e nos ares, e os homens perverter-se-ão cada vez mais (...)» Uma questão foi posta a Cayce sobre a existência atual de uma potência do Mal organizada:

Existe uma organização vinda de outro lugar, representando as forças do Anticristo e cujo poder de subversão operaria hoje para destruir governos e instituições? E, se sim, pode explicar-no-la e dizer-nos como agir contra ela?

«COMO JÁ DISSEMOS, HÁ SOBRETUDO NECESSIDADE PARA CADA UM DE VÓS DE PENSAR EM TERMOS MUNDIAIS; DE VOS VOLTAREM PARA A POTÊNCIA DIVINA QUE RESIDE NO FUNDO DA VOSSA ALMA; E DE PERMITIREM A DEUS AJUDAR-VOS NA VOSSA VIDA, NOS VOSSOS FINS, NOS VOSSOS DESEJOS, SE FOREM CONFORMES AOS SEUS!» (Leitura 3976-24)

A primeira parte da resposta de Cayce é evidente, necessária. Os interlocutores de Cayce são grandes crianças que é preciso tranquilizar... Não lhes pode dizer muito mais, para não polarizar a sua atenção sobre estes seres negativos; senão os interlocutores de Cayce vão baixar os braços dizendo: «Não podemos fazer nada, "Eles" são mais fortes do que nós!» Cayce faz questão portanto em lembrar que Deus é mais forte do que Satanás, o Bem mais poderoso do que o Mal. Se lhe trouxermos o nosso apoio! Dito isto, os interlocutores de Cayce não têm torto:

«E EXISTE TAMBÉM ESTA POTÊNCIA (do Mal) QUE NÃO TEM PODER PARA DESTRUIR SENÃO NA MEDIDA EM QUE O HOMEM LHO DÁ. MAS, COMO DIZIAM OS ANTIGOS, UM SÓ HOMEM QUE

SE APOIA NA FORÇA E NA POTÊNCIA DO SENHOR PODE PÔR EM FUGA MILHARES DE ADVERSÁRIOS.» (mesma leitura)

O Armagedão

A palavra «Armagedão» tornou-se em inglês o símbolo da guerra e dos seus horrores. Foi popularizada também pelo livro e pelo filme de Leon Uris, que a tomou por título. É assim que Cayce a emprega na leitura 900-272, a 9 de outubro de 1926, profetizando a Segunda Guerra mundial (ou a Terceira!). Fala da conferência de 1918, onde o presidente Wilson propôs um programa de catorze pontos para manter a paz, e onde, assim:

«FOI ACEITE O PRINCÍPIO DA FRATERNIDADE MUNDIAL, PARA PÔR FIM ÀS GUERRAS. SENÃO SERÁ DE NOVO O ARMAGEDÃO». Viu-se isso!

A Tradição determina que a última grande batalha do mundo, que terá lugar contra o Anticristo, deve desenrolar-se na Palestina, na planície de Jezreel onde se ergue o *tell* Megiddo [127] (segundo o Apocalipse, XVI, 16). É aliás, historicamente, um lugar marcado por inumeráveis batalhas — e, de qualquer modo, um ponto estratégico. Lá de cima, vê-se toda a costa e o porto de Haifa. O lugar faz uma impressão estranha, com vibrações inquietantes.

Diz-se que Napoleão, tendo subido o *tell* Megiddo, e recordando a profecia, terá dito: «Todos os exércitos do mundo poderiam manobrar ali...» (no seu tempo, era verdade... !). Segundo a tradição, os vivos combaterão no solo, e os fantasmas... acima! Esta história de batalha nos ares pode parecer fantasmagórica — mas preocupa muito os leitores da Bíblia nos países anglo-saxónicos! Os amigos de Cayce vão interrogá-lo sobre isso:

O Armagedão é mencionado nas profecias da Grande Pirâmide? Por favor, dê-nos uma descrição. Diga-nos em que data isso começará e terminará. (Cayce tinha acabado de dar toda uma leitura sobre as profecias da Grande Pirâmide, que vão até ao regresso de Cristo no fim deste século; cf. *Edgar Cayce, l'Atlantide et la Grande Pyramide*, op. cit.)

«NÃO. NÃO ESTÁ NO QUE FOI DEIXADO ALI. SERÁ COMO SE FOSSE MIL ANOS, COM COMBATES NOS ARES, E — COMO JÁ ACONTECEU — UM COMBATE ENTRE AQUELES QUE REGRESSARÃO À TERRA E AQUELES QUE A DEIXARÃO.»

(Leitura 5748-6, julho de 1932) Por outras palavras, Cayce considera que esta batalha de espetros terá mesmo lugar. Reparem no pequeno reparo «COMO JÁ ACONTECEU»: com efeito, a Bíblia menciona uma batalha onde os combatentes terrestres tiveram subitamente a visão de exércitos celestes combatendo acima das suas cabeças. Houve outros exemplos, na Idade Média... Que os meus caros leitores não se inquietem: é para daqui a muito tempo! Enquanto se espera, diz Cayce:

«FAZEI COM QUE, DIA APÓS DIA, AS PESSOAS QUE ENCONTRAIS FIQUEM FELIZES POR VOS VER VIVOS! FELIZES PORQUE VOS ENCONTRARAM, A VÓS QUE LHES TRAZEIS — MESMO APENAS DE PASSAGEM — A ESPERANÇA! ISSO SIGNIFICA QUE DEVEIS VIVER COMO ELE FEZ SOBRE A TERRA, IRRADIANDO A VIDA, A ALEGRIA, A PAZ, QUE AFUGENTAM O MEDO!» (Leitura 3976-27)

APÊNDICES

A escala de Richter

Ela permite avaliar a potência, isto é, a «magnitude», de um sismo. Em termos técnicos, a magnitude de um sismo é o logaritmo de base 10 da amplitude máxima do sismograma registado. Por outras palavras, cada grau (1, 2, 3, etc.) é dez vezes mais forte do que o precedente.

−As magnitudes 1-2-3-4 são pouco notadas, e não há estragos.

−A partir da magnitude 4, o abalo é percebido por quase todo o mundo no interior das casas: os objetos mexem-se, as portas e as janelas estalam e abrem-se, a louça começa a vibrar.

– A partir da magnitude 5, as pessoas são acordadas no seu sono, e saem das suas casas. Os lustres balançam, os sinos leves começam a tocar. Os relógios de pêndulo param. A louça parte-se nas prateleiras. No exterior, os estuques descolam-se e caem.

−A partir da magnitude 6, as construções começam a rachar. Aberturas abrem-se no solo. Certos campanários e chaminés caem. As vidraças ficam partidas. As pessoas começam a ter verdadeiramente medo. Mas os edifícios construídos para resistir aos sismos não são destruídos (sobretudo se forem de madeira). As estátuas caem.

−A partir da magnitude 7, é muito mais grave: certos edifícios são totalmente destruídos. Os carris de caminho de ferro ficam torcidos, as canalizações subterrâneas rebentam. Na montanha, avalanches desencadeiam-se.

−A partir da magnitude 8, é verdadeiramente a catástrofe: a maior parte dos edifícios desmorona-se. O horizonte visual fica completamente perturbado pelos erguimentos, pelos desmoronamentos, pelas largas fendas abertas, pelos deslizamentos de terreno. A água dos lagos e dos rios, violentamente agitada, forma vagas que se espalham sobre as margens.

Os grandes tremores de terra do passado tiveram magnitudes variando de 8 a 9. O tremor de terra de Lisboa em 1755, o maior que seja conhecido, foi estimado em 8,6 ou 8,7. O de Agadir, em 1960, em 8. Raras foram as casas que ficaram de pé... O de Provença, a 11 de junho de 1909, entre 8 e 9, como o de Orléansville, na Argélia, em 1954.

−Para lá da magnitude 9, são os gigantescos abalos, provocados pela explosão de certos vulcões. Por exemplo, a do Krakatoa em 1833 gerou um abalo de magnitude 9,7.

−Acima da magnitude 10, nunca se registou ainda sismo. Contudo a erupção do Tambora, em 1815, é estimada em 10,3.
−Depois, nas magnitudes superiores, considera-se que toda a obra humana é destruída. As montanhas caem, monstruosos maremotos devastam tudo à sua passagem, porções de continentes desmoronam-se... E são por todo o lado abalos destas magnitudes, 10, 11 e mesmo 12, que os videntes preveem para o fim do século!

Animais e sismos

Os meus leitores fiéis conhecem o meu vivo interesse pela vida animal, e pelas suas manifestações tão inteligentes [128]. Muitos animais domésticos salvaram a vida aos humanos avisando-os de uma catástrofe iminente. Os Chineses, que sofreram de muito violentos tremores de terra estes últimos

anos, notaram os «sinais» de inquietação que dão os animais, bastante tempo antes dos primeiros abalos. Os Russos fizeram as mesmas observações, os Italianos, os Japoneses também, e conduziram sobre isso investigações científicas. As autoridades chinesas pensaram que seria útil difundir estes dados junto da população, a fim de que as pessoas, alertadas, pudessem sair a tempo das suas casas. Eis alguns destes «sinais» animais:

−As andorinhas voam muito baixo, ao rés do solo, como antes de uma tempestade, soltando gritos (foi o que se tinha observado antes do grande tremor de terra de Messina, em 1908).

−Os ratos e os ratazanas saem dos seus buracos, quaisquer que sejam a estação, o tempo, a hora...

−Os cães não param de ladrar... (E isso, ouvi-o aquando do tremor de terra de Kenitra, em Marrocos, em 1964. Fazem um escarcéu!)

−As serpentes saem também dos seus buracos, mesmo no inverno, onde se supõe que hibernam. Nos países frios, de forma geral, todos os animais que hibernam (ursos, por exemplo) saem da sua toca muito tempo antes do sismo, para se irem pôr em segurança noutra região −como observaram os sábios russos na Sibéria.

−Todos os animais em gaiola tornam-se como histéricos: aves, porquinhos-da-índia, coelhos, aves de capoeira nos pátios; os cavalos nas suas boxes, as vacas no estábulo, as ovelhas no curral tentam forçar as portas para sair. Muitas vezes, aliás, recusaram-se a entrar ali, várias horas antes do sismo.

−Quanto aos peixes, aqueles que estão num aquário giram ali em redondo como loucos; aqueles que estão em liberdade

dão «saltos de carpa» à superfície. Se tiver um animal doméstico familiar, observe o seu comportamento: salvar-lhe-á talvez a vida. Se uma única espécie animal der mostras de um comportamento esquisito, não é conclusivo. Mas se todas as espécies manifestarem uma agitação anormal, o sismo é de temer. A intuição premonitória dos animais é um guia seguro.

O poeta Charles Carrère contou-me a história de que foi testemunha: um dos seus amigos devia embarcar para França, com mulher e filhos, para férias. No aeroporto de Dacar, o seu cão tinha partido a sua gaiola (então de madeira) e tinha fugido, procurando atrair o seu dono para fora dos limites do campo de aviação: parava, fazia sinal para o seguir, partia de novo...

Impossível apanhá-lo: o Sr. X encarregou disso os seus amigos, e embarcou no avião que o esperava. Seis horas mais tarde, o avião embatia numa colina em Marrocos: de toda a família, o único sobrevivente foi o cão!

Mensagem da Mãe de Deus dada em La Salette no sábado 19 de setembro de 1848

«Mélanie, o que vos vou dizer agora não será sempre secreto; podereis publicá-lo em 1858.

- Os padres, ministros do Meu Filho, os padres, pela sua má vida, pelas suas irreverências e a sua impiedade a celebrar os Santos Mistérios, pelo amor do dinheiro, o amor das honras e dos prazeres, os padres tornaram-se cloacas de impureza. Sim, os padres pedem vingança, e a vingança está suspensa sobre as suas cabeças. Ai dos padres e das pessoas consagradas a Deus, as quais, pelas suas infidelidades e a sua má vida, crucificam de novo o Meu Filho. Os pecados das pessoas consagradas a Deus gritam para o Céu e chamam vingança, e eis que a vingança

está à sua porta, pois já se não encontra ninguém para implorar misericórdia e perdão para o povo; já não há almas generosas, já não há ninguém digno de oferecer a Vítima sem mancha ao Eterno em favor do Mundo.

- Deus vai ferir de uma maneira sem exemplo.

- Ai dos habitantes da Terra! Deus vai esgotar a sua ira, e ninguém poderá subtrair-se a tantos males reunidos.

- Os chefes, os condutores do povo de Deus negligenciaram a oração e a penitência, e o Demónio obscureceu as suas inteligências; tornaram-se essas estrelas errantes que o velho Diabo arrastará com a sua cauda para as fazer perimir.

- Deus permitirá ao velho serpente colocar divisões entre os que reinam, em todas as sociedades e em todas as famílias; sofrer-se-ão penas físicas e morais; Deus abandonará os homens a si mesmos, e enviará castigos que se sucederão durante mais de trinta e cinco anos. A sociedade está em vésperas dos flagelos mais terríveis e dos maiores acontecimentos; deve esperar-se ser governado por uma vara de ferro e beber o cálice da ira divina.

- Que o Vigário do Meu filho, o Soberano Pontífice Pio XI, não saia mais de Roma após o ano de 1859; mas que seja firme e generoso, que combata com as armas da fé e do amor; Eu estarei com ele.

- Que se desconfie de Napoleão [129]; o seu coração é duplo, e quando ele quiser ser ao mesmo tempo papa e imperador, em breve Deus se retirará dele: ele é essa águia que, querendo sempre elevar-se, cairá sobre a espada de

que se queria servir para obrigar os povos a fazê-lo elevar-se.

- A Itália será punida da sua ambição ao querer sacudir o jugo do Senhor dos Senhores; por isso ela será entregue à guerra; o sangue correrá de todos os lados: as igrejas serão fechadas ou profanadas.

- Os padres, os religiosos serão expulsos; fá-los-ão morrer, e morrer de uma morte cruel. Vários abandonarão a fé, e o número dos padres e dos religiosos que se separarão da verdadeira religião será grande; entre estas pessoas encontrar-se-ão mesmo bispos.

- Que o Papa se mantenha em guarda contra os fazedores de milagres, pois o tempo chegou em que os prodígios mais espantosos terão lugar sobre a Terra e nos ares.

- No ano de 1864, Lúcifer com um grande número de demónios serão soltos do Inferno: abolirão a fé pouco a pouco e mesmo nas pessoas consagradas a Deus; cegá-las-ão de uma tal maneira que, a não ser por uma graça particular, estas pessoas tomarão o espírito destes maus anjos; várias casas religiosas perderão inteiramente a fé e perderão muitas almas.

- Os maus livros abundarão sobre a Terra e os espíritos das trevas espalharão por todo o lado um relaxamento universal para tudo o que diz respeito ao serviço de Deus; terão um muito grande poder sobre a Natureza; haverá Igrejas para servir estes espíritos. Pessoas serão transportadas de um lugar para outro por estes espíritos maus, e mesmo padres, porque não serão conduzidos pelo

bom espírito do Evangelho, que é um espírito de humildade, de caridade, e de zelo pela glória de Deus.

- Far-se-ão ressuscitar mortos e justos (isto é, estes mortos tomarão a figura das almas justas que tinham vivido sobre a Terra, a fim de melhor seduzir os homens; estes ditos mortos ressuscitados, que não serão outra coisa senão o Demónio sob estas figuras, pregarão outro Evangelho, contrário ao do verdadeiro Jesus Cristo, negando a existência do Céu, seja ainda as almas dos condenados. Todas estas almas parecerão unidas aos seus corpos).

- Haverá em todos os lugares prodígios extraordinários, porque a verdadeira fé se apagou e a falsa luz ilumina o mundo.

- Ai dos príncipes da Igreja que não estiverem ocupados senão em amontoar riquezas sobre riquezas, em salvaguardar a sua autoridade e em dominar com orgulho!

- O Vigário do Meu Filho terá muito que sofrer, porque por um tempo a Igreja será entregue a grandes perseguições: será o tempo das trevas; a Igreja terá uma crise pavorosa.

- Estando a Santa fé de Deus esquecida, cada indivíduo quererá guiar-se por si mesmo e ser superior aos seus semelhantes.

- Abolir-se-ão os poderes civis e eclesiásticos, toda a ordem e toda a justiça serão pisadas aos pés; não se verão senão homicídios, ódios, invejas, mentira e discórdia, sem amor pela pátria nem pela família.

- O Santo Padre sofrerá muito. Eu estarei com ele até ao fim para receber o seu sacrifício.

- Os maus atentarão várias vezes contra a sua vida sem poderem prejudicar os seus dias; mas nem ele nem o seu sucessor... verão o triunfo da Igreja de Deus.

- Os governantes civis terão todos o mesmo desígnio, que será o de abolir e fazer desaparecer todo o princípio religioso, para dar lugar ao materialismo, ao ateísmo, e a toda a espécie de vícios.

- No ano de 1865, ver-se-á a abominação nos lugares santos; nos conventos, as flores da Igreja estarão putrefactas e o demónio tornar-se-á como o rei dos corações.

- Que aqueles que estão à frente das comunidades religiosas se mantenham em guarda pelas pessoas que devem receber, porque o Demónio usará de toda a sua malícia para introduzir nas ordens religiosas pessoas dadas ao pecado, pois as desordens e o amor dos prazeres carnais estarão espalhados por toda a Terra.

- A França, a Itália, a Espanha e a Inglaterra estarão em guerra; o sangue correrá nas ruas; o Francês combaterá com o Francês, o Italiano com o Italiano; em seguida haverá uma guerra geral que será pavorosa.

- Por um tempo, Deus já não se lembrará da França, nem da Itália, porque o Evangelho de Jesus Cristo já não é conhecido.

- Os maus desdobrarão toda a sua malícia; matar-se-ão, massacrar-se-ão mutuamente até dentro das casas.

• Ao primeiro golpe da sua espada fulminante, as montanhas e a Natureza inteira tremerão de espanto porque as desordens e os crimes dos homens furam a abóbada dos céus.

• Paris será queimada e Marselha engolida; várias grandes cidades serão abaladas e engolidas por tremores de terra; crer-se-á que tudo está perdido; não se verão senão homicídios, não se ouvirão senão ruídos de armas e blasfémias.

• Os justos sofrerão muito; as suas orações, a sua penitência e as suas lágrimas subirão até ao Céu, e todo o povo de Deus pedirá perdão e misericórdia, pedirá a Minha ajuda e a Minha intercessão.

• Então Jesus Cristo, por um ato da Sua justiça e da Sua grande misericórdia para com os justos, comandará aos Seus anjos que todos os Seus inimigos sejam mortos.

• De repente, os perseguidores da Igreja de Jesus Cristo e todos os homens dados ao pecado perimirão, e a Terra tornar-se-á como um deserto.

• Então far-se-á a paz, a reconciliação de Deus com os homens; Jesus Cristo será servido, adorado e glorificado; a caridade florirá por todo o lado.

• Os novos reis serão o braço direito da Santa Igreja, que será forte, humilde, piedosa, pobre, zelosa e imitadora das virtudes de Jesus Cristo.

• O Evangelho será pregado por todo o lado, e os homens farão grandes progressos na fé, porque haverá unidade entre os trabalhadores de Jesus Cristo e os homens viverão no temor de Deus.

• Esta paz entre os homens não será longa: vinte e cinco anos de abundantes colheitas far-lhes-ão esquecer que os pecados dos homens são causa de todas as penas que acontecem sobre a Terra.

• Um precursor do Anticristo, com as suas tropas de várias nações, combaterá contra o verdadeiro Cristo, o único Salvador do mundo; espalhará muito sangue e quererá aniquilar o culto de Deus para se fazer olhar como um deus.

• A Terra será ferida de toda a espécie de pragas (além da peste e da fome, que serão gerais); haverá guerras até à última guerra, que será então feita pelos dez reis do Anticristo, os quais reis terão todos um mesmo desígnio e serão os únicos que governarão o mundo.

• Antes que isto aconteça, haverá uma espécie de falsa paz no mundo; não se pensará senão em divertir-se; os maus entregar-se-ão a toda a espécie de pecados; mas os filhos da Santa Igreja, os filhos da fé, Os Meus verdadeiros imitadores, crescerão no amor de Deus e nas virtudes que Me são as mais caras. -

• Felizes as almas humildes conduzidas pelo Espírito Santo! Eu combaterei com elas até que cheguem à plenitude da idade.

• A Natureza pede vingança para os homens, e ela treme de espanto na expectativa do que deve acontecer à Terra suja de crimes.

• Tremei, Terra, e vós que fazeis profissão de servir Jesus Cristo e que por dentro vos adorais a vós mesmos; tremei; pois Deus vai entregar-vos ao Seu inimigo, porque

os lugares santos estão na corrupção; muitos conventos já não são as casas de Deus mas as pastagens de Asmodeu e dos seus.

- Será durante este tempo que nascerá o Anticristo, de uma religiosa hebraica, de uma falsa virgem que terá comunicação com o velho serpente, o mestre da impureza; o seu pai será bispo; ao nascer, vomitará blasfémias, terá dentes; numa palavra, será o diabo encarnado; soltará gritos assustadores, fará prodígios, não se nutrirá senão de impurezas.

- Terá irmãos que, embora não sejam como ele demónios encarnados, serão filhos do mal; aos doze anos, far-se-ão notar pelas valentes vitórias que alcançarão; em breve, estarão cada um à frente dos exércitos, assistidos por legiões do Inferno.

- As estações serão mudadas, a Terra não produzirá senão maus frutos, os astros perderão os seus movimentos regulares, a Lua não refletirá senão uma fraca luz avermelhada; a água e o fogo darão ao globo da Terra movimentos convulsivos e horríveis tremores de terra, que farão engolir montanhas, cidades (etc.).

- Roma perderá a fé e tornar-se-á a sede do Anticristo.

- Os demónios do ar com o Anticristo farão grandes prodígios na Terra e nos ares, e os homens perverter-se-ão cada vez mais.

- Deus terá cuidado dos Seus fiéis servidores e dos homens de boa vontade; o Evangelho será pregado por todo o lado, todos os povos e todas as nações terão conhecimento da verdade!

• Dirijo um apelo urgente à Terra: Chamo os verdadeiros discípulos do Deus vivo e reinante nos céus; Chamo os verdadeiros imitadores de Cristo feito homem, o único e verdadeiro Salvador dos homens; Chamo os Meus filhos, os Meus verdadeiros devotos, aqueles que se deram a Mim para que Eu os conduza ao Meu divino Filho, aqueles que levo por assim dizer nos Meus braços, aqueles que viveram do Meu espírito.

• Finalmente, Chamo os apóstolos dos últimos tempos, os fiéis discípulos de Jesus Cristo que viveram num desprezo do mundo e de si mesmos, na pobreza e na humildade, no desprezo e no silêncio, na oração e na mortificação, na castidade e na união com Deus, no sofrimento e desconhecidos do mundo.

• É tempo de que saiam e venham iluminar a Terra. Ide, e mostrai-vos como Meus filhos queridos; Eu estou convosco e em vós, contanto que a vossa fé seja a luz que vos ilumina nestes dias de desgraça.

• Que o vosso zelo vos torne como esfaimados pela glória e a honra de Jesus Cristo.

• Combatei, filhos de luz, vós, pequeno número que aí vedes;

• pois a Igreja será eclipsada, o mundo estará na consternação. Mas eis Enoque e Elias cheios do Espírito de Deus; pregarão com a força de Deus e os homens de boa vontade crerão em Deus, e muitas almas serão consoladas; Farão grandes progressos pela virtude do Santo Espírito e condenarão os erros diabólicos do Anticristo.

• Ai dos habitantes da Terra! Haverá guerras sangrentas e fomes; pestes e doenças contagiosas; haverá chuvas de uma saraiva pavorosa de animais; trovões que abalarão cidades; tremores de terra que engolirão países; ouvir-se-ão vozes nos ares; os homens baterão com a cabeça contra as muralhas; chamarão a morte, e por outro lado a morte será o seu suplício; o sangue correrá de todos os lados.

• Quem poderá vencer, se Deus não diminuir o tempo da prova?

• Pelo sangue, as lágrimas e as orações dos justos, Deus deixar-se-á comover; Enoque e Elias serão mortos; Roma pagã desaparecerá; o fogo do Céu cairá e consumirá três cidades; todo o universo será ferido de terror e muitos deixar-se-ão seduzir porque não adoraram o verdadeiro Cristo vivo entre eles.

• É tempo; o Sol obscurece-se; só a fé viverá.

• Eis o tempo; o abismo abre-se.

• Eis o rei dos reis das trevas.

• Eis a Besta com os seus súbditos, dizendo-se o salvador do mundo. Elevar-se-á com orgulho nos ares para ir até ao Céu; será sufocado pelo sopro de São Miguel Arcanjo. Cairá, e a Terra, que desde há três dias estará em contínuas evoluções, abrirá o seu seio cheio de fogo; será mergulhado para sempre com todos os seus nos golfos eternos do Inferno.

• Então a água e o fogo purificarão a Terra e consumirão todas as obras do orgulho do homem, e tudo será renovado: Deus será servido e glorificado.

Mensagem da Mãe de Deus dada em Fátima a 13 de julho de 1917

- Nossa Senhora abriu de novo as mãos como nas duas vezes precedentes. O feixe de luz projetado pareceu penetrar a terra e vimos como um grande mar de fogo.

- Neste mar estavam mergulhados, negros e queimados, demónios e almas sob forma humana, assemelhando-se a brasas transparentes.

- Elevados no ar pelas chamas, caíam de novo de todos os lados como faíscas nos grandes incêndios, sem peso nem equilíbrio, no meio de grandes gritos e de uivos de dor e de desespero que faziam estremecer e tremer de espanto.

- Foi provavelmente a esta vista que soltei a exclamação de horror que dizem ter ouvido.

- Os demónios distinguiam-se dos humanos pelas suas formas horríveis e nojentas de animais pavorosos e desconhecidos, mas transparentes como carvões acesos. Esta vista não durou senão um instante, e devemos agradecer à nossa Boa Mãe do Céu que, de avanço, nos tinha prevenido pela promessa de nos levar para o Paraíso. De outro modo, creio, teríamos morto de terror e de espanto. Então, como para pedir socorro, levantámos os olhos para a Santa Virgem, que nos disse com bondade e tristeza: «- Vistes o inferno para onde vão parar as almas dos pobres pecadores. Para as salvar, o Senhor quer estabelecer no mundo inteiro a devoção ao Meu Imaculado Coração. «- Se se fizer o que Vos digo, muitas almas salvar-se-ão e ter-se-á a paz. «- Virei pedir a Consagração da Rússia ao Meu Imaculado Coração e a comunhão

reparadora nos primeiros sábados. «- Se ouvirem os Meus pedidos, a Rússia converter-se-á e ter-se-á a paz. Senão, ela espalhará os seus erros pelo mundo, provocando guerras e perseguições contra a Igreja; muitos bons serão martirizados. O Santo Padre terá muito que sofrer; várias nações serão aniquiladas. «- Mas finalmente o Meu Imaculado Coração triunfará. A Consagração ao Imaculado Coração far-se-á, a Rússia converter-se-á, e um tempo de paz será dado ao mundo.»

- Quando recitardes o terço, dizei no fim de cada dezena: «- Ó meu Jesus, perdoai-nos, preservai-nos do fogo do Inferno; levai para o Paraíso todas as almas e socorrei sobretudo aquelas que mais precisam.»

- Orai, orai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, pois muitas almas vão para o Inferno porque ninguém ora e se sacrifica por elas.

Mensagem da Mãe de Deus dada em Fátima a 13 de outubro de 1917

- Não te inquietes, cara criança, Eu sou a Mãe de Deus Que te fala e Que te pede para PROCLAMAR EM MEU NOME A MENSAGEM SEGUINTE AO MUNDO INTEIRO.

- Atrairás, ao fazê-lo, fortes hostilidades. Mas sê forte na fé e triunfarás de todas as hostilidades. Escuta e retém bem o que Te digo:

- Os homens devem tornar-se melhores. Devem implorar a remissão dos pecados que cometeram e que continuarão a cometer.

- Pedes-Me um sinal miraculoso a fim de que todos compreendam as Minhas palavras que por ti dirijo à

humanidade. Este milagre, acabas de o ver no instante. Era o grande milagre do Sol!

• Todos o viram, crentes e não-crentes, camponeses e citadinos, sábios e jornalistas, leigos e padres.

• E agora proclama em Meu Nome:

• Sobre toda a humanidade virá um grande castigo, não ainda hoje nem mesmo amanhã, mas na segunda metade do século vinte.

• O que Eu já tinha dado a conhecer em La Salette pelas crianças Mélanie e Maximin, Repito-o hoje diante de ti. A humanidade não evoluiu como Deus esperava. A humanidade foi sacrílega e ela pisa aos pés o dom que recebeu.

• A ordem não reina em parte alguma. Mesmo nos cargos mais elevados, é Satanás que governa e decide da marcha dos negócios. Saberá mesmo introduzir-se até aos mais altos cumes da Igreja.

• Conseguirá semear a confusão no espírito dos grandes sábios que inventam armas com as quais se pode destruir a metade da humanidade em alguns minutos.

• Submeterá os poderosos dos povos ao seu domínio e levá-los-á a fabricar essas armas em massa.

• Se a humanidade não se defender, Serei forçada a deixar cair o braço do Meu Filho. Se aqueles que estão à frente do mundo e da Igreja não se opuserem a estes procedimentos, Sou Eu Quem o fará e Pedirei a Deus Meu Pai para fazer vir sobre os homens A sua justiça.

- É então que Deus punirá os homens mais duramente e mais severamente do que os puniu pelo Dilúvio. E os grandes e os poderosos perimirão ali tanto como os pequenos e os fracos.

- Mas, também, virá para a Igreja um tempo das mais duras provas. Cardeais serão contra cardeais e bispos serão contra bispos. Satanás colocar-se-á no meio das suas fileiras.

- Em Roma também haverá grandes mudanças. O que está podre cai e o que cai não deve ser mantido. A Igreja será obscurecida e o mundo mergulhado no desconcerto.

- A grande, grande guerra sobrevirá na segunda metade do século vinte.

- Fogo e fumo cairão então do céu e as águas dos oceanos transformar-se-ão em vapor, cuspindo a sua espuma para o céu, e tudo o que está de pé inverter-se-á.

- E milhões e outros milhões de homens perderão a vida de uma hora para a outra; e aqueles que vivem ainda nesse momento invejarão aqueles que estão mortos. Haverá tribulação por todo o lado onde se levar o olhar, e miséria sobre a Terra e desolação em todos os países.

- Eis, o tempo aproxima-se sempre mais, o abismo aprofunda-se sempre mais, e já não há saída: os bons morrerão com os maus, os grandes com os pequenos, os príncipes da Igreja com os seus fiéis, os soberanos do mundo com os seus povos; por todo o lado reinará a morte elevada ao seu triunfo por homens extraviados e por criados de Satanás que serão então os únicos soberanos sobre a Terra.

- Será um tempo que nenhum rei nem imperador, nenhum cardeal nem bispo espera, e virá apesar de tudo segundo o desígnio do Meu Pai para punir e vingar.

- Mais tarde, contudo, quando aqueles que sobreviverem a tudo estiverem ainda vivos, invocar-se-á de novo Deus e A sua magnificência, e servir-se-á de novo Deus como outrora quando o mundo não estava ainda tão corrompido.

- Chamo todos os verdadeiros imitadores do Meu Filho Jesus Cristo, todos os verdadeiros cristãos e os apóstolos dos Últimos Tempos! O tempo dos Tempos vem e o fim dos fins, se a humanidade não se converter, e se esta conversão não vier de cima, dos dirigentes do mundo e dos dirigentes da Igreja.

- Mas ai, se esta conversão não vier e se tudo ficar tal como está, sim, se tudo se tornar pior ainda.

- Vai, minha criança, e proclama-o! Manter-Me-ei para isso sempre ao teu lado, ajudando-te.

Oração dada por Cayce

«SENHOR, EIS-ME AQUI! UTILIZA-ME DA FORMA QUE ESTIMES A MELHOR. QUE EU SEJA SEMPRE O QUE TU ME DESTINASTE A SER: UMA LUZ QUE BRILHA NAS TREVAS DAQUELES QUE PERDERAM A ESPERANÇA — QUALQUER QUE SEJA A CAUSA.» (Leitura 3976-26)

Oração dada pela «Senhora de todos os povos» em Amesterdão [130] «SENHOR JESUS CRISTO, FILHO DO PAI, ESPALHA AGORA O TEU ESPÍRITO SOBRE A TERRA, FAZ HABITAR O ESPÍRITO SANTO NOS CORAÇÕES DE TODOS OS POVOS, A FIM DE QUE SEJAM PRESERVADOS DA CORRUPÇÃO, DAS

CALAMIDADES, DA GUERRA. QUE A SENHORA DE TODOS OS POVOS, QUE FOI UM DIA MARIA, SEJA A NOSSA ADVOGADA, ÁMEN.»